COMMENTARIOS

DO GRANDE

AFONSO DALBOQUERQUE -Pt 1

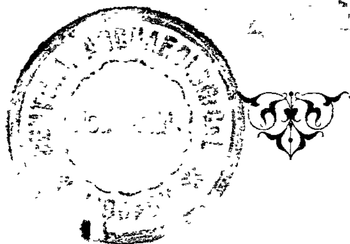
CAPITÃO GERAL QUE FOI DAS INDIAS ORIENTAES

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME

PARTE I.



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1912

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO

MARQUEZ DE POMBAL

PRIMEIRO MINISTRO, E SECRETARIO DE ESTADO
DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

&c. &c. &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

Nada he mais commum entre os Homens, cujos espiritos não cabem no pequeno espaço da esfera, em que os poz ou a Natureza, ou a Fortuna, do que usarem dos maiores esforços para vencerem os obstaculos, que os prendem, e reduzem á condição de outros muitos, sobre os quaes pertendem ter superioridade. Huns ha, que pelas suas acções, e virtudes, ainda a pezar da malignidade, e da inveja, chegam por fim a fazer-se conhecidos; e que acclamados pelos bons, e premiados pelo que merecem, restituem o que recebem pelo muito que fazem a beneficio do Público. Outros ignorando-se, ou talvez conhecendo-se a si mesmos, e ambiciosos por natureza, rompem por tudo quanto ha, sem que lhes importe o que a melhor parte dos homens pensa, ou

falla delles; occupando-se unicamente em grangear para si a vontade, e favor daquelles, em cuja authoridade, e poder fundam as esperanças do que pertendem alcançar.

Eu, EXCELLENTISSIMO SENHOR, ainda que estou longe de me considerar entre os poucos que ha na ordem dos primeiros, certamente não hei de entrar na classe dos segundos. A verdade, o zelo, a fidelidade, a obediencia, o desejo de servir segundo as minhas forças, foram as principaes bases sobre que assentei o pouco que fiz para não desmerecer. E o que fiz, ainda que pouco, V. EXCELLENCIA houve por bem de o representar aos olhos do mais Sabio, do mais Illuminado, e do mais Generoso, entre os MONARCAS, não só de PORTUGAL, mas do Mundo. Daqui se seguio querer, e dignar-se V. EXCELLENCIA de me empregar em Cargos honrosos, de me ennobrecer, e de me conferir beneficios taes, e tantos, como eu nunca esperei. Assim soubera eu explicar em altas vozes quanto devo a V. EXCELLENCIA pelas muitas, e grandes mercês, que recebi! Mas já que não chega a tanto o meu engenho, permitta-me V. EXCELLENCIA que eu tome por testemunha desta minha confissão o

Mundo inteiro, para que em nenhum tempo possa fallar em outros termos, sem me desmentir a mim mesmo, e sem tocar o ultimo ponto da ingratidão.

Esta nova Edição dos *Commentarios do Grande Afonso Dalboquerque,* em que se contém os mais illustres Feitos da Nação Portugueza; hum Plano nunca interrompido de hum excellente Governo, e de huma politica bem fundada, e verdadeiramente Christã; que hão de servir de estimulo aos nobres corações Portuguezes, trazendo-lhes á memoria tantos exemplos de valor, de gloria, e de virtudes, que deixam a perder de vista o que houve de grande nos Seculos mais felices; he a Obra, que tenho a honra de apresentar a V. EXCELLENCIA: e que V. EXCELLENCIA permitte que possa sahir debaixo do seu respeitavel Nome a resuscitar na luz do Mundo. Elle fará que eu seja ouvido de todos, porque todos de commum acordo veneram, e admiram a V. EXCELLENCIA, e se interessam em tudo o que V. EXCELLENCIA protege, anima, e authoriza. Assim não sómente pelo natural impulso do meu animo, que he de se mostrar sempre agradecido; mas ainda pela segurança da minha honra,

e credito, serei sempre obrigado a attestar esta mesma verdade.

Bem sei que V. EXCELLENCIA á maneira do grande Planeta, que reparte a sua luz com os mais, e de nenhum a recebe, vivifica, e exalta a todos com os seus beneficios, sem pertender outra recompensa que a que tem em si, vendo que soube, e pôde fabricar a felicidade de tantos homens. Porém entre o immenso numero dos que foram protegidos por V. EXCELLENCIA, havendo muitos, cujo empenho he mostrarem-se agradecidos; tambem ha o abominavel exemplo de outros que o não foram: e estes segundos obrigam ainda mais os primeiros a darem provas de que o são. Por isso além das muitas razões que me vencem, até por me livrar de huma nota tão infame, repetirei aqui, e em todo o tempo, que unicamente pelas mãos de V. EXCELLENCIA se transfundíram em mim todas as mercês, com que á vista do Mundo me acho condecorado.

Com isto, e nada mais, he que posso contribuir para o meu desempenho. Porque emprender louvar a grandeza do animo de V. EXCELLENCIA, a sua generosidade, os seus sublimes talentos, e as suas heroicas acções

para bem do Estado, dos homens, do Mundo, sería o mesmo que pertender dar-lhes o preço, que eu não sei avaliar; porque só V. EXCELLENCIA sabe quem he, e o que fez. E quem haverá que possa presumir tanto de si? Se houver quem assim o crea, descobre o pouco que entende; e se intenta formar panegyricos a V. EXCELLENCIA, bem mostra a sua ousadia.

Dizia o grande Orador Tullio, que os Cidadões Romanos já se abstinham de applaudir a Cesar, porque todo o applauso, que se lhe devia, *Obstupefactis hominibus ipsa admiratione compressus erat, & eo prætermissus, quia nihil vulgare dignum Cæsare videri poterat*. Que razões não ha para que a Nação Portugueza, e os homens mais sabios não entendam o mesmo a respeito de V. EXCELLENCIA? Eu certamente o entendo assim. Por isso os que se lisonjeáram de ter em si valor para contentar o Público, fazendo-se panegyristas de V. EXCELLENCIA, nunca me hão de seduzir com o seu exemplo, e o meu respeitoso silencio será a maior prova da minha admiração.

Sim, EXCELLENTISSIMO SENHOR, a grande fama de V. EXCELLENCIA durará eternamente,

porque o fruto dos seus mais que extraordinarios talentos, e do seu sublime Ministerio, experimentar-se-ha até a ultima posteridade. Saberá sempre o Mundo quanto V. EXCELLENCIA excedeo a todos na difficultosissima arte de governar os Póvos, e constituillos felices. Admirará a sua rara prudencia em extirpar os abusos: o seu grande valor em vencer as maiores difficuldades: a sua firme constancia em reprimir os esforços dos que, ou por particular interesse, ou por ignorancia, ou por malicia se oppuzeram ao bem do Estado. Confessará, que V. EXCELLENCIA nasceo para sustentar a verdadeira Religião: para revendicar os inviolaveis direitos dos Soberanos: para civilizar os homens, e unillos com os vinculos da mais perfeita sociedade: para extinguir os vicios: para plantar as virtudes. Estes effeitos da alta comprehensão, e actividade de V. EXCELLENCIA sempre hão de ser admirados, pois sempre hão de existir; porque todos querem, e conservam o que entendem ser util.

Sobre tudo Portugal attribuirá a Epoca da sua felicidade, e grandeza ao tempo do incomparavel Ministerio de V. EXCELLENCIA. E que monumentos não terá diante de si

para estimulo das suas vozes, e do seu reconhecimento? Huma grande Capital plantada de novo, e ornada dos mais sumptuosos edificios, depois dos estragos de hum Terremoto, e incendio, que derribou, e reduzio a cinzas: Huma Legislação fundada sobre os mais sólidos Principios, e dictada pela razão, e pela Natureza. O Commercio considerado desde o mais alto ponto de vista, e augmentado, e protegido a pezar dos emulos, e dos invejosos. A Agricultura vindicada, promovida, e examinada, como a principal base das riquezas: A Industria animada: As Artes cultivadas: As Manufacturas introduzidas, e ao mesmo tempo aperfeiçoadas. O Reyno guarnecido de inexpugnaveis Praças; munido de Tropas summamente disciplinadas, e provído de todo o necessario para o fazer respeitavel na guerra. O exterminio de huns Homens, que affectavam virtude na apparencia, mas ímpios na realidade; poderosos pelo que tinham, e pelo dominio que usurpavam; unidos em hum só corpo para mais resistirem aos Mònarcas, e aos Póvos, e perturbadores do Governo, e da Sociedade. A immortal Obra, aonde por huma *Deducção Chronologica* de factos successivos

se demonstrou com a ultima evidencia o cumulo das Atrocidades. que aquelles infestos homens praticáram desde que foram admittidos neste Reyno, e a impreterivel necessidade, que havia de os extirpar. A nova, e memoravel Fundação para o restabelecimento das Sciencias, regeitando o que a barbaridade dos Seculos tinha nellas introduzido, depois de extinctas as luzes da verdade, e da razão; plantando os sólidos principios, sobre os quaes deviam ser estabelecidas, reduzindo-as a brevidade, clareza, e methodo; confiando o ensino dellas a sabios, e famigerados Mestres, assim Nacionaes como Estrangeiros; e formando hum Corpo de Leis, e Estatutos como nunca se viram, e que serviráõ de modêlo para a cultura dos Estudos a todas as Nações illuminadas. Mas que vou eu apontando o que os Portuguezes, e o Mundo teráõ sempre diante dos olhos, e admiraráõ com assombro? Sendo tantos os monumentos, que existem, e eternizam a V. EXCELLENCIA, he inutil trazellos á lembrança. Elles fallam por si, e de maneira, que rebatem as vozes, e o poder de toda a eloquencia.

Não, SENHOR, nem louvei, nem pertendi

louvar a V. EXCELLENCIA. O que disse até agora foi ímpeto do meu impulso arrebatado, foi sinal do meu respeito, foi liberdade dos meus pensamentos; direi melhor, foi desacerto, foi erro. Mas este erro he de todos, e assim merece que V. EXCELLENCIA o desculpe. Daqui em diante emendar-me-hei, e começo desde agora, guardando hum profundo silencio. Deos conserve a V. EXCELLENCIA muitos, e muitos annos para gloria do NOSSO MONARCA, para felicidade deste Reyno, e para honra da Nação, e do Mundo.

DE VOSSA EXCELLENCIA

O mais obrigado, obsequioso, e humilde Criado

Nicoláo Pagliarini.

AVISO AO LEITOR

Esta Edição dos Commentarios do Grande Affonso d'Alboquerque, que agora sahe dos Prélos desta Regia Officina Typografica, he a terceira, que se tem feito em Portuguez, e foi reduzida a quatro Tomos de oitavo para facilidade do seu uso, e para commodidade dos Leitores. Pelo que toca á elegancia da Impressão, e á diligencia, para que sahisse ao Público sem defeitos, e erros, ella fallará por si. E querendo-se dar na mesma fórma outras novas Edições dos Authores Portuguezes mais Classicos, se tem já principiado a imprimir as *Decadas da Asia do illustre Historiador João de Barros,* que se continuaráõ com toda a maior diligencia, e empenho para se dar toda a Obra completa com a possivel brevidade. Para maior intelligencia destes *Commenta-*

rios, e do que nelles se contém, pareceo conveniente prevenir o Leitor com o que se acha escrito por *Diogo Barbosa Machado* na sua *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica*, e *Chronologica*, fol. Tom. 1, pag. 22, que he o seguinte:

«D. AFFONSO DE ALBUQUERQUE, antonomasticamente o Grande pelas heroicas façanhas, com que encheo de admiração a Europa, de pasmo, e terror a Asia, nasceo em o anno de 1453, na Quinta chamada pela amenidade do sitio o Paraiso da Villa da Alhandra, distante seis leguas de Lisboa. Sendo filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villaverde, e de D. Leonor de Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Ataíde, Conde da Atouguia, e de sua mulher D. Guiomar de Castro, emendou esta injustiça da natureza, alcançando a primazia, de todas as virtudes, assim moraes, como politicas. Foi educado no Palacio delRey D. Affonso V, em cuja palestra anhelando unicamente ser émulo deste Marte Africano, partio na Esquadra mandada por este Principe no anno de 1480, em soccorro delRey Dom Fernando de Napo-

les para reprimir o furor dos Turcos, que tinham occupado Otranto, mostrando nesta occasião, que o valor para ser heroico, não dependia da dilação do tempo, menos da liberalidade da fortuna. Não foi inferior a gloria, que conseguio o seu braço na expedição intentada no anno de 1489, para defender a Fortaleza da Graciósa, situada na Ilha, que o Rio Luco fórma junto da Cidade de Larache debaixo dos felices auspicios delRey D. João o II, de quem foi Estribeiro mór, sendo estas duas famosas emprezas succedidas, huma na Europa, e outra na Africa, o faustissimo preludio das victorias, de que havia ser theatro a Asia, para onde navegou em 6 de Abril de 1503; e depois de obrar acções superiores a outro coração, que não fora o seu, se restituio a Portugal mais cheio de gloria, que despojos, em que tem maior parte a cubiça, que o valor. Tendo segunda vez surcado os mares como Capitão em huma Esquadra de quinze vélas, em companhia de Tristão da Cunha, para continuar os triunfos, de que era árbitra a sua espada, o elegeo ElRey D. Manoel Governador da India, de que tomou posse em 4 de Novembro de 1509, confian-

do a prudencia deste Monarca, que sobre hombros tão robustos poderia permanecer incontrastavel á violenta invasão de todos os Potentados da Asia. Parece difficil á credulidade a continuada torrente de victorias alcançadas pelo braço deste invencivel Heróe, que qual raio fulminado da Esfera, que o seu Soberano tomára por empreza, não houve parte em todo o Oriente, que não experimentasse o impulso arrebatado dos seus estragos, reduzindo a cinzas as Cidades de Brama, Orfação, Calicut, Pangim, e as numerosas armadas de Meca, Adem, e Ormuz. Duas vezes se coroou victorioso com a famosa expugnação de Goa, humiliando na segunda Conquista de tal sorte a soberba do Hidalcão, que por largo tempo lamentou a fatal ruina padecida sobre os muros de huma Praça, que se destinava para cabeça do Imperio Asiatico Portuguez. Que frondosas palmas, e louros colheo o seu invencivel braço no rendimento de Malaca, cuja heroica façanha divulgou admirada a Fama por tres mil bocas de bronze, gloriosos despojos de tão célebre expugnação! Rendeo menos á violencia do ferro, que ao respeito do seu nome, as Cidades de Lamo, Mascate, Be-

nastarim, Calayate, e as Ilhas de Camaram, Queixome, e Homelião com a morte de dous sobrinhos delRey de Larec. Para vingar as hostilidades causadas pelas formidaveis armadas delRey de Ormuz, e do Hidalcão, fez estipendiarios dous elementos, abrazando, e submergindo a humas no Cabo de Rosalgate, e a outras nos portos de Adem, e Calicut. O brado das espantosas acções, com que tinha assombrado a todo o Oriente, obrigou ao Rey das Ilhas de Maldiva, Vengapor, e o Hidalcão, que rendidos, e obsequiosos o buscassem para Tutelar dos seus Estados, e em demonstração da sua obediencia se fizeram tributarios da nossa Coroa. Recebeo diversas Embaixadas dos Principes da Persia, e da Arabia, e dos Reys de Pegú, Bengala, Pedir, Sião, e Pacem, solicitando a sua amizade com generosos donativos, que benignamente agradeceo, e generosamente regeitou. Para conservar o Estado impenetravel á invasão dos seus inimigos, edificou com igual dispendio, que magnificencia as Fortalezas de Malaca, Ormuz, Calicut, Cochim, e Cananor, em cujas pedras gravou para a posteridade a gloriosa denominação de Fundador do Im-

perio Oriental Portuguez. Celebradas as pazes com os Reinos de Cambaya, Dabul, Onor, Baticalá até o Cabo de Camorim, e com os Principes da China, Jaoa, e Maluco, se sentio, estando em Ormuz, accommettido da ultima enfermidade; e querendo que Goa fosse o Occaso, sendo tantas vezes o Oriente de seus heroicos trabalhos, partio tão attenuado de forças, que quatro leguas distante do seu porto entregou aquelle invencivel espirito ao seu Creador com evidentes sinaes de predestinado a 16 de Dezembro de 1515, quando contava 63 annos de idade, e 10 de governo. Foi amortalhado no manto da Ordem Militar de Sant-Iago, de que era Commendador; e tanto que o cadaver chegou ao Cáiz de Goa, se levantou tal alarido funebre em todo o povo, que até os Sacerdotes interrompêram o canto Ecclesiastico com lagrimas, e suspiros. Os Gentios admirados de o ver com a barba tão extensa, e com os olhos quasi abertos, affirmavam com supersticiosa credulidade, que certamente não morrêra, mas que Deos o chamára para General dos seus Exercitos. Levado debaixo do Pallio aos hombros das principaes pessoas de Goa,

o sepultáram na Igreja de Nossa Senhora da Serra, que elle edificou em agradecimento do feliz successo da Conquista de Malaca. A este deposito das suas triunfantes cinzas concorria a Gentilidade obsequiosa com varios donativos, esperando que ás suas súpplicas fosse propicio. Passados sincoenta e hum annos foi trasladado, como dispuzera no seu Testamento, ao Convento de Nossa Senhora da Graça dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho desta Corte, para onde foi conduzido a 19 de Maio de 1566 com pompa digna de tão grande Heroe. Teve a estatura mediana, o rosto comprido, e córado, o nariz aquilino, o aspecto agradavel, que se faria respeitado pela candida barba, que se dilatava até a cintura. Soube com perfeição a lingua Latina, sendo igualmente discreto quando fallava, como quando escrevia. Foi amado, e temido, sem que a benevolencia degenerasse em frouxidão, nem em rigor o castigo. Observou religiosamente a verdade, aborreceo naturalmente a mentira, e executou promptamente a justiça. Em tantas batalhas terrestres, e navaes sahia muitas vezes ferido, testemunhando com o seu sangue, que sempre buscára o lugar on-

de era mais certo o perigo. Foi profusamente generoso, dando aos Capitães os despojos alcançados em tantas victorias, dos quaes nunca reservou para si a menor parte por ser sua cubiça mais de gloria, que de fazenda. Praticou summa fidelidade com os inimigos domesticos, e sómente com os estranhos usou de sagacidade politica. Determinou executar duas acções suggeridas pela magnanimidade do seu coração, sobejando para que fossem eternamente gloriosas e serem sómente meditadas; era huma divertir a corrente do Nilo para o mar Roxo, não correndo ao Egypto, e desta sorte esterilizar as terras do Grão Turco; a segunda extrahir de Méca os ossos do abominavel Mafoma, para que reduzidos publicamente a cinzas, se confundissem os professores de tão torpe seita. Será o seu nome eternamente applaudido pelas vozes da Fama, como foi no conceito dos maiores Monarcas, e nas pennas de insignes Escritores, acclamando-o por insigne Capitão D. Fernando Rey de Castella a Pedro Correa Embaixador delRey D. Manoel, e o Grão Turco a D. Alvaro de Sande Capitão do Emperador Carlos V. Dos Authores seja o pri-

meiro Maffeo Hist. Ind. Liv. 5, in fin. *Prorsùs invicti ad laborem, ac patientiam æque corporis, animique vir, & cum quolibet suæ ætatis Ducum, vel navalis scientiæ, vel expediti consilii magnitudine comparandus.* Faria Asia Portug., Tom. 1, Part. 2, Cap. 10, n. 8. *Aquella espada con cuya punta se avia labrado el Scetro, que ElRey Dom Manoel tenia no con menor interez de sus rentas, que reputacion de sus armas.* Castanhed. Historia do Descub. da India, Liv. 3, Cap. 155. *Esforçado, e famoso Capitão... Em summa nenhuma virtude lhe falleceo para ser tão singular Capitão como o foram os singulares, que ouve entre barbaros, Gregos, e Latinos.* Fr. Ant. de S. Rom. Hist. Gen. de la Ind. Orient., Liv. 2, Cap. 9. *Dexò el Imperio dela India mui quieto en la devocion, y fidelidad delRey D. Manoel, y el exercicio delas armas quedò en su punto con su industria, y las cosas de la Religion en mucho augmento.* Brentan. Epit. Chronolog. Mund. ad. an. 1515. *Christianissimus Heros.* Mariz Dial. de Var. Hist. Dial. 5. *Falleceo em tão claro nome de perfeito Governador, que não era facil a questão, que em seu louvor se movia, se resplandecia mais em suas*

excellencias o esforço de Alexandre, ou a sabedoria de Nestor; porque administrava a guerra como summo Emperador, e governava a Republica como perfeitissimo Magistrado. Sampayo in Cap. 2. Vit. B. Petri Eborens. *Insignis ille & immortali laude dignus, atque Heroum antiquorum numero meritissimo referri potest.* Barbud. Emprez. Milit. de Lusit., fol. 156, v. *Adqueriendo triunfos a su Patria, y ganando Coronas a su Rey.* Lafitau Hist. des Decouert. e Conq. des Port., Tom. 1, pag. mihi 520. *Dans la guerre il fut veritablement grand par la noblesse de ses projets, & la prudence avec la quelle il les executa. Dans le conseil, e dans l'action il paroissoint en lui deux hommes tous differens.* Osorius de Rebus Emman. Lib. 10, *Tanta namque erat humanitate prœditus, ut utrum magis multi illius virtutem metuerent, an bonitatem amarent esset explicatu difficillimum. Imprimis autem jus æqualibet, colebat, & fidem violatam acirrimè puniebat, neminique injuriam fieri patiebatur... Non erat alienus a litteris: & cum otium erat, lectione sacrarum præcipuè litterarum oblectabatur.* Thevet Vies des Homm. Illust. pag. mih 422. *Fondateur de la domination dos Por*

tugalois en Inde. Franc. de Santa Mar. Ceo aberto na Terra, Liv. 3, Cap. 67. *Na liberalidade, e magnificencia foi insigne, na constancia admiravel, na religião excellente, e em tudo Heróe da primeira grandeza, glorioso assumpto das trombetas da Fama.* Neufuille Hist. Gen. de Portug., Tom. 2, Liv. 8, pag. 466. *Ce grand homme, cet Albuquerque le Grand, aussi heureux, e redoutable pendant la guerre, que craint, e reverè pendant la paix, fut regretè de plusieurs Princes qui avoient connu sa valeur, & toutes les nations qui ausient éprouvé sa clemence.* Telles Histor. da Ethiop. Alt., Liv. 1, Cap. 7, e Liv. 2, Cap. 1. Fr. Agostinh. de Santa Maria Sanct. Marian., Tom. 8, Liv. 1, Cap. 55. Barros Decad. II, da Hist. da Ind. per tot. Damião de Goes Chron. delRey D. Manuel, 3 Part., Cap. 80. Martin Compend. de las Hist. de la Ind. Orient. pag. 174 até 194. Gab. Per. Ulyssea, Cant. 7, Estanc. 100.

Logo o famoso Affonso o mar cobrindo
De Náos, os Malabares affugenta,
Do grão Neptuno as ondas opprimindo,
Que de seu grave pezo já rebenta.

Macedo Ulyssipo, Cant. 12, Est. 56.

Se querereis ver o Capitão mais claro,
Que a Fama conheceo, que vio a terra;
Vede a Albuquerque insigne archivo raro,
Que a disciplina militar encérra.
Quantas vezes o vejo, mais reparo
Neste grande varão raio da guerra;
Notai-o de vagar, que basta vê-lo
Para ficardes do valor modélo.

Os Commentarios das heroicas acções obradas no Oriente pelo grande Albuquerque, escritos por seu Filho, se compuzeram das noticias, que a ElRey D. Manoel mandou o mesmo Albuquerque, como na Dedicatoria da dita Obra a ElRey D. Sebastião confessa seu Author por estas palavras: *Offereci estes Commentarios a V. A., que colligi dos proprios Originaes, que o grande Afonso Dalboquerque no meio de seus acontecimentos escrevia a ElRey D. Manoel vosso Visavô.* Donde procedeo imaginarem alguns Escritores, e entre elles o doutissimo João Solorzano Pereira de Jure Ind., Tom. 1, Liv. 1, Cap. 3, n. 48, ser obra do grande Albuquerque. Além das noticias, que escre-

veo este Heróe, que serviram para formar os Commentarios das suas acções, estão nelles impressas estas suas Obras.

Duas respostas, que mandou a duas Cartas de Cogeatar, Part. 1, Cap. 62.

Resposta a huma Carta de Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, Part. 2, Cap. 3.

Instrucção mandada por Fr. Luiz da Ordem Serafica a ElRey de Narsinga, em que dava noticia do que lhe succedêra na Conquista de Calicut, Part. 2, Cap. 17.

Carta escrita ao Xeque Ismael, Part. 2, Cap. 23.

Instrucção dada a Ruy Gomes para o Xeque Ismael. ibi.

Carta a ElRey de Ormuz. ibi.

Carta a Gopicaiça Aguazil mór delRey de Cambaya, Part. 2, Cap. 46.

Carta escrita a Timoja Aguazil mór, e Capitão da Gente de Goa, e Senhor das Terras de Cintacora, Part. 2, Cap. 49.

Carta ao Hidalcão, quando conquistou Goa, Part. 3, Cap. 4.

Instrucção que deo a Antonio de Miranda de Azevedo, com hum presente para ElRey de Sião, Part. 3, Cap. 36.

Carta escrita ao mesmo Monarca em 12 de Dezembro de 1515, estando proximo á morte, em que lhe recommenda o Despacho de seu filho, Part. 4, Cap. 45; e na Decad. II, de Barros, Liv. 10, Cap. 8, vertida em Latim por Ozorio de Rebus Emman., Lib. 10, em Castelhano, per S. Roman Hist. de la Ind., Liv. 2, Cap. 9, e em Francez por Lafitau Hist. des Conq. des Portug., Tom. 1, pag. mihi 516».

«AFFONSO DE ALBUQUERQUE, Filho do célebre Heróe, de que se fez a precedente memoria, foi não sómente herdeiro das suas virtudes, e acções heroicas, mas ainda do seu mesmo nome. Nasceo na Quinta, que foi berço de seu grande Pai junto á Villa da Alhandra, situada nas margens do Téjo no anno de 1500. O nome de Braz, que no Baptismo lhe fora imposto, o mudou no de Affonso por insinuação delRey D. Manoel, querendo este Principe igualmente eternizar na sua Pessoa a memoria de seu illustre Progenitor, como continuar nelle a remuneração de tão altos merecimentos, de que foram manifestos argumentos o nomeallo Capitão de hum Navio da Armada, que condu-

zio a Infanta D. Beatriz, quando se foi desposar com o Duque de Saboya, e ser instrumento de que casasse com huma Dama das mais illustres, que venerava Portugal, qual era D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares, e Escrivão da Puridade delRey D. Manoel, e de Dona Joanna da Silva, filha de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, e lhe fez mercê de hum juro de trezentos mil reis. Não só os merecimentos herdados, mas os proprios o constituíram digno de maiores premios. Foi dotado de insigne prudencia alcançada com a lição dos Livros, e contínua administração de negocios, pela qual o nomeou ElRey D. João o III. Védor da sua Fazenda, onde foi tão vigilante no obsequio do seu Principe, como desinteressado no augmento proprio. Grande providencia manifestou a sua capacidade, quando no anno de 1569, sendo Presidente do Senado de Lisboa, applicou todos os meios para evitar os calamitosos damnos, que em toda a Cidade causava a peste, que com horrorosa voracidade tinha consumido a muitos milhares de homens, devendo-se á sua compassiva vigilancia o total exterminio

de tão medonho flagelo. Para allivio dos ministerios, que exercitava, edificou no lugar de Azeitão huma sumptuosa Quinta povoada de frondosas arvores, e regada de caudelosas fontes, de cuja antiga grandeza ainda hoje se conservam alguns vestigios. Cheio de annos, e acções virtuosas morreo em Lisboa no anno de 1580, e foi sepultado na Paroquial Igreja de S. Simão, situada na Villa de Azeitão, onde instituio duas Capellas com obrigação de que cada Capellão diga cada semana quatro Missas pela sua alma, de seus Pais, mulher, amigos, e inimigos, e das que estão penando no Purgatorio. Deixou huma filha unica chamada Dona Joanna de Albuquerque, que casou com D. Fernando de Castro. Compoz

Commentarios de Affonso Dalbuquerque, Capitão geral, e Governador da India, colligidos por seu filho Affonso Dalbuquerque das proprias Cartas, que elle escrevia ao muito poderoso Rey Dom Manoel o primeiro deste nome, em cujo tempo governou a India. Vam repartidos em quatro partes segundo os tempos dos seus trabalhos. Tem no fim as seguintes palavras:

Foram impressos estes Commentarios Da-

fonso Dalbuquerque Capitão geral, e Governador da India, na Cidade de Lisboa por João de Barreira Impressor delRey Nosso Senhor. Acabáram-se de imprimir vespera de S. Sebastião dezenove dias do mez de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e sete annos, em cujo dia o Principe D. Bastião Nosso Senhor, a quem esta Obra vai offerecida, faz tres annos. fol. Sahíram segunda vez impressos em Lisboa pelo dito Impressor em 1576, fol. Traduzidos na Lingua Franceza em París por João Marnef 1579.

No Cancioneiro, de que foi Collector Garcia de Rezende, estam alguns versos de Affonso Dalbuquerque a fol. 169, 170 e 176, dos quaes se manifesta, que tão versado foi na Poesia, como na Historia.

Tratado da Antiguidade, Nobreza, e Descendencia da Familia dos Albuquerques. M. S.

Desta Obra faz elle menção nos Comment., Part. 4, Cap. 50, e o Padre Dom Antonio Caet. de Sousa no Apparat. á Histor. Gen. da Casa Real Portug., p. 38, § 17.

Louvam ao Author, e a Obra dos Commentarios com os merecidos encomios Bar-

ros Decad. II, da India, Liv. 10, Cap. 8. Maffeo Rer. Ind. Hist., Lib. 5, in fine. Goes Chron. delRey D. Man., Part. 3, Cap. 80, Ant. de Leon Bib. Orient., Tit. 3, Nic. Ant. Bib. Hisp., Tom. 1, P. 6. D. Luiz de Salaz. de Cast. Hist. da Casa dos Sylv., Part. 2, L. 6, Cap. 13, § 3, n. 14. Faria Epit. das Hist. Portug., P. 4, Cap. 18. João Soar. de Brito in Theatr. Lusit. Litter. Lit. A., n. 8. Ant. Ferreir. nos Poem. Lusit., Eleg. 6, e o P. Lafitau Hist. des Descou. & Conquet. des Port., Tom. 1, p. mihi 521. *Il y paroit un grand amour de la verité, une grande moderation, beaucoup de menagement pour la persone des ennemis de son Pere, e tant de modestie dans le detail des actions de ce Heros, qu'on peut dire que le portrait qu'il fait, bien loin d'ètre outre, est beaucoup au dessous de son original*».

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR

ELREY D. SEBASTIÃO

NOSSO SENHOR

AFFONSO DALBOQUERQUE

Em vida delRey D. João Terceiro vosso Avô offereci estes Commentarios a Vossa Alteza, que colligi dos proprios originaes, que o grande Afonso Dalboquerque no meio de seus acontecimentos escrevia a ElRey D. Manuel vosso Visavô. E vendo eu, Serenissimo Senhor, a falta que havia delles (porque de todo se não perdesse a memoria de seus trabalhos), determinei de os tornar a imprimir, emendando algumas cousas que tinha escritas, e accrescentando outras, advertido de mais certas informações, que agora tive, que me persuadíram a tomar este trabalho. Convidando-me tambem a isto huma prática, que se teve diante de Vossa Alteza, na qual louvando alguns Fidalgos, que se

achàram presentes, a grandes Capitães, que houve pelo Mundo, VOSSA ALTEZA os accusou dizendo: *Pera que he fallar em Capitães, havendo Afonso Dalboquerque na India?* E se não tivera outra razão, senão esta pera os tornar a imprimir, isto só me obrigára a fazello, pera que de tão altas palavras, ditas de hum animo invencivel, como o de Vossa Alteza, ficasse memoria pera engrandecer muito mais as grandes vitorias, que este excellente Capitão teve dos Mouros na conquista dos Reynos da India. E querer tratar aqui de seus louvores, e de muitas cousas que soffreo, e outras muitas, que dissimulou com sua grandeza de animo, seria fazer outra historia maior que a sua: não direi mais que o que disse hum Soldado, que o sempre acompanhou na guerra, o qual sendo já muito velho, estando na Cidade de Goa, vendo as desordens da India, ia-se com bordão na mão á sua Capella, e batendo na sepultura, onde estava enterrado dizia: *Ó grande Capitão, tu me fizeste quanto mal pudeste; mas eu não te posso negar que foste o maior conquistador, e soffredor de trabalhos, que houve no Mundo: alevanta-te, que se perde o que tu ganhaste-*

E não devem de ter menos credito, e auctoridade diante de VOSSA ALTEZA estes Commentarios polos eu colligir, sendo seu Filho, do que Cesar tem pelo Mundo, escrevendo de si ha tantos annos, pois neste estylo rudo conto a verdade do que passou.

INDICE DOS CAPITULOS,
QUE SE CONTÉM NESTA PARTE PRIMEIRA

PARTE I

Em que se contém como o grande Afonso Dalboquerque foi a primeira, e segunda vez á India: e o que passou na conquista do Reyno de Ormuz até chegar a Cananor

CAPITULO I

De como foi a primeira vez á India por Capitão mór de tres náos, e chegou a Cochim, e o mais que passou.

Estando as cousas da India em estado, que se não podiam bem segurar, nem tomar assento com as grandes armadas, que cada anno ElRey D. Manoel lá mandava, pela contínua guerra, que o Çamorim fazia aos Portuguezes, que ficavam em Cochim, e ao Rey, que era nosso amigo, persuadido dos mercadores Mouros do Cairo, que viviam em Calicut, com peitas, que a elle, e a seus Governadores davam, receosos de perderem seus tratos, e navegações, se os nossos fizessem

assento na terra. Neste tempo, e pera remedio destes trabalhos, determinou ElRey D. Manoel de mandar á India o grande Afonso Dalboquerque a fazer huma fortaleza em Cochim, e Francisco Dalboquerque, filho de João Dalboquerque seu tio, pera recolhimento da gente, e mercadorias que mandasse. E pera se isto effeituar, mandou fazer prestes seis náos, com gente, artelharia, e munições de guerra; porque estas com as mais, que o Almirante lá avia de deixar, como levava em seu regimento, abastavam. Confiado tambem na paz, e amizade, que Pedralvarez Cabral, ao tempo de sua partida pera estes Reynos, deixava assentada com os Reys de Cananor, e Cochim, e nos offrecimentos, e recados, que per seus Embaixadores, que em sua companhia, vieram, lhe mandavam. E deu a capitania mór das tres dellas a Afonso Dalboquerque: e das outras tres a Francisco Dalboquerque. E como foram prestes de tudo o que cumpria pera a viagem, partíram-se do porto de Belém na entrada d'Abril de mil e quinhentos e tres. E posto que Afonso Dalboquerque pola muita diligencia, que pos em se despachar, partisse primeiro, teve tão roins tempos, e passou tan-

tas tormentas, e pairos na viagem, que quando chegou a Cochim avia dias, que Francisco Dalboquerque com as náos de sua companhia, e outras tres, que achou no caminho, era chegado. E porque depois da partida do Almirante pera estes Reynos, o Çamorim tornou a fazer a guerra ao Rey de Cochim: e tinha-se apoderado da Ilha, em que os Portugueses tinham passado muitos trabalhos, e mortes pola defender: foi grande o alvoroço, e prazer em todos com a chegada de Francisco Dalboquerque. E o Rey o veio logo ver; e depois de lhe perguntar por ElRey de Portugal seu irmão, e pola viagem que fizera, lhe deu conta de seus trabalhos, e da crua guerra, que o Çamorim lhe fizera depois da partida do Almirante, e como se tinha apoderado da Ilha. Francisco Dalboquerque lhe deu seus recados da parte delRey de Portugal, e disse-lhe que se não agastasse, que elle esperava em Deos de cedo lhe dar vingança de seus imigos, porque ElRey seu Senhor mandava a elle, e a Afonso Dalboquerque, que ficava atrás, com armada, e gente pera o servirem em tudo o que lhe mandasse. Passadas estas praticas, foi-se o Rey pera sua

casa, e Francisco Dalboquerque ficou praticando sobre este negocio com Diogo Fernandez Correa, que o Almirante deixára por Feitor, e com Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, que eram Escrivães, e com outras pessoas principaes, que ali estavam, e elles lhe deram conta de tudo o que era passado; e que cumpria muito pera o credito dos Portugueses, e pera se fazer a carrega das náos com menos trabalho, despejar-se a Ilha de Cochim dalguns Caimais, (que são senhores principaes do Reyno), que o Çamorim nella tinha com gente pera a defender. Assentado isto, Francisco Dalboquerque se fez prestes com toda a sua gente, e a que estava em Cochim, e alguns Naires do Rey, e ao outro dia antemenhaã foi-se nos bateis, paraos, e caravelas cometer os Caimais, que estavam descuidados do que lhe aconteceo: e deu tão de supito nelles, que os desbaratou. E postos em fogida, os foi seguindo até os lançar fóra da Ilha, matando muitos Naires, e dous Caimais. Despejada a Ilha, veo-se recolhendo aos bateis, e embarcou-se, sem aver quem lhe resistisse. E chegado a Cochim, foi recebido do Rey, e dos seus com muita hon-

ra, louvando-o muito do que tinha feito. E ali achou Afonso Dalboquerque, que era chegado daquelle dia pela menhaã, com as náos de sua companhia, e toda a gente a salvamento: ao qual o Rey de Cochim já tinha dado conta de suas fortunas. E como elle trazia sempre suas espias pera saber o que seus imigos faziam, soube logo que os Naires, que fugíram do desbarato de Francisco Dalboquerque, estavam recolhidos na Ilha de Repelim, e se faziam fortes com o Senhor della. E porque o Rey de Cochim se sentia muito deste senhor de Repelim, por ser sempre contra elle, e não podia estar bem seguro se naquella Ilha fizesse assento, deu conta disto a Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, pedindo-lhe muito que o quisessem lançar dali fóra. Elles, como não pretendiam outra cousa senão contentar o Rey, polo terem mais propicio pera o negocio da fortaleza, em que lhe aviam de falar, fizeram-se prestes com quinhentos Portugueses, e ao outro dia antemenhaã foram nos bateis polo rio arriba cometer a Ilha. E posto que logo na entrada achassem alguma resistencia, por terem dous mil Naires, que o Çamorim ti-

nha mandado de refresco, e muitos paraos com artelharia: os nossos os cometêram com tanto esforço, que os desbaratáram, e poseram em fugida, matando a maior parte dos Naires, e poseram fogo ao lugar. E com esta vitoria se tornáram pera Cochim, onde foram do Rey mui bem recebidos, dando-lhes grandes agradecimentos do serviço que lhe nisso fizeram. Em esta companhia foram tambem Duarte Pacheco, e Pero Dataide.

CAPITULO II

De como o grande Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, depois deste desbarato, faláram ao Rey sobre o fazer da fortaleza, e o que com elle passáram.

Passadas estas vitorias, e outras, que os nossos tiveram contra a gente do Çamorim, e restituido o Rey de Cochim de tudo o que lhe tinham tomado, determináram o grande Afonso Dalboquerque, e Francisco Dalboquerque, primeiro que entendessem na carrega das náos, falar ao Rey sobre a fortaleza, que levavam em seu regimento, que se fizesse em Cochim. E ambos lhe disseram, que

a causa principal, por onde os Portugueses, que ali ficavam pera o servir, tinham passado tantos trabalhos, guerras, e mortes, era por não terem huma casa forte, onde podessem estar seguros das avexações, que os Mouros da terra cada dia lhe faziam, a que elle não podia acodir: e tambem pera se poderem defender do poder do Çamorim, e que polo socedido até então podia sua Real Senhoria ver claramente que tinham disso muita necessidade. E confiado ElRey D. Manoel seu Senhor na suà amizade, e tambem polo que cumpria a seu serviço, lhe mandava pedir lhe quisesse dar hum lugar pegado com o rio, em que fizessem huma casa forte pera segurança dos Portugueses, que ali ficassem, e pera se recolherem as mercadorias, que de Portugal viessem, porque assi teria seu estado mais seguro. O Rey visto este requerimento, posto que por parte dos Governadores, e senhores da terra, a que deu conta, ouvesse alguns impedimentos pera o não conceder, induzidos pelos mercadores Mouros da terra com peitas, que lhes davam, porque não queriam que fizessemos assento nella, com tudo por segurar seu estado, e conservar a amizade delRey

de Portugal, e tambem polo grande proveito, que deste comercio lhe vinha, deixados todos os inconvenientes, foi contente de dar lugar pera se fazer a fortaleza, onde agora está: e esta foi a primeira, que se fez na India. E por se a obra açabar brevemente, repartíram ambos entre si o trabalho della, pola brevidade do tempo, e cada hum começou a fazer a parte que lhe coube. E por não terem achegas pera a fazerem de pedra, e cal, pedíram ao Rey que lhe mandasse dar madeira, a qual mandou logo trazer em muita abastança. E começou-se a fazer com humas estacadas grandes entulhadas de terra. E porque Afonso Dalboquerque avia de ir tomar carga de especiaria a Coulão, conforme ao regimento que tinha delRey D. Manoel, que o primeiro que chegasse á India, fizesse sua carga em Cochim, por acodir a Coulão, onde já tinha mandado duas náos de sua companhia, trabalhava de dia, e de noite com toda sua gente de maneira, que em breve tempo acabou sua parte da fortaleza. E recreceo-se daqui terem ambos algumas differenças sobre competencias da obra. Afonso Dalboquerque por escusas de ter paixões

com seu primo, começou-se arredar de sua conversação, e mandou-lhe dizer por algumas vezes, que pois a fortaleza estava já acabada da sua parte, que lhe pedia por mercê que ordenassem huma pessoa, que ficasse nella por Capitão até ElRey prover. Francisco Dalboquerque, como era de sua vontade, não quis. Afonso Dalboquerque vendo estas competencias, que com elle queria ter, não lhe lembrando que a ambos ElRey D. Manoel mandára que fizessem esta fortaleza, mandou chamar o Padre Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, e disse-lhe, que elle per muitas vezes mandára pedir a Francisco Dalboquerque que praticassem ambos como seria bom deixarem aquella fortaleza, e que nunca se quisera chegar a isso, mas antes soltára algumas palavras pouco necessarias pera o tempo, em que estavam, e que elle queria ir carregar suas náos a Coulão, porque tinha lá mandado duas da sua Capitania, a que era necessario acodir, porque avia nova que eram passadas muitas náos de Calecut pera Choromandel; que elle pola parte do trabalho, que tinha levado naquella fortaleza, desejava de mandar dizer huma Missa, e

ir-se carregar suas náos: e Francisco Dalboquerque fizesse o que quisesse, que lhe pedia muito que fosse elle o que a celebrasse. Fr. Rodrigo se espantou muito entre huns homens tão honrados, e tão parentes aver differenças: e mais em terra, onde as cousas de Portugal não estavam ainda muito bem assentadas. E foi-se com Afonso Dalboquerque á fortaleza, e disse a Missa, e acabada, andáram em procissão por dentro della: e pos-lhe nome o *Convento de Christus*, por ser empresa em terra anexa ao Mestrado destes Reynos, e a primeira fortaleza, que se naquellas partes fez. Francisco Dalboquerque por se não concertar com elle, pola parte que teve no trabalho, pos-lhe nome *Alboquerque*, e o Capitão, e Officiaes que quis, de que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente: e sofreo-lhe tudo por os Mouros não virem a entender que avia differenças entre elles. E despedido do Rey, fez-se prestes pera partir a tomar sua carga.

CAPITULO III

De como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Coulão, e o que passou com os Governadores da terra.

Estando o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou hum paráo de Coulão, em que vinha hum criado de Antonio de Sá, Feitor, com huma carta parelle, em que dezia que fosse a bom recado, porque avia nova certa que eram partidas trinta náos de Calicut pera Choromandel. E como Afonso Dalboquerque tinha mandado duas náos diante pera lhe terem carga prestes, como tenho dito, não ficou nada contente com esta nova, e apressou mais sua partida, e em breve tempo chegou a Coulão, onde foi muito bem recebido dos Governadores da terra, e do Nambeadarim, que he o principal Governador. E por o Rey ser ido por o sertão dentro a huma guerra, que tinha com o Rey de Narsinga, fizeram-lho logo a saber por homens, que tinham em paradas, e a poucos dias foi avisado de sua chegada. O Rey polos desejos que tinha de nossa amizade es-

creveo ao Nambeadarim, e Regedores da Cidade grandes agradecimentos da honra, e gasalhado que tinham feito a Afonso Dalboquerque, e mandou que tudo o que pedisse, e requeresse lhe fizessem, e trabalhassem muito com elle que assentasse ali trato. E posto que aos Governadores por induzimento, e peitas do Çamorim pesasse muito deste assento que o Rey queria que os nossos fizessem na terra, era elle tão temido. que sem mostrar que lhe pesava, fizeram tudo com mais verdade do que Afonso Dalboquerque delles esperava: o qual assentou logo huma casa de feitoria com muitas mercadorias, e todas as outras cousas, que convinham pera bom despacho das náos, quando ali viessem buscar carga. Feitas as pazes, e juradas por o Rey, e seus Governadores, começou Afonso Dalboquerque carregar suas náos de pimenta polo preço, e peso, que o Almirante tinha assentado em Cochim. Como o Çamorim soube desta nova amizade, e trato, que o Rey de Coulão queria ter com os Portugueses, por estorvar que este negocio não viesse a effeito, mandou-lhe seus Embaixadores, dizendo, que olhasse o que fazia, que os Portugueses

eram muito má gente, e se os consentisse em sua terra, que se aviam de levantar contra elle. E que esta era a causa principal, que o movêra insistir tanto em os lançar fóra da India. E por aqui lhe foi representando outras muitas cousas todas a seu proposito: e mandou grandes presentes aos Governadores da terra, pedindo-lhe que fizessem com o Rey que não désse carrega aos Portugueses, nem os recolhesse em seu porto. E todas estas intelligencias, que o Çamorim teve pera se valer contra os nossos, já que por armas o não podia fazer, por ser terra muito remota da sua, lhe não valêram: porque o Rey de Coulão era homem de tanta verdade, que por cima de todas estas cousas, que o Çamorim lhe escreveo, comprio sua palavra, e assentou sua amizade com Afonso Dalboquerque. E respondeo ao Çamorim, que elle não tinha recebido nenhum escandalo, nem agravo dos Portugueses, mas antes via nelles serem homens de verdade: e que sem ter culpas suas não tornaria atrás dò que tinha assentado. O Çamorim não ficou contente com esta reposta, e sentio muito não poder destruir o Rey de Coulão, nem tolher aos

Portugueses, que não levassem a pimenta que jaz de Cochim até Coulão. porque todos os moradores do sertão eram gentios, que desejavam de ter paz, e amizade com os nossos. E em Calicut tudo eram Mouros estrangeiros, que procuravam de nos lançar fóra da India polo receio que tinham de nos senhorearmos della, e elles ficarem fóra de seus tratos. Afonso Dalboquerque como soube que o Çamorim tinha intelligencia com o Rey de Coulão, pera estorvar que os nossos não tomassem assento na terra, determinou dali por diante de se tratar mais domesticamente com elles, e negociar hum pouco mais largo o trato das mercadorias, posto que nisso passasse algum tanto o regimento, que lhe ElRey tinha dado, que foi causa de aver tanta segurança entre os nossos, e os da terra, que já se aviam todos por naturaes Portugueses. E a causa principal desta conformidade foi não aver Mouros na terra, que procurassem divisão entre os nossos, e os gentios naturaes della, como o faziam em Calecut.

Coulão, ao tempo que Afonso Dalboquerque chegou a elle, era huma Cidade muito grande, povoada de Gentios, sem aver

nella nenhum Mouro natural, nem estrangeiro, senão o irmão de Cherinamercar de Cochim, que avia pouco tempo que se fora ali viver. Esta Cidade era grande escapola de mercadores, e antigamente avia nella muitos mercadores estantes de toda a parte da India, principalmente de Malaca. E por ser porto abrigado de todos os ventos, as náos, que navegam á India, e assi as que passavam pela Ilha de Ceilão, e Chale, faziam ali sua escapola. E naquelle tempo estava a Ilha de Ceilão á sua obediencia, e pagava-lhe tributo: e tudo o que ha de Coulão até Chale, que podia ser sessenta legoas, era seu: e averá de Coulão á Ilha de Ceilão oitenta legoas. O Rey de Coulão era homem de muita verdade, e muito cavaleiro: e naquella guerra, que teve com o Rey de Narsinga, tendo muita gente de pé, e de cavallo, o cometeo com sessenta mil archeiros, e o desbaratou. E a fóra o Nambeadarim, que era o principal Governador da terra, avia na Cidade trinta e seis homens principaes, que a governavam: e assi era a milhor regida que avia naquellas partes em aquelle tempo.

CAPITULO IV

De como as náos de Calicut vieram a vista de Coulão, e o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera pelejar com ellas, e o que sobre isto passou com os Governadores da terra.

Neste tempo, que o grande Afonso Dalboquerque estava tomando sua carga, como fica dito, chegáram as náos de Calicut á vista dos nossos, e eram por todas trinta e nove vélas, as vinte e oito de Calicut, e as outras de Cochim, e Cananor. E como Afonso Dalboquerque desejava de enfadar o Çamorim em tudo o que podesse, por se vingar delle, determinou de os ir cometer, hum pouco contra o parecer de Antonio de Sá, e da gente da armada. E por não dilatar o tempo, alargou as amarras pelos escouves, e fez-se á véla. Os Mouros vendo as nossas náos desamarradas, e que os vinham demandar, despidíram hum parao de si, e mandáram-lhe pedir pazes. E neste interim encadeáram-se de cinco em cinco com determinação de pelejar. E porque o vento acalmou, temendo-se Afonso

de Alboquerque que as náos de noite com o terrenho se fizessem na volta do mar, e se fossem sem se vingar delles, mandou Antão Garcia no seu navio, que era pequeno, e bom de véla, que se fosse tambem na volta do mar. Os Mouros receosos do que podia ser, ouveram outro conselho, e ás toas de noite vieram-se meter dentro no porto de Coulão, porque as nossas náos estavam hum pouco afastadas delle, na boca de hum rio. Afonso Dalboquerque como vio as náos que se queriam valer em terra, mandou dizer ao Nambeadarim, e aos Governadores da Cidade, que aquellas naos eram do Çamorim, imigo capital delRey de Portugal seu Senhor, que lhe pedia por mercê lhas mandasse entregar; porque não o fazendo, elle determinava entrar no porto, e queimalas todas, e ir-se sem tomar ali carga, nem fazer com elles nenhum assento de paz. Os Governadores lhe respondêram, que elles tinham escrito ao Rey, dando-lhe rezão daquelle negocio, que a reposta não podia tardar muitos dias: que lhe pediam por mercê, pois as náos estavam recolhidas naquelle porto, donde não podiam sair sem sua licença, que esperasse

polo recado do Rey. Afonso Dalboquerque lhes disse, que era contente de fazer o que lhe pediam: com tanto, que mandassem tomar as vélas ás náos por não fugirem de noite. Assentado isto, o Nambeadarim mandou logo lançar mão dos Capitães, Mestres, e Pilotos, e polos a bom recado. E dahi a poucos dias chegou recado do Rey ao Nambeadarim, em que lhe mandava, que se aquellas náos quisessem estar á obediencia dos Governadores da Cidade, e descarregar ali suas mercadorias, que pedissem a Afonso Dalboquerque da sua parte que lhe não fizesse nenhum mal, que abastava pera seu castigo não poderem sair daquelle porto sem seu mandado. Afonso Dalboquerque respondeo, que sua determinação era queimalas, e trazer todos os Mouros de Calicut á espada, por vingança da treição, que tinham feito aos Portugueses; mas pois o Rey avia por seu serviço não os castigar, que não faria outra cousa senão o que lhe mandava. Os Governadores mandáram logo descarregar as náos dos mantimentos que levavam: e ali estiveram metidos até que se Afonso Dalboquerque partio. E porque teve por enformação, que

alguns Mouros tinham comprado muita pimenta pelo sertão, porque não viesse ao peso de Coulão, en quanto ali esteve, todas as náos que passavam, ora fossem de amigos, ora de imigos, ainda que viessem com bandeiras, e seguro do Almirante, fazia-as todas arribar ao porto de Coulão, e ali eram buscadas polos Governadores da terra: e toda a especiaria que levavam, lhe tomavam, e levavam á feitoria, e ali compravam os nossos, e os da terra.

CAPITULO V

Do assento, que o grande Afonso Dalboquerque tomou com os Governadores da terra sobre as pazes, antes da sua partida: e o mais que passou com os Christãos dali naturaes, e se partiu pera Cochim.

Passadas todas essas cousas, pareceo ao grande Afonso Dalboquerque necessario tornar a retificar as pazes, que com os Governadores tinha assentado, e foi-se a terra: e falando com elles perante Antonio de Sá, Feitor, e os mais Portugueses, que com elle ficavam, lhes disse, que no

concerto das pazes que tinham feito, estava assentado que a jurdição do Civel, e Crime estevesse em poder dos Christãos naturaes da terra, como antigamente sempre fora: que por isso elle antes de sua partida queria deixar isto assentado de maneira, que depois delle ido não ouvesse nenhumas deferenças antre huns, e outros: e tambem pera dar rezão de si a ElRey seu Senhor de como as cousas naquelle Reyno ficavam assentadas; que lhes pedia muito, e rogava que o ouvessem assi por bem; porque a pessoa, a quem entregasse este cargo, avia sempre de fazer o que o Rey de Coulão mandasse. Os Governadores lhe disseram, que lhes parecia bem, e que quando o Rey viesse lhe dariam conta disso: e que podia deixar este cargo a quem quisesse, que todos lhe obedeceriam. Afonso Dalboquerque entregou logo a jurdição perante elles a Antonio de Sá, Feitor, e mandou-lhe que tudo fizesse com conselho, e parecer dos Christãos naturaes da terra, por não sair da ordem, com que se antigamente governavam. E todos foram contentes com a eleição de Antonio de Sá, ao qual deixou muito encomendado o provimento da Igre-

ja. E os Christãos da terra aviam de ter cuidado de a governarem, e regerem, a qual Igreja se chamava *nossa Senhora da Misericordia.* E diziam os Christãos da terra, que dous Sanctos, que nella estavam enterrados em duas Capelas, a fizeram milagrosamente. Tinham tres Altares, em que estavam tres Cruzes, no meio huma de ouro, e nos outros dous duas de prata. Os Christãos da terra mandáram huma d'ellas a ElRey D. Manoel; e querendo mandar a de ouro, Afonso Dalboquerque lhes disse, que não queria levar senão huma de prata, por sinal que avia naquellas partes Christãos, que adoravam a Cruz, em que nosso Senhor Jesus Christo padecêra, porque este era o ouro, com que ElRey de Portugal avia mais de folgar; e que como elle chegasse a Portugal, ElRey lhe mandaria muitos ornamentos pera a sua Igreja ao modo que se costumava entre os Christãos. Elles folgáram muito com isto, e pedíram a Afonso Dalboquerque que lhes désse hum retavolo de Sanctiago, e hum fino, que lhe logo deu. E porque era necessario deixar ali alguma pessoa, que os doutrinasse nos ritos da nossa Sancta Fé, pedio ao P. Fr. Ro-

drigo da Ordem de S. Domingos, que trazia comsigo, que ficasse ali, e elle o aceitou por servir a Deos: e teve tão bom cuidado esses dias que ali esteve, que com sua doutrina, e bom exemplo tornou muitos gentios á Fé de Jesus Christo, e bautizou muitos Christãos de trinta, e de quarenta annos de idade, por já não aver memoria de bautismo antrelles. Assentadas todas estas cousas, os Christãos da terra se vieram a Afonso Dalboquerque, e lhe disseram, que pois os queria conservar em seus costumes antigos, que lhe pediam por mercê que tambem lhe guardasse outro costume: e era, que os Christãos, que tinham cuidado de governar a Igreja, tinham tambem juntamente em seu poder o sello, e peso da Cidade, e que o Rey de Coulão lho tinha tirado por culpa, e froxidade de hum Christão natural da terra. E porque estarem estas cousas em poder dos Christãos, como sempre estiveram, faziam muito em sua autoridade, que falasse ao Nambeadarim, e aos Governadores, que os tornassem á sua posse, pois a culpa, porque lho tiráram, fora de hum só, e não de todos. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que aquillo que

elles requeriam não entrára no concerto das pazes, e que o tempo era breve pera começar requerimentos de novo, porque estava já de verga dalto pera se partir; mas que elle deixaria recado a Antonio de Sá, que ficava por Feitor, que como o Rey de Coulão viesse da guerra, lhe falasse nisso, e lho pedisse muito da parte delRey de Portugal. Com isto ficáram muito contentes, e despedio-se d'elles, e dos Governadores da terra, e foi-se embarcar. E partio-se a doze de Janeiro do anno de 1504, e fez seu caminho dereito a Cochim, pera se ver com Francisco Dalboquerque, e partirem todos juntos pera Portugal, como tinha por regimento delRey D. Manoel. E porque chegando a Cochim o não achou, nem recado seu do que esperava de fazer, proveo a fortaleza de polvora, armas, e monições de guerra, aquellas que lhe parecêram necessarias para cumprir com sua obrigação, e duas caravelas, e a náo Conceição bem armadas. E porque parte da gente darmas, que Francisco Dalboquerque deixou pera guarda da fortaleza, ficava nella por força, e contra sua vontade, mandou-os recolher, e deixou outra, que a seus rogos

ali quiseram ficar. E feito isto, despedio-se de todos, e partio-se.

CAPITULO VI

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim pera Cananor: e do que passou até chegar a Portugal.

Tendo já o grande Afonso Dalboquerque suas náos prestes, e elle embarcado pera se partir pera Portugal, chegou o Feitor a bordo, e disse-lhe, que Francisco Dalboquerque se partíra pera Cananor, sem levar nenhuma droga, ainda que per muitas vezes lhe requerêra que a levasse, porque tudo tinha prestes dentro na fortaleza; que lhe pedia muito que quisesse fazer este serviço a ElRey em as levar até Cananor, porque ali avia de achar Francisco Dalboquerque. Afonso Dalboquerque, ainda que tinha as náos muito sobrecarregadas, por servir ElRey tomou todo o cravo, e canela, que lhe o Feitor deu; e partindo-se dali, chegou a Calicut, onde achou Francisco Dalboquerque tratando de pazes: e sem assentar nada, se partíram ambos, e fo-

ram ter a Cananor, e ali lhe entregou Afonso Dalboquerque todo o cravo, e canela que levava. E porque Francisco Dalboquerque avia de acabar de carregar suas náos, e dava-se hum pouco de vagar, e ElRey D. Manoel mandava em seu regimento, que ambos viessem juntos, assentáram todos os Officiaes da Feitoria, que Afonso Dalboquerque esperasse até vinte de Janeiro, e passado este tempo, se partisse logo. E sendo já vinte cinco dias do dito mes, vendo Afonso Dalboquerque que elle fazia pouca diligencia no carregar das suas náos, assentou de se partir, e não esperar mais. E sobre a navegação que faria ouve muitos conselhos, e pareceres: e por fim de tudo assentáram que fizesse seu caminho dereito a Moçambique. Afonso Dalboquerque, porque aquella navegação não era muito trilhada naquelle tempo, levou hum Piloto Mouro de Cananor comsigo, contra parecer de todos, que diziam que aquelle Mouro avia de dar com elle a través; mas o Mouro era tão bom official daquelle officio, e sabia tão bem aquelle caminho, que o levou dereito a Moçambique por boa navegação, sem ter nenhum contraste: e ali o deixou, dando-

lhe cincoenta cruzados por seu trabalho. E sem fazer nenhuma demora, fez seu caminho dereito ao Cabo de Boa Esperança. E porque Fernão Martins Dalmada tinha muita necessidade d'agoa, foram tomar a agoada de S. Bras, e deteveram-se nella dous dias, trabalhando de noite, e de dia. E neste trabalho se perdeo o batel d'Afonso Dalboquerque, porque vinha já muito comesto do busano. E ali achăram huma carta cerrada, embrulhada em hum pano encerado, posta em hum páo, que dezia, que Antonio de Saldanha, e a Taforéa, e a náo de Setuval, chegăram ali no mes de Outubro. Afonso Dalboquerque, tanto que as suas náos tiveram tomado agoa, fez-se á véla, e veio-se na volta do Cabo de Boa Esperança, e com bons tempos o dobrou o primeiro dia de Maio. Dobrado o Cabo, por conselho dos Pilotos fizeram seu caminho até se pôrem em altura de dez gráos da banda do Norte. E nesta paragem teveram grandes calmarías, onde lhe adoeceo alguma gente: e dali vieram dia de S. João pola menhãa á vista do Cabo Darca, que he entre os baixos de Arguim, e Cenaguá; e porque a náo de Afonso Dalboquerque

fazia muita agoa, determinou, por se achar naquella paragem, ir demandar a Ilha do Caboverde, para ali fornecer suas náos do necessario, por ser mais perto: e ainda que os ventos neste tempo fossem contrairos, nosso Senhor os ajudou de maneira, que vieram ter á Ilha. E sendo apegados com a terra, quebrou a verga da náo de Afonso Dalboquerque, e rompeu-se o papafigo todo, porque vinham forçando o tempo pera aferrarem a Ilha, e com o traquete foi forgir no porto da praia de Sancta Maria, com as outras duas náos de sua conserva, já todos muito desaparelhados de amarras, e vélas, e de todas as outras cousas necessarias pera huma viagem tão comprida. E se nosso Senhor milagrosamente os ali não trouxera (por não ser esta a verdadeira navegação que aviam de fazer), elles foram consumidos nesse mar, e estiveram ali tres dias. Repairadas as náos de todo o necessario, e tomada agoa, e mantimentos pera sua viagem, partíram pera Portugal, e com bons temporaes, sem tomarem outra terra, chegáram a Lisboa por fim de Julho do dito anno de mil e quinhentos e quatro, onde Afonso Dalboquer-

que foi muito bem recebido delRey Dom Manoel, fazendo-lhe muitas honras, e gasalhados, mostrando muito contentamento, do bom socesso, que naquella viagem teve, e da fortaleza de Cochim ficar feita. Francisco Dalboquerque, que ficava em Canador carregando suas náos, como tenho dito, partio-se a cinco de Fevereiro, e no caminho se perdeo com as outras duas náos de sua conserva, sem nunca se poder saber onde, nem como se perdêram.

CAPITULO VII

De como ElRey D. Manoel mandou o anno de seis Tristão da Cunha á India, e Afonso Dalboquerque em sua companhia, em huma armada de quatorze vélas, pera ambos fazerem a fortaleza de Çacotorá.

Chegado o grande Afonso Dalboquerque a Portugal em Julho de 1504, como tenho dito, pela enformação, que El-Rey D. Manoel delle teve do estado, em que as cousas da India ficavam, e que era necessario ordenalas de maneira, que os Mouros, depois da partida das náos pera este

Reyno, não tornassem a ser senhores da costa do Malabar, e favorecidos do Çamorim dessem sempre muito trabalho aos Portugueses, e aos Reys de Cochim, e Çananor, que eram nossos amigos: Praticou este negocio com os do seu conselho, em que ouve diversos pareceres. E por cima de tudo assentou de mandar hum Governador, que ficasse na India tres annos com gente, e armada necessaria ao remedio dos trabalhos, que os nossos passavam. E pela confiança que tinha em Tristão da Cunha o velho, que nisto o serviria muito bem, determinou de o mandar pera que a governasse. O qual estando com sua armada prestes pera partir o anno de 1505, adoeceu de vagados da cabeça, de que veio a cegar. E vendo El-Rey D. Manoel caso tão supito, porque era necessario acodir logo aquelle anno á India pera favorecer os nossos, que lá ficavam, mandou chamar D. Francisco Dalmeida a Santarem pera ir nesta armada, e que depois de ser na India, se chamasse Viso Rey. E porque a armada estava já prestes de tudo o que lhe era necessario, partio-se logo. E no anno seguinte de quinhentos e seis mandou Tristão da Cunha, que já era

são, e restituido á sua vista, com huma armada de quartorze vélas pera mais favorecer este negocio: Com regimento, que sendo caso que aquelle anno não podesse passar á India, fosse invernar á Ilha de Çacotorá, e nella fizesse huma fortaleza pera segurança dos Christãos, que tinha por enformação que avia nella. Fazendo tambem fundamento, que a armada, que tinha determinado que andasse na costa Darabia, e no Cabo de Comorim, tolhendo a navegação das náos, que vinham da India para o estreito com especearias, tería ali lugar seguro pera invernar. E vendo ElRey D. Manoel, que Afonso Dalboquerque na viagem que fezera á India o anno de tres, como fica dito, o servíra muito bem, e que tinha esforço, e prudencia pera governar, mandou-o em companhia de Tristão da Cunha pera ficar naquella costa por Capitão mór de seis náos, e quatrocentos homens. E deu-lhe huma provisão secreta, que acabados tres annos fosse governar a India, e o Viso Rey Dom Francisco Dalmeida se viesse pera Portugal. E estando em Abrantes, por morrerem na Cidade de Lisboa de peste, lhe mandou huma bandeira de cetim branco franjada de

retros cramesim, e branco, com huma Cruz de Christus de cetim cramesim no meio, que elle tornou a trazer a Portugal, como adiante se dirá. Ordenado tudo isto, tendo Tristão da Cunha sua armada prestes em Belém, a qual fez com muito trabalho pela muita peste que avia na Cidade, e muita falta de gente pera levar, partio-se a cinco Dabril pela menhãa, e foi logo pela barra fóra com toda a armada, tirando Afonso Dalboquerque, que ficou em Belém na náo Cirne, em que hia por Capitão, esperando por hum Piloto, que mandára pedir aos Officiaes delRey (por aver dous dias que o seu chamado João de Solis fugíra pera Castela por matar sua molher); e vendo elle que lho não davam, confiado na muita experiencia que tinha das cousas do mar, e em Diogo Fernandez Piteira, Mestre da sua náo, que fora já duas vezes á India: e tambem em lhe Tristão da Cunha dizer, que lhe daria o milhor Piloto da frota, tirando o Piloto mór, determinou de não esperar mais, e recolheo alguma gente, que ficára das outras náos em terra, que os Capitães não quiseram tomar por virem de Lisboa, e fez-se á véla ao outro dia seis do dito mes. E já

muito tarde alcançou o Capitão mór, que hia esperando por elle, e depois de o salvar, lhe disse que trazia alguma gente, que os Capitães deixáram em terra; que lhe pedia por mercê os mandasse repartir pelas náos, segundo vinham assentados, porque morriam alguns, e a gente da sua andava tão assombrada, que se não sabia dar a conselho: e se aventurara a isso, pola necessidade que alguma hora teriam delles naquellas partes pera onde hiam. O Capitão mór lhe respondeo, que se vinham empedidos, pera que os tomava? E não os quis mandar repartir, do que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente. E chegando a Biziguiche, mandou-lhe hum rol da gente que era por Pero Vaz Dorta, que hia por Feitor da sua armada, pedindo-lhe muito que mandasse aos Capitães que a recolhessem, porque não tinha mais mantimentos que os necessarios pera a sua gente. E que lhe mandasse dar o Piloto, que lhe prometêra antes que partisse de Belém, porque o não trazia, nem os Officiaes delRey lho deram. O Capitão mór respondeo, que mandasse pôr a gente com seu fato em terra, que elle a repartiria como lhe bem parecesse. E que quanto ao Pi-

loto não o tinha, nem o avia de tirar ás outras náos pera lho dar. Enfadado Afonso Dalboquerque desta reposta, mandou pôr a gente em terra, e a Pero Vaz Dorta que lhe dissesse, que na volta daquella gente avia alguns Fidalgos, e pessoas honradas, que não parecia rezão assi de mistura com os outros mandalos lançar em terra, que dali os devia mandar repartir pelas outras náos. O Capitão mór dissimulou com elle, e não lhe respondeo. E porque naquelles dias que ali estiveram, não morreo, nem adoeceo nenhuma pessoa em toda a armada, mandou pelas muitas importunações de Afonso Dalboquerque repartir pelas náos os que estavam sãos, e os doentes que se embarcassem na caravela, que tinha despachado pera Portugal, a qual El-Rey D. Manoel mandára em sua companhia pera lhe trazer novas como hiam, pelo receo que tinha da muita peste que a armada levava.

CAPITULO VIII

De como o Capitão mór Tristão da Cunha despedio a caravela pera Portugal, e se partio de Biziguiche: e o que passou até chegar a Moçambique.

Estando o Capitão mór Tristão da Cunha prestes com sua armada pera se partir do Porto de Biziguiche, despidio o Capitão da caravela, e escreveo por elle a ElRey o estado em que hiam, e como chegando ali prouve a nosso Senhor que cessou a peste. Partido a caravela, fizeram-se todas as naos na volta do Cabo de Sancto Agostinho; e por ser já tarde, e os ventos ponteiros, e esperarem pola náo do Capitão mór, que era má de véla, não poderam dobrar, e tornáram outra vez na volta de Guiné, em que se gastou muito tempo. E indo naquella volta, deu um temporal tão rijo na armada, que as naos se apartaram humas das outras, e dali a dous dias se tornaram ajuntar, e fizeram-se todas na volta de Sancto Agostinho, salvo a nao de Job Queimado, que não apareceo. E foram assi naquella volta aguardando muitas vezes pola nao do Capi-

tão mór. Vendo Afonso Dalboquerque que se gastava o tempo por esperarem por esta náo, e os Capitães não ousavam de falar, veio á fala com o Capitão mór, e disse-lhe, que olhasse que a causa principal de não dobrarem o Cabo de Santo Agostinho, fora por esperarem pola sua náo, e que por ser tarde punha em muita dúvida passarem aquelle anno á India: e pois não podia ter com as outras, que a avia de deixar com outra em sua companhia, qual elle quisesse, e désse véla, e fizesse sua viagem com as outras. O Capitão mór lhe respondeo, que se lhe El-Rey D. Manoel fizera mercê daquella armada, fora pera se aproveitar: e que por isso queria agoardar pola sua náo, pois nella trazia a sua fazenda. Afonso Dalboquerque porque perdia muito em não passar aquelle anno á India, dali alguns dias tornou a pedir ao Capitão mór que largasse a sua náo, que foi a causa de terem ambos palavras de desgosto bem escusadas, ás quaes Afonso Dalboquerque não respondeo, nem dali por diante quis mais falar em cousa da viagem. O Capitão mor vendo dali a poucos dias o erro, que tinha feito, e que perdia mais em não passar aquelle anno á India, do que ga-

nhava em esperar pela sua náo: e que todos os Mestres. e Pilotos, quando o hiam salvar, lho deziam, determinou de o remediar. E sendo na paragem da Ilha da Ascensão, pos huma bandeira na quadra, e todos os Capitães arribáram logo a saber o que queria. O Capitão mór lhes disse. que sua determinação era dar ás vélas, e não aguardar por ninguem, que cada hum andasse quanto podesse, e o fosse esperar a Moçambique. E indo assi todos na volta do Cabo de Boa Esperança, amanhecêram á vista de huma terra muito grande, e muito fermosa. Afonso Dalboquerque como a vio, veio á fala com o Capitão mór, e disse-lhe, que pois ainda não era descuberta, que se deviam de chegar a ella, e saber que terra era. O Capitão mór parecendo-lhe bem isto que lhe dezia, mandou ir a sua náo á orça pera a tomar, e todos fizeram o mesmo; e indo sobre a tarde, tornou a fazer outra vez o caminho que levava. Esta terra eram humas Ilhas, a que poseram nome de *Tristão da Cunha,* por elle ser o primeiro que as descobrio. E indo descorrendo por ellas já quasi Sol posto, começou o vento a ventar tão rijo, e com tantos agoaceiros, que as náos

não podéram ter com o Capitão mór, e apartáram-se todas: salvo Afonso Dalboquerque que o siguio, e foram juntos huns dias com vento de viagem. E huma noite deu hum temporal tão grande por davante, que os apartou. A náo de Afonso Dalboquerque esteve sete relogios de mar em través, com assás trabalho, sem querer dar polo leme. E prouve a nosso Senhor que abonançou o tempo, e correo toda aquella noite sem ver o forol da náo Capitaina, nem ao outro dia pela menhaã a víram. E foi-se naquella volta já com o cabo dobrado até aver vista das Ilhas primeiras, e ali achou Francisco de Tavora, e foram-se ambos a Moçambique, onde acháram huma caravela, que partira de Portugal muitos dias depois de Tristão da Cunha. E o Capitão lhes disse, que Lionel Coutinho passára pera Quiloa. E dali a poucos dias chegou o Capitão mór com as outras náos, excepto Alvaro Telez, que dobrou a Ilha de S. Lourenço por fóra, e foi ter a Melinde, e deixou ali huma carta pera elle, em que lhe dezia, que o hia esperar ao Cabo de Guardafum, e Rui Pereira, que tomou hum porto na Ilha de S. Lourenço, que se chama Tanana, onde esteve alguns dias

tomando enformação da terra, por ser a primeira vez que se descobrira: e dali se foi a Moçambique, levando comsigo dous negros, que com elle quiseram ir por sua vontade.

CAPITULO IX

De como o Capitão mór Tristão da Cunha, pela enformação que teve dos negros, que Rui Pereira trouxe, determinou de ir descobrir a Ilha de S. Lourenço.

Chegado o Capitão mór a Moçambique, porque era já tarde pera atravessar á India, determinou de aparelhar ali sua armada pera fazer o caminho de Çocotorá, onde ElRey D. Manuel mandava fazer huma fortaleza pera recolhimento de alguns Christãos, que tinha por enformação que avia naquella Ilha, por não serem avexados dos Fartaquins, e doutras náos de Mouros, que ali hiam fazer sua agoada, quando passavam pera o estreito de Meca. E nestes dias chegou Rui Pereira, e disse-lhe, que com aquella tormenta, com que se apartára delle, fora ter a hum porto da Ilha de S. Lourenço, e em forgindo vieram duas almadias com alguns

negros a bordo da náo, como gente de paz, e amostráram-lhe prata, cera, e panos dalgodão: e disseram-lhe que se quisesse entrar pera dentro, que se resgatariam com elle, porque daquilo avia muito na terra, e tudo por acenos, porque na náo não avia quem os entendesse. E querendo elle entrar pera tomar mais enformação deste negocio, o Piloto, Mestre, e Feitor da náo lhe fizeram grandes requerimentos que não entrasse, e fizesse sua viagem pera Moçambique, porque aquella náo era sua, e não eram obrigados a descobrir terras novas: e que protestavam de lhe pagar tudo o que perdessem. E vendo seus requerimentos, trouxera aquelles dous negros, por lhe parecerem homens de rezão, e se fizera á véla. O Capitão mór ficou muito contente com isto, porque sendo assi, podia ali carregar suas náos, e tornar-se pera Portugal: e mandou logo buscar hum Mouro natural de Quiloa, que estava em Moçambique, que tinha por enformação que sabia a lingoa, e disse-lhe que perguntasse a aquelles negros o que avia na sua terra, e como se chamava: elles lhe disseram, que' a sua terra se chamava Tananá, e que avia nella muito gingibre, cravo, prata, e

cera. Com esta enformação mandou o Capitão mór chamar Afonso Dalboquerque, e todos os outros Capitães, Mestres, e Pilotos darmada, e deu-lhes conta de tudo o que passáram com os negros; que seu parecer era, pois ali aviam de estar alguns dias, irem buscar este porto, que Ruy Pereira descobríra, que lhe dissessem o caminho que faria, porque determinava de ir lá. Os Pilotos, e Mestres da armada foram de parecer que divia de descobrir esta terra pola banda do Norte. Afonso Dalboquerque como era marinheiro, e entendia bem a navegação, vendo que os Mestres, e Pilotos hiam errados no que diziam, perguntou-lhes porque lhes parecia bem fazerem o caminho do Norte, pois a Ilha não era descoberta por aquella parte, nem naquella armada avia pessoa, que soubesse quanto a terra bojava da banda do Norte. Os Pilotos, e Mestres não deram rezão a isto, porque não tinham nenhuma que dar, e assentáram no que tinham dito. Afonso Dalboquerque como vio que se não queriam decer da sua opinião, não quis ter mais praticas com elles. O Capitão mór per cima destas differenças pediolhe que lhe dissesse seu parecer: elle lhe res-

pondeo, que pois queria fazer aquelle descobrimento, que devia de ser por aquella parte do Sul, por onde Ruy Pereira viera, porque não era bom conselho descobrir cousas novas por caminho incerto, e mais tendo Piloto, que o podia levar ao porto, que Ruy Pereira tinha descoberto, sem nenhum trabalho, o qual se podia navegar em seis dias a popa: e que no tempo. em que estavam, seria muito dificultoso dobrar-se a ponta da terra da Ilha, que estava em doze gráos da banda do Norte, porque ventavam os levantes, e as agoas corriam muito, e gastariam muito tempo em a dobrar, porque delle tinham mais necessidade que de outra nenhuma cousa. E posto que naquelle conselho não ouve quem contrariasse este parecer de Afonso Dalboquerque, com tudo como ao Capitão mór não pareciam bem suas cousas, não se satisfez disto que lhe disse, e foi-se com o parecer dos Pilotos, e Mestres: e não tardáram muitos dias que vio o erro que tinha feito; e quando o já quis remediar, tinha gastado tres meses ao longo da terra, passando mùitos trabalhos, e perigos sem fazer nada.

CAPITULO X

De como o Capitão mór Tristão da Cunha se fez prestes pera ir descobrir a Ilha, e o que nisso passou.

Como o Capitão mór teve assentado o caminho que avia de fazer, fez se prestes, e partio de Moçambique na entrada de Novembro com todas as náos da obrigação de Afonso Dalboquerque, e a de João Gomez, e Ruy Pereira, e Job Queimado, o qual avia dous dias que chegára, que ficou atrás, por se apartar da armada na tormenta, que lhe deu na volta do Cabo de Sancto Agostinho: e contou que fora ter á Ilha de S. Thomé, e dali fizera sua navegação ao longo da terra até Moçambique, e no caminho sessenta legoas ao mar do rio Dangola achára huma Ilha despovoada muito grande, e de muitos arvoredos. Partido o Capitão mór, dali a poucos dias foi aver vista do parcel de Sancta Maria, que he huma coroa darea em 17. gráos e meio daltura, sessenta legoas de Moçambique, que Afonso Dalboquerque descobrio a primeira vez que foi á India, e toda a frota correo por aquel-

le parcel, indo os Pilotos com os prumos na mão, de oito braças até quatro e meia: e dando neste fundo por ser noite, surgíram; e em amanhecendo, tornáram a seu caminho: e foram assi até averem vista da terra, e junto della lançáram os bateis fóra, e tomáram hum zambuco pequeno com dous Mouros, os quaes trouxeram logo ao Capitão mór, e elles o leváram a hum lugar de Mouros, que estava ali perto, e em chegando a elle, desembarcáram. Os Mouros desempararam o lugar, e fugíram polo sertão dentro, e os nossos os foram seguindo, e matáram alguns, que acháram escondidos por esses matos. E o Capitão mór os mandou recolher por se não desmandarem, e trouxeram algumas molheres, que elle mandou soltar, e pôr fogo ao lugar: e embarcou-se com toda a gente, e foi-se ao longo da costa: e com o milhor resguardo que poderam, foram ter a huma enseada, que se chama Lulangane: e dentro nella hum tiro de bésta da terra firme acháram huma Ilha povoada de muita gente, na qual o Rey tem seu assento, e na terra firme suas criações, e lavouras: e começando a descobrir esta enseada, porque se a gente não acolhesse,

mandou o Capitão mór dous bateis com gente que se fossem meter antre a Ilha, e a terra firme, e não deixassem passar nenhuns Mouros da outra banda. E como os despedio, foi-se com todas as náos surgir no porto diante do lugar, e desembarcou com toda a gente: os Mouros como víram a determinação dos nossos, foi o medo de maneira nelles, que sem receo dos bateis vieram demandar a praia pera passarem da outra banda da terra firme, em zambucos, almadias, e delles a nado: e foi tanta a pressa que tiveram em passar, que os zambucos, e almadias polo grande escarceo que o mar fazia (por respeito da corrente da agoa de hum rio, que ali vem ter), soçobráram com toda a gente: de modo que o mar era todo coalhado de homens, molheres, e mininos mortos. O Capitão mór deu no lugar; e entrando por elle, achou ainda muitos Mouros com azagaias, e adargas, que o esperáram, e trouxe-os todos á espada. E depois deste desbarato, mandou saquear o lugar, onde acháram muitos panos, prata, e ouro, porque vem ali as náos de Melinde, e Mombaça tratar, e a troco disto levam escravos, e mantimentos: e he o arroz tan-

to, que vinte náos o não podem levar. O Capitão mór esteve ali tres dias; e depois de todas as náos tomarem agoa, e mantimentos, embarcou-se, e foi-se ao longo da costa, com determinação de dobrar o cabo da terra, onde gastou muito tempo sem o poder dobrar, com levantes, e agoas que corriam. Neste caminho tomou hum Mouro, que lhe mostrou cravo, e disse que nos matos avia muito: o Capitão mór hia já tão enfadado de suas mentiras, que lhe não deu credito, e soltou-o que se fosse: e fez volta com toda a armada por aquella parte, onde Ruy Pereira tomara os negros.

CAPITULO XI

De como o Capitão mór Tristão da Cunha se tornou ao longo da costa, e se ouvera de perder: e o que passou com o grande Afonso Dalboquerque.

Tornado o Capitão mór ao longo da costa, por não poder dobrar o cabo da terra de S. Lourenço, como tenho dito, os dous Mouros, que tomára em Lulangane, o leváram a huma enseada grande, que se

chama Çada, cercada toda de povoações de Cafres, porque he ali escapola principal de todos os lugares da costa de Melinde, e de Mombaça, e Mogadaxo. Tanto que a armada foi surta, o Capitão mór se meteo nos bateis com toda a gente, e foi demandar a terra, onde deu em duas povoações, que estavão ao longo do mar. Os Cafres, que podiam ser até dous mil com suas azagaias, adargas, arcos e frechas, posto que se poseram em som de lhe defender a desembarcação, vendo a determinação dos nossos, não ousaram de esperar, e fugíram pera os matos. Vendo Afonso Dalboquerque o tempo gastado em descobrir aquella Ilha, com tanto perigo daquella armada, posto que o Capitão mór sofria já mal dizer-lhe nenhuma cousa, foi-se a elle, e disse-lhe, que se lembrasse que estava já em meado Janeiro, e que todo o tempo que mais gastassem naquelle descobrimento, era perdido: que seria mais serviço delRey irem-se ao Cabo de Goardafum esperar as náos, que vinham da India pera o estreito com especiarias, e fazer fortaleza em Çocotorá, como lhe ElRey tinha mandado, que andarem-se ali perdendo. E que se por cima disto queria fazer

aquelle novo descobrimento, que lhe désse licença pera se ir a Çocotorá, e de caminho ajuntar todas as náos, onde quer que as achasse, pera as levar consigo. O Capitão mór, como andava com aquelle alvoroço de descobrir toda a Ilha de S. Lourenço, parecêram-lhe bem estas rezões, e deu-lhe licença que se fosse: e alargou-lhe todas as náos, que hiam ordenadas de Portugal pera ficarem com elle, e deu-lhe hum poder pera que todos os Capitães, que achasse naquella costa, lhe obedecessem. Afonso Dalboquerque, posto que o levava muito largo delRey D. Manoel em segredo, pera tudo o que quisesse fazer, por escusar paixões, que podiam recrecer sobre qual dos poderes era maior, o aceitou. O Capitão mór depois disto despachou Antonio de Saldanha, que fosse a Moçambique tomar entrega da náo Sanctiago, e a fizesse prestes, porque tanto que elle chegasse, a despacharia pera Portugal. Despedido Afonso Dalboquerque, ajuntou suas náos, e foi-se direito a Moçambique, e de caminho mandou a Antonio do Campo que fosse a Quiloa, e dissesse a Lionel Coutinho, e ao Capitão da náo Garça, que tomassem todos os mantimentos

que ouvessem mister, e em Melinde esperassem por elle. Partindo Antonio do Campo, dali a seis dias chegou Afonso Dalboquerque a Moçambique, e começou de entender no corregimento das suas náos, que em breve tempo fez prestes, e partio-se, fazendo seu caminho dereito a Melinde, onde se avia de ajuntar com os outros Capitães pera irem juntos demandar o Cabo de Guardafum. E sendo tanto avante, como as Ilhas do Comoro, veio de noite ter com o Capitão mór. E como foi manhaã tirou a bandeira da gavea, e arribou a elle, e foi-o salvar. O qual lhe deu conta dos muitos enfadamentos que tivera, depois que se delle despedíra: e como Ruy Pereira se perdêra em huns baixos, em que se elle tambem ouvera de perder por ser de noite, senão fora a grita, que a gente da náo deu em tocando na area: e tambem pola diligencia do seu Piloto, que ouvindo a grita, mandára tomar a náo por davante, e milagrosamente tornára a sair por onde entrou; porque tudo por davante eram baixos. Afonso Dalboquerque se tornou dali com elle a Moçambique, onde acháram João da Nova muito doente, que o anno passado partíra da Indía na náo Flor de la mar pe-

ra Portugal: e em hum pairo, que teve no Cabo de Boa Esperança, abrio huma agoa grande, que a fez arribar ás Ilhas Dangoja, e nellas esteve alguns dias trabalhando pela tomar; e vendo que não podia por ser muita, arribára a Moçambique, pera esperar as náos, que viessem do Reyno, e ver se tinha algum remedio pera se concertar. O Capitão mór folgou muito de o ver, porque era seu amigo, e trabalhou por lhe remediar a náo; e porque a agoa se fazia era pola carlinga, e não se podia tomar sem se descarregar, comprou huma náo, que era de mercadores, em que vinha por Capitão, e Feitor André Dias, que depois foi Alcaide de Lisboa, e nella mandou baldear toda a carga de Flor de la mar, e deu a Capitanía della a Antonio de Saldanha, e mandou-o pera Portugal, e em sua companhia huma náo de Fernão de Loronha, de que era Capitão Diogo Mendez Correa. E no caminho dobrando o Cabo de Boa Esperança descobrio huma agoada muito proveitosa pera as náos, antes que se tivesse noticia da Ilha de Sancta Elena, a que pos nome a agoada de Saldanha, onde os Cafres daquella terra matáram o Viso Rey

D. Francisco Dalmeida, indo ali tomar agoa, vindo da India pera Portugal.

CAPITULO XII

De como o Capitão mór Tristão da Cunha se partio de Moçambique com a sua armada, e se foi ver com o Rey de Melinde, e dali a Angoja, e a destrohio.

Partido Antonio de Saldanha pera Portugal, o Capitão mór começou logo concertar sua armada, e fornecela de todas as cousas necessarias: e como foi prestes, partio-se hum dia pela manhaã, e em poucos dias foi ter a Melinde. E chegado ao porto com todas suas náos embandeiradas, depois de salvar a Cidade, e estarem ancoradas, foi-se a terra com todos os Capitães visitar o Rey, e da parte delRey de Portugal lhe deu hum presente, que levava, e offereceo-se pera o servir em tudo aquillo que lhe mandasse, com outros muitos offerecimentos que lhe fez. O Rey lho agardeceo muito, e disse-lhe que elle merecia a ElRey de Portugal seu irmão tudo o que de sua parte lhe dezia, porque era seu ver-

dadeiro servidor, e amigo. E por essa causa os Reys de Mombaça, e de Angola eram seus capitaes imigos, e lhe faziam muitas avexações: que lhe pedia que antes que se fosse daquella terra, lhe désse vingança delles, porque soubessem que tinha elle ElRey de Portugal por si. O Capitão mór lhe disse, que pois a principal cousa que o fizera ali vir fora pera conservar a amizade antiga que tinha com ElRey seu Senhor, que elle lhe prometia, que antes de muitos dias lhe viessem novas do estado em que ficavam seus imigos. E despedio-se delle, ficando em muita amizade, e foi-se embarcar. E Afonso Dalboquerque indo-se despedir do Rey, lhe disse que ElRey de Portugal seu Senhor o mandava com huma armada conquistar o Reyno de Ormuz, e toda aquella costa de Arabia, a qual não era ainda sabida dos nossos Pilotos, que lhe pedia por mercê lhe mandasse dar tres, que soubessem bem aquella navegação, pera os levar consigo: e que elle os pagaria muito bem, e trataria como seus vassalos. O Rey mandou aos Governadores da Cidade que lhe dessem os Pilotos que pedia, e tudo o mais que ouvesse mister pera serviço delRey de Portugal seu ir-

mão. Os Governadores lhe deram tres Pilotos principaes da terra, que sempre navegáram pera aquellas partes, e sabiam muito bem todos os portos daquella costa de Arabia. Despedidos todos do Rey, vieram-se embarcar, e fizeram-se á véla: e sem tomarem outro porto, foram surgir na bahia de Angoja: e tanto que surgíram, mandou o Capitão mór Lionel Coutinho no seu batel a terra pera tomar enformação da gente que avia no lugar, e da fortaleza delle. Os Mouros, que estavam na praia esperando, em chegando o batel perto da terra, começáram-lhe a atirar ás frechadas, sem querer ter prática com os nossos. Lionel Coutinho por lhe não ferirem a gente, mandou ter o batel sobre o remo, e tornou-se pera as naos, e disse ao Capitão mór o que passava. O qual mandou logo chamar os Capitães, e disse-lhes: que elle polas offensas, que o Rey Dangoja tinha feito ao de Melinde, e tambem pela pouca conta que fizera do seu recado, determinava de o castigar, que todos se fizessem prestes, e ao outro dia antemenhaã viessem a bordo da sua náo pera juntos irem cometer o lugar. Os Capitães como foram horas vieram-se nos bateis a bor-

do da Capitaina, e dali se foram demandar a terra pera cometerem a Cidade. Os Mouros como víram vir os bateis, foram-nos esperar á praia pera lhe defender a desembarcação. O Capitão mór vendo-os naquella determinação, pera lhe darem largueza pera desembarcar, mandou aos bombardeiros que lhe tirassem com os berços que levavam nos bateis. Os Mouros como se víram mal tratados dos tiros, deixarám a praia, e recolhidos á Cidade, tomáram suas molheres, e filhos, e o mais fato que poderam levar ás costas, e fugíram pelo sertão dentro. Como a praia foi despejada, desembarcou o Capitão mór com toda a gente em duas batalhas, e Afonso Dalboquerque na dianteira com parte da gente, e elle com a bandeira real na retaguarda. E por não aver resistencia no desembarcar, entráram logo a Cidade, a qual acháram despejada de gente, e fato. O Capitão mór como vio que não avia de que se podesse temer, mandou fornecer a armada de mantimentos, de que avia muitos, e deu licença á gente que roubassem a Cidade, e se recolhessem logo, porque lhe avia de mandar pôr o fogo. E porque ao tempo que se pôs não eram ainda recolhidos, e andavam

todos metidos polas casas a roubar, ouveram de ser queimados, senão acertára o vento de ventar daquella parte onde elles andavam, e quando se já quiseram recolher, foi bem pola esquentada. Recolhidos todos ás náos, mandou o Capitão mór fazer a armada á véla, e botou de fóra da baia com o terrenho que ventava, e fez seu caminho direito a Braboa.

Esta Cidade Dangoja he muito grande, povoada de Mouros, que tratam em Çofala, e por toda aquella costa: não avia nella casas de pedra, e cal, senão os paços do Rey: era toda cercada por derrador de muitas ortas, e arvores de fruito, que a faziam ser muito viçosa: tinha huma bahia muito boa, e de bom surgidouro, não era cercada, está assentada á borda dagoa. O Rey era hum Mouro mercador, que veio de fóra, e por ser muito rico se fizera senhor de toda a terra.

CAPITULO XIII

De como o Capitão mór Tristão da Cunha foi ter a Braboa, e o que nella passou.

Feita a armada á véla, veio-se o Capitão mór ao longo da costa ter á Cidade de Bra-

boa; e em chegando depois de toda surta, porque viò muito alvoroço na praia, mandou Lionel Coutinho no seu esquife a terra pera entender claramente o movimento que faziam os Mouros; e antes que o esquife chegasse, os que estavam á borda dagoa, capeáram-lhe que não portasse em terra. Lionel Coutinho como vio que os Mouros não queriam ter prática com elle, tornou-se pera as náos, e disse ao Capitão mór o estado em que os achára. O qual desconfiado de lhe não querer o Rey aceitar o seu recado, mandou chamar todos os Capitães, e deu-lhe conta do que Lionel Coutinho passára com os Mouros, e como avia muita gente, e muito bem armada. Mas que per cima disto elle determinava de cometer o lugar, e aventurar tudo polo destruir, que se fizessem prestes, e ao outro dia antemenhaã viessem a bordo da sua náo pera dali irem juntos dar nelle. Os Mouros, que estavam na praia, vendo o alvoroço que hia nas náos, e o ajuntamento de bateis derredor da Capitania, como gente que determinava de os cometer, porque os não tomassem desapercebidos, começáram-se a fazer prestes, e ajuntáram muita gente pera defenderem que os nossos não desem-

barcassem, confiados tambem no mar, que arrebentava em terra por ser costa brava, que ao desembarcar os acapelaria, e morreriam todos. Estando ElRey nesta determinação, foram-se a elle de noite dous Mouros velhos, que ali vieram viver fogidos de Calicut, enfadados da guerra, que o Çamorim tinha com os Portugueses, e disseram-lhe: *Senhor, tu não não tens bom conselho em querer guerra com os Frangues, dos quaes o Çamorim de Calicut, sendo tão poderoso, na guerra que teve com elles, nunca pode levar o milhor: e deves de crer que nenhum Rey de toda esta costa he poderoso pera lhe defender que não desembarquem em sua terra cada vez que quiserem, e a deixem toda chea de sangue, queimando-a, e destroindo-a, como fizeram a Angoja: e pois assi he, pedimos-te que os queiras ouvir, e fazer com o Capitão mór desta armada huma paz arrezoada, e não ponhas em risco perder teu estado, e nós sermos todos destroidos. E quando for cousa tão fóra de rezão que não seja tua honra conceder-lha, póde-se então dilatar o negocio com boas palavras, porque este he o tempo, em que aqui cursa a vara de Choromandel, como sabes; e se vier, es-*

tando elles ali surtos, toda sua armada se perderá sem escapar nenhuma náo, e desta maneira seremos todos vingados delles, sem aventurares perder teu estado. O Rey pareceo-lhe bem este conselho dos Mouros, e agradeceo-lhe muito a lembrança que lhe fizeram, e mandou logo chamar os principaes da terra, que lhe aconselhavam pelejasse, e deu-lhe conta disto que lhe os Mouros disseram. E praticado tudo antrelles, assentáram que devia fazer isto que lhe os Mouros deziam. E antes que fosse menhaã, mandou ElRey hum Mouro em huma almadia com huma bandeirinha branca pedir seguro ao Capitão mór pera falarem em pazes, o qual foi com este recado, e tornou logo com o seguro. E tanto que chegou, mandou o Rey hum dos principaes Governadores da terra falar com o Capitão mór. E disse-lhe, que o Rey estava muito pesaroso da pouca conta que os Mouros fizeram do seu Capitão, que ali mandára, e que por serem muitos não sabia quaes eram os culpados pera os castigar: que elle queria ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, que lhe mandasse dizer o que queria delle, porque tudo faria. Tristão da Cunha respondeo, que elle

era Capitão mór delRey de Portugal, o qual lhe mandava em seu regimento, que todos os Reys, e Senhores, que estivessem ao longo desta costa, que era de sua conquista, que não quisessem ser seus amigos, e tributarios, que lhes fizesse crua guerra, e os destruisse. E porque o Rey Dangoja não quisera estar nesta obediencia, o destroíra; e que assi determinava fazer a elle, senão quisesse obedecer a ElRey de Portugal, e pagar-lhe pareas; e querendo ser seu vassalo, o serviria com aquella armada contra seus imigos, porque assi o fizera com o Rey de Melinde pela muita amizade que sempre teve com ElRey de Portugal, e polo favor, e honra, que seus Capitães, que vinham ter ao seu porto, recebiam delle. Com esta reposta tornou o Mouro a terra, e contou ao Rey perante todos os principaes, que estavam com elle, isto tudo que passára com o Capitão mór. E depois de muitas práticas, que tiveram sobre esta reposta, de que não ficáram contentes, tornou o Rey a mandar o mesmo Mouro ao Capitão mór, dizendo, que mandar-lhe pedir pareas não era querer sua amizade, mas boscar razões pera se desavir com elle, se lhe não concedesse o que

pedisse: que elle nunca fora tributario de nenhum Rey, mas antes todos os daquella costa trabalhavam polo terem por amigo. E porque isto que elle queria era cousa nova, e não podia responder sem dar conta aos principaes da terra, lhe pedia por mercê lhe désse lugar de tres, ou quatro dias pera ajuntar todos os mercadores, e com elles assentar o que se podia fazer. O Capitão mór lhe respondeo, que elle tinha outras cousas, em que entender, que ElRey de Portugal mandava em seu regimento que fizesse, e que por isso senão podia deter tantos dias: que se quisesse tomar conclusão com elle, que lhe mandasse logo a reposta, e senão, que faria o que avia de fazer. O Mouro tornou a repricar, pedindo-lhe muito por mercê que lhe désse aquelle tempo, que o Rey de Braboa seu Senhor lhe mandava pedir; porque não seria rezão, pois todo aquelle povo avia de pagar o tributo, quando se nisso assentasse, que se fizesse sem conselho, e parecer de todos. O Capitão mór por acabar com elle lhe deu de espaço até outro dia; e não vindo reposta até noite, que elle se avia por respondido. O Mouro se foi a terra, e deu este recado ao Rey, e

ao outro dia já Sol posto tornou com reposta, e disse-lhe, que o Rey era contente de lhe pagar tributo; mas o quanto avia de ser, que se não podia determinar, sem primeiro falar com os Mouros principaes da terra, e todos os mercadores; que elle os tinha mandado chamar, que como viessem, lhe responderia logo. Vendo o Capitão mór que o Mouro, que andava nestes recados, hia, e vinha a terra sem tomar nenhuma conclusão, e que tudo eram dilações, e mentiras do Rey, chegado com este derradeiro recado, mandou-o atar em hum páo, mostrando que lhe queria dar tratos, e apertou com elle que lhe dissesse a causa, porque o Rey não queria acabar de tomar conclusão, pois pera lhe responder si, ou não, avia mister pouco tempo: e que lhe falasse verdade, porque se lhe mentisse, que o avia de mandar lançar no mar com huma camara de bombarda ao pescoço. O Mouro com medo de lhe mandar fazer o que dezia, lhe disse: *Senhor, tu estás diante desta Cidade, onde neste tempo cursa um vento, que se chama a vara de Choromandel, que vem daquellas partes tão de supto, e tão grande, que se agora acertasse de vir, não escaparia ne-*

nhuma náo desta tua armada, que se não perdesse. E com a esperança, que todos temos, que cada dia virá, anda o Rey comtigo nestas dilações. O Capitão mór temendo que podia isto ser assi, mandou pôr o Mouro a bom recado, e fez-se prestes pera ao outro dia antemenhaã dar na Cidade.

CAPITULO XIV

De como o Capitão mór Tristão da Cunha foi cometer a Cidade de Braboa, e depois de destroida, se partio pera Çocotorá.

Passada esta prática, que o Capitão mór teve com o Mouro, que andava nos recados, avisou logo os Capitães de tudo o que com elle passára, e que sua determinação era ao outro dia antemenhaã cometer a Cidade, que todos se fizessem prestes, e áquellas horas viessem a bordo da sua náo, e levassem fatexas, e cabos compridos nos bateis pera deixarem por regeiras ao mar polos não acapelar, que por ser costa brava arrebentava muito em terra. Os Capitães se fizeram prestes toda aquella noite, e como foram horas, vieram-se com sua gente nos

bateis a bordo da náo Capitaina, e como chegáram, abalou logo o Capitão mór pera terra, duas horas antemenhaã, sem tangerem trombetas, por não serem sentidos. O Rey receoso do que podia ser, pola tardança do Mouro, que tinha mandado, e não vinha com reposta, mandou toda a noite vigiar a praia, de modo que não poderam os nossos ir tão calados que não fossem sentidos: e logo acodíram muitos Mouros á praia, que trabalháram por lhe empedir a desembarcação; e porque eram muitos, e o mar andava muito de levadia, teveram os nossos grande trabalho no desembarcar. E com tudo lançados pola agoa meios molhados, cometêram os Mouros tão valerosamente, que logo ali ficáram muitos estirados, e os que escapáram do seu ferro foram fogindo pera a Cidade. O Capitão mór como os vio postos em desbarato, não querendo dar tempo aos Mouros que fogiam, mui espantados do improviso mal, mandou a Afonso Dalboquerque que tomasse a dianteira, e fosse no seu alcance, o qual, com a gente que levava, os foi seguindo. E á entrada da Cidade fizeram os Mouros resistencia aos nossos, e matáram quatro ou cinco, e feríram Antonio de Sá

no rosto com huma frecha. E estando assi ás lançadas com os Mouros, chegou o Capitão mór, e todos juntos entráram pela Cidade dentro apôs elles, que hiam fogindo, e as molheres com pedras lhe feriam muita gente dos terrados. Os Mouros como chegáram a huma praça grande, onde estava huma mesquita, ajuntáram-se todos, e esperáram os nossos com determinação de morrerem; e como elles eram muitos, e a praça grande, estiveram os nossos, que eram poucos, em risco de se perderem. Como esta nova chegou aos bateis, os marinheiros, e bombardeiros, que ficáram em guarda delles, largáram-nos, e tomáram baldes de couro cheos de panelas de polvora, e doutros artefícios de fogo, e foram-se a gram pressa ter á praça, onde o Capitão mór estava, e com as panelas de polvora, lanças, e bombas de fogo que levavam, fizeram grande estrago nos Mouros. Os nossos com este novo socorro apertáram tão rijo com elles que viráram as costas, e foram fogindo pera fóra da Cidade, na qual não ficáram senão molheres, que carregadas de fato hiam seguindo seus maridos. E os nossos foram em seu alcance, e matáram muitas, e tomáram-lhe o

que levavam. Receoso o Capitão mór que seguissem os Mouros, que hiam fogindo darrancada, mandou a Afonso Dalboquerque que os recolhesse, e não consentisse que fossem mais por diante. E como foram recolhidos, tornou-se o Capitão mór á praça, e foi cometer a mesquita, onde matáram todos os Mouros, que estavam dentro, e na entrada o feríram em huma perna de huma fréchada. Acabado este feito, pos-se na praça, e depois de descançar disse a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê o fizese Cavaleiro, porque o queria ser da sua mão ali naquelle lugar, onde os Mouros lhe tiráram o seu sangue. E logo se ajuntou toda a gente no meio da praça, e tocáram as trombetas, e Afonso Dalboquerque o fez Cavaleiro, com suas cerimonias acostumadas. E depois de Tristão da Cunha ser feito Cavaleiro, fez elle seu filho Nuno da Cunha, e outros muitos Fidalgos. E acabado isto, foi-se o Capitão mór com todos aos paços do Rey, que eram mui grandes, e mui fermosos, nos quaes até então não consintio que entrasse ninguem, onde achou muita prata, e muito ouro, muitos panos de seda, e outras cousas muito ricas, e muito dinheiro em

xerafins, e tudo repartio pelos Capitães, e gente nobre da armada. E porque se hiam fazendo horas pera embarcar, e tambem polo receio que tinha de vir a tormenta, que lhe o Mouro tinha dito, mandou o Capitão mór tocar as trombetas pera se recolherem; e depois de toda a gente junta, poseram fogo á Cidade por quatro partes, a qual ardeo tão fortemente, que foi cousa de espanto. Queimou-se ali muita fazenda, que os nossos não tiveram tempo pera trazer, nem o mar lhe dava lugar pera a embarcarem tão de pressa, como o Capitão mór queria.

Braboa he huma Cidade grande, de muito boas casas de pedra, e cal, está assentada á borda dagoa, não tem porto nenhum, tudo he costa brava, desemparada de todas as partes, he povoada de Mouros naturaes da terra, e tratam dali com Çofala, e por toda aquella costa, e ali vem as náos de Cambaia carregadas de roupa, e nesta Cidade he o principal tráto della, e de outras muitas mercadorias, porque vem ter aqui hum rio mui grande, que córta a terra toda, e não sae ao mar: e por este rio navegam os mercadores desta terra pera muitas partes, e vam ter dali a huma feira, que se faz em

Manamotapa, que he o sertão de Çofala, onde levam esta roupa de Cambaia, e Anfião, sandalos, e agoa rosada, e outras mercadorias, em que fazem grandes proveitos, e de lá trazem ouro, e outras mercadorias, e todos os lugares do sertão navegam per este rio, e vem ter a Braboa, o qual estará meia legoa do mar, e por causa deste rio se fez esta Cidade tão nobre, e tem muitos, e bons edificios.

CAPITULO XV

De como o Capitão mór Tristão da Cunha se partio de Braboa, e fez seu caminho direito á Ilha de Çocotorá, e o que nella passou.

Recolhido o Capitão mór ás náos, fez-se á véla, e foi ao longo da costa com toda a armada, com determinação de dar em Magadaxo. Afonso Dalboquerque, porque estava assentado do outro dia que cometessem a Cidade, foi-se adiante, e surgio defronte della. Vendo o Piloto mór da armada, que se chamava Afonso Lopez Buraquinha, que a determinação do Capitão mór era dar em

Magadaxo, e que se gastava o tempo: como sabia muito bem a navegação daquellas partes, porque andára já ali em companhia de Antonio de Saldanha, foi-se a elle, e disse-lhe que a moução daquellas partes era já quasi gastada, e que se mais ali andasse, não lhe ficava tempo pera dobrar os baixos de S. Lazaro, que estavam dali cincoenta legoas; e que tendo-os dobrados, não lhe podia fazer nojo o travessão, que naquelle tempo cursava naquella costa, ainda que viesse, porque tinha mar largo por onde correr. O Capitão mór mandou chamar os Pilotos Mouros, e todos os da armada, e disse-lhes isto que o seu Piloto dizia; e porque todos foram de seu parecer, mandou que fizessem seu caminho na volta de Çocotorá, e fez final a Afonso Dalboquerque que se levasse, e o seguisse. E sem tomarem outra terra, foram surgir no Çoco, que he o porto principal que a Ilha tem, e onde está a povoação: e com todas as náos embandeiradas, e de festa salváram o lugar com artelharia por ser de Christãos. Vendo o Capitão mór a fortaleza que os Mouros ali tinham feita, cercada toda de muro, e barbacã, e torre de menagem, porque era muito differente da

informação, que ElRey D. Manoel tinha, mandou chamar Afonso Dalboquerque, e todos os Capitães á sua náo; e disse-lhes, que ElRey seu Senhor lhe mandára que fizesse huma fortaleza naquella Ilha, na qual avia de ficar por Capitão D. Afonso de Noronha, que ali estava presente, pera guarda, e emparo dos Christãos, que nella viviam des do tempo de S. Thomé, porque seus desejos eram dilatar o nome de nosso Senhor por todas as partes de sua conquista. E porque achava isto fóra da enformação que S. Alteza tinha, lhes pedia seu parecer do que faria naquelle caso. Os Capitães todos lhe disseram que devia de ter fala com o Capitão da fortaleza pera saber delle sua determinação; e quando não quisesse estar á obediencia delRey de Portugal, que a devia cometer, a entrala por força. O Capitão mór lhe pareceo bem este conselho, e mandou logo Pero Vaz Dorta, e Gaspar Rodriguez lingoa a terra, que dissessem ao Capitão, que ElRey de Portugal o mandára com aquella armada fazer huma fortaleza naquella Ilha, por ser enformado que era de Christãos, e que a achava senhoreada de Mouros; que lhe pedia, e rogava que dei-

xasse a fortaleza, e que lhe daria salvo conduto, e embarcação pera elle, e toda sua gente se irem pera sua terra. E se isto não quizesse, que elle determinava de lhe tomar a fortaleza, e não dar vida a nenhum Mouro, que nella estivesse, porque assi lho tinha mandado ElRey de Portugal seu Senhor. O Capitão lhes respondeo, que dissessem ao Capitão mór, que elle, nem os Fartaquins, que tinha em sua companhia, não morriam dabafas, senão a ferro, que fizesse o que quizesse, porque elle não avia de deixar a fortaleza, sem primeiro serem todos mortos, que este era o costume dos Fartaquins. O Capitão mór com esta reposta tão determinada mandou chamar Afonso Dalboquerque, e os Capitães, e deo-lhe conta de tudo. Todos assentáram que se cometesse a fortaleza, e que nosso Senhor os ajudaria, e amansaria a soberba daquelle Mouro; porque ainda que de fóra parecesse muito forte, era tão pequena, que não podia ter gente, que resistisse ao poder daquella armada. Assentado isto, porque no porto do Çoco, onde estavam surtos, andava o mar sempre de levadia, e não se podia desembarcar nelle sem muito trabalho, e perigo da gente, de-

terminou o Capitão mór de buscar porto, onde sem trabalho podessem desembarcar: e foi-se no seu batel com Afonso Dalboquerque ao longo da praia, e víram huma angra junto de hum palmar, onde o mar dava jazigo; e posto que fosse hum pouco mais longe, assentáram de desembarcar ali, e tornáram-se pera as náos. E o Capitão mór avisou logo a todos os Capitães, que estivessem prestes pera o outro dia antemenhaã irem cometer a fortaleza, e desembarcarem por aquella parte do palmar, não dando o mar jazigo naquelle porto, onde estavão surtos, por ser mais perto. O grande Afonso Dalboquerque como chegou á sua náo, mandou a D. Afonso de Noronha seu sobrinho que se fizesse prestes no seu batel com quarenta espingardeiros, e levasse um falcão com polvora, e pilouros, e dous bombardeiros, e huma cabria, e dous troços descada pera sobirem ao muro da fortaleza, se fosse necessario: e que elle iria no esquife da náo com D. Antonio de Noronha, D. João de Lima, e D. Geronimo de Lima seu irmão, e outros Fidalgos, dando-lhe costas. Prestes tudo, foi-se Afonso Dalboquerque á náo Capitaina, a dali abaláram todos direitos ao

palmar. O Capitão mór com todos os Capitães da sua armada na dianteira, e Afonso Dalboquerque com os seus Capitães, e gente da retaguarda, o qual como viò que o mar ali no porto hia dando jazigo, e que podia desembarcar defronte da fortaleza por ser mais perto, deixou-se ir de vagar ao longo da terra, picando o remo a ver se o mar abonançava. O Capitão da fortaleza, que estava vigiando a determinação dos nossos, como vio que o Capitão mór hia demandar o palmar, onde já tinha uma estancia muito forte, que fizera toda aquella noite, saio-se fóra da fortaleza com cem homens, e foi-se dereito á estancia pera lhe defender a desembarcação. Afonso Dalboquerque vendo que o Capitão deixava a fortaleza, e que o mar dava jazigo, mandou a D. Afonso de Noronha que tomasse terra defronte della, e desembarcasse logo, e que elle os seguiria, e todos juntos desembarcáram. O Capitão, que hia demandar o Capitão mór, vendo que Afonso Dalboquerque lhe ficava nas costas, receando que lhe tomasse a porta da fortaleza, e não tivesse por onde se recolher, deixou oitenta homens com hum Capitão, pera que defendesse a estancia, e elle com vinte em sua

companhia tornou atrás pera acudir á porta que lha não tomassem, e veio-se a encontrar com D. Afonso de Noronha, que hia já caminhando com sua gente pera ella. E em se encontrando, ouve entre os nossos, e os Mouros huma grande perfia de cutiladas, e lançadas, de maneira, que de huma parte, e da outra foram alguns feridos. E D. Afonso de Noronha encontrou-se com o Capitão, e andando com elle ás cutiladas, tendo-o já quasi rendido, chegou Afonso Dalboquerque com toda a outra gente, e acabáram de o matar. Os Fartaquins como víram o seu Capitão morto, volvêram as costas, e foram fogindo contra a fortaleza, e no alcance matáram os nossos oito: os outros deram volta por derredor da fortaleza, e fogíram pera a serra. Os Mouros, que estavam em cima de huma guarita, como víram a nossa gente ao pé do muro, começáram a deitar muitos cantos, e pedras, com que os tratavam muito mal. E deram com um canto no capacete de Afonso Dalboquerque, que logo cahio no chão mal tratado, e nem por isso perdeo o sentido de mandar a gente que se arredasse, e a Nuno Vaz de Castelo-branco que fosse ao batel, e trouxesse o tiro, e a cabrea, e

troços descada, machados, e vaivens pera quebrarem as portas da fortaleza. Como Nuno Vaz trouxe a escada, mandou Afonso Dalboquerque encostala ao muro, e começáram os nossos a sobir por ella, e o primeiro foi Gaspar Dias de Alcacere do Sal, que levava a sua bandeira, e Nuno Vaz de Castelo-branco, e o guião de Job Queimado, e outros, que o seguíram. Vendo-se os Mouros entrados dos nossos, sem lhe poderem resistir, recolhêram-se a huma torre, que estava pegada com a da menagem. Como os Mouros largáram a guarita, mandou Afonso Dalboquerque com machados, e vaivens quebrar as portas, e entráram todos dentro em hum terreiro, e foram-se á porta da torre, onde os Mouros se recolhêram, e ali esperáram que o Capitão mór chegasse, que vinha já de volta com os Mouros.

CAPITULO XVI

De como o Capitão mór Tristão da Cunha entrou na fortaleza: e do que passou, chegando a ella.

O Capitão mór Tristão da Cunha pela parte do palmar, onde foi desembarcar,

teve hum pouco de trabalho com os Mouros, que lhe defendiam valerosamente a desembarcação; mas isto lhe aproveitou pouco, porque elle os cometeo com tanta furia, e esforço, que fizeram pouca resistencia; e deixando a estancia, foram fugindo demandar a porta da fortaleza, e o Capitão mór lhe foi seguindo o alcance com a sua gente, matando muitos delles; e os que ficáram vivos, vendo-se atalhados, por Afonso Dalboquerque a ter já entrado, voltáram por detrás della, e salváram-se na serra. O Capitão mór entrando pela porta da fortaleza no patio, achou Afonso Dalboquerque ao pé da torre, por onde se os Mouros recolhèram; e chegando, mandou a Nuno Vaz de Castelo-branco com quatro, ou cinco homens, que fosse ver se podia achar entrada por alguma parte pera sobirem a ella: e no cabo do patio víram uma escada de pedra, que era serventia da torre, e sobindo por ella, foram ter ao terrado da torre, e ali acháram huma porta, que hia pera o sobrado debaixo, que os Mouros tinham trancada de tal maneira, que não se podia entrar: e do sobrado do meio, onde estavam, tratavam muito mal os nossos ás frechadas. Os Fidalgos, que ali estavam,

vendo-se mal tratados dos Mouros, sem lhe poderem fazer nenhum nojo, determináram de se aventurar, e cometer a porta pera entrar com elles. E o primeiro, que a cometeo, foi D. Antonio de Noronha; e querendo sobir, veio hum Mouro com huma espada sobrelle, e ouvera-lhe de cortar o pescoço, se Afonso Dalboquerque, vendo vir o golpe, o não emparára com a sua adarga. Os Mouros vendo-se entrados por cima do terrado, recolhêram-se á torre da menagem por huma escada, que hia de huma pera a outra, não sendo já a este tempo mais de vinte cinco, estando na fortaleza, quando a cometêram, cento e cincoenta, porque todos os mais eram mortos, e fugidos pera a serra. Recolhidos á torre da menagem, trancáram as portas, e deixaram-se estar: e o Capitão mór mandou-as logo quebrar com vaivens; e porque a escada era tão estreita, que não podiam sobir por ella, senão hum homem ante outro, e os Mouros tinham pouco trabalho em se defender, quis o Capitão mór, por lhe não matarem alguns dos nossos na entrada desta torre, cometer-lhe partido: e disse a Afonso Dalboquerque, e aos outros Capitães, que aquelles Mouros estavam tão emperrados, e

elles tão desejosos de os matar, que o remedio pera os entrar avia de custar muito: que seria bom conselho deixarem-nos ir livremente, porque ainda que os matassem todos, não se ganhava nisso mais honra da que tinham ganhado em lhe tomarem a sua fortaleza. E porque isto, que o Capitão mór disse, pareceo bem a todos, mandou logo por Gaspar Rodrigues lingoa dizer ao Mouros á porta da torre, que o seu Capitão era morto, como elles muito bem sabiam, e toda a outra gente da sua companhia, e que elles soos ficavam, que lhes rogava muito que se quisessem decer de sua opinião, e deixar a fortaleza. que elle lhe daria seguro, e embarcação pera se irem pera sua terra. Os Mouros lhe respondêram, que agardeciam muito ao senhor Capitão mór querer-lhe dar as vidas, e que bastava pera elles não quererem aceitar esta mercê, mandar-lhe dizer que o seu Capitão era morto, porque os Fartaquins não costumavam tornar a sua terra vivos, deixando o seu Capitão no campo morto, e mais sendo filho do seu Rey: que fizesse o que quisesse, porque elles não se aviam de dar. O Capitão mór com este desengano dos Mouros, mandou a João Freire seu pagem, e Nu-

no Vaz de Castelo-branco, e Dinis Fernandes, que depois foi Patrão mór da India, Antonio Dinis de Setuvel, e Pedralvares pagem do Conde de Abrantes, que sobissem ao terrado da torre, e vissem se por ali podiam entrar com os Mouros. E o primeiro que sobio foi João Freire, que do salto que deo do peitoril da torre no terrado foi sentido delles, os quaes abríram a porta, que hia pera o terrado, e vendo-o só, remetêram a elle, e matáram-no, e acabando de o matar, chegáram os outros. Os Mouros como os víram, tornáram-se a recolher ao sobrado, onde estavam, e trancáram a porta. Os nossos vendo que não podiam seguir os Mouros, fizeram hum buraco no terrado da torre, e ás pedradas, e tijolos, com que lhe tiravam, e Nuno Vaz de Castelo-branco com huma bésta, que levava, começáram-nos a tratar mal. Espertado Afonso Dalboquerque da vergonha, que todos passavam, por aver tres horas, que ali estavam, sem poderem entrar a torre defendida por quatro Mouros, mandou trazer do seu batel dous padeses Biscainhos, e no emparo delles, que levavam dous soldados, começáram a sobir animosamente pela escada acima os que podiam caber, e todos os fo-

ram seguindo, sendo bem servidos de fréchadas, e lançadas de aremesso; mas nem isso lhes valeo pera os nossos deixarem de os entrar; e os que estavam em cima no terrado como víram a revolta que avia no sobrado, e a portinha desemparada, quebráram-na, e decêram pela escada abaixo, e huns, e outros entráram de roldão com os Mouros, e matáram todos sem ficar nenhum, e foi á custa de cinco, ou seis dos nossos, que morrêram, e muitos feridos, e cativáram hum que se deo, do qual se Afonso Dalboquerque depois aproveitou na costa de Arabia, onde andou, porque este Mouro era grande Piloto daquella costa, e deu-lhe hum roteiro de todos aquelles lugares do Reyno de Ormuz, que hum Piloto, que se chamava Omár, andando ali, em cuja companhia elle andára por marinheiro, fizera. Foi a fortaleza cometida ás seis horas pela menhaã, e acabada de entrar huma hora depois do meio dia: não se tomáram nella muitos despojos, porque os Mouros eram fronteiros, e acháram-se alguns mantimentos. armas, e espadas com letreiros em Latim, que diziam: *Deos ajudame*. Passada esta vitoria, ao outro dia pela menhaã foi-se o Capitão mór com toda a gen-

te em procissão a misquita dos Mouros; e porque avia de ser a principal Igreja, poseram-lhe nome *N. Senhora da Vitoria,* na qual Fr. Antonio do Loureiro da Ordem de S. Francisco disse Missa, e não foi sem muitas lagrimas dos nossos, por verem em huma terra tão remota de Portugal ser celebrado o nome de nosso Senhor Jesus Christo naquella casa de abominação.

CAPITULO XVII

Do recado, que o Capitão mór Tristão da Cunha mandou á gente da terra, e o que passou com elles. e como acabou a fortaleza de Çocotorá, e se partio pera a India, e como ficou o grande Afonso Dalboquerque por Capitão mór da armada.

Como o Capitão mór Tristão da Cunha foi em posse da fortaleza, mandou por hum lingoa recado aos Christãos, que fugiram de huma povoação, que estava junto della, rogando-lhe muito que se tornassem, e não fizessem nenhum abalo de si, nem se escandalizassem da destruição, que tinham feito nos Mouros; porque a principal causa,

porque ElRey de Portugal lhe mandára tomar aquella fortaleza, e lançar os Mouros da Ilha, fora polos livrar de seu poder, pela informação que tinha de serem os moradores della Christãos. Como a gente da terra teve este recado do Capitão mór, sabendo que eram Christãos, vieram-se lançar aos seus pés (já fóra do receo que dantes tinham), dando-lhe muitas graças pela mercê, que lhes fizera em os tirar da sogeição dos Fartaquins, dos quaes eram tão avexados, que não contentes de serem senhores de todo o seu, ainda lhe tomavam suas molheres, e filhos pera os fazerem Mouros. e lhe faziam outras muitas injurias: e pois o Deos ali trouxera, e todos eram Christãos, lhe pediam que os quizesse emparar, e defender de tão má gente, como aquella era. O Capitão mór com palavras de muito amor os consolou, dizendo, que ElRey de Portugal seu Senhor o mandára ali por amor delles, e que pera sua segurança fizesse naquella Ilha huma fortaleza, e nella ficasse hum Capitão com gente pera os defender dos Fartaquins, e das náos dos Mouros, que por ali passavam da India pera o estreito (não sabendo que os Fartaquins ali a tinham feita), que lhes rogava, e encommendava muito que ti-

vessem sempre paz, e amizade com os Portugueses, principalmente com os que aviam de ficar na fortaleza, e os provessem de mantimentos de que tivessem necessidade. E pois eram Christãos, lhes pedia quisessem receber a doutrina de Christo, e aprender as ceremonias de nossa Igreja, que elles por tanto tempo já tinham esquecidas; porque ElRey de Portugal seu Senhor polos desejos que tinha de sua salvação, mandava ao Padre Fr. Antonio, que ali estava presente, com outros Religiosos pera os doutrinarem nella. Estas, e outras cousas muitas lhes disse o Capitão mór, de que ficáram muito contentes, e prometêram-lhe de fazerem tudo aquillo que lhe mandava: e dali se foram com o Padre Fr. Antonio ás suas Igrejas, onde muitos pela sua prégação, e bom exemplo se bautizáram.

Feito isto, mandou o Capitão mór ajuntar muita pedra, e cal, e entendeo logo no fazer da fortaleza; e deu-lhe tanta pressa, que em breve tempo se acabou; e depois de ser acabada, pos-lhe nome *S. Miguel*, e entregou a capitania della a D. Afonso de Noronha, o qual vinha de Portugal provído por ElRey D. Manoel, e a Fernão Jacome seu cunhado da alcaidaria mór. E porque o tem-

po de sua partida pera a India se chegava, entregou a Afonso Dalboquerque seis náos, que ElRey D. Manoel mandava que lhe désse com gente, mantimentos, e artelharia, e com tudo o mais que lhe fosse necessario pera ficar por Capitão mór de todas aquellas partes (como levava por regimento delRey), com obrigação de prover aquella fortaleza do que fosse necessario, das quaes náos eram Capitães Francisco de Tavora, do Rey grande, Manoel Teles do pequeno, Afonso Lopes da Costa da Taforea, e Antonio do Campo do navio pequeno. E porque o Comendador Ruy Soares avia de ficar em sua companhia, e não era ainda chegado, deixou o Capitão mór Tristão da Cunha João da Nova, Capitão da náo Flor dela mar, em seu lugar; e tanto que Ruy Soares chegasse, se partisse logo caminho da India com novas do que Afonso Dalboquerque tivesse feito na costa de Arabia, pera levar recado disso a ElRey D. Manoel. Acabadas todas estás cousas, o Capitão mór se despidio do Capitão da fortaleza, e de Afonso Dalboquerque, e de todos os Fidalgos, e Cavaleiros, que ali ficavam (o que não foi sem muitas lagrimas de huns, e outros), e partio-se caminho da

India com quatro náos o primeiro de Agosto do anno de sete, onde chegou a salvamento, e ahi tomou sua carga, e se partio pera Portugal. Afonso Dalboquerque começou a entender nas cousas da terra, e repartio os palmares, que os Mouros ali tinham, por esses Christãos naturaes della, e os que rendiam pera a misquita, deu ás Igrejas. E depois de partido Afonso Dalboquerque pera Ormuz, estando os nossos em paz, e amizade com os naturaes da terra, como a gente desta Ilha de sua naturéza he toda maliciosa, e atreiçoada, tiveram pouco que fazer aquelles Fartaquins, que escapáram, de os induzirem contra os nossos, e fizeram com os Christãos da terra, que viviam por essas povoações afastados da fortaleza, que se alevantassem contra os nossos, dizendo-lhe que os Frangues não fizeram ali aquella fortaleza, senão pera os cativarem todos, e tomarem-lhe sua terra, e que se deviam levantar, e não lhe darem mantimentos, porque estavam na força do Inverno, e não era tempo pera lhe poderem vir de fóra, e desta maneira morreriam todos; e que elles os ajudariam, e fariam vir de Fartaque muitos Mouros em seu favor. A gente da terra crendo ser isto assi,

poseram-no por obra, e alevantáram-se, de que socedeo aver antre elles, e os nossos guerras, e desconcertos. E posto que o tempo fosse pouco, porque o trabalho foi continuo, passáram os nossos grandes fomes, e muitas desaventuras, até que Afonso Dalboquerque ali tornou a visitalos, e provelos de mantimentos, como lhe tinha prometido; e quando chegou, avia dias, que a nossa gente não comia outra cousa senão palmitos, e algumas cabras, que tomavam por força com as armas vestidas.

CAPITULO XVIII

De como o grande Afonso Dalboquerque, partido Tristão da Cunha, fez prestes sua armada, e se partio com determinação de ir esperar as náos dos Mouros, que vinham da India pera o estreito, e o que nisso passou.

Acabando o grande Afonso Dalboquerque de pôr em ordem as cousas da terra, quis logo entender em aparelhar a sua armada pera se partir na Lua nova, que era a dez dias do mes de Agosto, por ser este

o tempo, que os Pilotos Mouros, que trouxera de Melinde, diziam que se podia ir demandar a costa de Arabia, e mandou a Pero Vaz Dorta, Feitor da armada, e João Estão, Escrivão, que corressem todas as náos, e se informassem dos mantimentos que cada huma tinha; e pela informação que acháram, se entendeo que na armada não averia mais mantimentos que pera quinze dias. Advertido Afonso Dalboquerque disto, mandou abrir hum paiol de pão, que trazia na sua náo, o qual com muito cuidado mandára guardar, como vio que Tristão da Cunha não se ordenava bem naquella viagem, depois que partíra de Portugal, receando que a dilação do tempo consumiria tudo, e mandou-o repartir por todos os Capitães, ficando elle com sua igual parte, como cada hum delles, porque não quis que o que faltasse aos outros sobejasse a elle. Estando tudo prestes, esperando tempo pera se partirem, deu tão grande temporal do Sudueste, a dous dias do dito mes, na armada, que ouveram de çoçobrar todas as náos, e da força do tempo cassáram todas as amarras que tinham, e o Rey grande foi quasi fóra de sonda, e milagrosamente o teve huma amarra. Vendo-se Afon-

so Dalboquerque de noite nesta fortuna, ficou mui agastado por não ter assentado com os Capitães o caminho que avia de fazer, e onde o iriam aguardar, se as náos se desamarrassem. E logo de noite no meio daquella tormenta aventurou o seu esquife, e escreveo aos Capitães, que sendo caso que seus peccados quisessem que alguma náo se desamarrasse com aquelle tempo, e désse véla, que o fossem aguardar ás Ilhas de Curia Muria, e ali juntos averiam conselho do caminho que fariam. E com este recado mandou a cada hum delles hum Piloto dos Mouros, que trazia de Melinde. E prouve a nosso Senhor, que como foi menhaã, o tempo abonançou, e deu lugar aos Marinheiros pera emendarem suas amarras. E chegando-se o dia de sua partida, mandou Afonso Dalboquerque chamar os Capitães, e todos os Pilotos, assi Mouros, como Christãos, e disse-lhes que o tempo pera se partirem era chegado, que seria bom praticarem o caminho que fariam, se o do estreito de Meca, ou o de Ormuz, ou se iriam logo demandar Dio, e Cambaia, e em que parte destas se poderia milhor prover a armada de mantimentos, porque tinha delles muita necessi-

dade. Apresentadas estas cousas, e tirados todos os inconvenientes, que ouve naquelle conselho, assentáram que com aquelles ponentes fossem demandar o estreito de Ormuz, e tomar Mazcate, e ali se determinariam no que se avia de fazer, e que naquella paragem de Çocotorá, Fartaque, e Ofar andassem oito dias agoardando as náos, que naquelle tempo sahiam de Barbara. e Zeila, e de todo o mar Roxo, pera Dio, e Cambaya, e pera todos os lugares do Malabar.

Assentado isto, fizeram-se todas as náos prestes de vergas dalto, e ancoras a pique, e o grande Afonso Dalboquerque se despedio de D. Afonso de Noronha seu sobrinho, Capitão da fortaleza, e de toda a mais gente que nella ficava, e deu-lhe conta de sua determinação, e assi lhe disse o tempo, em que esperava de o tornar a ver. E partio-se daquelle porto do Çoco a dez dias do mes de Agosto do anno de mil e quinhentos e sete, fazendo o caminho do Norte via de Fartaque, e Dofar. E sendo naquelle mar da garganta do Estreito do mar Roxo, foi o vento. e a cerração tão grande, que por não forçarem os aparelhos, corrêram hum pouco mais largo, por averem vista de Cu-

ria Muria, porque não era tempo pera agoardarem naquella paragem, como tinham determinado; e ainda que ouvessem vista dalguma náo, não fazia mar, nem vento pera abalroarem polo grande perigo que avia, e tambem porque forçadamente aviam de fazer este caminho, e perdia-se nisto muito tempo. E indo assi correndo largo com aquelle vento, a treze dias do dito mes ouveram vista de huma terra alta junto com Curia Muria, a que os Mouros chamam Nooz, e foram ao longo della até se fazerem sete legoas das Ilhas; e pela cerração ser grande, não ouveram vistas dellas, e por ser já noite, se fizeram todos na volta do mar por se afastarem da terra. E como foi menhaã, tornárão-na outra vez a demandar, e não a víram aquelle dia: os Pilotos se fizeram pela altura avante de Curia Muria na costa de Nordeste Sudueste. Afonso Dalboquerque lhe pos huma bandeira na quadra, e veio á fala com elles, e disse-lhes que naquella altura, que se elles faziam, não podia ser avante de Curia Muria; porque navegando polo rumo de Nordeste, como elles diziam, hiam varar nas Ilhas: e isto que elle disse não pareceo bem aos Capitães, nem aos Pilotos,

e fizeram aquella noite o caminho do Norte, e elle o consintio por obedecer ao conselho de muitos. E inda assi de noite vespera de nossa Senhora Dagosto, sendo já o quarto da prima rendido, achou-se Antonio do Campo, que hia diante, no rolo do mar com muito vento, e muito marulho, e tirou dous tiros. Afonso Dalboquerque tanto que os ouvio, mandou fazer final ás náos pera virarem na volta do mar: e todos se fizeram naquella volta, indo os Pilotos com os prumos na mão até se acharem fóra de sonda; e como ali chegáram mandou-lhe fazer sinal de pairo, e todos lhe respondêram, e esteve aquella noite com o forol aceso pairando, e as náos todas por sua popa.

CAPITULO XIX

De como o grande Afonso Dalboquerque, pela muita necessidade que tinha de mantimentos, se foi na volta do estreito de Ormuz, e chegou a Mascate.

Passada toda aquella noite, ao outro dia pela menhaã mandou o grande Afonso Dalboquerque dizer aos Capitães que fizes-

sem sua navegação direito a terra pera tomarem Çalayate, porque pela muita falta de mantimentos que avia na armada, não fazia fundamento de aguardar as náos naquella travessa; e tambem por lhe dizerem os Pilotos Mouros que lhes parecia que deviam ser já passadas, porque os tempos foram tão rijos, que se partissem de Adem, em tres dias eram navegadas. E com esta determinação foram todos na volta da terra, e dali a tres dias ouveram vista de uma ponta della, a que os Mouros chamavam Madrica, e foram-na sempre costeando com aquelle resguardo que cumpria, indo de dia na volta da terra, e de noite na volta do mar, por fazerem seu caminho mais seguro, até averem vista do cabo de Maceiras. E vindo hum dia pela menhaã do mar demandar a terra, os Pilotos Mouros não na conhecêram, porque huns se faziam de dentro do cabo de Resalgate, e outros a ré delle, e embaraçou-os correrem as agoas ali muito teso pera dentro do estreito Dormuz; e polo mar ser brando, e os ventos irem abonançando de cada vez mais, mandáram os Pilotos Mouros chegar as náos bem a terra, e surgíram em fundo de vintecinco até quatorze braças,

porque ainda que a costa seja aparcelada, he limpa, e de boa tensa: e toda esta terra junto do mar he escalvada, e areosa, e no sertão serras muito altas, e asperas. Os Pilotos Mouros como aqui chegáram, conhecêram logo que estavam antre o cabo de Resalgate, e a ponta de Maceiras. E ali esteve a armada surta aquella noite; e em amanhecendo a náo Taforéa, que ficára mais de fóra, tirou dous tiros, e foram logo ver da gavea o que era, e o gageiro disse que via tres vélas ao mar. Afonso Dalboquerque mandou recado a Antonio do Campo, e Manoel Telez que se fizessem á véla, e fossem ver que náos eram; e sendo caso que perdessem a armada de vista, que se fossem ao longo da costa, e no cabo de Resalgate o achariam, porque o Piloto Mouro que levava sabia muito bem a terra. Partidos estes Capitães, mandou Afonso Dalboquerque fazer as outras náos todas á véla, e foram surgir aquelle dia á tarde de dentro do cabo de Resalgate, que he uma costa bem assombrada, e limpa, e de bom surgidouro; e estando ali, chegáram Antonio do Campo, e Manoel Telez, e disseram que as náos, que o Gageiro víra, eram tres barcos de

pescar, e com o ar do mar pareciam vélas grandes, e por o vento ser calma, lhe fugíram á véla, e ao remo, e acháram ali naquelle porto, onde estiveram aquella noite, trinta, ou quarenta navios de pescar, que vem ali da Cidade de Ormuz, Calayate, e de toda aquella costa fazer sua pescaria de Bonitos, e Albecoras, porque he grande carregação deste peixe pera muitas partes, como o Atum do Algarve, e queimáram-nos todos, e ao outro dia pela menhaã partíram com bem vento, e levavam os bateis das náos com mastos, e vélas, e sobre a tarde foram ter á boca de hum rio, e dentro fazia huma grande lagoa; e mandou Afonso Dalboquerque ao mestre da Taforéa que fosse no batel ao longo da terra, e visse que cousa era, e que sonda tinha, e achou sete braças, e a lagoa era de agoa salgada, e achou dentro quatro zambucos pequenos, a que poseram o fogo, e dali foram sempre ao longo da costa por parcel de vinte, vinte cinco braças, fundo limpo, ter a hum lugar pequeno de casas palhaças, que os Pilotos Mouros disseram ser de pescadores, e por terra ao longo da costa hia muita gente de pé, e de cavalo, e camelos dandadura,

seguindo a nossa armada, a qual foi sempre por este parcel até vista da Cidade de Calayate. E tanto avante como o porto, mandou Afonso Dalboquerque aos Capitães que tomassem as vélas grandes, e se posessem de verga dalto, e mandassem embandeirar as náos, e fazer prestes toda sua artelharia; e com os traquetes, e mezenas, levando seus bateis por diante, fossem surgir diante da Cidade, e assi o fizeram todos com grande prazer e muitas gritas, sem trombetas, porque lhas não quis dar Tristão da Cunha.

CAPITULO XX

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os Governadores da Cidade de Calayate, chegando a ella.

Chegado o grande Afonso Dalboquerque com sua armada a Calayate, gastáram aquella tarde toda em concertarem suas náos, e se aparelharem, e ao outro dia pela menhaã mandou hum batel a terra, e nelle Pero Vaz Dorta, Feitor da armada, e João Estão, Escrivão, e Gaspar Rodrigues lingoa. Chegados a terra, os Mouros, que lo-

go acodíram á praia, lhe perguntáram, que era o que queriam, e donde eram. E Pero Vaz Dorta lhe respondeo pelo lingoa, que aquella armada era delRey D. Manuel, Rey de Portugal, e Senhor das Indias; que o Capitão mór, que nella vinha, queria saber que lugar aquelle era, e de que Reyno, e senhorio. Os Mouros lhe respondêram, que aquella Cidade se chamava Calayate, e que era do Reyno de Ormuz, que se alguma cousa quisessem, que lha dariam de muito boa vontade; e com esta reposta, que os Mouros deram, se tornáram Pero Vaz Dorta, e João Estão, e disseram a Afonso Dalboquerque o que passava. Ao outro dia pela menhaã o Goazil, e os Regedores da Cidade lhe mandáram dizer que mandasse dous homens seus em terra, porque lhe queriam mandar outros dous a falar com elle. Afonso Dalboquerque lhe mandou dous moços seus, e de terra vieram dous Mouros honrados, e disseram-lhe da parte do Goazil, e Regedores da Cidade, que tudo aquillo, de que tivesse necessidade pera a sua armada, lhe mandariam dar de muito boa vontade, porque desejavam de ter paz, e amizade com El-Rey de Portugal, e trouxeram-lhe hum pre-

sente de laranjas, limões, romans, e galinhas, e alguns carneiros; e porque com todas estas boas palavras, e presente, não deixava de andar muita gente ao longo da praia, e pela Cidade armados, e vestidos como Turcos com seus arcos, lanças, espadas, e cimitarras, e na ribeira tinham huma estancia com quatro bombardas, não lhe quis o grande Afonso Dalboquerque tomar o seu presente, dizendo-lhe, que não avia de aceitar nenhuma cousa de pessoas, a que ouvesse de fazer a guerra, senão quisessem ser vassalos delRey de Portugal, cujo Capitão mór elle era, enviado por seu mandado ao Reyno, e Cidade de Ormuz. Os Mouros lhe respondêram, que se elle hia a Ormuz, que aquella era a porta, que os tratasse bem, e elles lha abririam, e entraria na casa: e que pois sua determinação era ir-se ver com o Rey de Ormuz seu Senhor, que se concertasse com elle; e quando não quisesse concerto nenhum, que elles estariam á obediencia delRey de Portugal, e como seus vassalos lhe pediam muito, que os não quisesse destruir, nem fazer-lhe guerra. Afonso Dalboquerque mandou chamar os Capitães, e deu-lhe conta desta reposta, que os Rege-

dores da Cidade lhe mandáram, e assentáram todos, que querendo-lhes elles dar todos os mantimentos, que ouvessem mister pera a armada, pela muita necessidade que delles tinham, que devia de dissimular, e dar-lhe seguro até chegar a Ormuz, e fazer da necessidade virtude até averem os mantimentos. Assentado isto, despedio Afonso Dalboquerque os Mouros com esta reposta; e como os Regedores da Cidade desejavam muito a paz, pelo receo que tinham da nossa armada, por não estarem apercebidos tornáram logo a mandar os Mouros com sessenta fardos de arroz, e outros tantos de tamaras, e trinta carneiros, e outros refrescos da terra. Afonso Dalboquerque, porque não sabia como socederiam as cousas de Ormuz, não quis tomar nada de graça, e mandoulhe pagar tudo o que lhe trouxeram. Os Mouros não queriam aceitar a paga, dizendo, que aquelle presente, que lhe os Regedores da Cidade mandavam, era em sinal de amizade, porque todos estavam prestes pera fazer tudo o que elle mandasse, e que por isso não aviam de tomar paga nenhuma; e se o Rey de Ormuz não quisesse fazer paz, que elles lhe entregariam a Cidade. Afonso

Dalboquerque todavia lhe fez tomar per força a paga, e mandou-lhes fazer hum seguro em nome delRey D. Manuel, assinado por elle até sua chegada a Ormuz; e porque neste seguro não entravam as náos dos estrangeiros, que estavam no porto, mandou-lhe tomar huma náo de Adem, que seria de dozentos toneis, que ali estava carregando de cavalos, e tamaras. O senhor da náo vendo que lha tomaram, socorreo-se ao Goazil, que era Governador da Cidade, pedindo-lhe que lhe valesse a não lhe tomarem a sua náo, e o Goazil mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que por honra daquella Cidade lhe pedia por mercê lhe mandasse aquella náo, que elle daria tudo o que mandasse. Afonso Dalboquerque se escusou, dizendo, que a tinha dada a Gaspar Rodrigues lingoa, que se a elle quisesse resgatar, que bem o podia fazer, que lhe pesava muito de o não poder servir com ella, e que elle lhe mandaria que se concertasse com o senhorio da náo, e Gaspar Rodrigues se concertou com elle, e deu o dinheiro ao Feitor pera despesas da armada.

Calayate he huma Cidade tão grande como Santarem, mal povoada, com muitos

edificios antiguos derribados. E segundo a informação que Afonso Dalboquerque teve de alguns Mouros, parece que foi destruida por Alexandre, que conquistou toda aquella terra: bate o mar nella, o porto he muito bom. e está assentada ao pé de humas serras grandes, e da banda do sertão, hum pouco afastado da Cidade, tinha hum muro de altura de huma lança, que sae do ceo da serra, e vem ter ao mar: fizeram isto os moradores por amor dos Mouros do sertão, porque os vinham muitas vezes afrontar, que he do senhorio de hum Rey, que se chama o Benjabar, o qual tem muita gente de cavalo, derredor da Cidade não ha arvore nenhuma, senão humas poucas de palmeiras, que estavam junto de huns poços de agoa, donde bebem: e do sertão lhe vem todo o mantimento de trigo, cevada, milho, e tamaras, que de tudo isto ha muito nelle. Este porto he grande escapola de náos, que ali vem carregar de cavalos, e tamaras pera a India. O Rey de Ormuz mandava ali hum Mouro honrado cada anno por Goazil, este governava a justiça, e fazia guerra, e paz, quando lhe parecia bem. E nas rendas, e direitos, que se pagavam ao Rey,

não entendia senão hum capado criado do Cogeatar, e em todos os lugares do Reyno de Ormuz tinha posto estes seus escravos capados, que governavam a fazenda, aos quaes se tinha grande obediencia na terra.

CAPITULO XXI

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio da Cidade de Calayate, e foi ter a Curiate, e o tomou por força de armas.

Recolhidos os mantimentos, despedio o grande Afonso Dalboquerque os Mouros, que andáram neste concerto, que tinha comsigo, e partio-se do porto hum Domingo vinte e dous dias de Agosto, levando sempre a costa na mão, com determinação de lhe não ficar nenhum lugar em toda ella, que não visse o que nelle podia fazer, porque avia por cousa muito principal pera levar Ormuz nas mãos, senhorear primeiro todos os lugares, e portos, que por aquella costa achasse, e queimar-lhe todas as náos pera se não poderem ajudar dellas. E indo assi á vista da terra, disse aos Pilotos Mouros, que elle tinha hum roteiro, que fizera hum Piloto Mouro,

que se chamava Omár, de todos os portos Villas, e Lugares daquella costa, andando ali em companhia de Vicente Sodré, e dizia nelle, que cinco legoas de Calayate estava hum porto, que se chamava Icce, que lho mostrassem (cuidando que era lugar grande), e os Pilotos lho mostráram, e era hum rio de agoa doce, em que as náos, que navegam pera o estreito de Ormuz, vam fazer sua agoada, e a nossa armada passou á vista delle; e como foram perto de Curiate, surgíram hum pouco longe da terra por ser tudo parcel, e Afonso Dalboquerque mandou a Manuel Teles, e Antonio do Campo que se chegassem a terra quanto mais podessem, dando resguardo ao que podia a maré mingoar, sendo baixamar de todo; e como foram surtos, poseram as náos de vergas dalto, e embandeiráram-nas todas, e estiveram aquella noite, sem lhe vir de terra ninguem falar; e avido conselho do que fariam, ainda que ouve differentes pareceres nelle, assentáram de destruir o lugar; e porque era grande, polo não cometer ás cegas, determinou o grande Afonso Dalboquerque juntamente com os Capitães de o irem ver, e assentarem a maneira que teriam pera desem-

barcar em terra, e metêram-se no batel da sua náo, e foram demandar a ribeira. E chegados perto della, os Mouros, que andavam ao longo da praia, não quiseram ter pratica com os nossos, e começáram-lhe a fazer muitas rebolarias: e tinham feito daquella parte huma estancia de madeira de cinco palmos de largo entulhada de terra, que tomava toda a face do lugar, e nella tinham assentadas quatro bombardas grossas, e muitos archeiros, e outros de lanças compridas em guarda della: e mais abaixo desta tinham feito outra na borda dagoa á maneira de bastião, cercada de madeira e entulhada de terra, da mesma largura da outra, e ficava de preamar cercada de agoa, porque se metia entre ella, e o lugar hum esteiro, na qual tinham duas portas, huma em revés da outra, pera por ellas poderem acodir a qualquer parte que fosse necessario. Como Afonso Dalboquerque vio as estancias, e vio que os Mouros não queriam fala delle, e se punham em determinação de se defender, mandou-lhe tirar do seu batel com huns falcões, que levava, e recolheo-se ás náos. Os Mouros tambem por sua parte começáram-lhe a tirar com suas bombardas, e com muitas frechas. E porque neste porto

está hum ilheo pegado na terra, e de baixamar podem passar a pé enxuto ao lugar, e os Mouros com pouca força que ali tivessem podiam defender a desembarcação á nossa gente, mandou Afonso Dalboquerque a Antonio do Campo, que logo de noite fosse com cem homens tomar este ilheo, e se fizesse forte nelle.

Ordenado tudo isto, como foram horas, vieram-se os Capitães em seus bateis a bordo da náo Capitaina pera dali partirem todos; e porque a este tempo era já baixa mar de todo, determinou Afonso Dalboquerque de desembarcar mais abaixo do lugar, pera com menos perigo das bombardas das estancias poderem os nossos tomar terra, e disse aos Capitães esta sua determinação, pera cada hum ser advertido do que avia de fazer. E chegados ao ilheo, onde Antonio do Campo estava, mudou Afonso Dalboquerque o conselho, e quis dar nas estancias por aquella parte com toda a gente em huma batalha, por ser pouca pera se poder repartir em duas; porque ganhando aquella estançia, em que os Mouros tinham toda sua força, e confiança, as outras, que estavam da outra banda do lugar, se renderiam sem pelejar. Or-

denado isto, disse a Antonio de Campo que o tivesse em olho, e que ao tempo que elle désse na estancia, pela outra banda désse elle tambem com toda sua gente de rosto nella, e apertasse rijo çom os Mouros, porque esperava em Nosso Senhor de os desbaratar, e por ali levarem a Cidade nas mãos. Avisado Antonio do Campo disto que avia de fazer, foi-se Afonso Dalboquerque ao longo da ribeira desembarcar da outra parte, onde tinham assentado, e com toda sua gente foram caminhando devagar; e sendo perto da estancia, appareceo huma soma de Mouros, que vinham por derredor de hum outeiro, que está sobre o lugar, como gente, que queria dar nos nossos pelas costas. Afonso Dalboquerque como os vio, mandou Afonso Lopez da Costa com sessenta homens, que lhe fosse tomar o outeiro, e os esborrondasse dali abaixo, e volvesse logo onde elle estava. Afonso Lopez da Costa deo nos Mouros mui esforçadamente, e desbaratou-os, matando alguns, e tornou-se logo onde os nossos ficavam, e todos juntos cometêram a estancia. Antonio do Campo como estava com o sentido no que lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, vendo que os nossos pelejavam na es-

tancia, deu na traseira dos Mouros por aquella parte, donde lhe era mandado. Os Mouros afrontados dos nossos, começáram atirar com a sua artelharia, e muitas frechas, defendendo-se hum bom espaço, e feríram alguns soldados da companhia de Antonio do Campo. Passada esta furia da artelharia, os nossos cometêram com tanto esforço, que pre cima das estancias pelejando entráram com os Mouros dentro no lugar, e foram-lhe seguindo o alcance por espaço de meia legoa, trazendo á espada todos os Mouros, molheres, e mininos, que fugiam pera o sertão; e porque a calma era grande, e a nossa gente hia já muito cansada, tomou Afonso Dalboquerque hum outeiro, e arvorou nelle a sua bandeira, e deixou-se estar, e mandou a Francisco de Tavora, Afonso Lopes da Costa, e Antonio do Campo, que á sua vista, apartados huns dos outros, fizessem outro tanto com os seus guiões, pera terem a gente que não fosse após os Mouros, e a João da Nova, e Manuel Teles que se tornassem ao lugar, e recolhessem toda a gente, que andava solta por elle; e achando alguns Mouros, os trouxesse todos á espada, e elle deixou-se estar naquelle outeiro até horas de bespora; e co-

mo teve recolhida toda a gente, veio se ao lugar, e mandou repairar as estancias dos Mouros, e fez-se forte nelle até se recolherem os mantimentos, de que tinha muita necessidade: e no Alcorão da misquita mandou arvorar huma bandeira, e pôr dez homens pera vigiarem dali o campo; e como teve todos os mantimentos recolhidos, e os despojos, que poderam levar, mandou pôr fogo ao lugar, principalmente a humas casas, em que estava a força dos mantimentos, por se os Mouros não aproveitarem delles; e foi o fogo tão forte, que nem ficou casa, nem edificio, nem a misquita, que era huma das fermosas que se vio, que tudo não viesse ao chão: e mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os Mouros, que se ali tomáram, e deixalos pera irem a Ormuz ser testemunhas de sua desaventura. Tomáram-se neste lugar vinte e cinco peças de artelharia, e muita quantidade de arcos, frechas, e lanças, e outras armas, e queimáram-se trinta e oito náos, entre grandes, e pequenas; e acabado isto, recolheo-se com todos os Capitães ás náos, e cada hum se foi pera a sua fazer prestes pera o outro dia se partirem caminho de Mascate.

Curiate he hum lugar grande, a povoação principal está ao longo do mar, e da banha do certão he hum pouco espalhada, averia nelle, ao parecer de todos, cinco, ou seis mil homens. He escapola de muitas náos, que vem ali carregar tamaras, de que ha muita quantidade, assi no lugar, como no sertão; e porque o porto he hum pouco aparcelado, e corre o mar, não ha nelle carregação de cavalos, havendo muitos na terra: tem poços de agoa muito boa, de que os moradores bebem: queimáram-se duas náos muito grandes, que estavam em estaleiro, corrigidas, e concertadas pera lançar ao mar, que eram de hum cossairo, que ali vivia.

CAPITULO XXII

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Curiate, e foi ter a Mascate, e o que nelle passou.

Como foi menhaã, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a armada á véla, e em quatro dias chegáram á Cidade de Mascate, que he porto principal de toda aquella costa, e aquelle dia á tarde

entraram dentro no porto todas as náos, salvo Manuel Teles, e Francisco de Tavora, que ficáram de fóra, por lhe acalmar a viração. Surtos todos, vieram logo a bordo da náo Capitaina dos Mouros honrados em huma almadia; e porque já sabiam a destruição de Curiate, disseram a Afonso Dalboquerque, que os Regedores daquella Cidade lhe mandavam pedir que lhes não fizessem nenhum mal, porque elles queriam ser vassalos delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lhe perguntou se traziam elles poder dos Regedores, e Povo da Cidade pera falarem em concerto: os Mouros lhe respondêram, que elles não traziam seu poder, mas que abastava virem alı por seu mandado; e elle lhes disse, que lhe não podia responder, sem primeiro entrarem dous Capitães, que ficavam de fóra: que se tornassem pera terra, e que ao outro dia pela menhaã viessem seguros a elle, e que assentaria com elles tudo o que fosse serviço delRey de Portugal, e Senhor das Indias. Partidos os Mouros com esta reposta, porque Francisco de Tavora, e Manuel Telez eram já entrados, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que fossem ambos nos seus bateis sondar o porto,

que braças teria dalto dali até terra, e que trabalhassem por verem o modo das estancias, que os Mouros tinham feitas; e elles foram-se ao longo da ribeira, depois de terem sondado o fundo, e víram tudo muito bem; e tornados pera as náos, disseram-lhe, que os Mouros tinham feito ao longo do lugar hum muro de madeira de dez palmos de largo, e vinte de alto, entulhado de terra muito forte, e de huma parte, e da outra hia entestar em duas serras muito altas, que vinham acabar dentro no mar, que o faziam mais forte: e nelle tinham feito huns repairos, como baluartes, com muitas bombardas da grandura dos nossos camelos postas nelles, e que podiam desembarcar ao pé do muro com preamar; e estando Afonso Dalboquerque nesta prática com Francisco de Tavora, e Manuel Telez, chegáram os dous Mouros, que o dia dantes vieram com poder dos Regedores pera tratarem de paz, e disseram-lhe que aquella Cidade queria estar á obediencia delRey de Portugal, e fazer tudo o que lhe elle Capitão mór man dasse da sua parte. Dado este recado, mandou-os Afonso Dalboquerque sair pera fóra, e praticou com os Capitães, que já ahi

estavam, o assento que tomaria com elles; e depois de praticado o que lhe avia de responder, mandou-os chamar, e disse-lhes, que se aquella Cidade quisesse estar á obediencia delRey de Portugal, e pagar-lhe cada anno aquelle tributo que fosse rezão, e chegando a Ormuz dar-lhe todos os mantimentos de que tivesse necessidade, que elle lhes não faria a guerra, mas antes os guardaria, e defenderia como vassalos delRey seu Senhor. Os Mouros lhe respondêram, que os moradores daquella Cidade eram contentes de serem vassalos delRey de Portugal, e pagar-lhe cada anno os direitos, que pagavam ao Rey de Ormuz, que eram muitos; e quanto aos mantimentos que pedia, que por aquella só vez lhe dariam todos os de que tivesse necessidade. Afonso Dalboquerque porque lhe não pareceo autoridade de sua pessoa estar em regatarias com elles, mandou a Antonio do Campo, Pero Vaz Dorta, e João Estão, Escrivão da Armada, que falassem com os Mouros lá fóra, e lhe dissessem, que com aquellas condições que diziam os receberia á obediencia delRey de Portugal; mas que lhe aviam de dar mantimentos, e agoa em abastança pera aquella armada, le-

vado tudo á sua custa á Cidade de Ormuz, em quanto nella estivesse. Passadas muitas praticas, que com elles tiveram sobre este concerto, tornou o Feitor dizer a Afonso Dalboquerque, que os Mouros não queriam dar mais do que tinham prometido. Enfadado elle desta reposta, mandou-os chamar, e disse-lhes, hum pouco apassionado, como ousavam elles de negar a aquelles Officiaes delRey seu Senhor o que lhes pediam, pois lançados aos seus pés, lhe tinham dito que queriam ser seus vassalos: que se fossem logo, e dissessem aos Regedores da Cidade, que ao outro dia pela menhaã lhe mostraria como os Cavaleiros Portugueses castigavam os lugares, que não queriam estar á obediencia delRey de Portugal, e do seu Capitão mór. Os Mouros vendo Afonso Dalboquerque menencorio, e que os lançava de si, sem nenhum modo de concerto, temêramno muito, e lançáram-se aos seus pés, que lhes perdoasse, que elles fariam tudo quanto quisesse, e elle os mandou que fossem falar com Antonio do Campo, e com o Feitor: Os Mouros saíram tão assombrados, que fizeram tudo o que lhe pedíram; e acabado este concerto, foram-se pera terra muito con-

tentes, e começáram logo a trazer os mantimentos que poderam até noite; e quando veio pela menhaã, que Afonso Dalboquerque esperava que acabassem de comprir com elle, não tornáram, nem recado nenhum da terra, e esteve assi suspenso até o meio dia, sem poder entender que mudança seria esta; e pera se melhor determinar no que faria, meteo-se no seu esquife com D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e D. Jeronymo, e outros, e foi-se ao longo da ribeira dissimuladamente, a fim de entender este negocio, e ver o modo de suas estancias. E a este tempo que chegou a terra, estava o batel de Afonso Lopez da Costa na ribeira tomando agoa, e do Contramestre que nelle estava soube que toda aquella noite ouvera grande prazer, alvoroço, e gritas na Cidade, e diziam que era chegado hum Capitão do sertão com dez mil homens de lanças compridas, e adargas, que o Benjabar mandava em favor da Cidade, e que a nova mais certa se saberia dos grumetes, que eram nos poços a tomar agoa. Afonso Dalboquerque disse ao Contramestre que dissimuladamente recolhesse os grumetes, e se lhe fosse trabalho recolher as pipas, que as deixasse. Os

grumetes, que estavam nos poços, vendo o alvoroço dos Mouros, receosos de os matarem, deixáram parte das pipas, e recolhêram-se ao batel com muita pressa, e contáram a Afonso Dalboquerque a mesma nova, que o Contramestre tinha dado; e elle depois de ter visto tudo muito bem, veiose á Taforéa, que estava mais perto da praia, e mandou Dinis Fernandez no seu esquife a terra, e que lhe chamasse hum daquelles Mouros, que andára no concerto da paz. Os Mouros, que andavam pela praia, que eram muitos, como víram o esquife, remeteram a elle pera o tomar. Dinis Fernandez como hia precatado de suas treições, como os vio alvoroçados, não chegou fóra, e tornou-se pera as náos com alguns marinheiros feridos das frechas, com que lhe tiráram. Afonso Dalboquerque vendo o desavergonhamento dos Mouros, mandou Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que se chegassem com os seus navios a terra quanto podessem, e deixassem regueiras por popa ao mar, pera se alarem a ellas cada vez que lhe fosse necessario, e dali esbombardeassem a Cidade pera os cançar, porque determinava de dar nelles como

fosse menhaã. Os Capitães levâram suas ancoras, e foram surgir, assi como lhe Afonso Dalboquerque tinha mandado, e começáram átirar com a artilharia ás estancias, ás quaes fizeram pouco nojo por ser o muro entulhado de terra; e elles vendo que dali não faziam nenhum nojo, mudáram-se pera defronte de hum repairo, que os Mouros tinham feito fóra do muro, onde tinham duas bombardas, e estava hum pouco descuberto de modo que lhe podia a nossa artelharia fazer nojo, e como começou a jugar, desempararáram os Mouros as bombardas, e fugíram. Afonso Lopez da Costa como vio o repairo desemparado dos Mouros, parecendo-lhe que podia tomar as bombardas, meteo se no batel com a sua gente, e foi cometer o repairo pera lhas tomar, e Antonio do Campo foi-se nas suas costas pera o socorrer, se fosse necessario; e em chegando a terra, foram tantos os Mouros, que acodíram em socorro das bombardas, que se Afonso Dalboquerque no seu esquife não acodíra pera os recolher, ouveram todos de passar mal, e com tudo quando já chegou era ferido Afonso Lopez da Costa, e cinco homens dentro no seu batel ás fre-

chadas, e felos recolher, reprendendo-os muito de cometerem aquelle feito fóra do que lhes tinha mandado, e mandou-lhe que não deixassem de atirar com a artilharia ás estancias, porque ainda que lhe não fizessem nojo, aquebrantariam os Mouros, que estavão nellas.

CAPITULO XXIII

De como o grande Afonso Dalboquerque por conselho dos Capitães cometeo o lugar de Mascate, e o destroio, e o que nisso passou.

Passadas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães ás suas náos, e disse-lhes, que bem sabiam os comprimentos, que tinha feito com os Regedores daquella Cidade de Mascate, e que verdadeiramente lhe pesava muito não quererem estar pelo concerto, que tinha feito com elles; e a principal rezão, que o a isto movia, era ser hum lugar muito abastado de mantimentos, e ter hum porto muito bom pera recolhimento das náos, que navegassem da India pera Ormuz, quando por ali passassem; e socedendo alguma necessidade, estando em Ormuz, dali se podiam pro-

ver do necessario; e que ainda que o lugar parecesse forte, como todos viam, e com muita gente, que determinava de o cometer, e destroilo, pela rebeldaria que lhe tinham feito, confiado no poder de Nosso Senhor, que era maior que tudo, que lhe dissessem o que lhes parecia. Os Capitães respondêram, que em cousa tão assentada, e tão determinada não tinham que aconselhar, que fizesse o que quisesse, que elles o seguiriam. Afonso Dalboquerque, posto que nesta reposta entendeo nelles não lhe parecer bem darem no lugar, polo verem differente na fortificação dos outros, que cometêram, com tudo dissimulou com elles, e mandou-lhe que se fossem pera as náos, e se fizessem prestes; e ouvindo o seu atambor, viessem a bordo da sua com toda a gente. E ao outro dia, sendo já a estrela dalva fóra, mandou-lhe fazer o sinal, e os Capitães se embarcáram logo, e fôram demandar a náo Capitaina, e dali partíram todos direitos a terra, e Jorge Barreto hia no batel de Afonso Dalboquerque com a sua gente, e elle só no esquife, ordenando a cada hum o que avia de fazer; e porque o lugar da entrada era differente dos outros, e muito mais perigoso pera cometer, e con-

vinha fazerem-se todas as diligencias pera mais a seu salvo se poderem valer dos Mouros, mandou a Francisco de Tavora, e a Afonso Lopes da Costa, que ambos juntos com a sua gente cometessem as estancias pela parte da mão direita, e como fossem dentro, corressem ao longo do muro, e se fossem ajuntar com elle, que avia de entrar pela parte da mão esquerda; e que depois das estancias entradas, juntos em hum corpo, entrariam o lugar, porque eram poucos pera o cometerem em duas batalhas. Dito isto, abaláram todos, e com muita furia foram cometer as estancias; e porque a este tempo era preamar, e os nossos aviam de desembarcar ao pé do muro, começáram os Mouros de cima átirar com muitas frechas, e pedras, de modo que os nossos tiveram assás trabalho, antes que desembarcassem; e como foram em terra, abalou Afonso Dalboquerque com a gente que levava, e foi cometer as estancias pela banda esquerda, porque ali estava a maior força de gente: e a este tempo deram Afonso Lopes da Costa, e Francisco de Tavora em as mesmas estancias pela outra banda da mão direita, como estava assentado. Os Mouros, que estavam nellas, defendêram-se

hum grande espaço valerosamente; mas os nossos, ainda que foi com trabalho, lhas entráram por força, e matáram muitos delles. Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa tendo entradas as estancias, não se lembrando do que lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, com aquelle impeto, e esforço, com que as cometêram, foram seguindo os Mouros até os meterem por huma rua do lugar, onde matáram a alguns; e porque acudíram muitos, estiveram em risco de se perderem, e dali voltáram, e foram-se ao longo do muro demandar Afonso Dalboquerque, que os reprendeo muito por se desmandarem, tendo-lhe dito que se viessem ajuntar com elle. E todos juntos abaláram, e foram cometer o lugar; e por as ruas serem estreitas, e as lanças que levavam compridas, e tambem pela competencia que ouve antre elles de quererem huns passar diante dos outros, começáram-se a embaraçar de modo, que os Mouros nesta revolta ás frechadas feríram a muitos: e com todo este trabalho os nossos cometêram os Mouros com tão grande esforço, que o Capitão, que lhes veo do sertão com sua gente em socorro do lugar, como se vio apertado, virou as costas, e fo-

gio. Afonso Lopez da Costa, e Francisco de Tavora, que eram na dianteira, lhe foram seguindo o alcance, e Afonso Dalboquerque com toda a outra gente detrás, dando-lhe costas, e foram apôs elles hum bom pedaço fóra da Cidade. Antonio do Campo, deixado Afonso Dalboquerque, em cuja companhia hia, com sua gente foi seguindo hum golpe de molheres, que se recolhiam pela serra acima, e matou a muitas dellas. João da Nova, porque a sua gente andava toda espalhada, com alguma, que pode recolher, foi seguindo huns poucos de Mouros, que se hiam recolhendo por hum vale abaixo, e matou a muitos, e molheres, e meninos, que levavam comsigo, sem dar vida a ninguem, de modo que assi huns, como outros, fizeram grande estrago em elles, e matáram a alguns Mouros principaes da Cidade, e a hum Capado, que governava a terra por mandado do Rey de Ormuz. Afonso Dalboquerque chegou a Francisco de Tavora, e mandoulhe que fosse pelo campo a recolher a gente, que andava espalhada, que elle o esperava ali; e como foram juntos, volveo-se á Cidade, e todos os Mouros, molheres, e meninos, que achavam por essas casas, traziam á

espada, sem dar vida a ninguem. E porque os nossos hiam muito afrontados da calma, e do trabalho das armas, e aquelle dia não tinham comido, e no lugar não avia Mouros que arrecear, mandou aos Capitães que os recolhessem, e foram-se fóra do lugar descançar a huns poços de agoa, ondo os moradores bebiam, tendo em tanto suas atalaias postas á vista dos Mouros, porque não podessem vir de supito dar nelles; e mandou ali trazer muitos fardos de tamaras, de que todos comêram, e bebêram daquella agoa, e deixaram se estar ali hum bom pedaço até que todos descançáram: e depois disto recolheo-se ao lugar, e mandou aos Capitães que tomassem estancias da banda do sertão, e se fizessem fortes nellas, com tranqueiras nas ruas, com bombardas pera se defenderem dos Mouros, se os quizessem cometer, e que posessem fogo ás casas do arrabalde, por onde os Marinheiros aviam de carregar agoa pera as náos, porque se não escondessem nellas alguns Mouros, que lhe dessem trabalho, quando a fossem buscar. Posto tudo nesta ordem, deu licença a todos que roubassem o lugar, e disse aos Capitães, que cada hum tivesse cuidado de recolher ás suas náos todos os

mantimentos que podessem, porque hiam pera terra, onde haviam de ter muita necessidade delles; e que tivessem boa vigia nas estancias, assi de noite, como de dia, porque os Mouros estavam na serra vendo o que todos faziam; e se vissem descuido nelles, não seria muita dúvida cometerem-nos huma noite, porque gente não lhe avia de faltar, que do sertão lhe viria quanta quisessem. Os nossos começáram a saquear em oito dias, que ali estiveram, e não acháram cousa de que podessem lançar mão: e hum dia, entrando hum soldado em huma casa, levando huma chuça nas mãos, foi dar por desastre com ella em huma parede do frontal da casa, e fez hum buraco, por onde entrou dentro, e ali achou muitas mercadorias; porque os Mouros daquelle lugar, com receo que tinham da gente do sertão, que os vinha roubar, faziam huma casa dentro nas suas, sem nenhum portal, nem janela, e tinham-nas cheas de muitas mercadorias. Sabido isto dos nossos soldados, dali por diante não ficou casa, que elles não arrombassem, onde acháram cousas de muito preço, e a cobiça dellas lhe fez esquecer o trabalho, que tinham passado; e acabado cada hum de recolher os despojos,

que achou, e as náos provídas de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerquer aos Capitães, que cada hum tivesse seu dia de guarda, pera se poder carregar agoa pera as náos, sem perigo dos que a carregassem; e porque nas náos avia muita falta de pipas pera recolherem a agoa, por virem todas arrombadas da grande quentura do Sol, mandou aos Capitães que recolhessem todos os tanques de páo, que achassem em a Cidade, que os Mouros costumam de trazer em suas náos com agoa; e os que fossem tão grandes, que não podessem caber pelas escotilhas, que os mandassem pôr em o convés, porque hiam pera terra, onde lhe aviam de aproveitar muito; e assi se estes tanques não foram muito trabalhosamente, se podera a nossa gente substentar em Ormuz depois de lá serem. Como tudo foi recolhido, mandou Afonso Dalboquerque aparelhar as náos de mastos, vergas e enxarceas, porque de tudo tinham muita necessidade. Tomáram-se neste lugar muitas armas, arcos, frechas, lanças, e outras armaduras de ferro a seu modo, e muito cobre, trinta bombardas antre grandes, e pequenas, e muitas mercadorias de toda a sorte, que os nossos queimáram polas não poderem levar.

CAPITULO XXIV

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pôr fogo á Cidade de Mescate, e do milagre que aconteceo no derribar da misquita, e como se recolheo ás náos, e se partio.

Estando o grande Afonso Dalboquerque prestes na ribeira com toda a gente pera se embarcar, deceo hum Mouro da serra com huma bandeirinha branca, e chegou elle com seguro, e disse-lhe da parte dos Regedores, que pois lhe Deos dera aquella Cidade, e a ganhára, como esforçado cavaleiro, que se contentasse de lhe terem mortas suas molheres, e filhos, e não lhe queimassem as casas, nem as náos. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que a elle lhe pesára muito de ver destruida huma Cidade tão nobre como aquella; mas que a culpa disso era sua delles, pois lhe faltáram do concerto, que lhe tinham feito, confiados na gente que lhe viera do sertão, e que pois assi era, não tinham rezão de lhe pedirem nada; que se quisessem resgatar o lugar, náos, e mantimentos, que nelle ficavam,

que até o outro dia ao meio dia lhe mandassem dez mil xerafins em ouro: e não lhos mandando até aquellas horas, que lhes prometia de não deixar cousa, que não fosse cinza, e pó, e que a gente, que elles tinham na serra em vista do lugar, lhe levaria recado da destruição delle. Passadas as horas, que lhe tinha prometido, mandou pôr fogo á Cidade, onde se queimáram muitos mantimentos, e trinta e quatro náos antre grandes, e pequenas, muitos barcos de pescar, e huma tereçana, que estava chea de tudo o necessario pera se as náos aparelharem: e mandou tres bombardeiros com machados a cortar os esteos da misquita, que era huma casa muito grande, e muito fermosa, a maior parte della de madeira muito bem lavrada, e por cima toda de argamassa. Tendo os esteos cortados, e querendo-se os bombardeiros sair pera fóra, deixou-se a casa vir toda junta sobrelles, de modo, que Afonso Dalboquerque os ouve por mortos: prouve a Nosso Senhor que saíram vivos, e sãos, sem ferida, nem pisadura alguma, assi como estavam em pé, cortando os esteos da misquita. Os nossos espantados, quando os víram, deram muitos louvores a Nosso Se-

nhor por aquelle milagre, que fizera por elles, e poseram o fogo á misquita, que ardeo toda, sem ficar nada della. E porque os nossos tinham muitos Mouros, e Mouras cativos, de que se não esperavam servir, nem levar comsigo, mandou Afonso Dalboquerque cortar as orelhas, e narizes a todos, e deixou-os livres. E ajuntou toda a gente, e deu huma volta pola Cidade pera recolher alguns soldados, que andavam desmandados a roubar, e veio-se á praia pera se embarcar. Os Mouros, que estavam na serra, entendendo que os nossos se queriam recolher, começáram a decer abaixo. Vendo Afonso Dalboquerque que elles deciam da serra, deixou-se estar na praia hum bom espaço com sua bandeira arvorada pera ver sua determinação. Os Mouros como o viram estar quedo, deixáram-se vir mais de vagar. E os nossos dando graças a Deos pela vitoria que lhe dera, recolhêram-se ás náos com muito prazer, e contentamento, tirando muitos tiros por festa. E elles vendo a nossa gente embarcada, decêram da serra com muita pressa pera ver se podiam apagar o fogo, que andava na Cidade, o qual era tão bravo, que não ousáram de entrar

a apagalo: e a causa disto foi aver muitos azeites, e melaços em todas as casas.

Mascàte he huma Cidade grande, muito bem povoada, cercada da banda do sertão de serras mui altas, e da banda do mar bate a agoa nella, e detrás nas costas contra o sertão tem hum campo tamanho, como o Rossio de Lisboa, todo feito em marinhas de sal, não que a maré chegue ali, mas a agoa, que nelle nasce, he salgada, e torna-se em sal: e aqui perto tem muitos poços dagoa doce, donde bebiam os moradores: tinha pumares, ortas, palmeiras com poços pera regar, que se tira agoa delles com engenho de bois. O porto he pequeno, de feição de huma ferradura, abrigado de todos os ventos, e he escapola principal do Reyno de Ormuz, onde todas as náos, que navegam por estas partes, de necessidade hão de entrar, por se afastarem da outra costa dalém, que he de muitos baixos: he escapola antiga de carregação de cavalos, e de tamaras: he lugar muito gracioso de casas muito boas, vem-lhe do sertão muito trigo, milho, cevada, e tamaras pera carregarem quantas náos quiserem. Esta Cidade de Mascate he do Reyno de Ormuz, e o sertão de hum Rey, que

se chamava o Benjabar, o qual tinha outros dous irmãos, entre os quaes era repartida esta terra, que se estende até Adem, e da banda do Norte vem dar na ribeira do mar da Persia, e dali até cerca de Meca: e a este sertão chamam os Mouros a Ilha de Arabia, porque o mar da Persia volve lá contra o mar Roxo, de maneira, que fica esta terra redonda cercada toda de mar, a saber, do mar Roxo, e do mar da Persia. He terra muito pequena, e por isso lhe chamam os Mouros Ilha de Arabia. Foi toda senhoreada de hum Rey, que se chamava o Benjabar, e este teve tres filhos, e por sua morte deixou a terra repartida por todos tres, e que o mais velho se chamasse sempre Benjabar, como o pai, e os dous o reconhecessem por Senhor. E este Benjabar tem seu senhorio sobre Fartaque, Dofar, Calayate, e Mascate, e vai confinar com a terra do Xeque de Adem: Os outros dous jazem sobre a ribeira do mar da Persia, e hum d'elles tinha tomado ao Rey de Ormuz a Ilha de Baharem, onde se pésa o aljofre, que estará cinco dias de navegação da Ilha de Ormuz; e assi lhe tinha tomado Catife, huma Ilha, que o Rey de Ormuz tinha na costa de Arabia. Nesta ter-

ra, que estes senhores tem, ha muitos cavalos, que os lavradores criam pera vender: tem muita abastança de trigo, milho, e cevada: tem grandes criações de gado: são grandes caçadores de falcão, que serão do tamanho dos nossos nebris, e tomam com elles humas alimarias mais pequenas que gazelas, e trazem galgos muitos ligeiros pera ajudarem os falcões a tomar estas alimarias.

CAPITULO XXV

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova, e se partio de Mascate pera a Villa de Soar, e o que passou com os Regedores da terra.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque ás náos com toda a gente, porque foi certificado que João da Nova tinha determinado de se ir caminho da India sem sua licença, mandou-o chamar á sua náo, e perante os Capitães, que estavam presentes, lhe disse, que tinha sabido, que elle se queria ir caminho da India sem sua licença, e deixalo naquella guerra, tendo elle necessidade

de muitas mais náos, e gente da que trazia comsigo; e mais sendo a sua náo Flor dela mar tão poderosa, que ella só bastava pera destruir toda aquella costa: que sua determinação era pôr rosto na Cidade de Ormuz, deixando primeiro todos os lugares della destruidos, por lhe não ficarem nenhuns imigos por detrás. E posto que Afonso Dalboquerque tinha entendido, que os Capitães eram neste conselho de se João da Nova ir pera a India, por quão enfadados andavam já da guerra, pedio-lhes que lhe aconselhassem o que nisto devia fazer. Os Capitães lhe disseram, que pois sua determinação era ir a Ormuz, e destruir todos os lugares, que não quisessem vir á obediencia delRey de Portugal, que não diziam elles Flor dela mar, mas vinte náos, que ali tivera, todas avia de levar comsigo; e disseram isto, porque dizendo o contrairo, estava claro terem-no aconselhado que se fosse; e com este parecer dos Capitães tomou Afonso Dalboquerque a menage a João da Nova, e mandou-lhe sob pena do caso maior que se não fosse, e que o seguisse sempre, e elle o sofreo sem lhe responder nada, porque não estava fóra daquella culpa, e disso mandou fazer

hum assento por João Estão, e que o notificasse ao Mestre, e Piloto, e toda a gente da náo, e mandou aos Capitães que se fossem pera as náos, e levassem suas ancoras, e se fizessem á véla ao longo da costa, como tinham de costume. E indo assi, passáram por junto de seis Ilhas despovoadas, huma ante outra; e Afonso Dalboquerque por se segurar, mandou aos Pilotos que se fossem ao mar dellas por ser de noite, e ao outro dia pela menhaã se chegáram mais a terra, por não descorrerem Soar, e os Pilotos Mouros disseram que Soar era mais avante; e sendo naquella paragem, lhe deu o vento por devante, que lhe foi forçado chegarem-se a terra, e surgíram duas legoas della, e ali estiveram toda aquella noite; e como foi menhaã, víram hum logar grande, e muito fermoso. Afonso Dalboquerque perguntou aos Pilotos Mouros como se chamava aquelle lugar, e elles lhe disseram, que era a fortaleza de Soar, e que o não ousavam de levar a ella por ser muito forte, e ter muita gente de pé, e de cavalo, e que se o ali desbaratassem, que se tornaria a elles: e Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que ainda que Soar fosse muito forte, que

seria delle o que fora dos outros lugares, e que olhassem o que faziam; porque no roteiro, que Omar Piloto fizera, tinha os lugares de toda aquella costa; e que se dali por diante passassem algum, que os avia de mandar lançar todos ao mar com camaras de bombarda ao pescoço: e mandou levar ancora, e chegou-se com toda a armada o mais perto da terra que pode, e por ser parcel, sorgíram meia legoa do lugar. Surta toda a armada, veio logo hum Mouro da terra com recado a Afonso Dalboquerque do Alcaide da fortaleza, e disse-lhe, que aquella fortaleza era do Rey de Ormuz, que não fizesse fundamento de desembarcar em terra, e que não cuidasse que avia de fazer nella o que fizera nos outros lugares por onde passára, porque lho aviam de defender mui differentemente delles. E com esta rebolaria que o Mouro disse, começáram em terra fazer mostra de gente de pé, e de cavalo, tangendo suas trombetas, e anafijs, sem cessarem. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao Alcaide, que ouvesse bom conselho; porque não querendo estar á obediencia delRey de Portugal seu Senhor, que fosse certo, que ao outro dia pola menhaã

seria com elle em terra, e que lhe avia de tomar a fortaleza, e prendelo em ferros. O Mouro se foi, e não mui contente com esta reposta, nem os nossos o ficáram, vende hum lugar tão grande, com huma fortaleza muito forte, e tanta gente nella; mas pelo que tinham passado nos outros lugares, tiveram confiança em Deos nosso Senhor os ajudar. Partido o Mouro com a reposta, mandou Afonso Dalboquerque notificar aos Capitães o que passára com o Mouro, e que se fizessem prestes, e levasse cada hum sua escada pera sobir ao muro, e elle mandou fazer prestes dous tiros pera levar, e muitos machados, enxadas, e alferces, e todo o apparelho que compria pera fazer huma estancia forte, donde podese bater a fortaleza; porque não na podendo logo levar nas mãos, estivessem a tão bom recado, que dali se podessem recolher aos bateis a seu salvo; e deu-se tanta pressa nisto, que ao outro dia ao meio dia tiveram tudo prestes, e embarcado nos bateis. Estando pera se partirem pera terra, chegáram tres Mouros, homens principaes, com recado do Alcaide, e Regedores da terra pera Afonso Dalboquerque, e disseram-lhe, que elles tinham despedido

de si dous mil homens de cavalo, e cinco mil de pé, que lhe o Benjabar tinha mandado pera os ajudarem a defender de sua Senhoria, e por se não fiarem d'elles, os não quiseram meter comsigo na fortaleza; e pois o Rey de Ormuz lhes não mandava o socorro, que lhe mandáram pedir, que elles queriam ser vassalos delRey de Portugal, e o Alcaide estava prestes pera lhe entregar a fortaleza. A reposta, que lhe Afonso Dalboquerque deu, foi, que dissessem ao Alcaide, e Regedores, que elle aceitava o lugar, e fortaleza em nome delRei de Portugal seu Senhor; e que folgava muito de se elles arrependerem do recado, que lhe tinham mandado, pelo pesar que tinha de ser forçado destruir hum logar tão nobre, como aquelle era; e que isto avia de ser com condição, que lhe pagassem aquelle tributo que fosse rezão. Os Mouros ficáram tão assombrados de verem o aparelho, que estava prestes nos bateis para irem combater o lugar, que não quiseram dilatar o negocio, e disseram-lhe que não era necessario tornarem a terra, que com elles podia fazer qualquer concerto que quisesse, porque perá tudo traziam larga commissão dos Regedores. e Alcaide da fortaleza.

CAPITULO XXVI

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou huma bandeira aos Regedores de Soar pera se pôr em huma torre da fortaleza em sinal de paz: e o recebimento que lhe fizeram, e o mais que passou.

Como o grande Afonso Dalboquerque desejava que não ouvesse dilação neste negocio, quis logo tomar conclusão com os Mouros, dizendo-lhes, que pois queriam ser vassalos delRey de Portugàl, e estar á sua obediencia, que lhes queria mandar huma bandeira das suas Armas Reaes pera a mandarem arvorar na torre da menagem, por sinal que eram seus vassalos; e que seria necessario irem a terra, e dizerem ao Alcaide, e Regedores do lugar, que se viessem á borda da agoa com todo o povo a recebela, e que elle a mandaria ali levar. Partidos os Mouros com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque a Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa, que fizessem prestes os seus bateis muito bem embandeirados, e a sua gente armada das melhores armas que tivessem, pera acompanharem a bandeira, que avia de

ir no batel da sua náo: e disse a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fizesse prestes pera ir nelle acompanhando a bandeira até terra, e a Jorge Barreto de Crasto, e Aires de Sousa Chichorro, e Duarte de Sousa de Portalegre pera a levarem com cinco homens bem tratados, que os acompanhassem, e João Estão, Escrivão da armada, pera dar fé de tudo: e advertio os Capitães, que estas pessoas, que aviam de levar a bandeira, não sahissem em terra, sem primeiro ficarem nos bateis certos Mouros por arrefens, e que na fortaleza não entrasse ninguem, senão aquelles, que tinha ordenado pera a levarem. Posto tudo nesta ordem, partíram-se os Capitães, e chegando a terra, pedíram seis Mouros pera ficarem nos bateis, os quaes lhe logo deram, e Jorge Barreto com os outros de sua companhia desembarcáram, e o Alcaide, e Regedores, que estavam na praia esperando com todo o povo, recebêram a bandeira com grande festa, e começáram a caminhar, e o Alcaide da fortaleza hia diante della muito bem vestido, com sua espada Turquesca na cinta, e hum páo na mão, fazendo lugar, dando na gente, que era muita, de huma parte, e da outra; e chegando á porta do

Castello, entrou Duarte de Sousa com a bandeira, e os mais que tenho dito, e foram-a pôr na torre da menagem, a qual como de nossas náos foi vista, atiraram toda a artelharia por festa. E João Estão tomou posse por ElRey de Portugal do Castelo, e fechou as portas, sem ficar nelle ninguem, e de tudo passou hum estormento. Acabado isto, vieram-se todos a embarcar. e soltaram os Mouros, que estavam por arrefens.

Ao outro dia pola menhaã mandou o Alcaide da fortaleza pedir licença a Afonso Dalboquerque pera entrar nella, e que elle estaria á obediencia delRey de Portugal, e faria tudo o que elle ordenasse. Afonso Dalboquerque mandou chamar os Capitães, e alguns Fidalgos, e homens honrados da Armada, e deu-lhes conta deste recado, que o Alcaide lhe mandára, pedindo-lhes que lhe dissessem o que faria nisto. Os mais foram de parecer que devia soster a fortaleza, porque tendo nella hum Capitão com gente, teria o pé no pescoço a toda aquella costa. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que quando vira aquella fortaleza tão forte, determinára de a soster; mas porque sua determinação era ir

sobre a Cidade de Ormuz, e não tinha náos, nem gente pera poder acudir a huma cousa, e á outra, mudára o conselho, determinando de a deixar entregue ao Alcaide, e ir-se, até ver o assento que as cousas de Ormuz tomavam; e porque neste parecer de Afonso Dalboquerque assentáram todos, mandou dizer ao Alcaide, que querendo estar á obediencia delRei de Portugal, e ser seu vassalo, lhe daria aquella fortaleza. O Alcaide, porque desejava tomar conclusão, e tornar a ser senhor da sua fortaleza, mandou logo hum criado seu com recado a Afonso Dalbuquerque, dizendo que aceitava a mercê que lhe fazia; e que pois aquella fortaleza era delRey de Portugal, e elle tinha alevantada a obediencia ao Rey de Ormuz, que mandasse dar ordem com que se pagasse o soldo á gente, que ali tinha pera a guardar, porque não lhe pagando, se iriam todos. Pareceo justa a rezão do Alcaide a Afonso Dalboquerque, e que em nenhuma maneira podia deixar de pagar o soldo á gente, que ali estava, pois não determinava de soster a fortaleza, e mandou chamar os Regedores do lugar, e disse-lhes, que o tributo, que aviam de pagar em cada hum anno, avia de ser soldo, e mantimentos

pera a gente, que o Alcaide avia de ter pera guarda da fortaleza, assi como pagavam ao Rey de Ormuz, fazendo-lhe uma carta escrita em Arabigo daquelle concerto, assinada por elles, e pelo Alcaide, e que elle lhes faria outra em nome delRey de Portugal, e assellada com o selo Real das suas Armas, e com estas condições os receberia á obediencia de ElRey de Portugal. Os Regedores se foram a terra, e mandáram ajuntar todo o povo da Cidade, e termo, e apresentáramlhe isto que Afonso Dalboquerque pedia, e todos assentáram que se fizesse tudo o que pedisse: e ao outro dia pela menhaã lhe mandáram a carta assinada per todos, e hum presente de vacas, carneiros, e galinhas: e elle lhes mandou outra assellada com o sello delRey de Portugal, e ao Alcaide, e a dous Mouros principaes do lugar algumas cousas de Portugal, e mandou por Gaspar Rodrigues lingoa visitar hum Capitão do Benjabar, que ali ficára com trinta de cavalo, quando despedíram a gente, que viera em soccorro da fortaleza, pera ver as nossas náos, e os Portugueses, e mandou-lhe hum bacio de prata de agua ás mãos, e huma cadea de ouro. Feito isto, despedio-se do Al-

caide, e Regedores, e mandou aos Capitães que se fizessem prestes pera ao outro dia partirem.

A povoação de Soar he mui grande, e mui fermosa, e de muito boas casas, tem huma fortaleza quadrada com seis torres derredor, e sobre a porta da fortalaleza tem duas mui grandes, o muro he de boa altura, e largo arrezoadamente, está assentada junto do mar em huma grande enseada, que a costa ali faz, he porto mui aparcelado, estavam as nossas náos surtas em seis braças, e dali á terra avia grande meia legoa: A fortaleza he tão grande, que lhe são necessarios mais de mil homens pera a defender. Dizem que se pode cercar de agoa doce, porque a tem pegada comsigo: o assento da fortaleza he muito gracioso, e de preamar chega a agoa quasi pegada com o muro: dentro na fortaleza não avia mais casas que pera a gente que a guardava. As casas do Alcaide eram mui fermosas, o qual era hum homem principal de Ormuz, que o Rey antecessor do que então reinava destruio, e lançou fóra da Cidade por competencias, que teve com hum criado seu; porém era hum homem muito estimado antre os Mouros de cava-

leiro. A gente, que podia aver no lugar, seriam seis mil homens, e dahi pera cima, e cincoenta de cavalo, os mais delles acubertados de cubertas de aceiro, e dellas de humas escamas de ferro, assentadas a maneira de hum telhado cuberto de azulejos, e são tão fortes, que as não poderá passar huma bésta, e as testeiras dos cavalos tambem são desta feição: as sellas são Turquescas, hum pouco altas dos arções, e os estribos são como os dos Turcos; as esporas que trazem são humas pontas de ferro, ou de cobre, postas em huma chapa pegadas no calcanhar do borzeguim, e ali anda sempre: este lugar de Soar he mais cavaleiroso que nenhum desta costa: a terra he mais desabafada de serras pera o sertão que os outros lugares della: tem muito grande termo, e tudo são lavouras de trigo, milho, e cevada, e por a terra ser grossa tem grandes criações de gado, e de cavalos. O sertão desta terra he do Benjabar, e tem pazes com o Rey de Ormuz; e quando alguma hora ha differenças antre elles, e a gente do Benjabar lhe corre, acolhem-se logo á fortaleza. Esta gente do sertão se chama os Badens, e a mór parte de gente de cavalo

são archeiros, e alguns trazem lanças, e maças Turquescas, e toda a de pé anda nua da cinta pera cima: trazem carapuças de feltro, lanças, e adargas, os cavalos são mouriscos, de casta grande, bem feitos, e corredores: carrega-se neste porto muitas tamaras, e milho.

CAPITULO XXVII

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Soar, e se foi ao longo da costa direito a Orfação, e de como o tomou.

Despedido o grande Afonso Dalboquerque do Alcaide, e Regedores de Soar, ao outro dia pela menhaã se fez á véla, e foi-se direito a Orfação, e aquella noite se fez na volta do mar por se afastar de huma enseada grande, que a terra ali faz, e ao outro dia, indo assi ao longo da costa, ouveram vista de hum zambuco pequeno, que sahia dessas quintas, que jazem ao longo do mar; e vendo-o, mandou Afonso Dalboquerque os bateis apôs elle pera lho tomarem; o zambuco corria tanto á véla que o não poderam alcançar, e perdêram-no logo de

vista, e depois se soube que hia avisar Orfação da nossa Armada, e dahi fora seu caminho via de Ormuz; e indo assi todos ao longo da costa, víram hum lugar muito grande, e os Pilotos Mouros de Melinde se embaraçáram hum pouco no conhecimento da terra; mas o Piloto, que Afonso Dalboquerque tomára em Çocotorá, lhe disse, que aquelle lugar era Orfação, e no livro de Omar assi se chamava. Chegada a nossa Armada diante do lugar, surgíram os navios pequenos chegados a terra, e as náos grandes ficáram hum pouco mais de largo, e cada huma dellas surgio duas ancoras, por não ser boa tença; e como foram dentro no porto, os do lugar lhe deram huma mostra com muita gente de pé, e de cavalo, e muitos camelos, e avia antre elles grande revolta. Afonso Dalboquerque mandou aos Capitães, que de noite se fizessem todos prestes, porque determinava, não se vindo os moradores do lugar meter em suas mãos, e fazerem-se tributarios delRey de Portugal, de dar ao outro dia pela menhaã nelles. Neste tempo andava a gente da terra, assi de cavalo, como de pé, ao longo da praia, dando muitas mostras de si, escaramuçando huns

com outros, tangendo seus atabaques, e dando suas gritas acostumadas, e ora faziam mostra que lançavam huma almadia ao mar, e outra vez tornavam-na a tirar pera terra, e os camelos não faziam senão sair pela porta da Villa carregados de fato pera o sertão, e assi passáram todo este dia até noite, sem ninguem vir da terra ás náos. Como se a noite cerrou, mandou Afonso Dalboquerque avisar os Capitães, que como ouvissem tocar o seu atambor, se fizessem todos prestes, e aparelhassem seus bateis; e sendo duas horas depois da meia noite pelos espertar, mandou fazer sinal, e os Capitães, como estavam prestes, vieram-se logo a bordo da náo Capitaina; e chegando a ella, começou de amanhecer, e dali partíram todos em ordem muito concertados direitos ao lugar, no qual avia muita gente, e huma parte della estava no muro, que vai pera o sertão, e outra muita em huma serra, que está sobre a Villa, e alguma de pé, e de cavalo andava ao longo da praia. Os nossos, como chegáram, começáram-lhes logo átirar com as bombardas, que levavam nos bateis. Os Mouros receosos dos nossos tiros, deixáram a praia, e recolhêram-se á Villa; e como a

praia foi despejada, desembarcou a nossa gente, e fizeram-se em duas batalhas: na dianteira hia Francisco de Tavora, Afonso Lopez da Costa, e João da Nova com alguns Fidalgos, e Cavaleiros da armada; e Afonso Dalboquerque com os outros Capitães, e toda a mais gente em outra; e em chegando, deram no lugar por duas partes, e na sua batalha era Antonio de Noronha seu sobrinho na dianteira, que foi seguindo o alcance aos Mouros até os meter por huma porta; e como foram dentro, deixáram o postigo aberto, e poseram-se com os nossos ás lançadas. E estando nisto, chegou Afonso Dalboquerque, e vendo D. Antonio de Noronha á porta, disse-lhe: *Ah sobrinho, que vergonha he esta, inda vós aqui estais?* e em lhe dizendo isto, cobrio-se com a adarga, e entrou pelo postigo dentro ás cutiladas com os Mouros, e pos as costas na porta, e defendeo-a té que os nossos entráram de roldão com elles, e ali matáram muitos. Francisco de Tavora com os outros Capitães a este tempo entráram pela outra parte do lugar per força, onde matáram mui tos Mouros, os quaes como se viram atalhados de huma parte, e da outra já des-

baratados, poseram-se em fugida, e os nossos lhe foram seguindo o alcance. E Afonso Lopes da Costa com a sua gente na dianteira, e Antonio do Campo apôs elle seguiam os Mouros por huma serra arriba, em que elles cuidavam que tinham sua salvação, por amor das pedras, com que se podiam ajudar; mas os Capitães hiam tão pegados com elles, que por não fazerem mal aos seus, deixáram de o fazer aos nossos; e porque a nossa gente se hia engodando com os Mouros, acodio Afonso Dalboquerque com a gente, que comsigo tinha, e foi-os recolher, e tornou-se outra vez a fazer em corpo dentro no lugar (que já estava despejado), e em chegando, vio sair hum golpe de Mouros pela porta da cerca da Villa, e mandou a Francisco de Tavora que lhe fosse tomar a dianteira; e elle com todos os outros Capitães, e gente foi-lhe dando costas. E passando hum palmar, que está logo na saida do lugar, alcançou Francisco de Tavora alguma gente daquella, que hia fogindo, e não deo vida a ninguem, e tornou-se a recolher pera onde Afonso Dalboquerque estava, como lhe tinha mandado. Recolhido Francisco de Tavora, vendo Afonso Dalboquerque que

todavia os Mouros hiam de vagar, e como gente cansada não podiam andar, mandou a D. Antonio de Noronha com oitenta homens, parte delles bésteiros, e espingardeiros, que os seguisse, e apertasse rijo com elles, porque poderia ser que lhe ficasse todo o despojo, que levavam nas mãos, e que elle estaria á sua vista, porque se fosse necessario socorrelo, que o faria; e porque os Mouros hiam longe, foi-os D. Antonio seguindo mais de pressa, e em pouco espaço chegáram á gente de pé: os de cavalo como víram os nossos pegados com os seus, que hião a pé, fizeram volta pera os salvarem, e ás frechadas feríram alguns, antre os quaes foi Antonio Vogado criado do Condestabre, que ouve huma frechada no rosto. Os Mouros de cavalo como se víram maltratados dos nossos bésteiros, e espingardeiros, deixáram a companhia que levavam, e poseram-se em fogida, e não ousáram mais de volver; e neste espaço, que a nossa gente andou ás lançadas com os Mouros de cavalo, tiveram os de pé tempo pera se alongarem delles hum bom pedaço, e D. Antonio os tornou outra vez a seguir; e chegando a elles, poseram-lhes as lanças, e matáram

muitos, cativáram molheres, e meninos, e tomáram-lhes todo o despojo que levavam. Afonso Dalboquerque vendo que D. Antonio se hia desmandando, e não era tempo pera ir mais avante, por a nossa gente ir muito cansada, mandou-lhe recado que se tivesse, e que se recolhesse pera onde elle estava. E nesta companhia de D. Antonio eram João Estão, Antonio de Sá, Pedralvares, Nuno Vaz de Castelo-branco, Antonio Fragoso, Aires de Sousa Chichorro, Fernão Soarez, Lizuarte de Freitas, Antonio de Lis, João Teixeira, Antonio da Costa, Joane Mendez, e João Coelho, todos cavaleiros honrados, que naquelle tempo não viviam com ElRey, e queriam antes merecelo por seus serviços, que por seus pais, nem avós, e outros muitos, que aquelle dia pelejáram muito valerosamente; e como foram todos juntos, mandou Afonso Dalboquerque recolher todo o gado, que andava no campo, e os Capitães que tomassem suas estancias no muro pera guardarem o lugar, até se recolherem os mantimentos, de que tinham muita necessidade. E estando assi todos em suas estancias, vieram muitos Mouros por aquelle cabo da serra, que vinha

ter sobre o muro, onde Antonio do Campo tinha a sua estancia, tirando pedras com fundas, e muitas frechas; e porque era lugar, onde os nossos não podiam ir, por ser huma serra ingrime, mandou Afonso Dalboquerque trazer das náos cinco tiros de artelharia, e mandou-os assestar na torre, que estava pegada com a estancia de Antonio do Campo, e dalli começáram átirar aos Mouros, que estavam defronte em chapa, e matáram quatro, ou cinco, os quaes como se víram maltratados da artilharia, e não tinham nenhum emparo na serra, que os defendesse dos tiros, recolhêram-se, e recolhidos, tornáram outros muitos pela outra banda da serra, e foram-se pôr sobre os poços, que estavam fóra da Villa, e dali lançavam galgas á nossa gente, que andava fazendo aguada. Os bésteiros, e espingardeiros, que estavam á porta da Villa em guarda dos que andavam acarretando agoa pera as náos, começáram-lhes de atirar, e derribaram tres, ou quatro: os Mouros como se víram apertados, recolhêram-se aquelle dia, e não vieram mais, e ao outro pela menhãa vieram tres Mouros de cavalo com huma bandeira branca perto do lugar, pedindo seguro aos

nossos, que queriam falar com o Capitão daquella armada; e parece que não queriam nada, porque depois que lhe deram seguro, não vieram mais.

Como se Afonso Dalboquerque vio fóra destes sobresaltos, e que os Mouros eram recolhidos, mandou repartir pelas náos todos os mancebos, que se ali tomáram pera trabalhar, e com elles começáram todos os Capitães a recolher os mantimentos, que se ali acháram, que eram poucos; e aos Mouros velhos, que não aproveitavam pera trabalho, mandou cortar as orelhas, e os narizes, e soltalos, porque deste ferro ficavam assinalados todos aquelles, a que se dava vida; e antre estes Mouros, que neste lugar foram cativos, tomou Nuno Vaz de Castelobranco hum, que achou em huma casa, que por sua muita velhice não pode fugir; e porque em seus trajos lhe pareceo homem honrado, não o quis matar, e trouxe-o a Afonso Dalboquerque, o qual se lançou aos seus pés, e elle o mandou levantar, perguntandolhe que homem era? O Mouro lhe disse, que era hum dos tres Governadores daquelle logar, e por ser muito velho, e não poder andar, seus filhos, por salvarem as vidas, o

deixáram no campo, e se foram, e elle por escapar á furia da sua gente, não quisera aguardar no campo, e se tornára a aquella casa, onde aquelle Cavaleiro o achára. Afonso Dalboquerque lhe perguntou pelas cousas de Ormuz, e elle lhe deu larga enformação dellas, e contou-lhe muitas cousas antiguas daquelle Reyno, porque era muito velho, e muito lido: e louvou muito o esforço dos Portugueses, e disse-lhe que verdadeiramente não lhe podia negar que eram pera conquistar todo o Mundo; porque lendo elle a vida de Alexandre, que aquella terra conquistára, não achára que a sua gente tivesse nenhuma ventage á Portuguesa. Afonso Dalboquerque espantado do Mouro dizer que lêra a vida de Alexandre, perguntou-lhe onde a lêra, porque elle tambem era lido, e muito affeiçoado a suas cousas. O Mouro tirou um livro do ceio escrito em Parse, enquadernado em veludo carmesim ao seu modo, e deu-lho, que Afonso Dalboquerque mais estimou que quantas cousas lhe podéra dar, e ouve-o por bom pronostico pera a determinação, que levava pera conquistar Ormuz: e mandou dar a este Mouro hum vestido de escarlata, e outras cousas de Portugal, com

que ficou muito contente, e muito mais de se ver livre com suas orelhas e narizes. Neste porto se não acháram nenhumas náos da terra, nem estrangeiras, porque fugíram todas, tanto que souberam novas da nossa armada, e os Mercadores Guzarates tambem se foram pelo estreito da Persia dentro, com suas casas, e fazendas; e todas aquellas noites, que os nossos dormíram no lugar, lhes deram os Mouros tantos rebates, que estavam mortos de cansados; e porém tinham tal vigia em si, que ainda que foram dez mil, os não podéram entrar. E tendo já os Capitães tomado agoa em abastança, porque não sabiam se a poderiam tão cedo aver pela falta que della avia em Ormuz, mandou-lhes Afonso Dalboquerque que se recolhessem ás náos, e que cada hum por seu cabo posesse fogo ao lugar; e como o fogo começou a tomar posse, não ficou casa, nem edificio que tudo não viesse ao chão. Estando todos juntos na praia, embarcáram-se, dando muitas graças a Nosso Senhor pela mercê que lhes tinha feito.

Orfação he huma Villa grande do Reyno de Ormuz de muito boas casas: he mui forte da banda do sertão, e a causa disto

era, porque se temia mais da terra que do mar: viviam nella muitos Mercadores Guzarates honrados: jaz ao pé de uma serra muito alta, e da banda do sertão tem hum muro muito forte, que vem entrar no mar, e dous ilheos dentro no porto, que o fazem muito bom: tem muitas quintas no sertão, de casas muito boas: muitas larangeiras, limoeiros, zamboeiras, figueiras, palmeiras, e toda a maneira de ortaliça, e muitos poços de agoa, com que a regão: pelos campos muitos rastolhos de trigo, como o de Portugal, muitas milharadas. Tinham muitos barcos de pescar, e muitas redes, que tudo foi queimado: avia na Villa grandes estrebarias pera cavalos: muitos palheiros de palha pera elles, porque neste porto ha grande carregação pera a India. A terra he temperada, e de bons ares: e passada esta serra, que tem sobre o logar, tudo dali por diante são grandes campos de lavouras, e criações, e todo aquelle sertão he senhorio do Benjabar, como os outros.

CAPITULO XXVIII

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Orfação pera Ormuz: e o que passou com os Capitães, chegando á vista da Cidade.

Embarcado o grande Afonso Dalboquerque, ao outro dia pela menhãa mandou fazer sinal aos Capitães para levarem suas ancoras, e se fazerem á véla; e indo assi todos com o terrenho, deu-lhes huma torvoada da terra, com que o vento ficou calma; e porque as agoas corriam muito pera huma enseada, que a terra ali faz, tornou a armada toda a sorgir, e com esta torvoada choveo tanta agoa por espaço de duas horas, que por as náos trazerem as cubertas abertas da quentura do Sol, entrou a agoa dentro, e danou alguns mantimentos, e estiveram ali aquella noite, e ao outro dia pela menhãa tornou o vento á terra, e fizeram seu caminho acostumado ao longo da costa; e passados dous dias, chegáram ao cabo de Macinde, e dobrado o cabo, hum dia á tarde ouveram vista de duas Ilhas pequenas des-

povoadas, que jazem em este caminho de Ormuz; e sendo tanto avante, como ellas, disse hum Mouro Piloto a Afonso Dalboquerque, (o qual tomára em Orfação, e traziam comsigo pera o levar a Ormuz), que mandasse tomar as vélas ás náos, e fossem todos com os traquetes no mais, porque aquella noite seriam com a Ilha de Ormuz. Este Mouro lhe contou, depois de se ver no mar, que avia dez dias que viera da Cidade de Ormuz, e que o Rey sabia já da sua ida, e que tinha huma grande armada pera pelejar com elle, e que em a Cidade avia muita gente, e muitos aparelhos de guerra. Afonso Dalboquerque não ficou contente desta nova, e disse ao Mouro, que daquillo que lhe dissera, não désse conta a ninguem. Os outros Pilotos Mouros, que Afonso Dalboquerque trouxera de Melinde, disseram-lhe, que fosse como hia, e não tirasse as vélas, porque tirando-as, até o outro dia não averia vista da Ilha de Ormuz. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem o conselho destes Pilotos, e mandou ir a armada com todas as vélas como hia até a meia noite, que mandou tirar hum tiro, e fazer quatro fogos, que era final pera amai-

nar, e todos tomáram as vélas grandes, e contramezenas; e porque o mar era bonança, e o vento largo, deixáram-se assi ir com os traquetes até o quarto dalva, que mandou lançar prumo, e achou-se em vinte e cinco braças, e com isto fez sinal ás outras náos pera saberem que eram em sonda, e todos mandáram lançar prumos ao mar, e acháram o mesmo, e com elles se deixáram ir até as duas horas ante menhãa, que sintíram o ar da terra, e dali a pouco se começou alva a levantar, e víram a terra clara. Afonso Dalboquerque perguntou aos Pilotos se era aquella a Ilha de Ormuz, que tinham por devante; e porque o ar era ainda pardo, não souberam se era a Ilha de Ormuz, se a de Lara, ou se a de Queixome, porque todas tres estam em triangulo; e sendo já menhãa clara, conhecêram ser a Ilha de Ormuz, e as outras duas estavam á vista; e porque o fundo hia mingoando de cada vez mais, Afonso Dalboquerque se agastou com os Pilotos, e elles lhe differem, que se não efpantasse do fundo ir mingoando, porque era parcel, e avia de ir sorgir no porto em cinco braças; e porque ao sair do Sol eram já pegados com a Ilha, veio Afonso Dalboquer-

que á fala com os Capitães, e disse-lhes, que se deixassem ir ao longo della, e que embandeirassem todas as náos, e fizessem prestes toda a artelharia, e muitas arrombadas, e a gente fosse toda armada, porque socedendo alguma cousa ao dobrar da ponta, donde se via toda a Cidade, não os tomassem desapercebidos: e todos se foram fazendo prestes devagar, e dobráram a ponta da Ilha todas as náos, humas diante das outras em ordem.

Dobrada a ponta, como os Capitães viram a grandeza da Cidade, e a muita gente de cavalo, que acodio á praia, e muitas náos no porto muito bem apercebidas de gente, e artelharia, ficáram assombrados, e com o assombramento que tinham, deixáram-se ir ao longo da náo de Afonso Dalboquerque, e disseram-lhe que olhasse o em que se metia, porque aquella Cidade não era como os outros lugares que tinha destroidos, porque em terra parecia muita gente, e as náos eram muitas, e bem armadas, e que lhe parecia que seria inda muito mais do que viam, pois avia muitos dias, que em Ormuz se sabia a nova da sua vinda: que devia de aver bom conselho naquelle negocio, e não se deter-

minar nelle só per si, sem parecer de todos. Afonso Dalboquerque, porque avia dias que andava enfadado das suas cousas, respondeo-lhes, que lhes confessava que aquelle negocio era muito grande, e muito pera arrecear; mas que elles eram já metidos em lugar, que lhes compria mais boa determinação que bom conselho, e não quis ter mais praticas com elles sobre isso, e mandou a Manuel Telez, e a Afonso Lopez da Costa que dessem ás vélas grandes, e fossem com os prumos nas mãos; e que se o fundo não mingoasse de cinco braças, como lhe os Pilotos tinham dito, fossem sorgir junto com as náos dos Mouros, e que elle com os outros Capitães os iriam seguindo: e assi foram todos sorgir pegado com as náos dos Mouros: os navios pequenos da banda da terra, e as náos grandes da banda do mar. E porque o navio de Antonio do Campo era pequeno, mandou-lhe que sorgisse junto delle, e désse um cabo á sua náo: e disse ao seu Mestre, que lhe fosse sorgir huma ancora boia com boia de huma náo, que estava junto com a sua, a qual era a maior que avia naquella armada: e como a armada toda foi surta, mandou salvar a Cidade com

toda a artelharia; e porque era já Sol posto, não ouve mais tempo aquelle dia, que pera se amarrarem muito bem, e toda aquella noite estiveram em vigia. As gritas dos Mouros, e os tangeres dos atabaques, e anafis eram tantos, que não avia homem, que se entendesse hum com outro.

CAPITULO XXIX

Da armada, que o Rey de Ormuz tinha no porto, e como estava concertada, e dos recados, que ouve antre elle, e o grande Afonso Dalboquerque.

Como avia dias, que o Rey tinha sabido novas certas da nossa armada, e a destroição que o grande Afonso Dalboquerque que vinha fazendo no lugares de toda aquella costa, começou-se fazer prestes pera pelejar com elle: e pera isto mandou arrestar todas as náos, que ao porto de Ormuz vinham, e ajuntou uma copia de sessenta grandes, nas quaes mandou meter muita gente de guerra, e artelharia, e o tudo o mais que era necessario pera tal feito; e antre estas náos grandes avia huma do Rey de Cambaya, que

se chamava a náo Meri, que seria de mil toneis, com muita gente, e artelharia, e todas as mais cousas necessarias pera sua defensão: e outra do Principe de Cambaya de seiscentos toneis, aparelhada de maneira, que não tivesse necessidade dos almazens do Rey: e a fóra estas náos averia no porto duzentos galeões, que são huns navios compridos, que vogam muitos remos, e não muito grandes, e estavam aparelhados com duas bombardas grossas por proa, e arrombadas de sacas de algodão, tão altas, que não pareciam os remeiros: avia tambem muitas terradas (que são como barcas de Alcouchete), cheias de artelharia miuda, e gente armada de laudeis, e armas brancas, e a mais della archeiros: toda esta armada estava embandeirada de estandartes, e bandeiras de cores, que era cousa fermosa pera ver. As náos grandes estavam da bãnda do mar, os galeões, e terradas da banda da Cidade, com as proas nas popas huns dos outros: e nesta ordem tinham cercada toda a nossa armada: e na terra ao longo da praia averia, ao parecer de todos, quinze, ou vinte mil homens, gente muito luzida, e muitos delles a cavalo, tangendo suas trom-

betas, e anafis: as gritas no mar, e na terra eram tamanhas, que parecia que se fundia o Mundo. Vendo Afonso Dalboquerque esta ordem, em que os Mouros tinham a sua armada, e que o seu desenho era pelejar, mandou chamar os Capitães, e perguntoulhes que faria, e por onde começaria primeiro, porque sua determinação, com ajuda de Nosso Senhor, era pelejar com aquella armada, por maior que fosse, e aventurar a vida, e tudo o mais pela honra, e credito delRey de Portugal seu Senhor: e por isso lhes não perguntava se o faria, senão como o faria: e posto que antre os Capitães, e a outra gente ouvesse muitas differenças, por se verem com pequena armada cercados de tantas náos, espantados tambem da grandeza da Cidade, e da muita gente, que avia nella, que os não deixava tomar verdadeiro conselho do que aviam de fazer; com tudo assentáram de pelejar, e que primeiro tivessem fala do Rey pera saberem sua determinação. Com este parecer dos Capitães, mandou Afonso Dalboquerque Gaspar Rodrigues lingoa no esquife, pedir ao Capitão da náo Meri, que tinha mais perto de si, hum homem pera mandar hum recado ao Rey: o

Capitão lhe mandou dous, e offrecer tudo o mais que ouvesse mister. E por elles mandou Afonso Dalboquerque dizer ao Rey, que elle viera ali com aquella armada delRey de Portugal com desejos de o servir; e pelo alvoroço, que via na gente daquellas suas náos, queria saber se avia de aver antre elles paz, ou guerra. Dado este recado ao Rey, mandou logo com a reposta hum Mouro Armenio de nação, que se chamava Cogebeirame, o qual entrando na náo achou Afonso Dalboquerque, e todos os Capitães, e Fidalgos armados, assentados na tolda em bancos cubertos de alcatifas, e toda a outra gente da náo armada; e depois de fazer sua cortezia, (hum pouco torvado), lhe disse: *Senhor Capitão, o Rey de Ormuz ouvio o teu recado, e quer saber de ti que queres, e que vens buscar a este seu porto?* Afonso Dalboquerque lhe respondeo: *Dize ao Rey de Ormuz, que ElRey D. Manuel Rey de Portugal, e Senhor das Indias, desejando muito a sua amizade, me mandou a este seu porto pera o servir com esta armada; que se elle quizer ser seu vassalo, e pagar-lhe tributo, que farei com elle pazes, e o servirei em tudo o que me mandar contra seus imigos; e*

senão quiser, saiba que lhe ei de destruir toda esta armada, em que tem sua confiança, e tomar-lhe a Cidade por força de armas. E com esta resposta despedio Cogebeirame, a qual foi mui estranhada dos Capitães, e dísserão-lhe algumas cousas a maneira de o quererem reprender, de responder tão aspero ao Rey, em tempo que era necessario ter com elle muitos comprimentos. Afonso Dalboquerque com aquelle animo invencivel que tinha, disse-lhes: *Eu, senhores, não sou homem pera acabar hum feito tão grande, como este, com dissimulações, e moralidades; mas como Cavaleiro, e grande Capitão executar as obrigações de meu Regimento, como por ElRey Nosso Senhor me he mandado, e por isso a fortuna se poderá acostar a qualquer parte que quiser; mas eu espero na Paixão de Jesus Christo, em que tenho toda minha confiança, de quebrar a cabeça a estes Mouros, e fazer o seu Rey tributario delRey Nosso Senhor, ou me hão de levar a cabeça nas mãos; e este he o melhor, e mais são conselho, que em tal caso, e tempo podemos tomar, pois estamos em lugar, que se não póde fazer outra cousa, e cada hum se vá pera a sua náo fazer prestes; e ouvindo hum*

tiro de bombarda, acuda, e faça o que me vir fazer. Cogebeirame chegou a terra, e contou ao Rey tudo o que passára com Afonso Dalboquerque, e como o achára. E o Rey mandou logo chamar Cogeatar, e todos os Governadores da Cidade, e disse-lhes a reposta, que lhe Cogebeirame trouxera, e o mais que lhe contára. Cogeatar, como era o principal no governo, e sobre quem carregava tudo, disse, que o conselho, que naquelle negocio se avia de tomar, era dilatar o tempo o mais que podessem, até lhe vir a armada, e gente, que mandára vir de terra firme, que não podia tardar mais que até o outro dia, porque já tinha recado que estava da outra banda: e que se não espantassem da reposta chea de soberba, que o Capitão mór daquella armada dera a Cogebeirame, porque era fazer das tripas coração, e que elle esperava de tomar todos os Portugueses, que ali estavam vivos, pera com elles fazer guerra a seus vizinhos. Este conselho de Cogeatar pareceo bem a todos os Governadores; porque, segundo as muitas náos, e gente que tinham, aviam por grande doudice quererem os nossos pelejar com elles. O Rey tornou a mandar Coge-

beirame, que dissesse a Afonso Dalboquerque, que elle folgava muito com sua vinda pelos desejos, que tinha de ter amizade com ElRey de Portugal: e pois sua determinação era vir áquelle porto, e assentar paz, e amizade com elle, pera que lhe distruhia os seus lugares, que tinha por toda aquella costa, matando quanta gente nelles achava; e que se dos Regedores delles tinha recebido agravo, que a elle ouvera de pedir a emenda disso, e não destruilos: e que quanto era ao tributo, que lhe mandava pedir, que elle falaria com os seus Governadores, e Officiaes de sua fazenda, e do que assentasse, lhe mandaria a resposta. Chegado Cogebeirame com este recado, Afonso Dalboquerque mandou logo chamar os Capitães, e disse-lhes, que elles por muitas vezes se queixavam por detrás delle, que lhe não dava conta das cousas que fazia, que agora tinham tempo pera o aconselharem, e pera o reprenderem; porque a reposta, que lhe o Rey mandava, parecia mais dissimulação, que querer-lhe dar o que lhe pedia, pois se lembrava dos males, que os seus lugares tinham recebido delles. Os Capitães lhe respondêram, que de se elles aqueixarem tinham

muita rezão, porque sua vinda a Ormuz não fora por seu conselho, nem por sua vontade; mas pois já ali estavam, devia de ter alguma maneira de concerto com o Rey; porque, segundo a muita gente, e armada, que elle tinha naquelle porto, não duvidavam pôr-se em ventura de se perderem todos: e pois as cousas se podiam fazer sem trabalho, que lhe pediam muito por mercê, que escusasse quanto podesse telo. Afonso Dalboquerque lhes disse, que elle não vinha ali a rogar o Rey de Ormuz, senão fazer-lhe guerra, não querendo estar á obediencia delRey de Portugal, e que avia tres dias que ali estavam; e todo o mais tempo que estivessem sem alguma determinação, era mostrar claramente fraqueza. Passada esta prática, que teve com os Capitães, disse a Cogebeirame, que dissesse ao Rey, que elle folgava muito da paz, que queria ter com ElRey de Portugal seu Senhor, porque lhe vinha muito bem tela; mas que isto avia de ser conclusão, e não palavras; e que quanto era ao que dizia, que lhe fizera sem rezão de lhe queimar os seus lugares, e destruilos, que a culpa fora dos seus Capitães, que se quiseram tomar com elle; porque primeiro que

lhe elle fizesse a guerra, trabalhára muito por a paz, e que a prova disto era Soar, e Calayate, que elle não destrohio, porque os Capitães quiseram paz. Cogebeirame tornou com esta reposta; e porque o fundamento de Cogeatar era dilatar este negocio, como está dito, tornou logo a mandar Cogebeirame, pedindo a Afonso Dalboquerque, que se não agastasse por alguma dilação que podia aver; porque pagar o Rey tributo não se podia conceder sem conselho, e parecer de todos os Senhores do seu Reyno, por não aver depois dúvidas no pagar delle, e que a sua gente podia ir segura a terra tomar refresco, e tudo o mais que quisesse. E fazia isto a fim de saber pelos Portugueses que gente podia aver na nossa armada, porque estava espantado do que lhe Cogebeirame dizia que víra na náo de Afonso Dalboquerque; e porque elle hia entendendo de cada vez mais que eram manhas de Cogeatar, disse a Cogebeirame, que lhe dissesse, que elle avia tres dias que ali estava sem ver reposta do Rey, que parecesse conclusão: que lhe pedia por mercê, que ouvesse bom conselho, e que até o outro dia pela menhaã lhe mandasse dizer o que determi-

nava de fazer; porque não vendo reposta sua, lhe prometia de lhe destroir a sua armada, e apôs isso tomarlhe a Cidade por força de armas. E mandou aos Capitães que se fossem pera as náos fazer prestes, e que ouvindo hum tiro de artilharia, fizessem o que lhe vissem fazer.

CAPITULO XXX

De como o grande Afonso Dalboquerque, vendo que tardava a reposta, foi cometer a armada, que estava no porto de Ormuz, e a desbaratou.

Posto que os Capitães não ficáram muito contentes da reposta, que Afonso Dalboquerque mandou ao Rey, com tudo chegados ás náos, fizeram-se prestes com sua artelharia, e arrombadas, esperando o sinal, que lhes tinha dado. Os Mouros receosos da conversação das nossas náos, foram-se alando as amarras, que tinham da banda da Cidade, por se afastarem dellas. Afonso Dalboquerque como estava em vista de tudo o que se fazia, mandou logo recado aos Capitães, que nos bateis com gente armada

emendassem suas amarras, e as fossem portar boia com boia das náos dos Mouros, que se afastavam. Os Capitães, (posto que assombrados do perigo, em que se viam); como valerosos, e esforçados cavaleiros o poseram por obra, e o Mestre da náo Capitaina com cincoenta homens armados foi portar huma ancora na gorja da náo Meri. O Capitão da náo, que sabia a causa da dilação do Rey, vendo a mudança das nossas náos, bradou da popa a Afonso Dalboquerque, que se não agastasse, que logo viria recado. E não devem ter menos louvor os Mestres, Pilotos, e gente do mar, pois não sendo esta sua profissão, armados de todas as armas, com muito esforço, e diligencia faziam o que lhes seus Capitães mandavam. Vendo Afonso Dalboquerque o brandir das espadas, e capear com as adargas, e outras cousas, que os Mouros de terra faziam, como gente, que o não tinham em conta, entendendo por estes ademanes que a determinação do Cogeatar era dar-lhe batalha, e que não era já tempo de dissimular, por estarem metidos em lugar, que lhes convinha buscar o remedio por suas mãos, determinou de cometer os imigos antes, que

lhe viesse o socorro que esperavam, e pos-se em ordem pera o outro dia, não vindo recado, cometer a armada, e repartio as estancias da sua náo por D. Antonio seu sobrinho, e por Jorge Barreto de Crasto, D. Jeronymo de Lima, e D. João de Lima, com todos os mais Fidalgos, e criados delRey, que avia na náo: e mandou a Nuno Vaz de Castelobranco que tivesse cuidado de fazer carregar a artelharia, e da guarda da polvora, e avisou os Capitães das outras náos que guardassem esta ordem, e que estivessem prestes, e fizessem o que lhe vissem fazer. Como foi menhãa, vendo Afonso Dalboquerque que não vinha recado do Rey, e que esta dilação desenhava quererem guerra, e não paz, mandou pôr fogo á artelharia. Os bombardeiros ordenáram-se de maneira, que dos primeiros tiros metêram duas náos grossas, que tinham diante, no fundo com toda a gente, huma do Principe de Cambaya, e outra de Meliquiaz de Diu. Afonso Lopez da Costa, que ficava da banda da terra, desbaratou, e meteo no fundo alguma parte dos galeões, e atalaias, que a sua artelharia alcançou. Manuel Telez, depois de ter feito grande estrago em alguns

navios, mandou alargar o cabo, que tinha da banda do mar, e veio-se sobre huma náo grande, que tinha junto comsigo, e matou-lhe parte da gente, e a outra lançou-se ao mar, e os que hiam armados foram-se logo ao fundo; e João da Nova com sua artelharia fez grande estrago nas náos, que estavam da banda do cerame, e o mesmo fizeram Antonio do Campo, e Francisco de Tavora nos galeões, que os tinham cercados, que toda a noite andáram emendando suas ancoras pera os tomarem no meio; e ainda que os Mouros trabalhavam de se vingarem com a sua artilharia, estavam as nossas náos tão fortificadas das arrombadas, que não lhes fizeram nojo, senão nas obras mortas, e com as frechas lhes feríram alguma gente. Foi a peleja tão travada de huma parte, e da outra, assi da artelharia, como das frechas, que durou muito espaço, sem se verem huns aos outros com o fumo. Afonso Dalboquerque em descobrindo a fumaça, mandou com grande pressa alargar hum cabo, que tinha da banda do mar, e deixou-se vir sobre a náo Meri, e matou-lhe muita gente com as espingardas, e béstas, e ali morreo o Capitão, (que era hum homem prin-

cipal de Cambaya); e vendo o desbarato da armada do Rey, e a vitoria não pensada, que lhe Nosso Senhor mostrava, e que os Mouros se lançavam ao mar com medo da nossa artelharia, cuidando que ali tinham seu remedio a nado, pelos reprimir alargouse da náo, e D. Antonio com elle no seu esquife, e bradou aos Capitães, que acodissem aos bateis, e seguissem a vitoria. E o primeiro Capitão, que veio ter com elle, foi Manoel Telez; e por o seu batel ser mais leve do remo, meteo-se nelle com sua bandeira real (que hoge está em N. Senhora da Graça,) e foi-se pôr á vista dos nossos no meio da armada dos Mouros, pera dali acodir aonde fosse necessario, e dar ordem aos Capitães do que aviam de fazer, e ali esteve sem se bolir, bem fervido de ırechadas, e espingardadas, e mandou a Jorge Barreto de Crasto que se metesse no seu batel, e Jorge da Silveira, Aires de Sousa Chichorro, Duarte de Sousa, Nicolao de Andrade, Nuno Vaz de Castelo-branco, e outros muitos Fidalgos, e criados del-Rey com elle, que fossem cometer a náo Meri; e se ainda ouvesse gente nella, que a trouxesse toda á espada, sem dar vida a

ninguem. Jorge Barreto foi cometer a náo, e os primeiros que entráram foi Gaspar Diaz de Alcacere do Sal, e á entrada lhe cortáram a mão direita, que logo ali ficou com a espada apertada, ao qual Afonso Dalboquerque deu de sua fazenda em sua vida dez mil reaes de tença: e apôs elle entrou João Estão, Escrivão da armada, que o defendeo que o não matassem, e Pero Gonçalves Piloto, que ouve ali duas cotiladas mui grandes (de que esteve á morte), e Nuno Vaz de Castelo-branco, que com huma béста ferio, e matou muitos Mouros, até que não teve almazem, e apôs estes entráram todos os outros, que hiam com Jorge Barreto, e tres Marinheiros da náo Capitaina; e juntos todos, pelejáram com tanto esforço, que de sessenta Mouros, que ficáram na náo, sem se quererem lançar ao mar, foram todos mortos, e estirados por esse convês, e a náo ficou assi com a gente, que lhe Jorge Barreto deixou pera a guardarem.

CAPITULO XXXI

De como os Capitães, depois da náo Meri rendida, foram seguindo a victoria: e o estrago que fizeram na armada: e como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer o cerame, onde o feríram.

Como Jorge Barreto teve a náo Meri rendida, os nossos, que nella ficavam, com a artelharia della começáram a tirar á gente da Cidade, que andava na praia, e fizeram-lhe muito nojo, e Jorge Barreto foi-se ajuntar com D. Antonio, que andava no esquife da náo Capitaina, e Francisco de Tavora no seu batel, e foram seguindo alguns galeões, que hiam fogindo contra a Ilha de Queixome: e com a artelharia, que nelles levavam, e espingardas matáram muita infinidade de Mouros, e na companhia de D. Antonio hiam Francisco de Melo, Pero Gomez, Rui Diaz, (filhos de homens honrados de Alenquer), e Simão velho filho do Commendador de Almourol, James Teixeira, Duarte de Melo, Pedralvres Froes, e Antonio Vogado. Estes Capitães, depois de terem posto em desbarato os galeões,

e muitos delles metidos no fundo, vieram-se recolhendo para onde Afonso Dalboquerque estava, o qual mandou logo Antonio do Campo que fosse afferrar huma náo, que estava por render, e em sua companhia hia Nicolao Juzarte seu sobrinho, e Antonio Dabreu, e outra muita gente, e pelejáram hum grande espaço sem a poderem entrar; porque os Mouros da náo eram Fartaquins, e defendêram-se mui valerosamente. Vendo-os Afonso Dalboquerque nessa pressa, mandou Afonso Lopes da Costa que os fosse socorrer, e em sua companhia Antonio de Lis filho de Alvaro Gil de Lis de Setuval, e Antonio de Azevedo, e Bras da Silva seu irmão, e Alvaro Fernandes moço da Capela delRey, e outros homens honrados, que pelejáram de maneira, que entráram á náo, e matáram-lhe muita parte da gente; e alguns, que não podéram sofrer sua furia, lançáram-se ao mar. João da Nova, que estava perto d'elles, como os vio no mar, acodio no seu batel com Fernão Soares, João Luis criado delRey D. Manuel, e Antonianes Mestre da sua náo, e começáram todos a pôr o ferro nos Mouros, que andavam a nado, e matáram muita parte delles, e ou-

tros se afogáram, e dali foi aferrar huma náo grande, em que avia muitos Mouros, que inda não tinham sentido o ferro dos nossos; e começando-os a combater, chegou Francisco de Tavora no seu batel, e com elle Manoel de Lacerda, D. João de Lima, Bastião de Miranda, Pedro Dalpõe, Martim Vaz, Lopo Alvres criado do Condestabre, e Diogo Neto, e muita gente darmas; e chegando a bordo da náo, elle por huma parte, João da Nova pela outra, a entráram, e matáram quantos acháram dentro, sem dar vida a nenhum. Afonso Dalboquerque, que estava em vigia do que se fazia, vendo que alguns se salvavam a nado, mandou aos Capitães que atalhassem da banda da terra, e trouxessem todos á espada: elles acudíram, e não deram vida a nenhum. Os Mouros eram tantos no mar, dos que se lançavam das náos que os Capitães entráram,. e das que nossa artelharia meteo no fundo, que não podendo acodir por serem os bateis poucos, e os soldados já enfadados de matar, se salváram muitos a nado.

Neste tempo andava Cogeatar em hum parao muito esquipado, com suas arromba-

das feitas de colchas vermelhas, e huma mea gavea no topo do masto, metido na maior furia da batalha, animando os seus, que pelejassem, e trazia comsigo muitos Turcos coraçones com suas espadas guarnecidas de prata, e ouro, e muitos archeiros, sem ser conhecido dos nossos, senão por derradeiro, que o disse hum Mouro a Afonso Dalboquerque, já quando se elle hia recolhendo pera terra, depois do desbarato da sua armada. E com tudo mandou aos Capitães nos seus bateis, e a Jorge Barreto de Castro que o seguissem, e lhe fossem tomar a terra, e investissem o parao, em que elle hia; e quando chegáram, eram já os Mouros tão pegados com as casas, que se lançaram ao mar, e Cogeatar tambem com elles, deixando no parao muitas espadas guarnecidas de ouro, e prata, e agomias, e vestidos de borcado, e de seda, tudo despojo de gente honrada, que lhe os nossos tomáram, e com elle se tornáram pera onde Afonso Dalboquerque estava; e como foram todos juntos, tornáram outra vez á batalha do mar com os Mouros, que andavam a nado, e ás lançadas, e cotiladas matáram tantos delles, que de cansados de matar, não po-

dendo acodir a tudo, se salváram alguns, e o mar andava tão tinto de sangue, que era espanto velo. Os grumetes, e pagens das náos tambem por sua parte não faziam senão vasalos com os croques, e lançar-lhes as tripas fóra, de maneira, que foi feito grande estrago nelles: e ouve grumete, que só matou outenta Mouros. E porque isto tudo era ao longo da ribeira, recebêram os nossos muito dano de hum cerame, que o Rey tinha feito de madeira metido no mar, diante das portas do Castelo com a artelharia que nelle tinha, e com frechas. Como Afonso Dalboquerque vio os nossos afrontados da artelharia, mandou remar rijo o seu batel direito ao cerame, com determinação, que acodindo todos os Capitães, cometer o Castelo; e não fora muita dúvida entralo, se todos acodíram, porque os Mouros estavam tão cortados de medo do desbarato que viam, que ouvera pouco que fazer na entrada; mas os Capitães não tinham sabido sua determinação, nem Afonso Dalboquerque cuidou que podia ser; mas a vitoria, e o desbarato dos imigos lhe mostrou o que podéra fazer, se todos acodíram com tempo; mas com elle não se achou

mais que Antonio do Campo, e ambos apertáram rijo com os Mouros, que estavam no cerame; e com as bombardas, que traziam nos bateis, matáram alguns delles á porta do Castelo, que logo víram levar a rasto pera dentro da fortaleza. Os remeiros do batel, em que Afonso Dalboquerque hia com a revolta da peleja, embaraçáram-se de maneira, que atravessáram o batel debaixo do cerame, e ali feríram Afonso Dalboquerque, e a Manoel Telez de huma frechada pelo rosto, e Pero Vaz Dorta, e Jorge da Silveira, e dous bombardeiros, e outros tres, ou quatro homens: e no batel de Antonio do Campo feríram a elle, e a Antonio Dabreu, e cinco Marinheiros. E com quanto ali foram estes feridos, apertáram tão rijo com os Mouros, que os metêram todos pela porta do Castelo dentro, e nisto acodíram todos os Capitães, nos seus bateis, e juntos se afastáram pera fóra, e foram-se ao longo da Cidade esbombardeando todas as casas. Durou esta batalha, que os nossos tiveram com os Mouros no mar, desde as sete horas de pela menhãa até as tres horas depois do meio dia, em que morrêram infinidade de Mouros, e os bombardeiros o fize-

ram aquelle dia de maneira, (porque Nosso Senhor os quis ajudar,) que não tiráram tiro, que não metessem náo no fundo, e matassem muita gente.

CAPITULO XXXII

De como o grande Afonso Dalboquerque desbaratou a armada, e foi ao longo da Cidade, queimando, e destroindo todo o arrabalde: e de como o Rey lhe mandou dous Mouros em huma almadia, pedindo-lhe paz.

Não contente o grande Afonso Dalboquerque de ter desbaratada, e destroida toda a armada do Rey, porque lhe não ficasse nada por fazer, mandou a Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e D. Antonio de Noronha, que fossem nos bateis dando caça a umas atalaias, que hiam fugindo pera a terra firme. E como elles andavam favorecidos da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera, foram-nas seguindo, e todas as que alcançáram metêram no fundo, e matáram-lhe toda a gente que nellas hia, e a outras punham o fogo, e hiam ardendo por esse mar, pera onde as levava o vento,

que era hum grande espectaculo pera ver. E Afonso Dalboquerque com os outros Capitães foi-se ao longo da praia esbombardeando o arrabalde, queimando todos os navios, que estavam varados em terra; e hiam tão perto, que das janelas, e eirados lhes feríram alguns homens com frechas, e pedradas; e todos os navios, que topou no mar, que se hiam recolhendo pera vararem em terra, tomou, e matou-lhe toda a gente, e pos-lhe o fogo. E porque a este tempo andavam alguns Capitães nos seus bateis espalhados por esse mar a esta pescaria, mandou-lhes fazer sinal que se recolhessem pera onde elle estava, e logo voltáram todos, e vieram afferrar terra meia legoa da Cidade. Chegado Afonso Dalboquerque, ali achou Francisco de Tavora, e João da Nova, como homens de pouco recado, com sua gente em terra; e chegando a elles, disse-lhes, que pera homens a que parecia mal, e impossivel cometer aquelle feito, não devêram de estar tão descançados em terra de seus imigos sem sua licença, e mandou-lhes que se recolhessem logo aos bateis, e a Afonso Lopez da Costa que desembarcasse com sua gente, e fosse tomar um outeiro, onde avia

huns grandes edificios, e sepulturas de Mouros honrados, e que descobrisse dali todo o campo, e visse o que lá hia, e com elle mandou certos bombardeiros, e gente solta pera pôrem fogo aos navios, que achassem, e casas do arrabalde. Afonso Lopez da Costa, depois de ter descuberto o campo, e vio que estava seguro, veio-se do outeiro pelas costas do arrabalde com sua gente á vista dos nossos bateis, queimando, e destruindo tudo o que achava, e Afonso Dalboquerque lhe foi dando costas por mar ao longo da ribeira com todos os Capitães, e dali até a Cidade não ficou cousa nenhuma no arrabalde, que não fosse queimada, sem aver quem lhe resistisse; e alguns Mouros, que se quiseram fazer fortes em humas casas pera as defenderem, ali morrêram todos queimados, e todo o campo ao longe era cuberto de gente, que fugio da Cidade pera a serra. Vendo Cogeatar toda a armada do Rey de Ormuz desbaratada, e a bravosidade do seu animo reprimida, temendo-se que Afonso Dalboquerque lhe cometesse a Cidade, mandou arvorar huma bandeira branca na mais alta torre do Castelo em sinal de paz. Afonso Dalboquerque, que hia ao

longo das casas, vendo a bandeira na torre, levou remo, e deixou-se estar quedo, e mandou a Afonso Lopez da Costa, que vinha para terra, que se recolhesse com toda a sua gente; e estando assi, chegou huma almadia com dous Mouros, e huma bandeira branca, pedindo paz, os quaes Mouros eram naturaes de Ourão, e avia poucos dias que eram chegados a Ormuz, e deram novas da Armada, que ElRey D. Manoel mandára a Turquia, em que hia o Conde Prior por Capitão geral, e por elles mandou o Rey de Ormuz dizer a Afonso Dalboquerque, que elle se metia em suas mãos, e lhe queria entregar a Cidade, pois tudo o mais de seu Reyno elle o tinha ganhado: e por ser já Sol posto, e a gente não ter comido todo aquelle dia, recolheo-se Afonso Dalboquerque pera as náos, e mandou hum dos Mouros na almadia a terra com recado ao Rey, que primeiro que entendesse em nenhuma cousa das que lhe mandava dizer, lhe mandasse dez Mouros principaes da Cidade em arrefens, os quaes sem mais dilação ao outro dia amanhecessem a bordo da sua náo; e que soubesse certo que pelo mais pequeno engano que lhe fizesse, lhos

avia de mandar lançar todos espedaçados em terra. Partido hum dos Mouros com este recado, Afonso Dalboquerque se recolheo pera as náos com toda a gente a descançar do trabalho daquelle dia, e levou comsigo o outro Mouro, que se chamava Abedalá; e como foi menhaã, mandou recado aos Capitães, que se viessem em seus bateis a bordo da sua náo, e foi-se correndo todas as náos dos Mouros, que estavam surtas sem gente, e mandou-as desamarrar, e pôr-lhes o fogo: ventava o vento da terra, e foram-se por esse mar ardendo, que era cousa espantosa de ver; e porque avia algumas náos, que estavam antre a nossa armada, e era perigo pôr-lhes o fogo, mandou-as Afonso Dalboquerque arrombar, e foram-se ao fundo, recolhendo primeiro algumas cousas, que nellas avia pera provimento da sua Armada. Feito isto, tornou-se a recolher, e disse aos Capitães, que estivessem todos prestes, porque não vindo recado do Rey até ás dez horas, que elle determinava de combater a fortaleza, e entrala per força de armas, e prender o Rey, e todos os seus Governadores. Os Capitães se foram pera as suas náos mal contentes desta determinação de Afonso

Dalboquerque; mas não ousáram de lhe falar nisso, e elle foi-se pera a sua náo, e mandou chamar o Abedalá, e enformou-se delle do estado em que estava a Cidade de Ormuz; e perguntou-lhe, qual era a causa, por que o Rey não quisera ter paz, e amizade com elle? O Abedalá lhe disse, que o Rey era moço, e não tinha nenhuma culpa; e que Cogeatar, que era Governador do Reyno, fizera com o Rey que se não concertasse com elle, porque tinha por muito certa a vitoria, por lhe ver pequena Armada, e pouca gente; e que mandára apregoar por toda a Cidade, que todo o Mouro, que matasse Portugues, morresse por isso, e que os tomassem a todos vivos, pera com elles fazer a guerra a Benjabar; e que Cogeatar os mandára chamar o dia que aquella Armada ali chegára, e lhe perguntára que homens eram os Portugueses, e se eram homens de guerra, e que gente podia trazer a sua armada; e elles lhe disseram, que os Portugueses tinham fama de cavaleiros ante todos os Reys Christãos, e Mouros daquellas partes; e que por elles serem taes, tinha ElRey de Portugal ganhado muitos lugares em o Reyno de Fez aos Mouros; e

sobre isto que lhe elles disseram, começára Cogeatar de fazer muitos feros, e elle lhe respondêra: *Senhor, não te enganes, e creme, que se não ouver espada, não haverá ley de Mafamede;* e ao outro dia pela menhaã tornou o Mouro companheiro de Abe dalá, e trouxe quatro Mouros principaes por arrefens. Afonso Dalboquerque começou-se de agastar, e disse-lhe, porque lhe não mandára o Rey os dez Mouros, que lhe mandava pedir? O Mouro lhe respondeo, que a gente da Cidade era toda fugida, e morta; e que por isso lhe não mandava mais que aquelles quatro, que eram os principaes da terra; e que o Rey lhe dissera, que se disso não fosse contente, que elle se viria meter em suas mãos com toda a sua casa. Afonso Dalboquerque dissimulou com elle, e não lhe respondeo nada até ver o fim que teria este negocio, e mandou chamar todos os Capitães, Fidalgos, e homens honrados, que avia na Armada, á sua náo; e estando todos assentados na tolda da náo, que pera isso estava muito bem concertada, mandou vir perante si os Mouros; e hum delles, que era o principal da casa do Rey, começou a falar desta maneira:

Diz o Rey de Ormuz nosso Senhor, que nas cousas passadas antre ti, e elle, que foram causa de tantos males, e destruição de náos, e gente, não tem nenhuma desculpa que te dar, porque he moço, e nunca se vio em trabalhos de guerra, senão agora, e que máos conselhos de seus Governadores lhe fizeram não aceitar a paz, e amizade, que lhe tu offereceste, de que está muito arrependido; e que prouvera a Deos que este arrependimento não fora tanto á sua custa, e de seu povo, e vassalos, como he: que este Reyno he delRey de Portugal, e que elle se quer meter em tuas mãos, e fazer tudo o que tu quiseres: que te pede que ajas piedade delle, e deste povo, e que o faças como faz hum pai com hum filho desobediente, que depois de arrependido lhe perdoa: e que pois este Reyno he delRey de Portugal, não queiras acabar de destruir esta Cidade, porque está de maneira, que não ha casa nella, em que se não sintam trabalhos, mortes, e desaventuras. E Cogeatar, que he Governador do Reyno, e os Regedores da Cidade te mandam dizer, que elles são teus escravos, e que o Reyno he teu, e querem estar á tua obediencia, e fazer tudo o que tu quiseres. Afonso Dalbo-

querque mandou sair os Mouros pera fóra sem lhes responder, e praticou com os Capitães, e Fidalgos, que ali estavam, o que faria neste negocio, e todos assentáram que devia de aceitar estes offerecimentos do Rey, e seus Governadores, e que os Mouros estivessem na náo até se assentar este negocio com o Rey.

CAPITULO XXXIII

Da reposta que o grande Afonso Dalboquerque deu aos Mouros: e de como mandou Pero Vaz Dorta Feitor, e João Estão, e Gaspar Rodrigues lingoa a terra: e do que passáram com o Rey, e seus Governadores.

Assentado este negocio da maneira que tenho dito, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar os Mouros, e disse-lhes perante todos, que elle desejava muito de servir ao Rey, querendo estar á obediencia delRey de Portugal seu Senhor, como dizia; e que pera tomar conclusão neste negocio, mandava Pero Vaz Dorte, Feitor daquella Armada, falar ao Rey; e que lhe rogava

muito, em quanto elle não vinha com reposta, se não escandalizassem de ficar ali na náo. Os Mouros lhe respondêram, que fizesse o que quisesse, porque elles offerecidos vinham a fazer o que lhes mandasse. Afonso Dalboquerque mandou Pero Vaz Dorta a terra, e João Estão, Escrivão da Armada, e Gaspar Rodrigues lingoa com elle; e que dissesse ao Rey, e Cogeatar, e Governadores da Cidade, que elle em nome do mui alto, e poderoso Rey D. Manoel, Rey de Portugal, e Senhor das Indias, aceitava a obediencia, que lhe tinha mandado; e que até se isto assentar da maneira que avia de ser, elle alevantaria a mão de lhe fazer a guerra, que lhe pedia que tomassem logo conclusão, e neste negocio não ouvesse as dissimulações passadas. E depois de dar este recado a Pero Vaz, perante todos, apartou-se com elle, e disse-lhe que dissimuladamente olhasse pela disposição da fortaleza, e entradas, e saidas della, e quanta gente o Rey teria comsigo, e se avia muita artelharia, e armas, e a ordem que tinha. Partidos com este recado, como Afonso Dalboquerque não era descuidado das causas de sua obrigação, e do cargo que ti-

nha, e porque não sabia como este negocio socederia, começou logo de se prover de todas as cousas, que eram necessarias pera cometer a Cidade, e mandou ajuntar muita madeira das náos dos Mouros pera se fazer forte com tranqueiras em qualquer lugar da Cidade que ganhasse, e mandou vigiar toda a Ilha em roda, pera que da terra firme lhe não podesse vir nenhum socorro de gente, agoa, e mantimentos. Pero Vaz, e João Estão foram a terra, e deram o recado ao Rey, e a Cogeatar; e como elles estavam muito desejosos de paz, despacháram-no logo. Tornado Pero Vaz Dorta com a reposta, disse a Afonso Dalboquerque perante todos, que o Rey lhe mandava beijar as mãos polo querer aceitar por vassalos del-Rey de Portugal, e tomar sua amizade, e que elle prometia de ser sempre seu leal vassalo. E que Cogeatar lhe mandava dizer, que elle fora escravo do Rey Sargol, e que agora era seu; e que pois o Rey estava á sua obediencia, e a terra era sua, que podia fazer nella o que quisesse; que lhe pedia muito por mercê que a pena, que merecia de se não vir o dia dantes á sua obediencia, lhe perdoasse, porque elle lhe jurava por

sua lei que em tal caso nunca consentíra; mas que o povo, e alguns Mouros mercadores lho fizeram fazer; e que se elles nisto tinham alguma culpa, que bem paga estava. Afonso Dalboquerque como ouvio esta reposta do Rey, e Cogeatar, primeiro que tomasse nenhuma conclusão com os arrefens, e com os Mouros de Ourão, se apartou com Pero Vaz, e João Estão, e perguntou-lhes por aquellas cousas, que lhes mandára que vissem. Pero Vaz Dorta lhe disse, que o Rey tinha comsigo a alguns archeiros, e que a fortaleza de dentro era forte, e grande, e que pera se defender tinha o Rey de Ormuz necessidade de mais gente da que lhe elles vírão, e que lhe víra muito boa artelharia de metal, mas pouca, e outra de ferro; e que soubera de alguns Mouros com que falára, depois de ser despedido do Rey, que a sua determinação, e de todos os que com elle estavam, era meterem-se em suas mãos, e fazerem tudo o que elle mandasse, e que cria isto, porque os achára muito quebrados, como gente vencida, e desbaratada. Com esta informação de Pero Vaz, e João Estão, determinou Afonso Dalboquerque de mandar os quatro Mouros,

que tinha em arrefens, a terra, pera provar se nestas palavras, que lhe o Rey, e Cogeatar mandavam dizer, avia alguma malicia, como nos outros negocios passados; e tambem por lhes mostrar que tinha muita confiança nelles, fazendo da necessidade virtude; porque ainda que lhe abrissem as portas, e lhe entregassem a Cidade, era a nossa gente tão pouca, que na mais pequena casa de Ormuz, em que entrassem, não averia mais homens que soubesse parte hum do outro, e quis curar isto, mostrando que confiava nelles, porque os Mouros não viessem a saber quão pouca gente elle tinha, e estando na sua Armada, estava mais poderoso, e mais senhor da Cidade. E assentado isto comsigo, despedio os arrefens, e mandou por elles dizer ao Rey, e a Cogeatar, que o Feitor lhe dera seu recado; e que quanto era a obediencia que dizia, que queriam dar a ElRey seu Senhor, que elle em seu nome a recebia, e as causas da guerra passada lhes perdoava, pois queriam ser seus vassalos, e ao que diziam, que a terra era delRey de Portugal: e que podia fazer nella o que quisesse, que nisso faria o que fosse mais serviço delRey seu Senhor; e com esta re-

posta mandou os arrefens. E como o Rey os vio sem saber a causa por que os Afonso Dalboquerque soltára, pois com muita instancia lhos mandára pedir, não se ouve por satisfeito das palavras, que por elles lhe mandou dizer: e ao outro dia pola menhaã cedo os tornou a mandar todos quatro, e que lhe dissessem, que elle era vassalo delRey de Portugal, e que estava prestes pera fazer tudo o que elle quisesse; e que na Cidade, e em todo o Reyno podia mandar tudo o que fosse serviço delRey de Portugal, pois era seu, e que lhe perdoasse o erro passado, porque o que fizera fora por máos conselhos. Vendo Afonso Dalboquerque reposta tão justificada, quis-se aproveitar do tempo, e mandou logo Pero Vaz Dorta a terra, com hum dos quatro arrefens, dizer ao Rey, que querendo elle ser leal vassalo delRey de Portugal seu Senhor, como dizia, que elle lhe deixaria ter a governança do Reyno em seu nome, pagando de tributo cada anno aquillo, que fosse rezão, até elle determinar nisso o que fosse mais seu serviço. O Rey lhe respondeo, que elle o tomava por Pai, e que o Reyno, e a Cidade, e as rendas delle tudo era seu, pois o tinha ganhado, que

mandasse governar a Cidade por quem quisesse, e que logo lhe mandaria entregar a fortaleza, e se meteria em suas mãos, e que lhe lembrava que em os grandes Capitães o vencer era perdoar. E Cogeatar lhe mandou dizer, que elle fora escravo do Rey Sargol, Rey que fora de Ormuz, como já lhe tinha mandado dizer, o qual lhe tivera sempre muito amor, e lhe fizera de contino muitas mercês, por quão lealmente o sempre servíra. E estando elle por guazil em Calayate, os Abexins, que eram guarda do Rey, o qual era filho do Rey Sargol seu Senhor, se alevantáram, e matáram á treição, e roubáram todo o seu thesouro, ficando em posse da Cidade; e sabendo elle esta treição, ajuntára gente desses lugares do Reyno, e viera a Ormuz, e os desbaratára, e matára a todos aquelles, que foram principaes na treição, e alevantára por Rey este moço, que agora reinava, a que perténcia a socessão do Reyno de direito, por ser da linhagem dos Reys filho de hum Rey cego, que ali estava; e que pois tinha ganhado o Reyno, que elle queria estar á sua obediencia, e fazer tudo aquillo, que lhe elle mandasse; e quando isto não quisesse, que lhe

pedia por mercê que o deixasse com sua velhice ir viver a Calayate, que era sua natureza, porque ahi queria acabar seus dias.

CAPITULO XXXIV

Como o grande Afonso Dalboquerque assentou com o Rey as pareas, que avia de pagar: e como lhe pedio lugar na Cidade pera fazer fortaleza.

Como estas justificações do Rey tão importunas, e de Cogeatar, pareceo a Afonso Dalboquerque tempo pera fazer seu negocio mais acomodado ao serviço delRey D. Manoel, e determinou de pedir ao Rey que lhe pagasse huma certa penção de pareas; e isto assentado, mandar-lhe pedir lugar na Cidade pera fazer uma fortaleza, porque com ella na terra, e Armada no mar ficavam as cousas de Ormuz mais seguras, e fóra de inconvenientes, e trabalhos; e posto nesta determinação, respondeo ao Rey, e a Cogeatar polos Mouros, que elle tinha por muito certo tudo o que lhe mandáram dizer, e que esta confiança teria sempre delles polo amor que tinha ao Rey; e que dissessem a

Cogeatar, que se espantava muito delle mandar-lhe pedir licença pera se ir pera Calayate; porque huma das principaes rezões, que o obrigavam a largar aquelle Reyno ao Rey, fora porque o elle avia de governar; e que se isto assi não avia de ser, que faria outro fundamento; e que avia de ser com condição, que pagasse certa cousa de tributo cada anno a ElRey de Portugal seu Senhor pera despesa de huma Armada, que avia de andar naquella costa, servindo o Rey de Ormuz. Cogeatar lhe mandou dizer polos Mouros, que o que elle mandasse, isso pagaria. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que todavia queria saber o que poderiam pagar, e depois elle daria nisso seu parecer. O Rey lhe respondeo, que não avia de pôr preço, e que pois o Reyno era seu, que pagariam o que lhe mandasse. Como Afonso Dalboquerque vio que o Rey se punha a não prometer nada, mandou-lhe dizer polo Feitor, e João Estão, que pois elle deixava tudo á sua determinação, que lhe parecia, visto a grandeza do Reyno, e a nobreza daquella Cidade, e o muito que rendia a Alfandega, e a obrigação que ficava a ElRey de Portugal a conservar, e de-

fender o Reyno a todos seus imigos, o que se não podia fazer sem grandes despesas, que pagasse trinta mil xerafins em cada hum anno de pareas, e toda a despeza que aquella Armada tinha feito até aquelle dia. O Rey praticado com Cogeatar, e com os seus Governadores, respondeo, que o Reyno estava muito destroido, e pobre, e que não podia ser pagar tanto tributo; que lhe pedia muito por mercê que quisesse aceitar seis mil xerafins cada anno, e cinco mil pera despesa da Armada. Afonso Dalboquerque mandou chamar os Capitães, e disse-lhes o que o Rey de Ormuz mandava prometer que pagaria de tributo, que lhe dissessem se o aceitaria. Os Capitães começáram a dar suas rezões, parecendo-lhes bem que se aceitasse o que o Rey prometia, fundados no desejo que tinham que não houvesse effeito aquelle negocio de Ormuz pera se irem pera a India, onde tinham suas pretenções. Afonso Dalboquerque dissimulou com elles, e disse-lhes, que olhassem bem o que diziam, porque o Reyno de Ormuz era cousa grande, e o trato daquella Cidade avia de ser cada vez maior; e pois o Reyno era delRey D. Manuel seu Senhor, ganhado por

força com sua armada, e gente, não seria rezão largalo com tão pequena pensão, porque ainda com trinta mil xerafins, que lhe mandára pedir, não ficava satisfeito, pelo muito que valiam as rendas do Reyno. Todavia os Capitães por cima destas rezões, e de outras, que lhe elle deu, assentáram no que tinham dito. Afonso Dalboquerque vendo claramente que elles queriam danar este negocio, não quis tomar mais seu parecer nisto, pois por cima de verem que o Rey queria fazer tudo o que elle quisesse, diziam que lhe largasse o Reyno com tão pequena pensão; e porque se isto não viesse a saber e tambem por ter os Governadores da terra mais suaves pera lhe concederem lugar pera fazer fortaleza, que era o que elle mais pretendia que tudo, determinou de lhes pôr hum tributo honesto, e fazelo de maneira, que ficasse sempre resguardado aos Reys de Portugal acrescentalo cada vez que quisessem, pois a terra era sua, conquistada per seus Capitães, e gente com muita despesa de sua fazenda. E mandou dizer ao Rey, que pelos desejos que tinha de o servir, era contente que pagasse em cada hum anno quinze mil xerafins de tri-

buto a ElRey D. Manuel, e a todos os seus socessores, (sendo elle disso contente), e que daria logo cinco mil xerafins mortos pera a despesa da Armada; e que as mercadorias, que de Portugal viessem pera a feitoria, fossem francas; e as que os Portugueses comprassem em Ormuz, e nos seus portos, não pagassem mais direitos, que aquelles, que os naturaes da terra pagavam; e além destas condições lhes pos outras, que lhe parecêram serviço delRey D. Manuel; e com ellas foi o Rey, e Cogeatar, e todos os Governadores contentes de aceitarem o Reyno, e governança delle da mão de Afonso Dalboquerque, em nome delRey de Portugal: e deste concerto se fizeram duas cartas, huma em huma folha de ouro do tamanho de huma de papel, feita a modo de libro, escrita em Arabigo com letras abertas ao boril, e suas brochas de ouro com tres sellos de ouro dependurados por cadeas, a saber, hum do Rey, outro de Cogeatar seu Governador, e outro da Cidade. A outra carta quis o Rey que fosse em Parse, que é a lingoa commua da terra, e esta se fez em papel com letras de ouro, e pontos de azul, e ambas estas cartas mandou Afonso

Dalboquerque metidas em caixa de prata a ElRey D. Manuel, as quaes devem de estar na Torre do Tombo: (senão ouve descuido em deixar perder huma antiguidade como esta, digna de muita memoria): E deste teor deu Afonso Dalboquerque outra ao Rey de Ormuz, feita por João Estão, Escrivão da Armada, conforme ao poder, que lhe ElRey D. Manuel tinha dado em seu Regimento, assinada por elle, e asselada com o sinete das Armas delRey.

CAPITULO XXXV

Como o Rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera pôr nos seus Paços em sinal de paz, e o que se nisso fez.

Acabado este concerto, mandou o Rey pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera a pôr sobre os seus Paços em sinal de paz, e amizade; e como na Armada não avia nenhuma que lhe podessem mandar, disse ao Feitor que fosse a terra fazela de cetim branco com huma Cruz de Christus; e acabada, mandou dizer ao Rey

por João Estão, que a bandeira estava prestes, que mandasse Cogeatar, e Rexnordim, e aos Governadores, e Officiaes da Cidade, e a todo o povo, que viessem a borda da agua recebela com muita festa, e naquelle dia não trabalhasse ninguem na Cidade, e que mandasse ter prestes cavalos pera os Capitães, e Fidalgos, e criados delRey; e disse a João Estão, que depois de dar este recado ao Rey viesse correndo ás náos, e dissesse a todos, que se viessem a bordo da sua náo, pera dali partirem com seus bateis muito bem concertados, e aos Mestres que embandeirassem as náos, e aos Condestabres dos bombardeiros que mandassem cevar toda a artelharia, e em chegando a bandeira a terra mandassem tirar; e mandou a Jorge Barreto de Crasto que se fizesse prestes pera levar a bandeira. Como tudo esteve aparelhado, huma segunda feira pela menhaã, dez dias de Outubro de 1507, vieramse os Capitães nos bateis a bordo da náo Capitaina, e ali entregou Afonso Dalboquerque a bandeira a Jorge Barreto, e disse a Pero Vaz Dorta, e João Estão o que aviam de fazer, e a ordem, que aviam de ter no levar da bandeira por a Cidade. Partidos to-

dos nos bateis embandeirados, e alcatifados, e tiros por proa, chegáram a terra, onde já estavam aguardando na praia Cogeatar, e Rexnordim, e os Governadores, e principaes da Cidade, e a gente do povo com muitos cavalos pera os nossos, muito bem concertados ao seu modo, e Jorge Barreto cavalgou primeiro que todos, e tomou a bandeira nas mãos; e como a teve levantada, começou logo a artelharia das náos, e dos bateis a atirar: e postos todos a cavalo, foram caminhando pela principal rua da Cidade, e diante de todos hia todo o povo, com muitos instrumentos ao seu modo, bradando de quando em quando *Portugal, Portugal;* e como o povo era muito, parecia que se fundia o Mundo com suas gritas: e logo apôs o povo hia a bandeira, e Cogeatar, Rexnordim, e todos os Governadores da Cidade hiam apegados com ella, e os Capitães, e Fidalgos da Armada hiam de trás, e nesta ordem foram pela rua principal da Cidade, e tornáram por outra direitos aos Paços, onde o Rey estava esperando a pé, e ali se decêram todos, e Jorge Barreto lhe entregou a bandeira, e elle a deu da sua mão aos Governadores que a levassem: e

assi a foram pôr em a mais alta torre dos seus Paços; e como foi vista das náos, começaram outra vez a desparar toda a artelharia. E desta entrega fez João Estão seus estromentos, em que o Rey, Cogeatar e Rexnordim, com todos os principaes da Cidade, assináram; e feito isto, os Capitães se despedíram do Rey, e vieram-se embarcar nos bateis, e foram-se á náo de Afonso Dalboquerque, e contaram-lhe tudo o que passáram, e o grande triunfo, com que leváram a bandeira pela Cidade, de que elle ficou muito contente, e deu muitas graças a Nosso Senhor por lhe deixar acabar aquelle negocio como elle desejava, e ao outro dia lhe mandou dizer se mandaria tirar a bandeira da torre pera a guardar. Afonso Dalboquerque lhe disse, que si, e que a guardasse muito bem, porque elle esperava em Deos que debaixo della o avia de ajudar a ganhar muitos lugares, e fortalezas aos Reys seus vezinhos, que lhe sempre fizeram a guerra. O Rey respondeo, que elle era vassalo del-Rey de Portugal, e que isto bastava pera ninguem ousar de ter pendenças com elle. E porque o estromento, que João Estão tirou da entrega da bandeira, não vinha jura-

do, mandou Afonso Dalboquerque a elle, e a Pero Vaz Dorta que fossem á terra, e dissessem ao Rey, que elle, e Cogeatar e Rexnordim, e todos os Governadores da Cidade jurassem no seu Alcorão de terem, e manterem tudo aquillo que tinham affirmado: e o Rey foi disso muito contente, e todos juráram de o comprir, e João Estão passou disso estromentos, e cartas testemunhaveis, que Afonso Dalboquerque mandou a ElRey D. Manuel.

CAPITULO XXXVI

De como o grande Afonso Dalboquerque se vio com o Rey no Cerame, e o que nestas vistas passáram, e o que aconteceo aos Marinheiros no Mar com os Mouros mortos, que andavam sobre a agoa.

Despedido o Feitor, e João Estão do Rey, depois dos estromentos jurados, disse-lhes, que elle desejava muito ver-se com Afonso Dalboquerque: que lhe dissesse da sua parte, que lhe pedia muito por mercê lhe mandasse dizer onde queria que se vissem, e de

que maneira. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle tambem desejava muito de o ver, e que não havia outro logar mais acom dado pera se poderem ver que o seu Cerame, porque estava sobre o mar, que ali seria bem verem-se, e que o mais fosse como elle quisesse. O Rey com este recado de Afonso Dalboquerque mandou logo por seus Officiaes fazer prestes o Cerame, o qual foi todo alcatifado de muitas alcatifas, e ao de redor bancos cobertos com ellas, e hum estrado com duas cadeiras de seda, e almofadas do mesmo teor. Concertado o dia em que se aviam de ver, mandou Afonso Dalboquerque aos Capitães que se fizessem prestes com seus bateis muito bem concertados, e a todos os Fidalgos, que avia na armada pera irem com elle, porque assi estava concertado que Afonso Dalboquerque avia de ir. E o Rey com os seus Governadores, e principaes Senhores do seu Reyno, que ali eram vindos a servilo na guerra. E como todos foram prestes, embarcou-se Afonso Dalboquerque no seu batel, e os Capitães nos seus, e foram-se todos ao Cerame, e em chegando a elle desparou toda a artelharia das náos. Como o Rey soube que

Afonso Dalboquerque desembarcava, veio o receber fóra acompanhado de Cogeatar, Rexnordim, e todos os outros, que com elle aviam de estar. Chegado Afonso Dalboquerque ao Rey, trataram-se ambos com muita cortesia, e dali se foram assentar nas cadeiras, e os Fidalgos, e Capitães nos bancos da mão direita: e Cogeatar, Rexnordim, e os Senhores, que vinham com o Rey nos bancos da mão esquerda. Seria o Rey a este tempo de idade de quinze annos, bem disposto, e de bom corpo, um pouco baço, trazia vestido um saio de setim cramesim ao modo da terra, e huma touca branca na cabeça, e hum pano cengido derredor de si, e huma adaga de ouro, e hum cetro de ouro na mão com a cabeça de christal encastoada em ouro. Depois de estarem assentados disse Afonso Dalboquerque ao Rey, por Gaspar Rodrigues lingoa, que folgava muito de o ver pelo amor que lhe tinha, e pola grande obediencia, e acatamento, que lhe via ter ás cousas delRey D. Manuel seu Senhor; que lhe pedia por mercê que fosse sempre leal, e verdadeiro vassalo seu, e lhe reconhecesse a mercê que delle em seu nome tinha recebido, deixando-lhe a governan-

ça do Reyno, e seu estado como dantes tinha. O Rei lhe respondeo, que elle era em conhecimento da mercê, que lhe tinha feito em nome delRey de Portugal, e que sempre seria seu vassalo, e estaria á sua obediencia; e depois de muitas praticas passadas, querendo-se Afonso Dalboquerque despedir do Rey, pedio a Cogeatar, e a Rexnordim, e a todos os outros Senhores, que quisessem outra vez perante elle retificar, e jurar o concerto, que tinham feito, porque queria elle tambem ser testemunha disso, e elles o fizeram logo; e acabado isto, despedio-se do Rey, e de todos os Senhores, e foi-se embarcar, e o Rey lhe deu uma cinta de ouro, e huma adaga guarnecida de ouro, e hum cavalo mui bem aparelhado, e duas peças de brocado pedrado: e aos Capitães e Fidalgos deu a cada hum sua peça de seda. E dali por diante começáram os nossos ir, e vir a terra, porque até então não consentia Afonso Dalboquerque que lá fossem; e esteve o Rey, e todos tão contentes da paz que era feita, pelo muito que lhe custou a guerra, que toda a maneira de cortesia folgavam de fazer aos Fidalgos, e Cavaleiros, que iam a terra folgar, e mandava que

lhes tivessem sempre caval os sellados pera andarem pela Cidade.

Neste tempo, avendo já oito dias que a batalha do mar era passada, parecêram em cima da agoa muitos corpos mortos daquelles Mouros, que se lançaram ao mar o dia da batalha, e de outros muitos, que morreram nas náos em diversas partes: Hum Grumete, que estava no batel de Antonio do Campo, apegou de hum com hum gancho, que veio ao longo da náo, e por lhe ver bom vestido, começou-se a despir, e achou-lhe dinheiro, e uma adaga de prata. Como os Marinheiros das outras náos souberam isto, foram-se nos bateis por esse mar a esta pescaria: e todos os que topavam despiam, e achavam-lhes dinheiro, terçados, e agomias, guarnecidos de ouro, e prata, e joias de gente limpa, e honrada, e durou isto oito dias, de que os Marinheiros ouveram um grande despojo. E a estes Mouros mortos, que podiam ser passante de oitocentos, achâram muitas frechas metidas polo corpo, de que morrêram, sem terem outras feridas das nossas armas, não avendo em toda a Armada pessoa, que tivesse arco, nem frecha, nem que soubesse atirar

com elle. Parece que Nosso Senhor quis fazer aquelle dia este milagre pera mostrar aos Capitães, que arreceavam de acometer este feito, quão certa vitoria tem de seus imigos aquelles, que pelejam com verdadeira fé contra infieis. E porque a maré levava estes corpos mortos a terra, fez renovar aos moradores daquella Cidade os trabalhos passados, porque huns achavam ali seus filhos, outras os maridos, e outros parentes, e amigos, que com grande pranto, e chouro hiam soterrar, que era grande lastima ouvilos.

CAPITULO XXXVII

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pedir ao Rey lugar em Ormuz pera fazer huma fortaleza, e do que nisso passou, e como se começou, onde agora está.

Sendo feitas todas as seguranças de uma parte, e da outra, e pago o dinheiro das pareas, (como tenha dito), determinou Afonso Dalboquerque de fazer uma fortaleza em Ormuz, porque sem ella lhe parecia que as cousas daquelle Reyno não podiam ser bem se-

guras. Assentado isto, mandou dizer ao Rey pelo Feitor, que ElRei D. Manuel seu Senhor, lhe mandava em seu Regimento, que ganhando algum lugar, ou Cidade naquellas partes por conquista, que a segurasse com huma boa fortaleza, e que se lembrasse da treição, e maldade, que os Reys de Calicut, e Coulão, cometêram contra os seus Capitães, tendo feito assento de pazes, e assinado por elles. E porque se elle queria tirar destes inconvenientes, e tambem pela fazenda, e gente delRey de Portugal, que ali ficasse estar mais segura, que lhe pedia muito por mercê que o ouvesse assi por bem, e lhe aconselhasse onde faria esta fortaleza. O Rey aconselhado de Cogeatar, respondeo, que a licença era escusado pedir-lha, pois tudo era de ElRey de Portugal; e que quanto a aconselhar-lhe onde a faria, que seria de parecer que a fizesse na Ilha de Queixome, ou na de Turumbaque, porque eram logares onde avia agoa. E se a queria fazer pera defensão de Ormuz, que no porto de Nabandé, que era na terra firme, estaria muito melhor que em outra nenhuma parte. E posto que o fundamento de Afonso Dalboquerque era fazela em Ormuz,

onde agora está, e não em outra parte, todavia, por dissimular com Cogeatar, e mostrar-lhe que lhe não dava mais fazela em hum logar que noutro, mandou a Afonso Lopez da Costa com dois bateis armados ver o porto de Nabandé, e deu-lhe muitos panos de Cambaya pera dar aos moradores principaes do lugar. Partido Afonso Lopez da Costa, em chegando ao porto, veio toda a gente da terra recebelo com muitas talhas de agoa, melões, e maçans, e outras fruitas da terra. E depois de ter visto o sitio, e repartidos os panos, que levava por esses homens honrados, tornou-se com recado a Afonso Dalboquerque, e trouxe-lhe hum presente de fruitas, que lhe hum Mouro honrado do lugar mandava; e disse-lhe, que o sitio de Nabandé era terra areisca desabafada e junto do porto avia tres braças de agoa, e dali a Ormuz seriam cinco legoas, tudo parcel, que começava em vinte braças, e hia diminuindo até o porto: e a agua, que os Mouros bebiam, estava afastada da ribeira do mar hum bom pedaço. Chegado Afonso Lopez da Costa com esta informação do porto de Nabandé, ao outro dia chegou D. Antonio de Noronha, que fora com

dous Pilotos á Ilha de Queixome ver o porto, donde os Mouros traziam agoa á Cidade; e disse a Afonso Dalboquerque, que na Ilha havia hum lugar grande ao longo da ribeira do mar, no qual o Rey tinha humas casas velhas derribadas; e a agoa, que se dali trazia pera Ormuz, era de huns poços, que estavam afastados hum pedaço da ribeira, e tudo ao derredor da Ilha era parcel de baixo fundo. Estando Afonso Dalboquer- nesta pratica com D. Antonio, chegou Cogebeirame de terra, e disse-lhe, que huma legoa da Cidade de Ormuz estava hum lugar, que se chamava Turumbaque, que tinha muita agoa, que o mandasse ver, porque podia ser que se contentasse delle pera fazer fortaleza. Afonso Dalboquerque, posto que entendeo que este Mouro vinha lançado por Cogeatar, dissimulou com elle, e disse-lhe, que elle queria em pessoa ir ver aquelle lugar. Despedido o Mouro, mandou a Francisco de Tavora, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que se fizessem prestes pera irem com elle, e ao outro dia pela menhaã cedo partíram; e polo vento ser por diante, chegáram com assás trabalho a Torumbaque: deste porto se vê o Cabo de Maçan-

dom. Tendo Afonso Dalboquerque visto per si, e pelos Capitães os lugares, que lhe Cogeatar tinha offerecidos pera fazer fortaleza, deu rezão disso a algumas pessoas da sua Armada particularmente, de que podia fiar sua honra, e que sabia que eram desejosos de todo o serviço delRey D. Manuel. Praticado este negocio com elles, sem dar conta aos Capitães, (dos quaes se já não confiava polo que tinha passado com elles), assentaram todos, que avendo de fazer fortaleza naquellas partes, que devia de ser dentro em Ormuz, porque ali era mais serviço delRey de Portugal fazer-se, que nos outros lugares que Cogeatar apresentava. Determinado isto, mandou Afonso Dalboquerque dizer ao Rey pelo Feitor, que elle tinha mandado ver todos os lugares, que lhe offerecêra pera fazer fortaleza; e que pola enformação que delles tinha, olhadas bem as qualidades de huns, e outros, e os inconvenientes, que se disso podiam seguir, lhe parecia ser mais serviço seu fazer-se na ponta de Morona. que em outro nenhum lugar; porque além de estar ali antre dous portos muito bons, hum de levante, outro de ponente, convinha-lhe muito pera segurança do seu estado

ter os Portugueses muito perto de si. O Rey deu conta d'este recado a seu pai o Rey cego, e a Cogeatar, e a Rexnordim, e aos Governadores da terra; e porque todos desejavam a paz, foram disso muito contentes: e respondeo a Afonso Dalboquerque, que elle avia por bem, polos desejos que tinha de sua amizade, de lhe dar o sitio que pedia pera fazer fortaleza, e que mandasse começar a obra cada vez que quisesse. Com este recado do Rey ficou Afonso Dalboquerque muito contente, e mandou dizer a Cogeatar, que lhe mandasse dar todos os pedreiros, que ouvesse na Cidade, e tudo o mais que fosse necessario pera serventia da obra, e servidores em abastança, porque a queria logo começar, e que elle pagaria tudo o que o Rey mandasse. Cogeatar mandou logo provêr o que era necessario; e porque imigos senhoreados por força se vem tempo procuram por sua liberdade, não se quis Afonso Dalboquerque de todo fiar em Cogeatar, e mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estivesse em terra com oitenta homens dos principaes, que avia na Armada, pera segurança da gente, que trabalhasse na obra; e que tivesse ao

longo da ribeira dous bateis aparelhados de arte haria por proa, que estivessem sempre ali perto da praia, prestes pera acodirem onde fosse necessario. E ali mandou pôr hum parao muito bem toldado por amor da calma, em que elle, e todos os outros Fidalgos, e Cavaleiros aviam de estar dando aviamento a todas as cousas necessarias pera a obra; e mandou a Antonio do Campo, que se viesse no seu navio ancorar junto deste parao, pera dar favor a tudo isto. E porque a gente, que estava em terra, não andasse de noite pela Cidade fazendo cousas de que se o povo escandalizasse, disse a D. Antonio, que se viesse cada noite com toda a gente dormir ao navio, e ao parao, e que dali se vigiassem muito bem. Fez Mestre desta obra hum bombardeiro, que se chamava Fernão Dalvarez, bom official deste officio, e ordenou que os Capitães de dous em dous tivessem cuidado de trazer pedra da pedreira pera a obra. Ordenadas todas estas cousas, foi-se Afonso Dalboquerque a terra com toda a gente da Armada, e começou a abrir os aliceces da torre da menagem a vinte e quatro dias do mes de Outubro do anno de mil e quinhentos e sete; e

porque esta torre avia de ser tão alta, que podesse ser vista de toda a terra firme da banda da Persia, mandou fundar os alicerces muito largos, e da mesma maneira mandou fundar os muros da fortaleza, a que pos nome *Nossa Senhora da Vitoria*. Começada a obra, deu Afonso Dalboquerque grande pressa a se acabar a torre, porque sua determinação era, vindo o mes de Janeiro, ir dar huma vista ao mar Roxo, e queria deixar esta torre no primeiro sobrado, porque dali se podiam defender os Portugueses a toda a gente da Persia que viesse, até elle tornar a Ormuz; e porque os officiaes trabalhassem de melhor vontade, além de lhes pagar cada dia o que Cogeatar tinha assentado que lhes pagassem, mandou dar a todos os que trabalhavam agoa, e tamaras quantas quisessem de graça; e andavam todos tão contentes com isto, que muitos vinham trabalhar na obra sem os Cogeatar mandar; e com isto, e com a diligencia, que os Capitães, e Fidalgos tinham na serventia, começou a obra a crecer muito em pouco tempo, e o portal principal desta torre mandou fazer de tres ancoras de pedra, que foram da náo Meri, que se ali to-

mou, e davam os Mouros por ellas muito dinheiro; mas Afonso Dalboquerque as não quis dar, e mandou-as assentar no portal da torre. porque ficasse memoria pera sempre daquella grande vitoria, que os Portugueses ali tiveram.

CAPITULO XXXVIII

De como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua Armada pera ir dar huma vista ao estreito do mar Roxo: e a reposta que deu a Rexnordim sobre as pareas, que o Embaixador do Xeque Ismael vinha pedir.

Vendo o grande Afonso Dalboquerque a vontade, e assossego, com que a gente da terra trabalhava na obra; (o que não via nos Portugueses, porque a muitos parecia cousa muito desnecessaria fazer-se aquella fortaleza): por se unir a esta amizade dos Mouros da terra, mandou a Pero Vaz Dorta Feitor da Armada, que tomasse humas casas na Cidade, em que recolhesse todas as mercadorias, que trazia, pera começar a aver trato entre os nossos, e os Mouros, e

que de todas as mercadorias fizessem bom barato, porque com esta cobiça folgassem mais com nossa amizade, e deu-lhe pera Escrivães Pedralvarez, moço da Camara delRey, e Lizuarte de Freitas, e Antonio Fernandes Tassalho, criado do Conde de Villa nova; e porque a gente, que estivesse em terra, andasse sempre junta, por atalhar a malicia de Cogeatar, mandou aos Capitães, que dessem mesa á gente, que lhe era ordenada, e que cada um tivesse hum homem, que lhe fosse comprar tudo o que fosse necessario, e que esse podesse andar pela Cidade, levando escrito do seu Capitão, e que outro nenhum não; a pera executar todas estas cousas, fez Meirinho a Martim Vaz com doze homens; e mandou-lhe, que todo o Portugues, que achasse sem sua licença pela Cidade, lhos trouxesse presos; e achando algum daquelles, que aviam de ir comprar com escrito do seu Capitão, fazendo cousa, de que se os Mouros podessem escandalizar o prendesse, e lho trouxesse pera o castigar muito bem. Ordenadas todas estas cousas, e outras, que são largas de contar, determinou Afonso Dalboquerque de pôr todas as náos da sua Armada a monte, e aparelhalas

de mastos, e vergas, e enxarceas, porque tudo era gastado do muito tempo, que avia que andava no mar; e porque se não fiava de Cogeatar, (posto que nas suas falas, e no aviamento que dava a todas as cousas, que eram necessarias, mostrasse o contrario), mandou a João Redondo, Mestre da carpentaria, que não posesse mais que huma náo; e acabada aquella de se concertar, e aparelhar de tudo o que lhe fosse necessario, posesse outra; porque ordenando-lhe Cogeatar alguma treição, perdendo-se huma náo, ficassem as outras pera darem rezão de si: e com estas dissimulações, sem se dar a entender a ninguem, foi concertando suas náos, e aparelhando-as de tudo o que era necessario, como se aquella ora partírão de Portugal; e juntamente com isto mandou fazer huma fusta de dezoito bancos, pera se ajudar della entrando o estreito do mar Roxo. E com ver a sua Armada desta maneira, tinha mór contentamento, que de todas as vitorias, que naquelle Reyno ouvera contra os Mouros, porque com a ter assi concertada, não arreceava a vinda da Armada do Sal que se esperava, por grande que fosse; e andando neste trabalho, veio Rexnordim ter

com elle ao parao, onde estava, e disse-lhe da parte do Rey, que da banda dalém da terra firme era chegado hum Capitão do Xeque Ismael acompanhado de gente de cavalo a pedir as pareas, que lhe elle era obrigado a pagar cada anno; e sabendo que elle ali estava fazendo aquella fortaleza, não ousára de passar a Ormuz, e dali lhas mandára pedir: que lhe mandasse dizer o que faria. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao Rey, que aquelle Reyno de Ormuz era delRey de Portugal, ganhado com sua Armada e gente: que soubesse certo que se tributo pagasse a nenhum outro Rey, senão a ElRey D. Manuel seu Senhor, que lhe avia de tirar a governança do Reyno, e dala a quem não ouvesse medo do Xeque Ismael: e mandou trazer das náos pelouros de bombardas, béstas, e espingardas, e bombas de fogo: e que dissesse ao Rey, que mandasse tudo aquillo ao Capitão do Xeque Ismael, porque aquella era a moeda, em que ElRey de Portugal mandava aos seus Capitães, que lhe pagassem as pareas daquelle Reyno, que estava debaixo do seu senhorio, e mando: e que lhe prometia, aca bada aquella fortaleza, de entrar o estreito

da Persia, e fazer tributario a ElRey de Portugal seu Senhor todos os lugares que o Xeque Ismael tinha naquella ribeira; e que quando se lá vissem, que lhes pedissem as pareas do Rey de Ormuz, porque elle lhas pagaria em muito boa moeda. Tornado Rexnordim com esta reposta, pareceo a Afonso Dalboquerque que seria necessario contentalo, e a Cogeatar, e a tres Mouros principaes, com quem se o Rey aconselhava; porque tendo estes contentes, e da sua parte, que eram do conselho do Rey, teria delle tudo o que quisesse, e fez prestes certas peças de prata, e escarlata roxa, e vermelha, e muitos panos ricos, que tomára nas náos das presas, e algumas cousas, que trouxera de Portugal. E por João Estão, Escrivão da Armada, que lhe este presente levava, lhe mandou dizer, que lhe perdoasse mandar-lhe aquella pouquidade, pois eram cousas de homem, que passava de dous annos, que andava no mar e que se atrevêra a fazelo pela muita amizade, que com elles tinha. Recebêram o presente com muito contentamento, e mandáram lhe grandes agradecimentos por elle.

CAPITULO XXXIX

De como o Rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que desejava ver atirar os espingardeiros Portuguezes, e lhos mandou: e como escreveo ao Visorey da India o estado em que tinha as cousas de Ormuz, e o que passou com os Capitães.

Rexnordim ficou tão assombrado de ver a temeridade, com que Afonso Dalboquerque lhe respondeu, que chegando ao Rey, fizeram logo prestes huma atalaia, e nella mandáram hum Mouro com todas estas peças, que Afonso Dalboquerque deu, que as désse ao Capitão do Xeque Ismael da sua parte; e que o desenganasse, que não aviam de pagar nenhum tributo ao Xeque Ismael. porque o Reyno era delRey de Portugal. Passado isto, dali a seis, ou sete dias, mandou o Rey chamar Gaspar Rodriguez lingua e disse-lhe, que dissesse a Afonso Dalboquerque seu pai, que desejava muito de ver atirar os seus espingardeiros, que lhe pedia por mercê que lhos mandasse lá hum dia.

E como Afonso Dalboquerque andava sempre acautelado das malicias, e manhas de Cogeatar, mandou por todas as náos aos Capitães, que fizessem prestes duzentos e cincoenta bésteiros, e espingardeiros, dos mais mancebos, e melhor dispostos, e que soubessem muito bem atirar, porque queria mostrar a Cogeatar quanto mais poder tinha do que lhe os nossos podiam ter dito; porque ia entendendo na frieza, com que Cogeatar acodia ás cousas, que estava muito arrependido de lhe ter dado logar pera fazer fortaleza, por ter sabido dos Portuguezes, com que falava, que na Armada avia muito pouca gente, e por este modo se queria ir certificando mais na verdade. Afonso Dalboquerque vendo estes desenhos de Cogeatar, fundados todos sobre sua danada tenção, dissimulou sempre com elle, e por fazer vontade ao Rey, mandou ter prestes humas barreiras ao longo do muro da fortaleza, e fez aparelhar os bésteiros, e espingardeiros de tudo o que era necessario pera aquelle auto; e avisou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estava em terra, que olhasse por elles, e que não consentisse tirar nenhum, senão aquelles, que o melhor sou-

bessem fazer; e estando todos prestes, mandou a Gaspar Rodriguez lingoa, que os fosse apresentar ao Rey, e lhe dissesse, que com aquelles mancebos, e outros muitos, que lhe ElRey seu Senhor mandaria de Portugal, esperava em Deos de lhe fazer restituir todos os lugares, que lhe os seus vizinhos tinham tomados. Chegados os bésteiros, onde as barreiras estavam, veio-os o Rey ver de um terrado dos seus Paços, e elles fizeram-no tão bem, que pareciam méstres daquelle officio. O Rey, depois de os ver atirar, despedio-os, e mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que folgára muito de os ver atirar, e que avia dias, que não víra cousa, que lhe melhor parecesse: e que lhe pedia muito por mercê, que se não tinha ordenado outra cousa da náo Meri, lhe fizesse mercê della, e seguro pera poder navegar de Cambaya pera Ormuz, porque estava a Cidade tão desbaratada, que era necessario acodirem mercadorias de huma parte, e da outra á Alfandega, pera do rendimento dellas se poderem soprir as despesas que se faziam; e tambem lhe pedia, que lhe mandasse dar huns Mouros seus criados, que na guerra passada foram cativos, e que elle lhe daria

por elles quanto quisesse. Cogeatar lhe mandou pedir outra náo, e humas molheres, e meninos, que estavam cativos em poder dos nossos, que eram de criados seus. Afonso Dalboquerque lhe mandou dar tudo, sem por isso querer paga, dissimulando sempre com Cogeatar, porque desejava de acabar a fortaleza. Hum Mouro Capitão de huma náo do Rey de Onor, que se ali tomou, sabendo as larguezas, que o grande Afonso Dalboquerque fazia com o Rey, e com Cogeatar, foi-lhe falar, e disse-lhe, que elle era do Reyno de Onor, com quem o Visorey tinha pazes, como podia ver por aquelles dous seguros de D. Lourenço seu filho; e que ao tempo que elle chegára a aquelle porto com sua Armada, estava elle descarregando sua mercadoria, e Cogeatar lhe tomára a sua náo por força, e metêram gente, e artelharia nella; e pois não tinha culpa, e forçosamente lha tomáram, como podia saber de Cogeatar, que lhe pedia por mercê que lha mandasse dar. E ainda que o Mouro tinha pouca rezão em isto que pedia, quis Afonso Dalboquerque guardar o seguro de D. Lourenço, e mandou-lha dar, e seguro pera poder navegar; e por este Mouro

escreveo huma carta ao Visorey, dando-lhe conta do que tinha feito, e a determinação em que ficava, pedindo-lhe que o mandasse logo soccorrer com gente, navios pequenos, e galés, e munições de guerra; e que lhe não mandava este recado por navio seu, pela muita necessidade que tinha delles, e desta carta deu em segredo conta a Antonio do Campo, e guardou-lho elle tambem, que o soube logo Cogeatar, e as cousas que mandava pedir ao Visorey, e tudo o mais que determinava de fazer. Os Capitães, e Fidalgos da Armada, porque de Antonio do Campo deu a entender que na carta hiam muitas cousas contra elles, (não sendo assi), ficáram mui descontentes de Afonso Dalboquerque; e pelos desejos, que tinham de se irem pera a India enfadados já dos trabalhos daquella guerra, começáram dali por diante a fazer-lhe cousas com que o enfadassem.

CAPITULO XL

Da fala, que o grande Afonso Dalboquerque fez aos Capitães sobre as amotinações, em que andavam: e dos requerimentos, que lhe fizeram: e de algumas palavras, que com elles passou sobre isso.

Chegado o mes de Janeiro, em que o grande Afonso Dalboquerque tinha determinado de se partir pera o estreito, sendo já a torre de menagem em altura pera se poder defender, e a sua Armada aparelhada de tudo o que lhe era necessario pera aquella jornada, mandou a Manuel Telez, que carregasse na sua náo todos os mantimentos, que se podessem aver, pera de caminho prover a fortaleza de Çocotorá, e algumas mézinhas, e cousas de botica pera os doentes; e mandou ao Feitor, que comprasse todas as cousas, que lhe Manuel Telez désse por hum rol; o que elle fez com muita diligencia, e carregou a náo, e entregou ao Mestre tudo perante o seu Escrivão. Como Afonso Dalboquerque despedio o Feitor pera ir fazer estas cousas, foi-se a terra ver a obra da fortaleza: os Capitães se foram logo pera elle; e

como avia dias, que tinha sabido que elles murmuravam de se aquella fortaleza fazer, pera saber mais certo sua determinação, apartou-se pela praia com Manuel Telez, Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa, que ali estavam, sendo tambem presente Jorge Barreto de Castro seu cunhado, e disse-lhes, que as cousas de Ormuz estavam no estado que elles viam, que lhe pedia muito que lhe dissessem se era mais serviço delRey acabar aquella fortaleza, ou ir na volta do Cabo de Guardafum, porque elle pera huma cousa, e pera a outra tinha a Armada prestes, e muito bem aparelhada. Os Capitães lhe respondêram, que bem viam o estado em que tinha as cousas de Ormuz, e porém que lhes parecia que era mais serviço delRey de Portugal ir ao Cabo de Guardafum esperar as náos, que vinham da India com especiarias pera o estreito, que estar fazendo huma fortaleza, que acabado de a deixar, avia de ser logo tomada dos Mouros; e ainda que deixasse gente nella, não podia ser tanta, que a podessem defender ao poder do Rey de Ormuz. Jorge Barreto foi de parecer que devia de assegurar as cousas de Ormuz, e acabar a fortaleza, que

tinha começado, porque era huma cousa muito importante ao serviço delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque foi-se com o parecer de Jorge Barreto, não lhe descobrindo nada da sua determinação. Afonso Lopez da Costa como vio que Afonso Dalboquerque assentava no parecer de Jorge Barreto, começou-se a travar em palavras com elle, e disse-lhe, que aquelle negocio era tão grande, e de tanta sustancia, que compria cuidar-se devagar nelle: e pois Antonio do Campo, e João da Nova não estavam presentes, que os devia de mandar chamar, e juntos todos assentar o que se faria, porque soster Ormuz não lhe podia parecer bem. Afonso Dalboquerque dissimulou com elle, e foi-se pera o parao, onde sempre estava, sem lhe responder cousa alguma. Afonso Lopez da Costa, e Francisco de Tavora, e Manuel Telez ficáram tão descontentes desta pratica, e da pouca conta, que Afonso Dalboquerque fizera delles, que se foram ajuntar com João da Nova, e com Antonio do Campo logo, e ao outro dia pela menhaã mandáram-lhe fazer um requerimento por escrito, (bem pouco necessario), de que Afonso Dalboquerque ficou muito descon

tente; e pela necessidade que tinha de acabar as cousas de Ormuz, dissimulou com elles, e rompeo o requerimento sem os castigar, como elles mereciam; e com muita paciencia lhe mandou dizer por João Estão, que lhes pedia que tivessem tal segredo naquellas cousas, em que andavam, que Cogeatar as não viesse a saber, pois estavam em tempo, que compria muito ao serviço delRey de Portugal serem todos em hum querer, e em huma vontade; que Cogeatar era tão discreto, e tinha taes modos pera saber tudo, que sabia muito bem quanto elles desejavam de deixar aquella empresa, e irem-se pera a India; e que lhe aconselhavam, que não fizesse aquella fortaleza; e por Cogeatar não sentir suas fraquezas, mandava que lhe dissessem, que todas as differenças, que antre elles avia, eram por que se agravavam muito de lhe elle não dar as náos, em que elles tinham parte.

CAPITULO XLI

De como os Capitães tornáram a fazer outro requerimento ao grande Afonso Dalboquerque, em que se assináram todos: e o que elle nisso fez, e o mais que com elle passou.

Vendo os Capitães que o grande Afonso Dalboquerque lhe rompêra o seu requerimento, dali a poucos dias, estando elle em a torre da menagem, dando ordem a algumas cousas necessarias pera a obra, lhe mandáram por Antonio Fernandes, Escrivão da náo de Francisco de Tavora, outro requerimento assinado por todos, tirando João da Nova, que não quis assinar. Afonso Dalboquerque, enfadado delles, e de suas cousas, tomou o requerimento assi dobrado como lho deram, sem o ler, e mandou-o meter debaixo de huma pedra do portal da torre, que se estava assentando, a que os Marinheiros dali por diante chamáram o portal dos requerimentos; e os Capitães ficacaram tão enfadados disto, que desde então trabalháram sempre de buscarem cousas pera se desavirem delle; e todas as suas praticas, quando se ajuntavam, eram danar as

cousas de Ormuz, e que era hum tredor, e que fazia aquella fortaleza pera se alevantar com ella, e fazer-se senhor do Reyno, e que toda aquella culpa era delles, pois lhe consentiam fazer fortaleza, sendo muito contra o serviço delRey. E que na carta, que escrevêra ao Visorey, (de que Antonio do Campo era boa testemunha), lhe mandava dizer grandes males delles, roubando-lhe sua honra, e serviços, e nesta pratica reprendêram João da Nova, porque se não hia pera a India, pois não era da sua obrigação; e não contentes destas praticas, que tinham antre si, cada hum na sua náo indinava a gente do mar pela ter da sua banda contra Afonso Dalboquerque, affirmando-lhe que lhe tinha roubado a sua parte dos vinte mil xerafins de pareas, que o Rey pagára; e que ElRey D. Manuel lhe tinha mandado em seu Regimento, que das primeiras pareas, que os Reys que conquistasse pagassem, désse parte a toda a gente da Armada, e que tudo isto tinha tomado pera si, a fim de se alevantar com a fortaleza depois de acabada, porque não fazia fundamento de tornar mais a Portugal. Afonso Dalboquerque sabendo estes conselhos, e praticas, em que

os Capitães andavam trabalhando pera amutinarem a gente toda contra elle, e que não bastava pera os animar naquelle negocio ter-lhes muitas vezes dito quão bem pareceriam nas janellas daquella fortaleza, muitas damas, e charamelas, e o grande contentamento, que ElRey D. Manuel teria, quando soubesse que tinham senhoreado o Reyno de Ormuz, e feito fortaleza nelle, cuidando que por aqui os incitaria a terem gosto de o ajudarem. E porque a principal rezão, por onde estavam agravados de Afonso Dalboquerque, era a carta, que escrevêra ao Visorey, mandou-os chamar, e mostrou-lha, dizendo, que por ella veriam não ser verdade o que lhe Antonio do Campo tinha dito, e fez-lhe outras muitas justificações, e desculpas, que podéra escusar, e nada disto lhe quiseram receber, mas antes como homens soberbos lhe deram a entender em palavras não ser aquella a carta, e que fizera outra. E estavam tão indignados pelo que Antonio do Campo tinha dito da carta, não sendo verdade, que Afonso Dalboquerque a rompeo perante elles, e disse-lhes, que escrevessem outra á sua vontade, e que elle a assinaria: e assi se apartou delles mui des-

contente por lhe não receberem suas verdadeiras desculpas: e o principal deste negocio era Jorge Barreto, que elles já se tinham mudado de todo. Apartado Afonso Dalboquerque, mandáram apanhar os pedaços da carta por João Lopez, criado de Francisco de Tavora; e posto que nella não dizia mais que dar conta ao Visorey do estado, em que as cousas de Ormuz ficavam, e como sua determinação era sostelo, pedindo que lhe mandasse gente, armas, e artelharia. Vendo elles esta determinação de Afonso Dalboquerque, assentáram, segundo o negocio era grande, que dali tres annos não iriam á India, e perderiam carregarem suas quintaladas, que tinham de ordenado; e dali por diante começáram-se a danar muito mais contra elle.

CAPITULO XLII

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os Mestres, e Pilotos, e toda a outra gente do mar, que os Capitães tinham amotinado contra elle.

Sabendo o grande Afonso Dalboquerque, que os Capitães tinham amotinado toda a

gente das suas náos, principalmente Mestres, e Pilotos, Marinheiros e Bombardeiros, que era a gente, de que elle mais fundamento fazia, porque eram sempre os primeiros no trabalho da fortaleza, pelos desassombrar mandou-os chamar a todos, e mostrou-lhes o Regimento, que trazia del-Rey D. Manuel, e disse-lhes, que elle tinha sabido que os seus Capitães os indinavam contra elle, dizendo, que lhes tomava suas partes dos quinze mil xerafins, que o Rey de Ormuz pagára de tributo; que por aquelle Regimento, que lhe ali mostrava, veriam o que ElRey nisso mandava que fizesse, e que não era elle o homem pera lhe tomar nada do que lhe fosse devído, e por cima disto tudo elle queria pôr o dinheiro, que se em isso montasse, em poder de dous homens até o Visorey determinar o que fosse justiça. Elles como estavam indinados polos seus Capitães, não lhe aceitáram nada disto que disse, e começáram com grandes vozes, e grandes alvoroços a dizer, que não aviam de trabalhar na obra, nem pelejar até lhes não pagarem o seu. Afonso Dalboquerque lhes disse muito mansamente, que aquelles alvoroços eram escusados, e que se lembrassem que

eram Portugueses, e que andavam entre imigos muito longe da sua terra, e que não compria aver antre elles senão muita paz, e amizade, porque tudo o que se passava naquella Armada sabia Cogeatar muito bem, e que se não quisessem crer pelo conselho de seus Capitães, porque andavam aborrecidos da guerra, e desejosos de se ir pera a India carregar suas quintaladas: que o que fosse seu de direito elle lho não avia de tomar; e que se lembrassem que contra o Regimento delRey lhe dera escala franca em todos os lugares que tomára, onde ouveram grandes despojos, de que estavam muito ricos, e que foram sempre muito bem tratados delle, e pagos do seu soldo, sem lhes deverem nada; e que se os trabalhos da guerra os faziam mal sofridos, que elle não estava fóra delles, nem fazia mais nisso que comprir o que lhe ElRey mandava em seu Regimento; e que lhe rogava muito da sua parte que o quisessem servir, como se delles esperava, e por falta sua se não perdesse huma empresa tamanha, como a que tinham nas mãos, pois esse fora o fundamento, com que partíra de Portugal. Todavia elles, (per cima destas rezões, e outras, que lhe Afonso Dalboquerque deu), co-

meçáram a dizer desatentadamente, que pois não tinha dúvida a lhe dar suas partes, se fosse justiça, que elles eram contentes que Jorge Barreto, Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo o determinassem; e elle lhe respondeo, que as cousas de seu Regimento determinadas, e assentadas por ElRey seu Senhor, não nas avia de pôr a juizo de ninguem, senão executalas, como por elle lhe era mandado, e que abastava terem-no elles visto pera se convencerem: e se lhes parecia que no que diziam tinham rezão, que perto estava o Visorey pera o determinar, e que elle seria seu procurador diante delle; porque tambem daquelle dinheiro, quando não fosse delRey, tinha sua joia, e vinte cinco partes. E já agastado tomou hum livro na mão, e disse lhes, que por áquelles Sanctos Evangelhos lhes jurava, que elle não entendia aquillo doutra maneira, nem ElRey lhe mandava que do tributo, que os Reys que conquistassem pagassem, désse parte á gente daquella Armada. A isto respondêram todos, que lhes désse suas partes, e que cada Capitão ficaria por fiador da sua gente, pera lhas tornar, quando fosse justiça dar-lhas. Afonso Dalboquerque desejoso de ter mais certeza de quaes eram os Capi-

tães, que metiam a sua gente nisto, dissimulou com elles, e disse-lhes, que era muito contente de fazer aquillo que lhe pediam, com tanto que cada hum trouxesse assinado do seu Capitão em que se obrigasse por isso, e que elle lhes mandaria logo dar o dinheiro. Com esta reposta se foram muito contentes pera as suas náos, e deram conta aos Capitães de tudo o que tinham passado; mas nunca podéram acabar com elles que lhes dessem escrito, e ficou a cousa assi pera o Visorey a determinar. Passada esta pratica, que Afonso Dalboquerque teve com os Mestres, e Pilotos, mandou dizer a Francisco de Tavora, que se fizesse prestes pera irem á pedreira, porque avia falta de pedra na obra, e o dia era seu, e que viesse pela menhaã ter com elle pera irem ambos; e como todos estavam juramentados de lhe não obedecer, foi-se Francisco de Tavora pela menhaã á pedreira sem esperar por elle, e Afonso Dalboquerque chegou dali a poucas horas muito descarregado, e sem lhe dizer nada andáram ambos passeando pela praia, emquanto se os bateis carregavam, e nisto chegou Pero Vaz Dorta, Feitor, a cavalo, que vinha da Cidade, e apartou-se pera

detrás de hum penedo a falar com Afonso Dalboquerque; e depois que faláram, tornando-se pera os bateis, vio ir Francisco de Tavora hum pedaço pelo mar caminho da Cidade, e mandou-lhe capear que esperasse, e não quis: e como isto vio, embarcou-se, e foi-se apôs elle, e mandou-lhe outra vez capear que esperasse. Francisco de Tavora, mais com vergonha que com vontade, mandou levar o remo, e esperou.

CAPITULO XLIII

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com Francisco de Tavora vindo da pedreira: e da pratica, que teve com os Capitães depois de estar em terra.

Chegado o grande Afonso Dalboquerque a Francisco de Tavora, porque entendia a semente, que Antonio do Campo tinha semeado no coração de todos os Capitães, não se pode ter que se não desenganasse com elle, e disse-lhe: *Senhor Francisco de Tavora, com mais cortesia vos aguardo eu, quando vindes a mi, do que me vós agora fizestes. Como? Antre duas pedras em terra*

de imigos me aveis vós de deixar, e irdes-vos sem mi, e sem meu mandado? bem sei eu o castigo, que vós mereceis: mas sofro tudo, porque me he necessario sofrer. Francisco de Tavora se alevantou em pé, e pondo a boca em Deos, disse: *Vós não me aveis de castigar, nem tendes poder pera isso: tomai a vossa náo, e fazei della o que quiserdes, que vos prometo, que se nos fazemos á véla que vos ei de fugir:* e disse-lhe outras palavras, a que Afonso Dalboquerque não quis responder, e mandou-o passar ao seu batel; e avendo dó delle, lhe disse, que era pobre, e casado de novo, que não quisesse andar naquellas conjurações com os Capitães, porque se perderia com ElRey D. Manuel. Francisco de Tavora agastado lhe disse, que tinha mais que elle, e que não queria nada delRey, e que bem sabia que lhe queria mal polo requerimento que lhe fizera: que deixasse Ormuz, e se fosse ao Cabo de Guardafum fazer o que lhe ElRey mandava em seu Regimento. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se espantava muito delle dizer, que lhe queria mal polo requerimento, que lhe todos fizeram, pois lhe elle descobríra que lho queriam

fazer, e lhe perguntára se assinaria nelle, e lhe respondèra sem nenhuma paixão rindo-se, que se lhe parecia bem o que os outros Capitães faziam, que assinasse. Francisco de Tavora envergonhado disto que lhe tinha dito, calou-se, e não lhe respondeo nada: e chegados á ribeira, levou-o Afonso Dalboquerque comsigo pera a sua náo; e porque os Capitães andavam já de todo danados, e estas cousas eram já muito públicas por toda a Cidade, e não se podia já curar, senão com o cutelo da justiça delRey, ou com a paciencia de Job, determinou de tomar algum meio com elles, e mandou-os chamar, e disse-lhes, que quando ElRey D. Manuel lhes fizera mercê em Portugal das Capitanias daquellas naos, foi pera o virem servir naquella empresa de Ormuz em sua companhia, e pelejarem debaixo da sua bandeira, e não pera andarem nas differenças, em que andavam com elle, as quaes eram muito perjudiciaes ao serviço delRey, que o Rey de Ormuz, e Cogeatar sabiam muito bem: e que depois que partíram de Çocotorá até aquella hora, nunca lhe aconselháram cousa, que não fosse contra o serviço, e honra de sua Alteza, o que elle curára

sempre com muito siso, e muito soffrimento, que com elles tivera. E ainda que lhe ElRey mandára que tomasse seus conselhos, como diziam, de crer era, que sendo elles os que eram, que tambem lhe mandaria que fizesse o que lhe parecesse mais seu serviço, pois lhe aconselhavam que deixasse huma empresa tamanha, como aquella, e se fosse á galhofaria das presas do Cabo de Guardafum, na qual empresa se o todos ajudáram como verdadeiros Portugueses, elle a tivera posta no estado, em que avia de estar; e se cada dia lhe aviam de vir com requerimentos, desassossegando a gente, e trazendo-a toda alvoroçada, como andava, (que Cogeatar sabia muito bem), que lho não avia de soffrer, como fizera até ali: e que lhes pedia muito por mercê, que com muita paz servissem todos ElRey, que lhes avia de galardoar seus serviços, e não aconselhassem a João da Nova que se desconcertasse com elle, e lhe pedisse licença pera se ir pera a India, pois sabiam todos que em quanto andasse naquella guerra, não era serviço delRey dar-lha; e assi lho disseram em hum conselho, que com elles tivera sobre isso em Calayate. E se se agastavam com o traba-

lho, que tinham na continuação da obra da fortaleza, que estivessem em suas náos, e não viessem a terra, que elle os avia por desobrigados disso, porque não era tamanho que não folgasse mais de o passar, que tudo o mais que cada dia diziam, e faziam contra elle. E que lhe mandava, da parte delRey de Portugal seu Senhor, que nenhum delles fosse mais a terra sem sua licença; porque segundo os Mouros andavam desassocegados com estas cousas, acontecendo alguma desaventura, queria saber o Capitão que lá estava. Passada esta pratica, sem mais querer ouvir as rezões fingidas, que lhe davam, os despedio que se fossem pera as suas náos, e sospendeo Francisco de Tavora da Capitania da sua, por lhe ter dito que lhe avia de fugir, e deu-a a Diniz Fernandes de Melo.

CAPITULO XLIV

De como fugiram quatro Christãos da nossa Armada, e contáram a Cogeatar as differenças, que avia antre o grande Afonso Dalboquerque, e os Capitães: e do recado que lhe mandou, e o mais que passou.

Como o cuidado de Cogeatar era trabalhar sempre de saber tudo o que Afonso Dalboquerque fazia, e ordenava, soube logo as differenças, que os Capitães com elle tiveram, e os requerimentos, que lhe tinham feito, e neste tempo fugíram quatro homens da Armada, pelos quaes foi mais certificado de tudo o que passava; e como a determinação de Afonso Dalboquerque era, tornando do estreito, pera onde determinava de ir), fazer seu assento em Ormuz, e alevantar-se com a fortaleza depois de acabada, a qual elle fazia contra parecer dos Capitães, e sem seu conselho, porque ElRey de Portugal não lhe mandára que fizesse fortaleza em Ormuz: Cogeatar como estava arrependido de ter dado lugar pera se fazer fortaleza, ficou muito lédo de lhe estes affirmarem, que os Capitães, e gente da Armada

não eram disso contentes, porque tinha grande dor em seu coração de ter consentido nisso; e ajudou muito a este seu arrependimento certificarem-lhe, que Afonso Dalboquerque queria fazer assento em Ormuz, porque sendo assi, ficaria elle sem nenhum mando, e Afonso Dalboquerque senhor do Reyno. Cogeatar com a paixão, que tinha deste novo desenho de Afonso Dalboquerque, deu conta destas cousas a certos Mouros honrados, que eram da sua parcialidade, pera entender o que avia de fazer neste caso. Praticado com elles, dali a dous dias mandou dizer a Afonso Dalboquerque por Pero Vaz Dorta, Feitor, que os Regedores da terra lhe vinham cada dia com grandes querelas, dizendo, que o fundamento, com que fazia aquella fortaleza, era pera se alevantar com ella, e destroir Ormuz: e pois assi era, não avia de consentir que se posesse mais pedra nella. Afonso Dalboquerque enfadado desta infamia, que lhe os Portugueses punham, respondeo-lhe, que elle não era corsairo, nem ElRey seu Senhor o mandára senão a conquistar aquelle Reyno, que elle tinha ganhado; e que os Portugueses, que tinham honra, não acostu-

mavam fazer treição a seu Rey, e que o não julgasse por quatro bargantes, que lá tinha comsigo, que pois foram tredores ao seu Deos em deixarem a sua Sancta Fé, que assi o seriam a seu Rey: e que pera destroir Ormuz, se o quisesse fazer, não tinha necessidade de mais que daquella Armada que ali tinha; e que a fortaleza que fazia, não era pera se alevantar com ella, como lhe os Capitães davam a entender, senão pera guardar, e defender Ormuz, como cousa delRey seu Senhor. E ainda que Cogeatar mandasse este recado, todavia a obra hia por diante. O Feitor foi a terra com esta reposta, e disse a Cogeatar tudo o que lhe Afonso Dalboquerque dissera; e como elle pelo que sabia dos Capitães desejava de se desavir com Afonso Dalboquerque, disse ao Feitor, que lhe dissesse, que o Rey queria mandar Rexnordim falar com elle certas cousas, que lhe compria perante os Capitães, que ordenasse hum lugar, onde se vissem. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que o lugar mais certo, onde se podiam ver, era na fortaleza, e que ali iria esperar por Rexnordim aquella tarde. Como o Feitor foi com este recado, foi-se Afonso Dal-

boquerque com todos os Capitães á fortaleza, e ali esteve esperando hum grande espaço até que veio o Feitor, e disse-lhe, que Rexnordim não avia de vir, porque Cogeatar estava arrependido do recado, que lhe tinha mandado, e que se não fiasse em suas palavras, porque o víra tão contente de saber as differenças, que avia antre elle, e os Capitães, que não avia de comprir nada do que lhe prometesse; porque na pratica, que com elle tivera, entendêra que o recado, que lhe o Rey queria mandar por Rexnordim era, que se alevantasse logo daquelle porto com sua Armada, e se fosse. Afonso Dalboquerque enfadou-se muito deste recado, que lhe o Rey queria mandar; porque avia poucos dias, que estando elle prestes pera se partir pera o estreito, lhe mandára dizer polo mesmo Rexnordim, que se não fosse, porque tinha nova certa, que húm grande Senhor da terra firme, que se chamava o Meffará, se fazia prestes com huma grossa Armada pera vir sobre a Cidade, e segundo ella estava destruida, e sem gente, seria facil cousa tomala, e tomando-a, ficaria Senhor de todo o Reyno: e elle lhe respondèra, que ainda que a sua ida do estreito fosse obri-

gatoria, por lho ElRey seu Senhor mandar em seu Regimento, faria o que lhe elle mandava; pois polo contrato, que com elle tinha feito em seu nome, era obrigado a defender aquelle Reyno como cousa sua. E porque este recado, que o Rey queria mandar a Afonso Dalboquerque, era conforme á tenção dos Capitães, e aos requerimentos, que lhe tinham feito, veio Afonso Dalboquerque claramente que elles eram culpados neste desavergonhamento de Cogeatar; e entendendo isto, dissimulou com elles, e sem lhes dizer nada, despedio-os, que fossem pera as suas náos; e mandou dizer a Cogeatar, por Gaspar Rodriguez lingoa, que daquella Armada delRey de Portugal seu Senhor eram fugidos quatro Christãos, que elle tinha presos pera os castigar, por alguns crimes, que tinham feito: que lhe pedia por mercê que lhos mandasse entregar. Cogeatar disse a Gaspar Rodriguez, que até aquella hora elle não sabia parte delles, que os mandaria buscar, e achando-se, que logo lhos entregaria; e posto que Afonso Dalboquerque entendesse que Cogeatar tinha os Christãos comsigo, dissimulou com elle com fundamento de acabar a torre da menagem até o

primeiro sobrado, a que dava grande pressa. E com tudo passados alguns dias, vendo que lhe não mandava os Christãos, mandou-lhe dizer que lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homens, porque como elle era Capitão mór daquella Armada, tinha obrigação de dar conta com entrega della, e da gente a ElRey seu Senhor: e que se lembrasse que o Rey, e elle avia muito poucos dias, que tinham jurado de serem muito obedientes a ElRey de Portugal seu Senhor, e de comprir inteiramente os mandados de quem seus poderes tivesse. Cogeatar lhe respondeo, que se não agastasse, que os seus homens estavam da banda dalém na terra firme, atados de pés, e de mãos, que lá tinha mandado, que dali a cinco dias lhos mandaria.

CAPITULO XLV

De como o grande Afonso Dalboquerque, vendo que Cogeatar lhe não entregava os homens, mandou recolher os officiaes da obra, e a gente, que andava em terra, e o mais que passou com os Capitães.

Passados os cinco dias, que Cogeatar tomou pera mandar buscar os homens, man-

dou-lhe o grande Afonso Dalboquerque dizer por Gaspar Rodriguez, que o tempo, que lhe mandára pedir pera se buscarem os seus homens, avia dias que era passado, se eram vindos, que lhos mandasse. Cogeatar lhe disse, que elle tinha mandado alguns criados seus á terra firme em busca de Christãos, e que não vinham, nem tinham feito nada: que dissesse ao senhor Capitão mór, que lhe mandasse hum criado seu, em que tinha feito represaria, que sabia a terra muito bem, pera o mandar em busca dos seus homens, porque era muito diligente, que faria este negocio differentemente de todos os outros, e dali a dois dias lhos mandaria. Tornado Gaspar Rodriguez da terra com esta reposta, disse a Afonso Dalboquerque, que elle entendêra no alvoroço de alguns Mouros, que eram da parcialidade de Cogeatar, e nas palavras de sua reposta, que lhe não avia de entregar os Christãos, e que desejava de quebrar com elle, e que andava nestas dilações a fim de pôr em effeito alguma treição, que tinha ordenada, porque mandára tapar as bocas de duas ruas, que vinham ter ás casas, onde estava a feitoria de pedra e cal. Advertido Afonso Dalboquerque disto,

que lhe Gaspar Rodriguez disse, e por atalhar as malicias de Cogeatar, determinou de mandar alevantar mão da obra, e praticou este negocio com João da Nova, e o Feitor, que ao presente estavam com elle no parao junto de terra; e porque a ambos pareceo bem, mandou Afonso Dalboquerque, sem mais dilação, a João da Nova, que recolhesse todos os officiaes da obra, e a mais gente, que andava pela Cidade, porque não recebessem alguma afronta dos Mouros. João da Nova foi-se logo a terra, e fez recolher todos ao parao, de modo que antes do Sol posto não avia ninguem na Cidade; e como foram recolhidos, mandou Afonso Dalboquerque chamar os Capitães, e alguns Fidalgos á sua náo, e juntos todos, disse-lhes o que tinha passado com Cogeatar, e o que lhe Gaspar Rodriguez dissera, e pedio-lhes que lhe dissessem o que faria, se lhe Cogeatar não quisesse entregar os homens. Praticado este negocio, assentáram, que se lhos Cogeatar não entregasse, que lhe devia fazer a guerra, e destroir Ormuz, se podesse ; e que lhe não devia de mandar o seu Mouro, que lhe mandava pedir, nem os outros, que lhe o Rey pedia, porque tudo eram enganos, e

mentiras. Afonso Lopez da Costa foi de outro parecer, e disse, que por cima do que os Capitães diziam, que seria bom mandar-lhe o Mouro, e dar falha a suas mentiras, e dissimulações, pois estava em sua mão fazer-lhe guerra cada vez que quisesse. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem este conselho de Afonso Lopez da Costa, e mandou a Cogeatar o seu criado, e os dias, que lhe mandou pedir; e neste interim disse ao Feitor, que dissimuladamente recolhesse a feitoria, e os homens, que nelle tinha. Cogeatar como soube que se mandava recolher a feitoria, vendo que Afonso Dalboquerque andava sempre diante delle em tudo, por dissimular, e ver se podia antreter, mandou-lhe dizer por Almaçá da parte do Rey, que lhe pedia muito por mercê, que não mandasse recolher a feitoria, porque era grande escandalo pera os mercadores, e elle da sua parte recebia muito desprazer nisso. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que como queria sua Real Senhoria que fiasse a fazenda delRey seu Senhor, e os seus officiaes delle, se Cogeatar tinha mandado atalhar com paredes duas ruas, que vinham ter á feitoria, e não lhe queria mandar quatro bar-

gantes, que lhe fugíram da sua Armada, que per muitas vezes lhe tinha mandado pedir: e com esta reposta lhe mandou amostrar por João Estão as cartas, que lhe tinham feito da entrega do Reyno, e que dissesse ao Rey, que lhe pedia muito por mercê que cuidasse bem no que fazia, e não faltasse de sua palavra, nem quisesse ter guerra com ElRey de Portugal seu Senhor, porque se perderia: e que visse bem aquellas cartas, e os sellos, com que estavam asselladas, e que não quebrasse a paz, que com elle tinha assentada em nome delRey de Portugal, porque o Reyno de Ormuz não se podia defender por armas, senão com siso, e bom conselho. O Rey e Cogeatar não quiseram ver as cartas, dizendo, que bem sabiam o que estavam nellas, e que sua tenção era comprilas inteiramente, porque elles eram vassalos delRey de Portugal; e que se todas estas cousas fazia por amor dos homens, que lhe fugíram, que se não agast sse, que elles apareceriam.

CAPITULO XLVI

Como Cogeatar mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque seguro pera os Christãos: E os Capitães lhe mandáram requerer que não fizesse guerra á Cidade, e o que sobre isso passou com elles.

No cabo dos dous dias, que Cogeatar pedio pera mandar os Christãos, vendo Afonso Dalboquerque que não vinham, mandou-lhe dizer por Gaspar Rodrigues, que lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homens, e não andasse em dilações, porque lho não avia de sofrer. Gaspar Rodriguez foi a terra, e deu este recado a Cogeatar; e passadas muitas praticas sobre isso, disse-lhe que dissesse ao Capitão mór, que lhe mandasse huns Mouros, que tomára no desbarato das náos, que eram seus criados, e hum Alvará seu, em que prometia de não fazer justiça dos homens, que logo lhos mandaria, porque não queria ter guerra com elle, senão muita paz, e amizade, pois todos eram vassalos delRey de Portugal, e sempre avia de estar á sua obediencia; e por aqui lhe disse outras muitas palavras a fim

de averem effeito suas dissimulações. Gaspar Rodriguez tornou com esta reposta, e disse a Afonso Dalboquerque, que Cogeatar lhe mandára amostrar os Christãos muito ataviados, e que os víra tão contentes de si, que per cima destas palavras, que Cogeatar dizia, se affirmava que lhos não avia de entregar. Afonso Dalboquerque, posto que entendia muito bem suas manhas, e mentiras, dissimulou sempre com elle, porque desejava de saber delles quem os fizera fugir; e porque não ficasse nada por fazer, tornou a mandar Gaspar Rodriguez com o escrito, que lhe pedio de seguro, e que lhe mandasse dizer onde queria que lhe posessem os Mouros, porque lhos mandaria logo. Partido Gaspar Rodriguez com este recado, mandou Afonso Dalboquerque a João Estão, que corresse todas as náos, e ajuntasse os Mouros, que podiam ser duzentos, e embarcados em um zambuco, viesse com elles á borda de agoa, onde elle estava no parao: e como ali foram, mandou dizer a Cogeatar, que ali tinha os Mouros, que mandasse os Christãos. Cogeatar lhe respondeo, que os mandasse pôr em terra, e que fosse hum Capitão ao Cerame polos Christãos, que lá

lhos entregaria. Afonso Dalboquerque, como andava atalaiado de suas treições, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e à João da Nova com duzentos homens, que posessem os Mouros junto da fortaleza atados huns nos outros, e que ali esperassem seu recado; e mandou a Francisco de Tavora, que fosse em hum batel ao Cerame polos Christãos, e a Gaspar Rodriguez que fosse diante dizer a Cogeatar, que os Mouros estavam em terra, que mandasse entregar os Christãos a Francisco de Tavora, que lá hia pera os trazer. E porque Gaspar Rodriguez começou a tardar, e não vinha com recado, mandou Afonso Dalboquerque hum moço seu a saber porque tardava, e no caminho o achou que vinha já: e disse-lhe, que Cogeatar o detivera todo aquelle tempo sem lhe responder, que não podéra saber o fim por que o fizera, e que víra os homens vestidos de trajos de Mouros, com suas espadas na cinta, muito ledos, como homens, que sabiam que os não aviam de entregar; e depois de muitas praticas, que tivera com elle, lhe dissera, que devia de mandar apresentar os Mouros ao Rey pera se aquelle negocio fazer melhor, e que elle

mandaria amostrar os Christãos a Francisco de Tavora. Afonso Dalboquerque enfadado desta reposta, mandou logo recado a D. Antonio, e João da Nova, que recolhessem os Mouros ao zambuco, porque Cogeatar não entregava os Christãos, e no Cerame avia grande ajuntamento de frécheiros, e elle lhe iria dar costas com a mais gente, porque ordenando-lhe Cogeatar alguma treição, não nos tomasse desapercebidos. Recolhidos os Mouros ao zambuco, desembarcou Afonso Dalboquerque, e ajuntou-se com D. Antonio, e João da Nova, e estiveram assi hum bom espaço ao pé da fortaleza esperando a determinação de Cogeatar; e como tudo foi assossegado, recolheo-se aos bateis, e foi-se á sua náo. Chegado Afonso Dalboquerque á náo, deu-lhe Antonio Fernandez, que era o corretor dos requerimentos, (como atrás tinha dito), hum escrito assinado por todos os Capitães, que eu tresladei do proprio, que dizia assi:

Senhor, fazemos isto por escrito, porque por palavra não ousamos, por quão apassionadamente nos sempre respondeis; e em caso que vós, Senhor, nos tenhais dito per vezes que El-Rey vos não manda que tomeis con-

selho comnosco, este caso he de tamanha substancia, que nos parece que somos obrigados a darvo-lo; e se o não fizessemos, seriamos dignos de grande castigo; e porque esta guerra, que agora quereis fazer, he muito contra o serviço delRey nosso Senhor, nos parece que Vossa Mercê deve de olhar muito bem, antes de a começar, quanta culpa tem Cogeatar pera sem rezão pôrem se ao taboleiro quinze mil cruzados de renda cada anno, a fóra a honra de tão grande Cidade, e Reino; e se de todo Vossa Mercê determina de lha fazer, e quebrar a paz, e assento, que com elle tem feito, a nós nos parece que o não deveis de fazer, porque mais serviço delRey nosso Senhor será deixar agora esta Cidade, e dissimular com Cogeatar, e pera o anno vir possante pera a senhorear, e segurar, que destroila pera sempre. E se todavia Vossa Mercê determina de fazer a guerra, olhe bem que seja com todo o resguardo, e segurança desta Armada, em que vai mais ao serviço do dito Senhor, que ganhar, nem perder esta Cidade agora, pois a todo o tempo se pode fazer; porque saindo Vossa Mercê em terra de Ormuz, ou na Cidade, nós determinamos de não ir com-

vosco, nem ser em tal guerra, nem conselho; e porque disto seja certo, e depois o não possamos negar, assinamos aqui todos: oje cinco dias do mes de Janeiro de mil e quinhentos e oito annos. João da Nova. Antonio do Campo. Afonso Lopez da Costa. Francisco de Tavora. Manuel Telez.

Vendo Afonso Dalboquerque este escrito, foi-se á náo de Francisco de Tavora, e levou João Estão Escrivão da Armada comsigo, e ali mandou chamar a todos; e sendo juntos disse-lhes, que Antonio Fernandez lhe dera hum escrito assinado por elles, que tinha muito bem guardado pera o mandar a ElRey seu Senhor: e que pois estavam arrependidos do que lhe tinham aconselhado, e lhe parecia bem não se destruir Ormuz, que lhe dissessem se se affirmavam de não serem com elle nesta guerra, como no seu escrito diziam; e que se lembrassem que avia dous dias, que praticando com elles se faria a guerra a Ormuz, se lhe Cogeatar não entregasse os seus homens, que lhe aconselháram que lha fizesse, e não se fiasse nas suas palavras brandas, e doces, porque tudo eram mentiras: e que agora os via tão mudados, que lhe parecia que ou era paixão.

ou alguma cousa, que elle não entendia, porque de cavaleiros não era refusar os trabalhos da guerra; porque ElRey Dom Manuel, pela confiança, que nelles tinha, os mandára em sua companhia pera conquistarem aquelle Reyno: e que olhassem muito bem o que diziam, porque não lhe obedecerem era irem contra o poder delRey, que lhe tinha dado sobrelles. Os Capitães lhe respondêram, que era verdade que lhe tinham aconselhado que fizesse a guerra a Ormuz, se lhe Cogeatar não désse os homens, e que depois de lho terem dito, cuidáram nisso, e assentáram ser muito de serviço delRey nosso Senhor fazer-se, e por isso devia de a escusar quanto podesse, e dissimular com Cogeatar; porque ElRey D. Manuel lhe mandava em seu Regimento, que tudo o que fizesse fosse com conselho delles, o que elle nunca quisera tomar, e fazia tudo o que queria, sem lhe dar conta de nada. E por aqui foi cada hum tratando dos agravos, que delle tinham. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os trabalhos da guerra não se podiam chamar agravos, e que o fossem, não era tempo pera se falar nelles, senão pera acabada aquella fortaleza, a defende-

rem em que pez aos Mouros. E se os agravos, que diziam eram de seu officio, que na India tinham o Visorey, que lhe faria justiça, e ElRey D. Manuel em Portugal que o castigaria: e o que agora mais compria ao serviço delRey era se aviam de ser com elle em aquella guerra, ou não. Francisco de Tavora disse, que seria com elle, faria tudo o que lhe elle mandasse. Todos os outros Capitães se affirmáram de não fazerem outra cousa, senão a que tinham dito no seu escrito. João da Nova começou a dizer, que se os Capitães estavam naquella determinação, era por elle mandar recolher a gente da Cidade sem seu conselho: e que pois Cogeatar dizia, que todos eram vassalos de ElRey de Portugal, escusado era fazer lhe a guerra. Afonso Dalboquerque lhe respondeo: *Isso me ouvereis vós de dizer, quando vos mandei recolher a gente, e não agora, pois o fiz com vosso conselho, e do Feitor*; e sem mais querer ter pratica com elles, os despedio. Afonso Lopez da Costa como chegou á sua náo, mandou ajuntar toda a gente, e quiz saber delles se estavam na sua determinação: todos lhe respondêram, que elles aviam de morrer, onde o seu Capitão mór

morresse. Passadas estas praticas, foi se Afonso Dalboquerque pera a sua náo enfadado desta determinação dos Capitães; e estando assi suspenso no que neste caso faria, chegou Fernão Soares, e disse-lhe, que os Capitães ficavam muito arrependidos do escrito, que lhe tinham mandado, e muito mais das palavras, que com elle passáram: que lhe pediam muito por mercê que se não lembrasse disso, porque a paixão os segára, e que todos estavam prestes pera o servirem naquella guerra, e fazerem tudo o que lhes mandasse.

CAPITULO XLVII

De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de fazer a guerra a Ormuz: e como a gente do Rey, que estava em guarda dos paços de Turumbaque, foi desbaratada pelos nossos.

Tendo o grande Afonso Dalboquerque assentado de fazer guerra ao Rey de Ormuz, se lhe não mandasse entregar os Christãos; primeiro que a começasse, quiz entender no alvoroço dos Capitães, e saber se o

recado, que lhe mandáram por Fernão Soares, era mais que comprimento; porque não querendo elles estar á sua obediencia, como tinham dito, proveria de outros Capitães nas náos, que servissem a ElRey; e mandou a João Estão Escrivão da Armada, que da sua parte dissesse a Antonio do Campo, que tinha algumas culpas delle, que deixasse a sua Capitania, e se viesse preso á sua náo: e aos outros Capitães, que pois sua determinação era não servirem ElRey naquella guerra, que deixassem as suas náos, e que elle as proveria de Capitães, que servissem a ElRey, e estivessem á sua obediencia, e que de tudo o que passasse com elles fizesse autos. Os Capitães vendo esta determinação de Afonso Dalboquerque, envergonhados do que tinham cometido, disseram a João Estão, que elles estavam arrependidos do que tinham dito, e feito, e que isto lhe tinham mandado dizer por Fernão Soares, e que elles estavam prestes pera o servirem, e serem com elle naquella guerra, que queria fazer. Afonso Dalboquerque, visto o arrependimento dos Capitães, porque o tempo não era pera castigar culpas, pela necessidade que delles tinha, perdoou-lhes,

e tornou-lhes suas Capitanias, salvo a de Antonio do Campo, a que não quis tornar a sua, por ter informação que fora autor de todas estas emburilhadas. Passadas estas praticas, que teve com os Capitães, mandou-lhes que se chegassem a terra com suas náos quanto mais podessem, e deixassem rageiras por popa pera se tornarem atrás cada vez que quisessem, e com a artelharia dessem bataria á fortaleza do Rey, e que cada hum tivesse ao longo da sua náo hum parao pera os emparar da artelharia, que os Mouros tinham no muro da fortaleza; e mandou ao seu Mestre, que chegasse tambem a sua náo a terra quanto podesse da banda do porto do Ponente. Os Capitães deram aquelle dia bataria com tanta furia á Cidade, que matáram muita gente na fortaleza, e derribáram muitas casas pela Cidade. Os Mouros tinham a sua artelharia assestada tão alta, que de baixa mar não fazia nojo ás náos, porque passava por cima dellas, e de preamar dava nos paraos, que tinham por emparo; e se metiam algum no fundo, cada Capitão punha logo outro em seu lugar. Envergonhado Antonio do Campo de ver os Capitães nas suas náos pelejar, e elle fó-

ra da sua, mandou pedir a Afonso Dalboquerque que lhe perdoasse seus erros passados, e lhe tornasse sua náo pera com ella ajudar seus companheiros, e que elle faria tudo o que elle mandasse. E porque neste tempo tinha necessidade de homens, posto que Antonio do Campo fosse o que ordia todalas emburilhadas, perdoou-lhe, e mandou-lhe entregar o seu navio: e aos Capitães disse, que ao outro dia tornassem a dar bateria á fortaleza; e foi com tanta furia, que os repairos da artelharia grossa, por serem podres, arrebentáram todos. Afonso Dalboquerque vendo isto, mandou afastar as náos pera o mar, e poz-se em ordem pera tolher que não viessem mantimentos, nem agoa á Cidade, e cercou a Ilha em roda com toda a Armada, e mandou pôr fogo a todas as náos, que no porto estavam com seu seguro, requerendo primeiro a Cogeatar per muitas vezes que entregasse os homens, que lhe tinha tomado, lembrando-lhe o assento, que elle, e o Rey tinham feito, quando lhe entregára o governo daquelle Reyno em nome delRey de Portugal. E com esta ordem, com que tinha cercada a Cidade, começou aver nella muita falta de

mantimentos, e de agoa, porque lhe não podia vir da terra firme; e sabendo Afonso Dalboquerque a falta que avia, mandou-lhe apertar mais o cerco, e notificou aos Capitães, e a toda a gente da Armada, que sua determinação era não se alevantar daquelle cerco, até lhe o Rey não entregar a Cidade, e que já não fazia fundamento de ir ao estreito. Assentado isto, mandou a Manuel Telez, que se fizesse prestes pera levar os mantimentos que tinha á fortaleza de Çocotorá; e tendo nova no caminho que por aquella costa andavam algumas náos de Portugal, que se visse com os Capitães, e lhes dissesse da sua parte, que o viessem socorrer, e que lhe trouxesse todas as munições de guerra, que achasse, porque de tudo tinha necessidade. O povo da Cidade vendo-se atalhado de maneira, que de nenhuma parte lhe podia vir agoa, que era o que se mais sentia, ajuntáram-se os principaes Mouros della, e foram-se ao Rey, pedindo-lhe que mandasse guardar os paços de Turumbaque, que estavam no Cabo da Ilha, porque os Portugueses se não apoderassem delles, e dali se poderia soprir a muita falta, que avia de agoa. O Rey mandou logo hum Capitão

com gente de pé, e de cavalo pera estarem em guarda dos pocos, e tendas, em que se podessem agasalhar. Avisado Afonso Dalboquerque desta determinação dos imigos, mandou-os huma noite espiar; e sabida a ordem, em que estavam, não sofrendo tardança, mandou D. Antonio de Noronha com cem homens, e Francisco de Tavora, e João da Nova com outros cento, que os fossem cometer; e estando prestes, embarcáram nos bateis, e partíram á boca da noite; e chegando aos poços, que seríam duas horas ante menhaã, deram logo nos Mouros, que estavam bem descuidados do que lhes aconteceo, e desbaratáram-nos, e matáram dous Capitães principaes do Rey, que éram vindos com aquella gente, e muitos Mouros de pé, e de cavalo, e queimáram humas pocas de casas, que ali estavam, e todalas tendas, que trouxeram pera seu gasalhado; e acabado isto, enchêram os poços de homens, e cavalos, e camelos mortos, e recolhêram-se aos bateis com esta vitoria, e vieram-se pera as náos, trazendo comsigo dous archeiros, que ali cativáram, dos quaes soube Afonso Dalboquerque, que avia dias que o Rey por conselho do Rey cego, e dos Governadores

da terra tinha determinado de se alevantar contra elle e matar todos os Portugueses, que andassem na Cidade, porque estava muito arrependido de lhes dar lugar pera fazer fortaleza, e que na Cidade avia muita falta de agoa; e Cogeatar por se não fiar de ninguem, tinha a chave de huma cisterna, que seria de oitenta covados, e tinha em guarda della hum Capitão com gente. Afonso Dalboquerque, posto que estes Mouros, que guardavam a cisterna, tinham o socorro certo por estarem perto da Cidade, com tudo pelos enfadar determinou de os ir cometer, e fez-se prestes com toda a gente, e partio das náos ante menhaã, e mandou Francisco de Tavora na dianteira com quarenta homens, que désse nelles; e elle com toda a mais gente foi nas suas costas, e deram tão de supito nos Mouros, qúe os puseram logo em desbarato, e foram-nos seguindo hum pedaço. matando muitos Mouros de pé; e ao seu Capitão, que andava a cavalo, Lopo Alvarez, criado do Condestabre, foi o primeiro, que lhe pos a lança. Dos nossos foram muitos feridos com frechas, porque os Mouros de cavalo hiam fugindo, e tirando com ellas aos nossos, que os seguiam sem

ordem. Afonso Dalboquerque, temendo se do soccorro, que lhe podia vir, mandou a D. Antonio de Noronha que os recolhesse, e quebrou as portas da cisterna, e enchêram-na toda de corpos, e cavalos mortos, e com esta vitoria se foi embarcar nos bateis, e veio-se pera as náos.

CAPITULO XLVIII

De como Cogeatar tornou a mandar desentupir os poços de Turumbaque, e a gente, que tinha em guarda delles, foi desbaratada pelos nossos, e o mais que passou.

Passados dous dias depois deste desbarato, porque na Cidade avia muita falta de agoa, e começavam a morrer muitos meninos de sede, e de nenhuma outra parte se podiam prover com brevidade, senão dos poços de Turumbaque, (pela muita vigilancia, e cuidado, que o grande Afonso Dalboquerque tinha de guardar a Ilha toda em roda), determinou Cogeatar de mandar secretamente desentupir os poços, e mandou a isto hum Capitão com gente de pé, e de cavalo, e muitos camelos, e bestas pera trazerem

logo agoa á Cidade. Afonso Dalboquerque como tinha suas intelligencias, pera saber tudo o que o Rey ordenava, por Mouros a que dava muito de sua fazenda, foi logo avisado disto, e fez prestes Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa com cento e cincoenta homens pera irem saltear esta gente, e que tornassem a intupir os poços. Os Capitães se partíram de noite por mar, e chegáram aos poços, começando de amanhecer, e deram logo nos Mouros; e como elles estavam descuidados, foram desbaratados, e sem fazerem resistencia, se poseram em fugida, e os nossos os foram seguindo, e no alcance matáram muitos, e tornáram-se a recolher aos poços, e matáram todos os camelos, e azemelas, que os Mouros ali tinham pera levarem agoa, e entupíram os poços. E feito isto, recolhêram-se aos bateis, e tornando-se pera as náos, topáram no caminho Afonso Dalboquerque, que vinha nos bateis com gente pera os ajudar, se fosse necessario. Os Capitães lhe contáram tudo o que tinham passado: e elle lhe louvou muito o feito, e o modo, que tiveram em cometer os Mouros. E disse-lhes, que tinha por enformação, que sobre aquelles poços estava

hum outeiro alto talhado a pique ao mar, onde se podia fazer hum forte, em que podia estar artelharia, e gente, que defendessem não se levar dali agoa pera a Cidade, que seria bom verem aquelle sitio, e o que se nelle podia fazer, porque tolhendo-lhe aquella agoa, de necessidade se avia o Rey de entregar, porque não tinham donde se prover, senão com muito trabalho, e risco das vidas. Com esta determinação, voltáram todos, e foram desembarcar no porto, e começando a caminhar pelo cerco acima, víram gente de cavalo, que vinham da Cidade em socorro de huns poucos de archeiros, que ali ficáram do desbarato passado. Afonso Dalboquerque avendo vista delles, esteve quedo com toda a gente, e mandou Afonso Lopez da Costa, D. Antonio de Noronha, Manuel Telez, e Jorge Barreto, que tomassem a dianteira á nossa gente, e os tivessem que não andassem; e feitos todos em hum corpo, mandou a D. Antonio com cem homens, que sobisse o outeiro, e cometesse os Mouros: e elle deixou-se estar na praia com a mais gente á vista delles. D. Antonio ouve-se tão valerosamente no sobir, que deu nos archeiros primeiro que a gente de

cavalo chegasse, e postos em desbarato, foi-os seguindo por hum vale, que hia ter á serra. A gente de cavalo, que vinha da Cidade vendo os nossos desmandos, começáram a travar com elles. Os archeiros como se víram favorecidos da sua gente de cavalo, fizeram volta, e vieram-se ajuntar com elles, e cometêram D. Antonio. Afonso Dalboquerque, vendo os nossos emburilhados com gente de cavalo, mandou dizer a D. Antonio que se recolhesse pera onde elle estava; e porque tardava, mandou-lhe dizer por Afonso Lopez da Costa que se recolhesse logo, e com este seguro recado se veio recolhendo pelo vale abaixo, hum pouco mais depressa. Os Mouros como víram que D. Antonio se recolhia, apertáram mais com elle. D. Antonio como se vio apressado dos Mouros, voltou, e felos arredar de si, ficando alguns archeiros estirados por esse chão mortos, e recolheo se á praia, onde seu tio estava, e os Mouros pegados com elle sem ordem, e matáram hum moço junto com Afonso Dalboquerque de huma fréchada pela cabeça, o qual vendo os Mouros assi desmandados, mandou a D. Antonio que tornasse a dar nelles com a sua gente, e nesta volta matá-

ram tres Mouros de cavallo, que se quiseram aventajar dos outros, homens bem tratados de vestidos, e de armas. Os de cavalo como víram estes mortos, deixáram as armas, e as cubertas dos cavalos pera ficarem mais leves, e puseram se em fugida pera a Cidade. Foram feridos neste desbarato D. Antonio de sete fréchadas, Gonçalo Queimado, Nuno Vaz de Castelo-branco, e Antonio de Liz, e outros, e tornáram-se a recolher. Os archeiros, posto que se vissem sem a gente de cavalo, ajuntáram se na boca do vale com animo de se vingarem, e ás fréchadas começáram a tratar mal os nossos. Afonso Dalboquerque enfadado da sua contumacia, disse aos Capitães, que dessem nelles, e foram-nos seguindo por hum vale acima, e escozêram-os de maneira, que não ousáram de cometer mais os nossos, e puseram-se todos juntos em hum outeiro, e nesta volta feríram Afonso Lopez da Costa, Manuel Telez, Jorge da Silveira, Fernão Feijo, João Rodriguez Pireira, Afonso Dalboquerque como teve os Mouros afastados de si, recolheo-se aos bateis, e veio-se pera as náos, sem se determinar no lugar que hia ver; e de dous fréche iros, que se ali cati-

váram, soube que os de cavalo que matáram, eram hum delles filho de Rexnordim, homem muito cavaleiro, que viera da Persia com gente a servir o Rey naquella guerra, pelo qual se fez tamanho pranto na Cidade, que nas náos se ouvia. Estes tres Capitães, que aqui matáram, pagáram a soberba, com que se offerecêram ao Rey pera guardarem estes poços.

CAPITULO XLIX

Do recado, que o Rey mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes, e a reposta que lhe deu, e o que passou na Ilha de Queixome indo tomar agoa.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque com esta vitoria pera as náos, foi-lhe dito, que depois de elle ser partido pera Turumbaque, saíram duas almadias de noite da Cidade pera a terra firme; e desejando de saber o fundamento desta ida, mandou logo Duarte de Sousa com dous esquifes muito bem aparelhados pera qualquer cousa que lhe socedesse, que as fosse esperar por aquella parte por onde ellas saíram; e as

almadias tornando de noite, vieram dar de supito com Duarte de Sousa; e cómo ouve vista dellas, foi-lhes dando caça, e antes de chegarem a terra as tomou ambas, e veio-se com ellas a Afonso Dalboquerque; e dos Mouros, que se ali tomáram, soube que Cogeatar, pela muita falta que na Cidade avia de agoa, mandava almadias ligeiras do remo a Nabande por ella de noite, porque podiam ir ao longo da terra mais secretas que os paraos. Sabido isto dos Mouros, mandou-lhes cortar as orelhas, e os narizes, e lançalos em terra, e queimar as almadias, e dali por diante mandava vigiar a ribeira pera atalhar este remedio, que Cogeatar buscou pera aver agoa. O povo da Cidade vendo-se apertado desta maneira, e posto em grande necessidade de fome, e sede, como era noite, ajuntavam-se muitos homens, molheres, e meninos, e hiam-se derredor dos paços do Rey, e com grandes brados, e gritos lhe pediam que ouvesse piedade delles, e dos trabalhos, que padeciam com morte de pais, maridos, filhos, e parentes, sem esperança de lhes vir socorro de nenhuma parte, e tudo por Cogeatar não querer entregar quatro Christãos, que não aproveitavam pera

nada, nem tinham necessidade delles: e por aqui diziam muitas desaventuras, que passavam, que era lastima ouvilos: os gritos eram tamanhos, que nas náos se ouviam. O Rey vendo estes trabalhos do seu povo, e as grandes necessidades, em que a Cidade estava, determinou por conselho do Rey cego de mandar pedir misericordia ao grande Afonso Dalboquerque, e mandou-lhe dizer por Almaçá, hum Mouro capado muito seu privado, que elle estava arrependido de tudo o que era passado, e que lhe jurava por sua lei, que elle não tinha nenhuma culpa: que lhe pedia muito por mercê que se contentasse com a destruição, que tinha feita, naquella Cidade, e que elle faria tudo o que elle quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se o Rey queria concerto, e ter amizade com elle, que primeiro lhe avia de mandar entregar a fortaleza delRey de Portugal seu Senhor, e os seus homens, que lhe tinha tomados, e toda a fazenda, que ficâra na feitoria, com todas as despesas; e satisfeito tudo, falase em concerto, porque doütra maneira o não avia de ter com elle. Almaçá foi com esta resposta a terra. O Rey, depois de praticar este negocio com o

Rey cego, e Cogeatar, e com esses Mouros principaes do seu governo, respondeo, que na fortaleza não falasse, porque lha não avia de dar, que dinheiro lhe daria quanto quisesse. Afonso Dalboquerque vendo reposta tão soberba, e entendendo que era forjada por Cogeatar, disse a Almaçá, que dissese ao Rey, que elle não tinha necessidade do seu dinheiro, nem queria nada delle, senão a fortaleza, que era delRey de Portugal, ganhada com sua gente, e Armada, que se lha não desse, não falasse em concerto, e que elle esperava que Cogeatar, que lhe aquilo fazia dizer, se arrependesse em algum tempo de lho ter aconselhado. Cogeatar como sabia que os Capitães não eram de parecer que se fizesse a guerra ao Rey, mandou-lhe logo de noite dizer aos navios, onde estavam junto de terra, que lhe fazia a saber que o Rey tivera muitos comprimentos com o seu Capitão mór, e lhe offerecêra muito dinheiro, pera que não destruisse aquella Cidade, que estava á obediencia delRey de Portugal, e todos eram seus vassalos, e que o não quisera aceitar; que o Rey determinava de mandar hum navio com recado ao Visorey da India, e dar-lhe conta destas sem-

rezões que lhe fazia. Afonso Dalboquerque foi logo avisado disto, que Cogeatar passára de noite com os Capitães; mas dissimulou com elles sem os castigar, como elles mereciam, até ver sua determinação, e foi continuando a guerra como fazia; e porque na Armada avia muita falta de agoa, mandou a Antonio do Campo, e Pero Vaz Dorta Feitor ao porto de Nabande, e vissem se com dadivas, ou dinheiro podiam aver agoa, porque os moradores daquelle porto vivem disso, e trazem-na a Ormuz a vender. Chegados ali, hum Capitão do Rey de Ormuz, que estava com gente em guarda daquelle porto, não quis ter prática com os nossos, nem consentio que lha vendessem por dinheiro. Antonio do Campo, vendo a determinação do Capitão, tornou-se pera as náos, e contou a Afonso Dalboquerque o que passára, o qual se fez logo prestes pera em pessoa ir á Ilha de Queixome tomala por força, por ser mais perto, e levou comsigo Antonio do Campo, e Francisco de Tavora, com cem homens, e paraos, e Mouros, que eram usados neste officio de trazer agoa á Cidade, e deixou João da Nova com toda a mais gente com seu poder em guarda das

náos. Estando tudo prestes, partíram de noite, e chegáram á Ilha antemenhaã, e primeiro que desembarcassem, mandou Afonso Dalboquerque pôr atalaias derredor dos poços, pera vigiarem toda a terra ao longe, e Duarte de Sousa, e o Feitor que tivessem cuidado de fazer carregar os paraos dagoa com muita brevidade. Ordenado isto, desembarcou com toda a gente, e foi marchando direito a hum lugar, que se chamava Arbés, que estava hum pedaço afastado da borda dagoa, e mandou a Jorge Barreto com dez homens, que fosse por huma comiada alta vigiando a terra, e a Antonio do Campo com cincoenta homens que fosse diante, e désse no lugar. Antonio do Campo como chegou, deu logo nelle; e Afonso Dalboquerque, que hia nas suas costas, deu por outra parte com Jorge Barreto, que já ali era, e matáram alguns Mouros; e como o Rey não tinha aqui guarnição de gente, os Mouros, que acodíram, vendo-se maltratados das nossas espingardas, poseram-se em fugida, e deixáram o lugar. Afonso Dalboquerque como o vio despejado, e que não tinha de que se recear, mandou recolher todos os mantimentos aos bateis, e andando nesta

presa, ouvíram hum tiro de bombarda pera aquella parte, onde elles ficáram, e mandou logo recolher a gente, porque lhe pareceo que era sinal que lhe faziam, e veio-se em corpo com toda ella direito á praia, e em chegando, disse-lhe Duarte de Sousa, que estando fazendo agoada, viera hum Capitão com trinta Mouros, e duas bombardas em camelos, e que elle em os vendo se recolhêra aos bateis, e se posera de largo, e o Capitão mandára decer as bombardas dos camelos, e começára a esbombardear; e aos primeiros tiros, vendo a nossa gente que vinha, tornára a carregar as bombardas, e recolher-se muito depressa. Afonso Dalboquerque acabou de tomar sua agoa, e partio-se, e em chegando ás náos, soube que João da Nova fora de noite no seu esquife a terra falar com os arrenegados, e com alguns criados de Cogeatar, o que sentio muito pelo fazer sem sua licença, deixando-o em guarda daquella Armada em seu nome.

CAPITULO L

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova por não querer ir a Nabandé, onde o mandava.

Como o grande Afonso Dalboquerque foi nas náos, ao outro dia mandou dizer a João da Nova, e a Francisco de Tavora, que elle tinha novas que ao porto de Nabandé era chegada huma cafila, que vinha da Persia pera Ormuz com mantimentos, e outras mercadorias; que se fizessem prestes com sua gente pera irem lá, e que viessem a bordo da sua náo pera lhes dizer o que aviam de fazer. Francisco de Tavora, como lhe deram o recado, fez-se logo prestes, e veio-se á borda da náo Capitaina ás horas que lhe tinham mandado; e porque era tarde, e João da Nova não vinha, mandou-lhe Afonso Dalboquerque dizer, porque tardava, que Francisco de Tavora avia muitas horas que lá estava esperando por elle: e João da Nova lhe mandou dizer, que se tardava, era porque a gente da sua náo não o queria acompanhar, e que elle só não avia de ir. Afonso Dalboquerque como estava mal contente

delle pelo que fizera sendo ido á Ilha de Queixome, e enfadado tambem desta reposta, meteo-se no seu esquife com João Estão, Escrivão da Armada, e alguns homens, e foi-se já de noite á náo de João da Nova; e entrando nella, porque vio a gente alvoroçada, e posta em lhe desobedecer, dissimulou, e disse a João da Nova, que os fizesse embarcar nos bateis, e que se fosse á sua náo. Elle (como homem, que não estava fóra desta culpa) não o quis fazer, e disse-lhe que aquella gente não queria ir pelejar á terra firme, porque não eram a isso obrigados; e se queria que lá fossem, que lhe mandasse dar sua parte dos vinte mil xerafins, que o Rey de Ormuz tinha dado de pareas. Afonso Dalboquerque lhe disse, que os fizesse embarcar, que elle lhe responderia. E posto que por muitas vezes lho dissesse, sempre se escosou, dizendo que a gente não queria. Entendendo Afonso Dalboquerque que tudo nacia de João da Nova, e não da gente, disse-lhe: *Muitos dias ha que eu sei os conselhos, em que vós, e os outros Capitães andais, e tudo dissimulei, fazendo sempre que o não sabia, porque desejava de acabar esta fortaleza em paz, e todos o fizestes*

de maneira, que se veio tudo a perder; e não contentes disso, sendo eu na Ilha de Queixome, deixando-vos a vós, com todo o meu poder, em guarda desta Armada, fostes a terra falar com os imigos cercados, e com os homens, que me fugíram, não tendo licença minha pera o poder desfazer: e desobedecer-me a gente da vossa náo, sendo eu vosso Capitão geral, nasce de os terdes amotinados contra mi, afirmando que lhes tenho tomado a parte, que lhes cabia dos vinte mil xerafins, que o Rey de Ormuz pagou de pareas: e que ElRey Dom Manuel nosso Senhor mo mandava em meu Regimento, não sendo assi, e tudo isto he a fim de eu deixar esta empresa: porque todos desejais de vos irdes pera a India carregar vossas quintaladas enfadados da guerra, e não vos lembra que esta obrigação tanto he minha, como de todos, e que nos convem darmos boa conta a ElRey nosso Senhor deste Reyno, que temos ganhado. E sofrer Cogeatar tantos trabalhos, e necessidades sem me querer entregar quatro Christãos, visto está, que sabe, que me aconselhais todos, que deixe a guerra, e me vá; e quem tem esta culpa, ElRey nosso Senhor o saberá. João da Nova não ficou muito contente destas cousas,

que lhe Afonso Dalboquerque disse e começou-se a desculpar; e quanto era amotinar a gente da sua náo, que lhe perguntasse quantas vezes os reprendêra, e forçára, que se embarcassem, sem lhe quererem obedecer: e o que dizia das quintaladas, era verdade, que quando em Calayate lhe pedíram licença pera se ir pera a India, fora pera carregar a sua náo, e ir-se pera Portugal, como lhe Tristão da Cunha tinha mandado em Çocotorá que o fizesse, pera lhe levar recado antes de sua partida, do que elle tinha feito naquella costa, e que se se quisera ir sem sua licença, que bem o podera fazer; e como João da Nova era de animo austinado, e soberbo, começou a dizer muitas doudices, e fazer grandes alvoroços, de mamaneira que era o arroido tamanho na náo, que os Mouros, que estavam nos muros da Cidade vigiando, começáram a dar grandes gritas, e atiráram quatro tiros de artelharia, falando muitas palavras contra Afonso Dolboquerque, como gente, que sabia daquelle alvoroço, e divisão; e vendo elle estas cousas, e que já não aproveitavam boas palavras, pareceo-lhe que pera o credito da sua pessoa seria mais onesto matarem-no ali,

que sofrer desobedecerem-lhe, e remeteo a huma espada de hum grumete que achou, e saltou com os que eram autores deste alvoroço, no convés, e felos embarcar, e chegou-se a João da Nova, e levou-o pelos peitos, e disse-lhe, que se embarcasse logo. Como a gente da náo vio Afonso Dalboquerque embaraçado com João da Nova, não ouve ninguem mais que ousasse falar, e foram-se todos embarcar. João da Nova como se vio atalhado, (pera desculpa do que tinha feito, ainda que fosse contra sua honra), puxou pela barba, que trazia muito comprida, e tirando alguns cabelos, que atou em um lenço, começou a dizer alto: *Eu me irei a ElRey, e diante do seu conselho lhe pedirei justiça destas barbas, que me arrancastes, em paga dos serviços, que lhe tenho feitos nestas partes da India.* Afonso Dalboquerque lhe respondeo severamente: *Eu não vos pus as mãos na barba; e ainda que vo la arrancára toda, polo que tendes feito, e por me desobedecerdes, nem por isso me ouvera ElRey nosso Senhor de mandar cortar a cabeça; e se eu usára comvosco, e com os outros Capitães do rigor do meu Regimento, quando todos começastes a danar*

as cousas de Ormuz, não estiveram ellas no estado, em que agora estam; mas sofri-vos com muita paciencia, cuidando que assi se faria o serviço delRey melhor, que era o que eu pretendia; e sem mais querer ter prática com elle, o fez embarcar, e todos os mais culpados, e veio-se pera a sua náo já muito de noite: e ao outro dia mandou João da Nova preso sobre sua menagem á náo de Francisco de Tavora, e disse a João Estão, Escrivão da Armada, que tirasse huma devassa pera se saber quem tinha a culpa deste alevantamento. Tirada a devassa, achou o Capitão, e a todos tão culpados, que ouve que era melhor conselho perdoar-lhes polo tempo, em que estavam, e pela necessidade que delles tinha, que dar-lhes o castigo, que elles mereciam; e por assossegar a gente daquelle alvoroço, em que andavam, deu a cada hum dez xerafins em parte do que lhe podia caber dos vinte mil xerafins de pareas, se fosse direito dar-lhos, e senão que se descontariam nos seus soldos, e mandou-lhes que se tornassem pera a náo: e alevantou a menagem a João da Nova, e tornou-lhe a Capitania, e não quiz entender em suas culpas, e deixou o castigo dellas pera ElRey,

posto que no seu Regimento, lhe dava poder pera tudo.

CAPITULO LI

Como o grande Afonso Dalboquerque tornou á Ilha de Queixome com determinação de tomar agua: e do desbarato, que fez na gente, que o Rey ali tinha pera guarda della.

Com todas estas deferenças, que o grande Afonso Dalboquerque cada dia tinha com os Capitães, que lhe davam bem em que cuidar, não deixava de buscar remedio de aver agoa pera a sua Armada, de que tinha muita necessidade; e posto que na Ilha de Queixome (que era mais perto) se não podia já tomar sem força de gente, pela muita que o Rey ali tinha mandado depois do desbarato, com tudo determinou de ir lá, e primeiro que partisse, quis saber dos Mouros, que tomára em Arbes, onde se alojavam os Capitães, e gente, que o Rey ali tinha em guarda dos poços. Os Mouros lhe disseram, que toda estava aposentada em hum lugar grande, que se chamava Queixome, e dali se

proviam todalas outras povoações. Afonso Dalboquerque com esta informação, mandou a João da Nova, e Afonso Lopez da Costa, que se fizessem prestes com sua gente, pera irem com elle, e a Antonio do Campo que provesse os paraos de Mouros, que os mareassem, pera carretarem agoa, e deixou Francisco de Tavora, e Manuel Telez em guarda das náos; e como foi meia noite, partíram, e chegáram tão cedo defronte de Queixome, que foi necessario surgirem em pégo, até serem horas pera verem onde desembarcavam; e como a menhaã começou a romper, mandou Afonso Dalboquerque chegar os bateis a terra, e desembarcou com toda a gente, e disse a João da Nova, e a Afonso Lopez da Costa, que com a sua fossem diante de rosto ao lugar, e dessem logo nelle, e mandou a Jorge Barreto com cincoenta homens, que dessem da banda do sertão, pera atalhar aos Mouros, que se não acolhessem por aquella parte, e que ali se ajuntariam todos; e depois de lhe dar esta ordem, foi-se com toda a outra gente, marchando direito ao lugar, pera dar costas aos Capitães. João da da Nova, e Afonso Lopez da Costa apressáram-se de maneira, que chegáram primeiro

que Jorge Barreto ao Cabo do lugar, e deram em humas casas grandes, onde estavam tres Capitães do Rey de Ormuz pondo se já a cavalo, e alguns archeiros. Como João da Nova, e Afonso Lopez da Costa sentíram nas casas gente, remetêram ás portas, e quebráram-nas com machados, e entráram com elles de roldão. Jorge Barreto, que já era com elles, foi-os cometer por detrás das casas por cima das paredes de huns quintaes. Os Mouros, quebradas as portas da rua, recolhêram-se a hum patio, e ali se defendêram por hum bom espaço, sem os poderem entrar: os nossos envergonhados da tardança, apertáram rijo com elles, e entráram-nos por força: e na entrada ferîram João da Nova, que foi o primeiro, e o Meirinho, e Despenseiro da sua náo, e matáram-lhe hum Marinheiro; mas os nossos se vingáram bem, porque matáram os tres Capitães, que se estavam pondo a cavalo pera fogir, e todos os archeiros, que com elles estavam. Foi este feito tão apressado, e tão bem pelejado, que estando Afonso Dalboquerque muito perto das casas, em que isto passou, não sintio nada do que hia dentro; e quando entrou no patio, onde os nossos estavam, e vio tanto sangue, e tantos

Mouros mortos, começou a dizer grandes palavras de louvor aos Capitães, e a toda a outra gente, e que tomára por satisfação de seus serviços, velos ElRey D. Manuel seu Senhor pelejar daquellas varandas: e sahiose fóra das casas pera hum terreiro, e mandou a Aires de Sousa, e Fernão Soarez, e a outros, que cavalgassem nos cavalos, que ali estavam, e corressem o campo por derredor da Villa, e não dessem vida a nenhuma pessoa, que achassem: elles o fizeram, e matáram muitos Mouros, molheres, e meninos, e recolhêram todo o gado, que acháram, e tornáram-se pera onde Afonso Dalboquerque estava; e como ali foram, mandou matar todos os cavalos, porque os Mouros se não aproveitassem delles, e fez recolher todos os mantimentos aos bateis, e veio-se com esta vitoria pera as náos: e não quis que posessem fogo ao lugar, porque avia muitos mantimentos, e esperava que quando os bateis tornassem por agoa, levassem de cada vez huns poucos, e deixou Antonio do Campo no seu navio em guarda dos poços pera favor dos que lá mandasse por agoa; e como chegou ás náos, mandou lançar hum parao cheo de Mouros principaes, que al matá-

ram, na ribeira da Cidade, e por ser gente honrada, e de estima, fizeram por elles grande pranto. Descarregados os paraos dos mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque Francisco de Tavora, e Jorge Barreto a Queixome, onde Antonio do Campo ficára, que touxessem toda a agoa, e mantimentos que pudessem; e depois de serem partidos, chegou o Piloto de Antonio do Campo com recado pera Afonso Dalboquerque, que lhe fazia a saber, que da gavia da sua náo víram ao mar muitos navios, que vinham á véla contra a Ilha de Lara, que lhe mandasse dizer o que faria; e elle, porque o dia de antes viera de lá, e não avia nova de tal Armada, não se pode determinar no que podia ser; e pera se certificar disto, mandou vir perante si dous Mouros honrados, que tomára na Ilha, e perguntou-lhes que navios podiam ser aquelles? Hum delles lhe disse, que deviam de ser huns, que Cogeatar mandava vir de Julfar, pera se ir nelles com o Rey, e com toda a sua casa pera a mesma Ilha, que socorro não podia ser, porque Cogeatar não avia de meter mais gente comsigo na Cidade da que tinha, pela muita falta, que avia de mantimentos, e de agoa: e o

outro Mouro disse, que assi lhe parecia, porque a noite, antes que os tomassem, passára hum criado de Cogeatar com grande pressa, e lhe dissera que ia a Julfar com recado ao Goazil, que lhe mandasse gente, e navios, que não sabia pera o que era.

CAPITULO LII

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, e cometessem a Armada dos Mouros, e elles a deixáram, e se foram caminho da India.

Com esta nova, que o grande Afonso Dalboquerque teve da chegada destes navios á Ilha de Lara, mandou logo recado de noite a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez, que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, avisando-os, (pela informação, que tinha dos Mouros, que tomára na Ilha de Queixome), da Armada, e gente, que podia ser, e assi lhe mandou dizer a maneira, que avia de ter, cometendo a Armada pera pelejar; e que por Men Rodriguez, Condes-

tabre dos bombardeiros, que lhe aquelle recado levava, o avisassem logo do que passava, porque tendo necessidade de socorro, elle em pessoa iria com todas as outras náos. Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa, como lhe deram este recado, leváram suas ancoras, e foram-se á Ilha de Queixome, onde Antonio do Campo estava, e disseram-lhe o que Afonso Dalboquerque mandava, e ali assentáram todos tres de irem cometer a Armada dos Mouros; e indo á véla, começando a descobrir huma ponta da Ilha, como os Mouros ouveram vista dos nossos navios, largáram as amarras, e a remo e á véla fogíram, e elles lhes foram dando caça duas legoas, sem os poderem alcançar, e por ser já noite, tornáram-se a ancorar no porto da Ilha, onde a Armada dos Mouros estava surta, e dali escrevêram por Men Rodriguez a Afonso Dalboquerque o que tinham feito, e como estavam esperando recado seu, do que aviam de fazer. Chegado Men Rodriguez com este recado, tornou-o logo a mandar, que dissesse a Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo, que pois a Armada dos Mouros era ida, que tornassem a tomar suas estancias derredor da Cidade, como esta-

vam, e a Manuel Telez que se viesse surgir junto da sua náo, e que o despacharia pera levar os mantimentos á fortaleza de Çocotorá, como lhe tinha dito. Men Rodriguez partio-se logo, e foi-se direito á Ilha de Lara, onde os Capitães todos tres ficáram; e chegando, deu-lhes este recado, e elles lhe respondêram, que se estavam fornecendo de agoa, e como a tivessem tomada, se tornariam logo aos lugares onde lhes mandava. Tornado Men Rodriguez, no caminho topou com Francisco de Tavora, e Jorge Barreto, que vinham da Ilha de Queixome carregados de agoa, e deram-lhe hum Mouro velho, morador na Ilha de Lara, que ali tomáram, que trouxesse comsigo, o qual era hum Piloto, que fugíra em Cananor a Antonio de Saldanha a primeira vez que fora á India. Como Men Rodriguez chegou, deu o Mouro a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que achára os Capitães todos tres em terra passeando pela praia, afastados da gente, e que Afonso Lopez da Costa lhe dissera com grande arrogancia: *Dizei vós ao nosso Capipitão geral, que digo eu, que homens são estes pera lhe elle mandar suas partes dos quinze mil xerafins perfumados a bordo?* Disto,

que lhe Men Rodriguez disse, não ficou Afonso Dalboquerque contente, e perguntou ao Mouro. que Armada era aquella, e que gente trazia? Elle lhe disse, que eram sessenta navios, e que vieram nelles quatro mil homens, e o Capitão se chamava Xaquear, o qual vinha por mandado de Cogeatar guardar todas aquellas agoadas, porque a sua gente não tomasse agoa nellas. Passados dous dias, como Afonso Dalboquerque vio que os Capitães não vinham a tomar as estancias, que lhe elle tinha mandado que tomassem, nem recado seu, mandou Fernão Soarez no batel de Flor dela mar, e Pero Gonçalvez, Piloto mór, no esquife do Cirne, que fosse em busca delles, e lhe dissesse, que se espantava muito não virem com os seus navios, aonde lhe tinha mandado. Chegado Fernão Soarez á Ilha, como os não achou, portou em terra, e tomou hum Mouro, que lhe disse, que aquelles tres Capitães, que ali estavam tomáram agoa, e se fornecêram de muita carne, e tassalhos, e salmoura metida em jarras, e fizeram-se á véla, e foram na volta do Cabo de Maçandi. Fernão Soarez tornou-se com esta informação que achou, e disse a Afonso Dalboquerque o que passava

dos Capitães, e que a Armada dos Mouros ficava surta antre Ilha de Lara, e a de Queixome. Elle enfadado de sua fugida, deixando a Armada dos Mouros por desbaratar, e a elle em cerco sobre huma Cidade tamanha com tres navios, que huma Armada por pequena que fosse, lhe podia dar muito trabalho, em caso tão novo ficou suspenso por espaço de seis dias, sem se saber determinar em o que faria, e mais vendo o grande alvoroço, que avia nos Mouros da Cidade, como homens, que tinham sabido a fogida dos Capitães: de huma parte via a Cidade (pelos muitos trabalhos, que padecia, de fome, e sede) rendida, se a não deixasse: da outra, a grande obrigação, que tinha de prover a fortaleza de Çocotorá de mantimentos, pela muita necessidade, que delles tinha; (os quaes Manuel Telez levava no seu navio): e estando assi nestas considerações, tomou por mais seguro conselho alevantar-se daquelle cerco, e ir socorrer a fortaleza de Çocotorá com esses poucos de mantimentos que tinha, e as cousas de Ormuz deixalas a Deos, porque elle lhe daria outro tempo, em que se melhor pudesse ajudar delle: e com esta dor, que tinha de

deixar Ormuz, se foi á náo de João da Nova, e disse-lhe, que já tinha sua vontade comprida, pois que Antonio do Campo, Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez eram fugidos pera a India: que sua determinação era ir socorrer a fortaleza de Çocotorá com alguns mantimentos, pois Manuel Telez levára os que tinha, pera lhe mandar que se fizesse prestes, e que iria em sua companhia até o Cabo de Roçalgate, e dali se iria caminho da India. João da Nova lhe disse, que elle não folgára de lhe os Capitães fugirem, nem nunca fora com elles em tal conselho, mas antes lhe parecia muito mal o que tinham feito: que lhe pedia muito por mercê, pois lhe dava licença pera se ir pera a India, que lhe alevantasse a menagem, que lhe tinha tomada. Afonso Dalboquerque lha alevantou, e despachou Pedralvarez, criado do Condestabre, pera ir em sua companhia com cartas pera o Visorey, em que lhe dava conta da fugida dos Capitães, e como o deixáram sobre aquella Cidade, tendo nova certa, que a Armada do Soldão estava em Diu, fazendo-se prestes com a do Rey de Cambaya, pera virem sobrelle, a qual nova soubera por huns Moú-

ros, que se tomáram em huma náo de Ormuz, que vinha de Diu, que Cogeatar lá mandára a pedir este socorro: que pedia a sua Senhoria, que se estes Capitães lá eram, que lhes désse aquelle castigo, que elles mereciam, por deixarem o seu Capitão geral em tal tempo, e lhe fugirem, e deu licença a Jorge Barreto seu cunhado pera se ir, porque lha pedio, e mandou a João Estão, e a João Teixeira, (a que deu juramento dos Sanctos Evangelhos), que tirassem devassa pelas nãos da fugida dos Capitães, e depois de tirada a mandou a Portugal a ElRey D. Manuel, pera ser certificado como lhe fugíram, e o tempo em que o deixáram: e deu licença a alguns homens, que tinham Alvarás delRey, pera servirem Officios, e Capitanias, e a todos mandou pagar tudo o que lhes era devido de seus soldos, e ordenados até aquelle tempo.

CAPITULO LIII

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Çocotorá, e chegado á Ilha, mandou Francisco de Tavora a Melinde buscar mantimentos, e o mais que passou.

Estando o grande Afonso Dalboquerque com suas náos prestes pera partir, vieram dous Mouros junto da nossa fortaleza, e começáram a capear com huma bandeira; e como os vio, mandou Aires de Sousa, e João Estão, e Gaspar Rodriguez lingoa a terra saber o que queriam: os Mouros disseram, que dissessem ao Capitão mór, que o Rey desejava muito sua amizade, e que faria tudo quanto elle quisesse; mas que os seus homens não lhos podia entregar, porque eram já seus irmãos. Afonso Dalboquerque entendendo que isto eram manhas, e dissimulações de Cogeatar, por lhe ver já pouca Armada, respondeo-lhe, que por muitas vezes lhe tinha mandado dizer, que nenhum concerto avia de fazer com elle, sem primeiro lhe mandar entregar os seus homens, e que agora o faria de peor vontade, pois os fizera arrenegar a Fé de Jesus Chris-

to nas mesquitas de Mafamede; e que se elle tal sofresse, ElRey seu Senhor lhe mandaria cortar a cabeça chegando a Portugal; e que lhe prometia (dando-lhe nosso Senhor dias de vida) de muito cedo lhe tirar a governança do Reyno de Ormuz, e acabar aquella fortaleza, que deixava começada: e que então lhe pagaria em dobro todalas perdas, e danos, que aquella Armada tinha recebido: e mandou a João Estão, que assi lho notificasse, e passasse hum estromento pubrico de tudo o que era passado até aquella hora. E posto que este requerimento, que elle mandou fazer a Cogeatar, parecesse cousa de zombaria, todavia, depois na segunda tomada d'este Reyno de Ormuz lhe aproveitou, pera sem escandalo lhe pagarem tudo o que lhe fizeram gastar. Aires de Sousa foi com este recado a terra, e sem mais ter outra prática com elles, se tornou. Chegado ás náos, mandou Afonso Dalboquerque chamar a Francisco de Tavora, e tomou-lhe a menagem, arreceando que lhe fugisse, como tinha dito, e a fez-se á véla com João da Nova em sua companhia; e sendo tanto avante como Çoá, hum dia pela menhaã não vio Flor dela mar, e parecendo-lhe

que faria outro caminho, e que se tornaria ajuntar com elle, passou aquelle dia todo sem a ver; e não a vendo ao outro, assentou que era ida caminho da India: e pezoulhe muito de se João da Nova apartar delle sem lhe falar, ficando de lhe ter companhia até o Cabo de Rosalgate, e fez seu caminho via de Çocotorá; e sendo na paragem do dito Cabo, ouveram vista de huma náo, e deram lhe caça todo aquelle dia, e por noite a perdêram, e tornáram a seguir sua viagem; e indo naquelle golfão, tomáram huma náo de Mouros, que vinha de Meca muito rica; e do dia que partíram de Ormuz a vinte dias, foram ancorar no porto da Ilha, e achâram o Capitão da fortaleza muito doente, e com tanta necessidade de mantimentos, que já não comiam senão palmitos, e huma fruita brava do mato, e eram já mortas quatro pessoas, e toda a outra gente muito doente, e com a chegada de Afonso Dalboquerque ficáram muito contentes, e provídos de mantimentos, e tudo o mais que lhes era necessario pera suas doenças. Deu conta a Dom Afonso de tudo o que tinha passado em Ormuz, e da fugida dos Capitães, e como Manuel Telez levára todos os

mantimentos, e cousas de doente, que lhe tinha dadas pera trazer: e pera mais contentar a gente, deu-lhes parte a todos da fazenda da náo, que tomáram no caminho, e mandou-lhes pagar oito mezes de soldo, que eram devidos: e depois de todos estarem contentes, e satisfeitos, entendeo em mandar concertar os bateis, que trazia muito comestos de busano, e as náos algumas cousas, que lhe eram necessarias; e como teve tudo prestes, despedio Francisco de Tavora com dinheiro, e mercadorias, que fosse a Melinde carregar a náo de mantimentos, porque na fortaleza não avia tantos, que bastassem á gente, que nella estava; e disse-lhe, que depois de tomados os mantimentos se fosse ter com elle ao Cabo de Guardafum, e touxesse comsigo quaesquer navios, que em Melinde achasse, pera em Maio irem invernar a Çocotorá. Concertado isto, fizeram-se á véla. Francisco de Tavora fez seu caminho pera Melinde, e Afonso Dalboquerque foi na volta da Ilha de Bedalcuria pera andar ali alguns dias, porque lhe disseram os Pilotos Mouros, que as náos, que vinham demandar o Cabo de Guardafum, era melhor aguardarem-nas naquella paragem, que

em outra parte. Chegado ao porto da Ilha, em surgindo, mandou lançar vinte homens em terra com dous Mouros, que trazia de Çocotorá, que sabiam a lingoa, pera lhe tomarem algum Mouro da terra, e elles ordenáram-se tambem, que lhe tomáram seis, e mandou-lhe Afonso Dalboquerque, depois de serem na náo, perguntar por ambre, (porque nesta Ilha ha muito), e se eram passadas algumas náos de Mouros pera a India: elles lhe amostráram hum pedaço de ambre, em que averia hum marco, e disseram-lhe que avia poucos dias, que ali chegára huma náo, que vinha da India, e que se perdêra com levantes naquelle porto, e que lhe tomáram todo o ambre que tinham: e fizeram hum zambuço pequeno da madeira da náo, em que se foram. Os Mouros desta Ilha he gente bestial, móram em choças cubertas de limo do mar: averia naquella povoação quarenta moradores: andam vestidos de peles: tem grandes criações: o seu mantimento he pescado, leite, e carne: he terra muito doentia. E porque a gente (esses dias que ali esteve) começou de adoecer, deixou Afonso Dalboquerque a determinação que levava de estar ali, e mandou pôr os Mouros que to-

máram em terra, e fez-se á véla, e foi surgir de dentro do Cabo Guardafum, e ali esteve surto só, tendo sempre huma atalaia em cima da serra, que está sobre o rosto do Cabo, donde se vê a Bedalcuria, e todo aquelle mar:, os Mouros de huma povoação que ali está, lhe davam todos os mantimentos, e agoa, que aviam mister, a troco de pannos. Afonso Dalboquerque andou nesta paragem do Cabo de Guardafum, de quinze de Janeiro até treze dias de Maio, sem ver mais que quatro náos, as tres lhe fugíram, porque ouveram vista delle de longe, e estavam de balravento, e a que tomou trazia poucas mercadorias, que vinha da Ilha de Diva, que jaz ao mar de Ceilão.

A gente desta terra é muito domestica, Afonso Dalboquerque lhe fez muito boa companhia, e deste Cabo até a boca do estreito não tem Rey: são Governadores por Xeques: suas armas são adargas, e espadas mouriscas: tem grandes creações de gados, e muitos camelos, de que se servem: ha pela terra dentro muita myrra, que trazem a vender: e na serra muitas arvores, em que nasce o incenso, que os nossos em companhia dos Mouros, em quanto ali estiveram,

hiam muitas vezes apanhar: não tem moeda nem dam nada por dinheiro, senão a troco de pannos fazem suas compras, e vendas. Deste Cabo de Guardafum até Feliz ha tres portos: hum se chama Bandariçaa, outro Bendaraxaa, e o derradeiro Bendesymuçaa, e todos tres tem agoa doce á borda do mar, e cada hum tem seu Senhor, e logo diante está Feliz, Metee, Barbora jazira, e Barbora fiara; e mais chegado ás portas do estreito do mar Roxo pela mesma costa jaz Zeilajadit, e daqui até o Cabo do estreito não ha mais lugares.

CAPITULO LIV

De como, chegado Francisco de Tavora ao Cabo de Guardafum, o grande Afonso Dalboquerque despachou logo Fernão Gomez, e o Mouro, que Tristão da Cunha deixára em Melinde pera ir ao Preste, e se partio pera Çocotorá, e o mais que passou.

Sendo já fim de Abril, chegou Francisco de Tavora ao Cabo de Guardafum, onde o grande Afonso Dalboquerque estava, e em

sua companhia trouxe Diogo de Melo, e Martim Coelho, que achou em Melinde, que vinham de Portugal, e todos tres tomáram na paragem de Magadaxo huma náo de Cambaya, que vinha carregada de roupa; e depois de a terem despejada de tudo o que trazia, poseram-lhe fogo. Afonso Dalboquerque folgou muito com a vinda de Diogo de Melo, e de Martim Coelho, e partio com elles do que tomára na náo; e depois de falarem em novas de Portugal, disse-lhe Francisco de Tavora, que em Melinde achára o Commendador Ruy Soarez, e lhe requerêra que se visse com elle, pois era da sua obrigação, e os outros Capitães eram idos caminho da India, e sobrisso lhe fizera muitos requerimentos polo seu Escrivão, e que lhe respondêra, que se queria ir pera o Visorey: e que trazia comsigo Fernão Gomez, e o Mouro, que Tristão da Cunha lá deixára encommendados ao Capitão de Melinde, pera os mandar pòr no Cabo de Guardafum, pera dali fazerem seu caminho, como ElRey D. Manuel mandava; e Fernão Gomez lhe requerêra, que os trouxesse comsigo, pois o Capitão não posera por obra o que lhe Tristão da Cunha deixára tão encommen-

dado avia tanto tempo. Afonso Dalboquerque se espantou muito, quando os vio, porque avia tanto tempo que eram partidos, que cuidou que estavam já em Portugal, e perguntou ao Mouro, que caminho determinava de fazer, e por onde avia de tornar pera Portugal? O Mouro lhe disse, que o seu caminho avia de ser polo sertão de Barbora Zeila, e pela terra de Cadandin, hum Capitão Mouro, que andava em guerra com outro do Preste João, porque a terra confina huma com outra; e que a cafila, que hia de Zeila pera o Preste João, passava sempre segura, porque levava salvo conduto de ambos, e que sua tornada pera Portugal seria por Tambocotu, e dali a Arguin polo rio de Çanaga, porque este caminho andára elle já. Afonso Dalboquerque mandou dar a cada hum cincoenta xèrafins pera sua despesa, porque o Mouro não quis que lhe dessem mais, e dizia, que não levava maior imigo comsigo que o dinheiro: e escreveo por elles huma carta ao Preste João em Arabigo, e outra em Portugues. O Mouro era muito avisado, e sesudo, e não hia muito contente de Fernão Gomez, porque falava muito, e avia medo que soltasse alguma cousa, com

que se perdessem todos, e quisera que Afonso Dalboquerque lhe dera outro companheiro, e não o fez, por ser já a cousa ordenada por Tristão da Cunha; e depois de os ter despachados, mandou-os pôr em hum batel em terra por Nuno Vaz de Castelo-branco, abaixo do Porto de Feliz, e dali fizeram seu caminho, e deram a entender aos Mouros da terra, que eram Mercadores, e que perdêram a náo, e as mercadorias, e elles sós se salváram. Despachados estes homens, esteve Afonso Dalboquerque ali no Cabo com os outros Capitães até quinze de Maio, que os Pilotos Mouros lhe disseram ser a moução das náos já passada; e se quisesse ir dar vista a Adem, como tinha determinado, não podia tornar a invernar a Çocotorá, porque corriam as agoas naquelle tempo ao Norte, e não podiam tomar a Ilha em nenhuma maneira, e com este conselho leváram suas amarras, e deram ás vélas; e sem lhes acontecer nenhuma cousa no caminho, vieram ancorar diante da fortaleza de S. Miguel, com determinação de a proverem de mantimentos, que levavam, e dahi irem invernar a Mascate; e porque achou a gente da terra levantada contra a fortaleza, com lhe terem mor-

tos alguns homens, mudou o conselho, e ficou ali aquelle inverno, pera ver se os podia pacificar, e mandou ao Feitor da sua Armada, que mandasse entregar na fortaleza todos os mantimentos, e que nas náos não ficassem mais que aquelles, que ouvessem mister pera sua viagem. Afonso Dalboquerque com essa gente, que comsigo trazia, começou a fazer a guerra aos da terra; e depois de serem bem escozidos, e a morte dos nossos bem vingada, mandáram cometer concerto, e elle o aceitou, com pagarem de tributo cada anno pera a gente da fortaleza seiscentas cabeças de gado miudo, e vinte vacas, e quarenta fardos de tamaras. Feito este concerto e todos á obediencia de D. Afonso Capitão, mandou concertar suas náos, e fazer uma fusta de catorze barcos pera levar comsigo, porque determinava de dar uma vista a Ormuz; e neste inverno, que aqui esteve, foram as tormentas tão grandes, e tão contínuas, que muitas vezes estiveram as náos em risco de se perderem; e porque o Rey grande era muito alteroso de castelos, e corria mais risco de se perder, que as outras náos, foi necessario, por conselho dos Mestrẽs, e Pilotos, mandar-lhos cortar. Francisco de Tavora

anojou-se tanto disto, que disse a Afonso Dalboquerque, que pois lhe mandava desfazer a sua náo, que désse a Capitania della a quem quisesse, porque elle a não queria, nem andar mais com elle: e por aqui se foi destemperando em palavras. E porque estas paixões vinham já de longe, não lhe quis responder, e dissimulou com elle, tendo muita rezão de o castigar, porque o mandou a Melinde buscar mantimentos, e elle por andar ás prezas naquella costa, deixou de carregar a náo delles, e trouxe tão poucos, que depois das náos fornecidas dos que lhes eram necessarios pera sua viagem, não ficavam mantimentos, que podessem abastar a gente da fortaleza tres meses, senão foram as tamaras, e o mais, que a gente da terra eram obrigados a dar. Passados tres dias, vendo Francisco de Tavora que tinha muita culpa das palavras, que dissera a Afonso Dalboquerque sem rezão, mandou-lhe pedir perdão por D. Afonso de Noronha seu sobrinho, e que lhe tornasse a sua náo: elle lhe respondeo, que já era enfadado das cousas de Francisco de Tavora, e de lhe fazer tantos mimos como lhe tinha feito, que pois deixára a sua náo sem nenhuma rezão, que lha não avia

de tornar, que pera a India hiam, que o Visorey lha mandaria dar.

CAPITULO LV

De como chegáram á India Manuel Telez, e Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo, e deram capitulos ao Visorey do grande Afonso Dalboquerque: e da devassa, que sobre isso mandou.

Como avia muitos dias, que estes Capitães tinham determinado de deixarem o grande Afonso Dalboquerque, e irem-se pera a India ao Visorey, partido Men Rodriguez da Ilha de Lara, fornecêram suas náos de agoa, e mantimentos, e fizeram-se á véla, e em poucos dias chegáram a Cochim; e como desembarcáram, foram-se todos tres ao Visorey, e fizeram-lhe grandes exclamações, dizendo, que ElRey D. Manuel os mandara em companhia de Afonso Dalboquerque pera andarem com elle no Cabo de Guardafum aguardando as náos, que hiam carregadas de especiaria pera Meca, e que elle deixára este caminho, e se fora á Costa do Reyno de Ormuz, e ali andára sempre contra con-

selho de todos, fazendo a guerra sem nenhum proveito; e não contente disto, começára a fazer huma fortaleza, não lhe mandando ElRey que a fizesse; e vendo elles quão pouco serviço de Sua Alteza isto era, e que só por seu parecer a queria fazer, lhe fizeram hum requerimento, ao qual respondêra muito más palavras, por ser homem muito aspero de condição, e muito supito, sem ter conta com a honra dos homens; e por não querer senão insistir em fazer a fortaleza, lhe tornáram a fazer outro requerimento, ao qual tambem não quisera responder; e polos desprezar, e não ter conta com o que lhe diziam, sendo muito serviço delRey Nosso Senhor, o mandára meter debaixo de hum portal da fortaleza, que se estava assentando, como sua Senhoria, podia ver polo trelado do requerimento, que ali apresentavam, assinado por elles, e por Francisco de Tavora, que lá ficava preso: que pediam a sua Senhoria, que mandasse tirar testemunhas de tudo aquillo, que lhe diziam, por aquelles capitulos, que ali apresentavam contra elle; e sabida a verdade, lhes fizesse justiça, e mandasse passar seus estromentos pera se irem a Portugal pedir justiça a ElRey

D. Manuel das injurias, que lhes tinha feitas, e das partes, que lhes roubára, sem lhas querer pagar. E o Visorey mandou a Gaspar Pereira, que servia de Secretario, que lhe lesse o requerimento, o qual dizia desta maneira:

Do requerimento, e protestação, que nós Afonso Lopez da Costa, Francisco de Tavora, Manuel Telez, e Antonio do Campo, Capitães delRey Nosso Senhor, fazemos ao muito honrado Senhor Afonso Dalboquerque, nosso Capitão mór: vós João Estão, Escrivão desta Armada, nos dareis a cada hum seu estromento, e mais, se nos necessario forem, pera ElRey Nosso Senhor, ou pera o Senhor Visorey: em como he verdade que Sua Alteza nos mandou em sua companhia a estas partes pera se fazer huma fortaleza na Ilha de Çocotorá, a qual os Mouros tinham feita, e nós lha tomámos por força de armas; e que depois de acabada, fosse guardar o estreito do mar Roxo, que não passassem náos carregadas de especiaria pera Meca: e pois tem tomada esta Cidade de Ormuz, e feita tributaria a ElRey Nosso Senhor, e assentado nella feitoria em muita paz, e assossego, sem ser necessario outra nenhuma cousa,

não se deve elle Senhor Capitão mór de meter a fazer fortaleza, porque he muito de serviço delRey, e perda de sua fazenda, e risco da gente, e artelharia que nella ficar, por muitos respeitos, e rezões, que elle Senhor Capitão mór não quer olhar, nem a hum capitulo do seu Regimento, que diz, que podendo fazer alguma fortaleza, a faça em parte, e lugar, que seguramente se possa manter, e defender pela gente, que nella ficar. E que bem deve de ver quanto cumpre ao serviço delRey Nosso Senhor, e a seu estado, fazer-se assi. E as mais rezões, a fóra estas, daremos a sua Alteza, ou ao seu Visorey da India, sendo necessario. E que se deve de lembrar, que a fortaleza de Çocotorá ficava com a maior parte da gente doente, e com mantimentos pera tres meses, que ha que de lá partimos, e que a terra não tem mais, que os que os que lhe vam de fóra, e que nella ficavam ainda muitos Mouros, que hão de trabalhar por amotinar os Christãos da terra contra os nossos, os quaes escandalizados de lhes tomarem contra sua vontade o gado, de que vivem, (que lhe os Mouros não tomavam), terão rezão de os ajudarem, e serem em seu favor, de que se póde seguir da-

rem muito trabalho á nossa gente: e esta fortaleza, que elle Senhor Capitão faz aqui em Ormuz, não se póde acabar, pera ficar gente, e artelharia em guarda della daqui a cinco meses: e se elle por todo este mes de Novembre não partir daqui, já o não poderá fazer este anno, por ser passada a moução de se guardar o estreito, que seria grande deserviço delRey Nosso Senhor, e a fortaleza de Çocotorá corria grande risco de se perder; polo qual lhe requeremos da parte delRey Nosso Senhor, e do Senhor Visorey, que elle se parta logo a prover a dita fortaleza, como sua Alteza lhe manda em seu Regimento, e dahi entrará o estreito do mar Roxo: e assi lhe requeremos da parte do dito Senhor, que mande logo daqui esta náo Flordelamar ao Senhor Visorey, pera se renovar, e não se perder, por quanto a Armada, que lhe fica, abasta pera guarda do estreito, e nesta náo póde mandar as mercadorias, pareas, e embaixadores, que determina mandar a ElRey Nosso Senhor, porque da India irá tudo mais seguro que daqui: quanto mais, que com as mercadorias, e dinheiro, que tem recebido das pareas, se poderá este anno remediar a carga das náos,

pela muita falta, que de tudo ha na India, que será mais serviço delRey Nosso Senhor, que mandalo a Portugal, e por João da Nova póde escrever ao Senhor Visorey os termos, em que tem esta Cidade, pera sua Senhoria prover nisso, como lhe parecer mais serviço de Sua Alteza: pois no seu Regimento lhe manda, que ganhando algum Reyno, ou outra qualquer cousa, lho faça logo a saber pera elle nisso prover como lhe parecer mais seu serviço. E não querendo elle Senhor Capitão fazer tudo isto que lhe requeremos, protestamos por todalas perdas, danos, e proveitos da fazenda del-Rey Nosso Senhor, e de não sermos dignos de nenhuma culpa, pois lho requeremos em tempo, que se póde tudo remediar. E isto com sua reposta, ou sem ella, (se a dar não quiser), nos dareis os ditos estromentos, como protestação de repricarmos se comprir. Feito, e assinado por nós neste porto da Cidade de Ormuz a treze de Novembro da era de mil e quinhentos e sete annos.

CAPITULO LVI

Como o Visorey D. Francisco Dalmeida, ouvidos os Capitães, mandou tirar devassa do grande Afonso Dalboquerque, e do que passou com elles sobre a noi a, que lhe veio de Portugal.

Vendo o Visorey D. Francisco Dalmeida o requerimento, e capitulos, que lhe os Capitães apresentáram contra o grande Afonso Dalboquerque, mandou por Gaspar Pereira, (que servia de Secretario), fazer hum Auto de tudo, e poz hum despacho, que dizia:

D. Francisco Dalmeida, Visorey das Indias por ElRey meu Senhor, mando a vós Gonçalo Fernandes, e Francisco Lamprea, Escrivão público, e judicial nestas partes da India, e a Pero Vaz, Escrivão que foi da caravela S. Jorge, e a João Saramenho, Recebedor dos defuntos, que todos quatro tireis esta inquirição, (pelas testemunhas, que vos nomearem Manuel Telez, Afonso Lopez da Costa, e Antonio do Campo), contra Afonso Dalboquerque, ás quaes perguntareis por huns Capitulos, que vos apresentaráõ: e Gon

çalo Fernandez será o Enqueredor, e os outros tres Escrivães, e sereis sempre todos quatro presentes ao tirar das testemunhas: e por a parte não ser presente, viráõ todas as testemunhas jurar perante mim; e as testemunhas, que nomearem, que estam em Cananor, se mandaráõ lá tirar: e tirar-se-ha esta inquirição em casa de Gonçalo Fernandez Enqueredor, onde o feito cada dia ficará fechado em hum cofre com tres chaves, e cada Escrivão levará sua: e já todos quatro recebestes juramento perante mim, que vos foi dado por Gaspar Pereira, de o fazerdes bem, e direitamente. Feito em Cochim a vinte e seis dias do mes de Maio. Gaspar Pereira o fez, de mil e quinhentos e oito annos.

E assi vos mando, que qualquer cousa que disserem as testemunhas fóra dos Artigos, a bem de feito, por parte dos Autores, que o escrevais; e se alguma testemunha, (depois de ter testemunhado), vier dizer, que lhe lembra alguma cousa, escrevelo-eis.

Acabado o Visorey de pôr este despacho no requerimento dos Capitães, mandou a Gaspar Pereira, que entregasse todos os papeis aos Escrivães, e Enqueredor, que aviam de tirar a devassa, e assi lhe mandou entre-

gar hum papel com sessenta Capitulos, que lhe os ditos Capitães deram contra Afonso Dalboquerque. Que se póde dizer aqui deste negocio? senão que ou era odio, que o Visorey tinha a Afonso Dalboquerque, ou paixão? pois quis proceder desta maneira sem o ouvir, e aceitava Capitulos contra elle dados pelos Capitães, que lhe fugiram, deixando o seu Capitão na guerra, pelejando de dia, e de noite com as armas ás costas, sem os reprender de o deixarem, e fugirem pera a India, tendo rendido hum Reyno tamanho, e tão poderoso á obediencia delRey de Portugal, com tão pequena Armada como tinha, e aceitar por culpa a falta dos mantimentos da fortaleza de Çocotorá, andando Manuel Telez passeando em Cochim, que fugio com a sua náo carregada delles, que Afonso Dalboquerque tinha prestes pera lhe mandar. Muito tinha que dizer nesta materia, que deixo por me não sahir da historia.

Nestes dias, que se isto negoceava, chegáram Fernão Soarez, e Ruy da Cunha, que vinham de Portugal, em companhia de Jorge de Aguiar, que deste Reyno partio o anno de oito por Capitão mór de tres vélas, o

qual ElRey D. Manuel mandava pera andar de Armada no Cabo de Guardafum, e na costa de Ormuz com certas náos, e o grande Afonso Dalboquerque se fosse governar a India; e depois da chegada destes dous Capitães a Cochim, estando hum dia o Visorey assentado na ramada com estes Fidalgos, e Cavaleiros da India, sendo tambem presentes João da Nova, Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Manuel Telez, começou a dizer: *Senhores, nestas náos me vieram cartas, em que me dam nova de huma grande mercê, que me ElRey Nosso Senhor faz, e he, que pois tenho acabado meus tres annos, que me vá pera Portugal, e Afonso Dalboquerque fique no meu cargo, governando a India. Certamente Nosso Senhor me faz muita mercê nisto, pois já sou morto no contentamento que podia ter das cousas deste Mundo: e meus peccados merecêram ver eu antes de minha morte os trabalhos, que tenho visto.* E por aqui foi dizendo outras muitas palavras, que significavam a dor, que tinha da morte de seu filho. Com esta nova, que o Visorey deu de sua ida pera Portugal, ficáram todos muito tristes, principalmente João da Nova, e os Capitães, que

fugíram da guerra de Ormuz. Antonio do Campo, que foi sempre o principal nas differenças, que ouve em Ormuz, antre Afonso Dalboquerque, e os Capitães, (parecendo-lhe que nisto lisongeava o Visorey, e tambem por indignar os que estavam presentes contra Afonso Dalboquerque), alevantou-se em pé, e disse: *Senhor, mandar ElRey Nosso Senhor, que Vossa Senhoria se vá desta terra, e deixe a governança a Afonso Dalboquerque: Sua Alteza acertou nisto quanto foi sua vontade, e eu espero em Deos, que assi como as cousas da India são governadas da sua mão, que elle lhe mostre pelo tempo o erro que nisso faz; porque eu tenho por sem dúvida, que sendo Afonso Dalboquerque conhecido dos homens da India, que andam favorecidos do amor, e boas obras, que lhe Vossa Senhoria faz, e virem quão trabalhoso he em suas cousas, (de que nós somos testemunhas, do tempo que com elle andámos na guerra de Ormuz), não averá pessoa na India que o não deixe, e se vá pera Portugal, e os que com elle ficarem será mais per força, que per suas vontades: e pois assi he, Vossa Senhoria não deve de fazer fundamento de deixar a governança da*

India, sem primeiro o fazer a saber a ElRey Nosso Senhor, e mandar-lhe hum estromento das cousas, que Afonso Dalboquerque tem feitas; porque de crer he que se as Sua Alteza soubera, nunca tal mandára. O Visorey lhe disse, que elle não podia al fazer, senão ir-se, e comprir o que ElRey seu Senhor mandava, tanto que chegasse Jorge de Aguiar; e que se a India se perdesse, que a culpa fosse de quem aconselhára ElRey que o mandasse ir, e Afonso Dalboquerque que ficasse governando.

CAPITULO LVII

Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Çocotorá pera Ormuz, e foi ter a Calayate, e o que passou com o Capitão da Cidade.

Provída a fortaleza de Çocotorá, (como tenho dito), o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera Ormuz, e partio aos quinze dias do mez de Agosto, com determinação de correr o estreito, e saber novas do Visorey, e da India, porque avia muito tempo que as não sabia, e naquella costa fazer

o que pudesse, e dahi ir-se caminho da India, e deu conta desta determinação a D. Afonso de Noronha seu sobrinho, Capitão da fortaleza, e assi o notificou aos Capitães da sua companhia. Diogo de Melo, e Martim Coelho, como estavam mal enformados por Francisco de Tavora, dos trabalhos, que tinham passados na conquista do Reyno de Ormuz, querendo se escuzar delles, fizeram hum requerimento a Afonso Dalboquerque, dizendo, que elles vinham de Portugal pera andarem na companhia do Visorey, e não eram da sua obrigação: que lhe pediam por mercê lhe désse licença pera se irem pera a India. Elle lhes disse, que lhe mostrassem seu Regimento; e porque nelle lhe mandava ElRey, que chegando onde o grande Afonso Dalboquerque estivesse, lhe obedecessem, os obrigou a estarem á sua obediencia, e mandou-lhes, que sob pena de caso maior o seguissem, e o não deixassem, pois viam a necessidade que delles tinha com a fugida dos Capitães, e mandou aos Escrivães dos seus navios, que fizessem autos desta pena que lhe punha; e com isto feito, fizeram-se todos á véla caminho do cabo de Resalgate, e tanto avante como Curiamuria.

(porque se faziam muito ao mar), tiveram conselho de virarem na volta da terra, e cortáram todo aquelle dia sem a verem; e como foi noite, mandou Pero Gonçalvez Piloto mór fazer o caminho de Nordeste. Afonso Dalboquerque vendo que aquella navegação era contraira ao caminho, que elle fazia por sua carta, mandou-o chamar, e todos os Pilotos, e disse-lhe, que se no ponto, e altura, em que estavam, fossem por aquelle rumo que elle dizia, que aquella noite varariam em terra, por isso olhasse bem o que fazia. Pero Gonçalvez, porque cuidava que naquelle officio sabia mais que todos, respondeo com paixão, que pois assi era, que mandasse elle a náo, e fizesse o caminho por onde quisesse, que elle tomaria a sua carta, e compassos, e lançaria tudo no mar. Afonso Dalboquerque lhe respondeo: *Pero Gonçalvez, vede o que dizeis, não sejais agastado, porque eu tambem sei hum pouco d'este officio, e póde ser que fala o Espirito Santo em mim; porque o caminho, que avemos de fazer, he tornarmos na volta ao mar, porque se formos nesta volta, que himos, varamos em terra na ponta do Madriçaa; e se vos isto não parece bem, fazei o*

que quiserdes, que eu bem sei o que ha de ser. Pero Gonçalvez como era contumaz, mandou ir a náo na volta da terra como hia: as outras fizeram o mesmo caminho; e sendo ja o quarto da modorra rendido, tirou a nao de Diogo de Melo, que hia diante, huma bombardada, e espertáram todos. Afonso Dalboquerque mandou logo lançar prumo, e acháram-se em quatro braças, quasi no rolo do mar: a sua náo era boa do governo, acodio ao leme mui prestes, e todos viraram na volta do mar pela bolina quanto poderam; e chamou a Pero Gonçalvez, e disse-lhe: *Eu sou o que avia de lançar a minha carta, e o compasso ao mar, pois confio no vosso saber, e não no meu: e daqui por diante olhai o que façeis, e não queirais que faça Nosso Senhor milagre por nos em nos livrar do perigo em que estavamos*; e quando a náo de Diogo de Melo fez sinal, avia hum grande pedaço, que os homens darmas, que vigiavam na proa, ouvíram arrebentar o mar, e chamáram os Marinheiros, e perguntavam-lhes se era aquilo terra, e nesta differença estavam huns com outros, quando sentíram-no baixo, e toda aquella noite foram na volta do mar; e como foi menhaã,

tornáram na volta de terra, e fizeram seu caminho direito ao Cabo de Resalgate. Sendo naquella paragem, veio Afonso Dalboquerque á fala com os Capitães, e disse-lhes, que fossem todos prestes com sua gente armada, porque elle determinava a qualquer hora do dia, que chegasse a Calayate, cometer a Cidade, e destroila, antes que lhe viesse algum socorro; e como ouveram vista da terra, armáram-se todos, cuidando que aquelle dia chegassem, e polo vento acalmar, surgíram, e estiveram ali aquella noite, e como foi menhaã, deram véla, e foram surgir no porto. Afonso Dalboquerque em surgindo, mandou D. Antonio de Noronha seu sobrinho na fusta á Cidade, pera ver que gente acodia á ribeira, e que náos avia no porto. Chegado D. Antonio ao longo da ribeira, veio huma almadia com certos Mouros ter a bordo da fusta, e traziam quatro cabras, e dous cestos de limões, e outros dous de romans. O fundamento destes Mouros era saberem quem era o Capitão mór daquellas náos, porque se receavam que fosse o grande Afonso Dalboquerque. D. Antonio se vio com a almadia a bordo da náo Capitaina, e achou já toda a gente armada,

e prestes pera cometer a Cidade. O Mouro, que levava o presente, quando vio os nossos postos em auto de guerra, ficou assombrado. Afonso Dalboquerque lhe perguntou quem era o Capitão da Cidade, e que gente teria de guarnição? O Mouro lhe disse, que o Capitão era Xarafadin, criado de Cogeatar, muito seu privado, e que averia duzentos archeiros de guarnição; e porque elle em Ormuz tinha muito conhecimento deste Xarafadin, mandou a D. Antonio a terra, que lhe dissesse, que o Capitão mór daquella Armada lhe mandava pedir muito, que quisesse ir a bordo da sua náo, avisando o que lhe não descobrisse quem era. Chegado D. Antonio a terra, achou Xarafadin a cavalo ao longo da praia com alguns Mouros, que o acompanhavam, e perguntou-lhe polos que tinha mandado na almadia ao Capitão mór, e que Capitão era, e donde vinha? D. Antonio lhe disse, que os Mouros ficavam na náo do Capitão mór esperando hum presente, que lhe queria mandar, e logo veriam, e que aquellas náos vinham de Portugal por mandado delRey em favor doutro Capitão seu, que andava naquella costa, que se chamava Afonso Dalboquerque, e que o Capi-

tão mór dellas lhe mandava pedir, que se quisesse ir ver com elle, porque relevava a falarem ambos. Xarafadin lhe respondeo, que elle não avia de ir á sua náo, que se alguma cousa quisesse daquella Cidade, que bem podia ir seguro a terra.

CAPITULO LVIII

De como o grande Afonso Dalboquerque foi cometer a Cidade de Calayate, e a destruio, e o mais que passou.

Tornado D. Antonio com esta reposta, mandou o grande Afonso Dalboquerque embarcar toda a gente nos bateis, e na fusta, e a Francisco de Tavora, que aquelle dia mandasse a gente da sua náo, de que era Capitão Diniz Fernandez Patrão mór, Diogo de Melo, e Martim Coelho, que já tinham recado de Afonso Dalboquerque: como estavam prestes, vieram-se a bordo da náo Capitaina, pera dali partirem todos juntos. O povo da Cidade, como vio que a almadia não tornava, e os nossos bateis se ajuntavam com determinação de irem a terra, começáram-se a recolher muitos pera a serra.

Afonso Dalboquerque deixou os Mouros da almadia a bom recado, e abalou com toda a gente direito a terra, e disse a Martim Coelho, e a Francisco de Tavora, que em desembarcando cometessem logo a Cidade pela banda da mesquita, que estava pegada no mar, e que elle com a mais gente entraria pelo outro cabo. Chegados á ribeira com esta determinação, começaram os nossos atirar com os tiros, que levavam nos bateis, pera afastarem os Mouros, que estavam na praia; e como se elles víram mal tratados da nossa artelharia, foram-se recolhendo depressa pera a Cidade. Afonso Dalboquerque, porque a determinação dos Mouros lhe fez mudar o conselho do que tinha assentado, assi como desembarcou com toda a gente junta, entrou com elles de roldão pelas portas da Cidade dentro, e foi-os seguindo pelas ruas até os lançar fóra della; e alguns, que quiseram ter rosto aos nossos, foram logo ali mortos, e nesta peleja foram feridos Payo Pereira, e Diogo Camacho, e outros alguns soldados ás fréchadas. Despejada a Cidade, os Mouros se puseram todos juntos hum tiro de bombarda dos muros. Afonso Dalboquerque receoso de o tornarem a co-

meter, porque tinha pouca gente, mandou aos Capitães que guardassem as portas da Cidade, e não consentissem que os nossos a saqueassem, nem se desmandassem, até elle não dar licença pera isso: e toda aquella noite andou roldando a Cidade com muita gente. O Xarafadin como vio que os nossos eram poucos, (envergonhado da pouca resistencia que tivera), ajuntou trezentos Mouros, e veio cometer a nossa gente. Afonso Dalboquerque vendo o nesta determinação, mandou dizer aos Capitães que não travassem com elles, e que os deixassem chegar aos muros, e como os teve engodados, deu nelles com toda a gente, e polos em fugida por huma serra arriba: os nossos bésteiros, e espingardeiros foram-nos seguindo, e feríram muitos, e tornáram-se a recolher. Xarafadin como se vio desapressado dos nossos espingardeiros, tornou a recolher os Mouros, e fez-se em corpo com elles; e Afonso Dalboquerque, porque o não tornassem mais a cometer, mandou ás naos por quatro bombardas, e poseram-nas no muro, e começáram de lhe tirar. O Xarafadin como vio as bombardas, e que os nossos avia tres dias que guardavam, e defendiam a Cidade,

como gente, que se queria fazer forte nella, pera a soster, foi-se recolhendo pera a serra com toda a gente, e deixou-se estar até ver a determinação dos nossos. Afonso Dalboquerque como se vio desabafado dos Mouros, mandou a Diogo de Melo, e a D. Antonio de Noronha, que guardassem as portas da Cidade, que hiam pera a serra, e elle, e Martim Coelho com cem homens poseramse na outra porta, que hia pera a ribeira, e mandou pôr huma atalaia no Alcorão da mesquita, pera dali vigiar o que os Mouros faziam. Como teve a Cidade posta nesta ordem, deu licença a toda a outra mais gente que a saqueassem; e depois de saqueada, mandou a Francisco de Tavora, que com aquella gente toda fizesse recolher todos os mantimentos, e fato, que tinham roubado ás náos. O Xarafadin vendo que os nossos andavam recolhendo os despojos, que tinham tomado, parecendo-lhe que todos andavam desmandados, deceo da serra com quinhentos homens, e veio cometer a porta, onde D. Antonio de Noronha, e Diogo de Melo estavam, e apertou tão rijo com elles, que por força os entrou, e elles foram-se recolhendo por humas ruas estreitas, pera

dali se poderem valer melhor dos Mouros, que eram muitos. O Xarafadin como teve a Cidade entrada, fez duas batalhas da sua gente, pera os tomarem no meio; e Dom Antonio, e Diogo de Melo, vendo que os Mouros se punham em ordem de os atalharem, bradáram á sua gente, que fizessem volta: o atalaia, que estava no Alcorão, como vio o aperto, em que os nossos estavam, começou a bradar á nossa gente, que acodissem, que os Mouros tinham entrado a Cidade. Afonso Dalboquerque ouvindo os brados do atalaia, foi-se rijo pera aquella parte, onde os nossos pelejavam. D. Antonio, e Diogo de Melo com a sua gente, que tinham já junta, fizeram volta com os Mouros, e apertáram com tanto animo com elles, que quando a dianteira da gente de Afonso Dalboquerque chegou a elles, hiam já os nossos de volta com os Mouros por essas ruas estreitas, e dali até a porta por onde entraram os foram seguindo, onde matáram muitos Mouros, e tomáram muitas armas, que os que fugiam deixavam, pera ficarem mais despejados, e melhor o poderem fazer. Chegado Afonso Dalboquerque a elles, quando vio tantos Mouros desbaratados por

tão pouca gente, como era a que estava em companhia de D. Antonio, e Diogo de Melo, deu muitas graças a Nosso Senhor por aquella grande vitoria, que lhe dera, e disse a todos, depois de estarem juntos, que bem parecia aquillo obra de cavalleiros Portugueses, e que se deviam de ter por bem envergonhados os Capitães, que lhe fugíram, de se não acharem em tal feito como aquelle, quando soubessem o estrago, que elles tinham feito, sendo os imigos sem comparação muitos mais que elles. Os Mouros, depois de desbaratados, e lançados fóra da Cidade, poseram-se todos á vista dos nossos muito tristes (como homens, que tinham recebido muito damno), e em sua companhia estava Pedreanes Lamprea, (hum dos arrenegados, que fugíram em Ormuz), com hum capacete na cabeça, e escapou o dia, que se entrou a Cidade, porque o não conhecêram. Foram aqui neste feito D. Antonio de Noronha, Diogo de Melo, Aires de Sousa, Duarte de Melo, Pero Dalpoen, Lisuarte de Freitas, Antonio de Liz, Antonio Vogado, Lourenço da Silva, Antonio da Costa. Fernão Vaz, e João Teixeira, todos homens honrados, e de criação, e Simão

Velho, Nuno Vaz de Castelo-branco, Antonio de Sá, James Teixeira, Bertolameu Pessoa criados do Mestre Sanctiago, e Jorge Dorta moço da Camara delRey, e Lopo Alvarez, e Martim Vaz criados do Condestabre, todos estes com suas lanças, e espadas cheas de sangue, que eram testemunhas do que cada hum fez aquelle dia. Afonso Dalboquerque esteve ali com toda gente aquella noite, que seriam duzentos e trinta homens Portugueses; e mandou aos Capitães, que cada hum se fizesse forte nas casas, onde estavam, e tivessem os bateis bem esquipados junto comsigo, e que por nenhum rebate, que lhe os Mouros de noite dessem, saissem fóra, até não ser menhaã clara: e nesta ordem estiveram toda a noite vigiando a Cidade; e como foi menhaã, mandou pôr suas atalaias, e começáram acarretar os mantimentos, e todo o mais fato, que tinham tomado. Como tudo foi recolhido, ajuntou Afonso Dalboquerque a gente, e veio-se á praia, e mandou pôr fogo ás principaes casas da Cidade, porque nellas tinham os Mouros a maior parte dos seus mantimentos; e tambem mandou pôr fogo á mesquita, que os Mouros sentíram muito, porque era huma

casa muito grande de sete naves, toda forrada de azulejos, e muitas porcelanas metidas pelas paredes, e na entrada da porta tinha uma nave muito grande feita em arcos, e por cima ficava como eirado sobre o mar, tudo forrado de azulejos: as portas, e o teito da mesquita era todo lavrado de maçanaria; e como lhe deu o fogo, veio-se toda ao chão, sem ficar cousa nella que não fosse queimada. Queimáram-se aqui vinte e sete náos antre grandes, e pequenas, que estavam no porto, esperando carrega pera se partirem pera diversas partes. Acabado isto, mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os Mouros, que tinha tomados, e deixou-os em terra, e embarcou-se nos bateis, e foi-se pera as náos, dando muitas graças a Nosso Senhor pela mercê que lhe fizera, em lhe dar huma Cidade como aquella, ganhada sem perigo dos nossos com tão pouca gente.

CAPITULO LIX

Das novas, que o mouro, que trouxe o presente, contou ao grande Afonso Dalboquerque, da India: e de como se partio de Calayate pera a Cidade de Ormuz, e do que passou com Cogeatar.

Como o grande Afonso Dalboquerque foi na náo, mandou vir perante si o Mouro, que lhe trouxera o presente, o qual estava bem agastado, assi pela destruição, que vira feita na sua Cidade, como tambem por não saber o que avia de ser delle, e dos outros; e como o teve diante de si, perguntou-lhe, que novas avia da India, e Ormuz em que estado estava, e que gente tinha, e se mandára o Rey fazer alguma obra na fortaleza, que deixára começada? O Mouro lhe disse, que Cogeatar tinha por nova certa, que a Armadá dos Portugueses pelejára em Chaul com Mirocen Capitão do Soldão do Cairo, e Meliquiaz Capitão de Diu o ajudara com toda a sua Armada a tomar huma nao, e que mataram o Capitão mor da Armada, e Ormuz estava em grande necessidade de mantimentos por aver dous annos, que do sertão

lhe não viera nenhum arroz, nem trigo, e que os Rustazes se alevantáram contra o Rey, e se foram com toda a sua gente, porque Cogeatar quebrára os olhos a hum Capitão seu principal, que se chamava Naçaradin, e mandára lançar no mar outro, que se chamava Tajadin, e que os filhos de Rexnordim, Goazil da Cidade, eram lançados fóra do Reyno, e tomara a fazenda a certos Mercadores, e tinha preso Almaçá, (hum Capitão muito seu privado), porque era no conselho de o matarem pela destruição, e morte da gente, que era feita no Reyno por sua culpa, e que fizera tornar os Christãos, que lhe fugiram, Mouros, e os casára, e tratava muito bem, porque lhe tinham feito algumas bombardas de metal muito boas, e na fortaleza não fizera mais obra, que alevantar a torre da menagem, e cobrila por cima, e cerrar a porta, que vinha pera o mar, e abrir outra pera dentro do terreiro dos paços do Rey, e que na Cidade avia muita falta de agoa, porque os navios, com que a traziam, foram todos queimados na guerra passada: e por isso mandára Cogeatar a Xarafadin seu criado correr toda aquella costa pera lhe levar todos os paraos, que

achasse pera serventia da Cidade; e que Cogeatar tinha nova que os Capitães, que lhe fugíram de Ormuz, estavam em Cochim, e que foram muito bem recebidos do Visorey; e que lhe parecia, que chegando elle a Ormuz com aquella Armada, segundo a grande necessidade em que estava, não se poderia soster dous mezes que se não entregasse. Depois de Affonso Dalboquerque ter sabido estas novas, despedio o Mouro que se fosse, e levasse seus companheiros, e o presente que trouxera, porque seu costume era não tomar nada de gente com que tinha guerra, e que lhe perdoasse pelo ter assi reteudo, e se o fizera fora por não ir dar novas ao Capitão como o achára prestes pera ir cometer a Cidade, e que a culpa de a destruir era dos Governadores da terra, pois lhe faltáram do concerto que com elles fizera, quando por ali passára pera Ormuz, como podiam ver polo seguro real, que lhe dera em nome delRey de Portugal seu Senhor; e mandou ao Feitor, que lhe désse dous mil faluzes, e alguns pannos, e aos remeiros quinhentos, e assi se foram muito contentes. Afonso Dalboquerque, como teve despedido o Mouro, mandou chamar os Ca-

pitães, e deu-lhes conta de tudo o que com elle passára, e que sua determinação era, pela muita agoa, que o Cirne, e o Rey grande faziam, arribar á India, que lhe dissesem o que faria. Os Capitães foram todos de pareçer, que se Ormuz estava em tanta necessidade, como lhe o Mouro tinha dito, que lhe avia de ir dar huma vista, porque sendo assi, não averia dúvida, chegando elle, tornar o Rey ao assento que tinha feito, e que ali teria lugar, e tempo pera concertar suas náos, e prover a fortaleza de Çocotorá de mantimentos. A elle lhe pareceo bem o conselho dos Capitães, e disse-lhes que se fossem ás suas náos, e se fizessem prestes pera ao outro dia partir; e como foi menhaã, leváram suas amarras, e fizeram-se á véla ao longo da costa, e foram surgir a hum porto, que se chama Tenij, e ali estiveram dous dias tomando agoa em hum rio grande, que corria por antre duas serras talhadas a pique, e vinha fazer hum grande lago junto da ribeira do mar, todo cercado de palmeiras, e de muitas arvores; e depois de terem tomado agoa, fizeram-se á véla, e sem tomarem outra terra, foram surgir todos juntos diante da Cidade de Ormuz. Afonso Dalbo

querque mandou aos Capitães, que se posessem todos em ordem pera tolherem todo socorro de mantimentos, e gente, que viesse pera a Cidade, com determinação de se não alevantar dali até a não render; (não fazendo as náos tanta agoa, que lhe fizessem tomar outro conselho). Como Cogeatar vio a nossa Armada, mandou logo despejar a Cidade de toda a gente miuda, e passala da banda da terra firme, e todos os paraos, e navios, que tinha pera serventia della pelos não queimarem. Afonso Dalboquerque desejando de saber a ordem, em que Cogeatar tinha a Cidade, mandou aos Capitães que se trabalhassem por tomar alguma lingoa da terra; e por hum Mouro, que se tomou de noite em huma almadia pescando, soube que Cogeatar tinha feito dous baluartes muito fortes na sua fortaleza com muita artelharia posta nelles, e que avia cinco dias que eram chegados a Ormuz dous homens, e hum Mouro, que lhe fogíram das náos em Calayate, e lhe contáram a destruição da Cidade, de que o Rey estava muito anojado; e que estes homens lhe disseram, que os dous Capitães, que com elle vieram de Çocotorá, se quiseram ir pera o Visorey cami-

nho da India, e que os trazia por força, e que as náos faziam tanta agoa, que lhe seria forçado deixar a guerra, e ir se pera a India, e que na Armada avia muito pouca gente, e essa andava muito contra sua vontade com elle, e em Portugal avia tanta peste, e fome, que o seu Rey lhe não podia mandar aquelle anno nenhum socorro de náos, nem de gente; e que Cogeatar como isto soubera, mandára a todo o homem do povo, que tivesse arco, adarga, e espada, e provisam de agoa pera húm mes, e por se não fiar da gente, tinha as chaves de todas as cisternas, que avia no campo: e a agoa em Ormuz era tão cara, que huma jarra della, que em tempo de paz valia dez dinheiros, valia agora duzentos.

CAPITULO LX

Como veio hum mouro de terra em huma almadia a bordo da náo de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonso Dalboquerque, sem dizer quem as mandava, e o mais que passou.

Como o grande Afonso Dalboquerque teve esta informação do estado, em que as

çousas da Cidade estavam, deixou-se estar assi sem mandar ninguem a terra, esperando a determinação de Cogeatar; e passados tres dias, vieram dos Mouros junto da nossa fortaleza çapear com huma bandeira. Afonso Dalboquerque lhe mandou pôr outra na quadra da sua náo, e çapear-lhe que viessem a bordo, e elles não quiseram vir, e ao outro dia fizeram outro tanto; e como os Mouros de terra víram que lhes não respondiam, mandáram hum Mouro pescador em huma almadia a bordo da náo de Martim Coelho, que estava da outra banda dá Cidade no porto do ponente, com duas cartas, huma de Cogeatar pera Afonso Dalboquerque, e outra do Visorey pera Cogeatar. A carta pera Afonso Dalboquerque dizia assi:

Capitão mór, sabe que o Visorey, carta pera ti, e pera todos os Capitães de Portugal escreveo, que nenhuma entrada no Reyno, Ilhas, e terras de Ormuz fizesses; a mesma carta te mandei, e não obedeceste, nem fizeste o que elle manda; e outra carta escreveo ao Rey, Ceifadin com os sellos delRey de Portugal, e por mais credito, pera que neste Reyno não entrasses, Gaspar lingoa, e a companhia vieram á ribeira, e carta com

o sello delRey viram, e rezam ao sello do seu Rey deram, dizendo que muita cera vermelha avia, polo sello do teu Rey não fizeste nada, parece que queres a destruição do Reyno. Outras duas cartas em Parse, huma pera o Rey, e outra pera mim escreveo, ambas tas mando, lê-as, e mandamas, pois polo mandado, e sello do teu Rey não dás. Cogeamir, que o Visorey mandou, e outros homens de Cananor, que aqui estam, se espantam destas cousas: e eu todas escreverei, e uma jelua pequena despacharei, pera que saiba o Visorey que tu es tredor a El-Rey de Portugal.

Carta do Visorey pera Cogeatar

O Generoso sem par da bemaventurança, principal em mando, abrigo de todos, grande Senhor, e Capitão antre todos os Alguazis, e Capitães: mais chegado que ninguem á alteza do Rey, aprazivel ao mui alto de todos perfeito Senhor Ataa: alevante Deos seu estado: deste amigo D. Francisco Dalmeida Visorey, sogeição, e beijar de mãos offerece. He bem que entre nós aja tal amizade, que cada anno mandes presente a ElRey. Nego-

daquiçar com cem homens que tinha cativos do teu Reyno, todos os soltei, e chegando lá o saberás: e as quatro náos, que de lá vieram, me disseram, que tudo o que avia de fazer hum Rey fizeste, e em nada não errasste, e depois o Capitão começou de trocar tudo; e como as quatro náos viram que o Capitão errava, vieram-se pera mim. e o Capitão não ousou de vir pera mim, e foi-se pera Çocotorá, o qual eu castigarei tambem, como o Rey verá, porque saiba que onde receber honra, e der carta por ElRey, não o deve de trocar, porque ElRey de Portugal não he mentiroso, e ha mister que o seu Capitão não saia de seu mandado; e pois que sahio, elle averá o seu galardão. As quatro náos dizem, que em a guerra elles não tem a culpa, e que o erro do Capitão he: do primeiro concerto que so fez, nós o não trocamos, e o teu amor com ElRey de Portugal he assi, e assi de tudo o que cá soube. Ha mister como esta carta souberes, que venhas pera mim, pera que o eu saiba, senão tu o saberás; mas as quatro náos, quando aqui vieram, muitos Mouros traziam, grandes, e pequenos a todos os soltei pola amizade que te temos: e todas as náos, que quiserem vir a

estas partes, ha mister que confiem, e não temam, porque se lhes falecer hum cabelo, eu serei tredor a ElRey de Portugal, despacha azinha huma náo com cartas tuas, que por isso aguardo, e não fica mais, senão que Negodaxemeçadin a ti beijar os pés, chegará elle, sabe parte de tudo, dar-lhe-as credito, e no que elle comtigo fizer, não ha de aver dúvida: elle fará tudo o que tu quiseres: sete cartas em Portugues te mando pera as náos que forem, e vierem, e huma do sello delRey de Portugal, dá-lhe credito: não escrevo mais disto: paz, e saude. E deste mesmo teor vinha outra carta pera o Rey Ceifadin, e não fazia outra differença, sómente onde beijava as mãos a Cogeatar, beijava os pés ao Rey.

REPOSTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE PERA COGEATAR

Vi huma carta, que me veio dessa Cidade, e não diz quem ma manda, á qual respondo que obedeço á carta, e mandado do Visorey; e porque na carta me manda, que não me pagando os quinze mil xerafins de pareas, ao tempo do contrato, que faça o que me bem

parecer, e mais serviço de ElRey for, digo que te requeiro da parte do dito Senhor Rey e do Visorey da India, que pagues ao tempo que elle manda, porque me não ei de alevantar daqui até não pagares, ou vir mandado do Visorey, em que me mande o contrario: não te faço a guerra, nem te tiro ás fréchadas, e bombardadas, como a tua gente fez a mim: estas duas cartas, que me deram escritas em Parse, não creio serem do Visorey, pois não tem o seu sinal: as minhas cartas, que tem o meu sinal, guarda-as bem que não tas ei de negar, como tu fazes ás tuas, e por isso as não assinas.

Como Cogeatar vio que Afonso Dalbòquerque se hia declarando com elle, escreveo-lhe esta carta, em que se assinou:

Capitão mór Afonso Dalboquerque, saberás ácerca do que escreveste, que as duas cartas do Parse não eram do Visorey, porque não tinham o seu sinal: A pessoa que as trouxe he presente, e eu de mim, carta em nome do Visorey não ei de escrever, pois as não crês, manda-as, e responder-lhe-ei, e a carta, que em tua letra está com sinal do Visorey. Se a do Parse não he sua, cuja he estoutra, isto he achaque que dizes: Acerca

dos quinze mil xerafins, a tempo que o Reyno he povoado, e as náos vam, e vem, podem dar alguma cousa: dagora ha hum anno que esta destruição fizeste, e te foste até agora, não foi tempo: agora que era tempo vieste aqui estar, foi a nova por toda a parte, e ninguem não vem: tu queres a destruição deste Reyno, e não povoação. Calayate, que he estremo do Reyno, roubaste, e destruiste, e cem mil xerafins, e mais delle levaste: cem mil xerafins bem podem responder por quinze mil: toda esta destruição ei de fazer a saber ao Visorey: O que escreveste que não havias de fazer guerra, nem tirar ás bombardas, isto não to agradeço, que o que Deos quizer ha de ser: o que escreveste que te não avias de ir, e que tinhas o mar: se aproveitas em estar, está: em o escrever eu não escrevo mal: se os teus lêm mal, isso é outro: a carta do Visorey com tua letra, e com selo delRey, leitores delRey tens, manda-os pera que as lêão, pera saberem a verdade, ou mentira: Acêrca das quatro náos que escreveste, que fugiram, e fizeram treição, ao Visorey se foram: e foram leaes em se ir pera o seu Capitão, e fizeram mandado do seu Rey, como foram testemunhas, que tu

querias destruir o Reyno, e a tua gente toda he agravada de ti, que se assi não fora não se ajuntáram em Calayate a dizer mal de ti, nem te fugiram pera a serra, pera os Arabeos: se tu estiveras em verdade, e em amor, agora ha hum anno como tomaste as pareas logo te foras, mas estiveste cinco mezes até que a guerra pareceu. Quantas vezes te disse que te fosses, nunca quiseste, e começaste imizade? agora o meu falar he ao Visorey: qualquer cousa que ouver, a elle a ei de dizer, e elle ausente he meu amigo, e tu eras presente, e o Rey te fez muita honra, e em fim foste imigo, e em tua palavra, e concerto não estiveste, e não fizeste como pai com filho, e andas com os bateis ao longo d'agoa, e não deixas que entre gente com o provimento de Deos. De gente, e mantimentos, e armas não falta nada; e se o não cres, manda hum homem, que veja tudo: eu não sou mentiroso: o messageiro não teme nada, e a minha palavra he palavra; e o que dizes que não sabes quem te escreve, o meu nome he meu sinal, e agora assinei, e asselei.

Treladei estas cartas aqui, pera que se veja claramente quanto o Visorey trabalhou por anichilar todas as cousas do grande Afon-

so Dalboquerque, sendo muita rezão ajudado em tudo, pois era Visorey da India.

DA REPOSTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE MANDOU A COGEATAR

Honrado Cogeatar, folguei saber que eras tu o que me escreveste, e vi bem esta carta que me mandaste: e quanto he ás duas cartas de Parse, que te o Visorey mandou, que me tu mandaste, não esperava eu que o Senhor Visorey désse tanta fé a huns Capitães que me fugíram da guerra, sobre os quaes eu tinha tanto poder, como elle nos que lá tem comsigo; e se o quiseres ver, eu to mandarei mostrar, e então saberás se fizeram treição, ou não. Bem sei quantas cousas te disseram, e como te fizeram levantar contra mim, e fizeram com que tu me não désses os meus homens, em que estava toda nossa paz, e assossego; que vendidos na praça de Ormuz, podia cada hum valer cinco xerafins: deixando-te eu vinte creados delRey na feitoria em teu poder, e á tua obediencia, e mais a feitoria delRey, que valia duzentas mil dobras. Estes me poderás bem tomar sem guerra, se quizeras, depois de minha partida, e não

em tomáras estes quatro diante dos meus olhos, pera com elles me começar guerra, e te aleiantares contra mim; e se os querias, não me confessáras que os tinhas, nem me disseras que mos davas, nem os mostráras; porque como disseras que não sabias delles parte, logo te não ouvera de fazer a guerra; mas que obediencia era a que tu tinhas a ElRey meu Senhor, e aos seus Capitães, assinada, e jurada, se me tu tomavas a minha gente? e quem esperava de lhe tu dares quinze mil xerafins, se lhe tomavas quatro bargantes, que não valem dez? Capitão es, e sabes quanto carrega sobre os Capitães darem boa conta da gente que lhe entregam. Eu sei bem que os Capitães to fizeram fazer, e tu os verás degolar na praça de Ormuz, porque não tem ElRey meu Senhor ganhadas as Indias, e quantos Reynos tem ganhado, senão aguardando seus Capitães, a guerra com o seu Capitão mór, sem lhe fazerem treição; e porque nunca tal fizeram Portugueses, tu verás o que eu digo.

E quanto ás razões, que o senhor Visorey diz contra mim nas duas cartas do Parse, (se verdade]sam), avendo por bem o que os Capitães fizeram, devêra lhe de lembrar que

sou eu Capitão geral da Armada delRey meu Senhor, e que as pareas, que te elle agora manda pedir com palavras doces, e cartas de grande titulo, que tas fiz eu pagar com a espada na mão, e tu es disso boa testemunha, que assi o confessas nas cartas do contrato, feitas antre mim, e o Rey e assi espero em Deos de me não alevantar daqui sem ellas, pois que o Visorey o manda em sua carta; porque se a eu aqui não achára, bem sabes tu que te não ouvera eu de pedir pareas, senão homens, (o porque te eu comecei a guerra, por conselhos dos Capitães, cavaleiros, e criados delRey da minha Armada, da qual me ainda agora não arrependo), e porque tu has por leaes, e verdadeiros os Capitães, que me fugíram da guerra, e me deixáram, por isso te quiseram a ti matar os de dentro da tua casa: e a casa, que eu fazia, que te os Capitães fizeram entender que era pera te destruir, he esta Armada, em que eu estou, e a que eu fazia era pera te conservar, que aos taes tempos como estes (que muito se costuma em Ormuz), não he rezão que a gente, e feitoria delRey estê á determinação de quem vencerá: o que não se cometêra, se ella esti-

vera feita. E do que dizes, que a minha gente he agravada de mim, e me foge, quando vires comtigo homem honrado, e criado delRey, então o crê; mas dous bargantes, que fugiram da prisão: hum a que quisera mandar çortar as mãos, e outro porque o quisera açoutar o Contramestre, e quatro, que tu enganaste com palavras doces, em que cuidavas que estava toda a tua salvação, estes taes, a que tu dás tanto credito, foram começo de toda a tua destruição; e queira Deos que a não acabem.

E ao que me dizes se agora ha hum anno estivera em paz, e amor, e como tomei as pereas logo me fora, tu sabes bem que sempre trabalhei em concertar minha Armada, e aguardava o tempo, e moução, em que se navega o estreito de Meca, que he no começo do Ramadão, onde me ElRey mandava ir, o qual eu não descobri a ti, nem aos Capitães, nem a outra pessoa alguma, porque assi he costume dos Capitães móres terem segredo, por não saberem seus imigos o que querem fazer; porque se eu daqui dissera o caminho que avia de fazer, em poucos dias fora avisado Adem, e Judá, que hia eu sobre elles, como me ElRey mandara em seu Re-

gimento, e pera isto fazia o bargantim, que me tu queimaste, porque era necessario pera tal navegação. E mais, se te bem lembra, o Noradin me requereo da parte do Rey, e tua, que eu me não fosse daqui, porque vinham as náos de Meçar, e poderiam tomar a Cidade, e senhoreala; e eu lhe respondi, que pelo assento que tinha feito, era obrigado ao defender, que visse o Rey o que queria que fizesse. E mais, que perdia Ormuz em eu estar nelle? que as cafilas não deixavam de vir, antes vinham mais? nem as náos de navegar, se as tu não tolhêras? mas antes o Reino se segurava com minha estada aqui, e enriquecia o povo miudo. E tu sabes bem que na justiça da terra, nem na governança do Reyno nunca meti a mão, depois que to entreguei, antes te dei lugar que mandasses prender a minha gente, se na Cidade não fazia o que devia. Hum pão se não comprava sem teu mandado, se por elle mandavas dar cem xerafins, tanto se dava; e assi no aljofar, como em tudo o que se comprava, tudo se pagava como tu mandavas; e nenhuma cousa mandava fazer na Cidade a ferreiro, carpinteiro, pedreiro, alfaiate, nem a nenhum outro offi-

cial sem tua licença, em que mostrava estar eu mais á tua obediencia, que tu á minha. A casa, que eu fazia, o Rey, e seu pai, e tu me déstes a ponta, e os aliceces, em que a fiz (como tenho por seu assinado). A pedra e os officiaes, com que a fazia, tu mos davas. Muitas vezes te mandei perguntar, se eras contente de a eu fazer, e tu dizias que si: se o não eras, porque o não dizias? e não me tomáras os meus homens, por onde caiste em desobediencia, e quebraste o contrato; e de quantas vezes falas nesta guerra ao Visorey, nunca lhe dizes o porque se começou, que he sinal de homem culpado: e ante as taes pessoas has de mandar as cousas claras. E estas hão de ir diante delRey meu Senhor, e não ha de aver por seu serviço fazeres-lhe tu os seus Christãos Mouros.

E ao que dizes, que não estive na palavra e concerto que fiquei com o Rey, nem o fiz com elle como pai com filho, eu lhe compri. e mantive tudo o que fiquei com elle; e se assi não he, deixa-o tu em sua liberdade, e governar seu Reyno, e eu te fico que elle conheça a boa obra que lhe fiz, em lhe entregar o Reyno, depois de o ter ganhado. Se

elle estivera em sua liberdade, e o Reyno fora governado por elle, não me tomáras tu os meus homens, nem te alevantáras contra mi; mas eu espero em Deos de lhe fazer ainda tantas boas obras, e ajudar a ganhar tantas terras (trazidas a seu mando, e á obediencia delRey meu Senhor), na Persia, que elle seja o maior Senhor della, porque o merece por sua bondade, e por ser da linhagem dos Reys. Ao que dizes que tens muitos mantimentos, armas, e gente, e que te não falece nada, bem o has mister; mas quem te a ti desbaratou na tua prosperidade, te fará agora fazer o que o Visorey manda; e não comprindo tu, então verás os cavaleiros Portugueses se andão descontentes de mim, ou não, porque já entre nós não ha quem dane os corações aos homens, senão Capitães, que com muito esforço, e boa vontade, por servir seu Rey, hão de morrer com o seu Capitão geral. E bem sabes tu que sei eu, que os Rustazes são contra ti, porque cegaste o melhor Capitão, e cavaleiro, que o Rey de Ormuz tinha, e Calcocejo, que tem muita gente, e se faz sempre o que elle manda na terra, e Xeque Ale não vem já a teu mandado, e a gente que tens comtigo bem a sei, e a deter-

minação, com que mandaste Xarafadin a Calayate, e onde dormes bem o sei, e o que comes, e como vives, e tambem sei que a casa de Ormuz está sobre hum esteo mui fraco, e de necessidade se ha de perder, se levas este caminho. Requeiro-te huma vez, duas, e tres, que cumpras o mandado do Visorey; e se tens outro em contrairo, mostra mo, que eu o cumprirei inteiramente, como me manda ElRey meu Senhor. Se escreveres ao Visorey, manda-lhe minhas cartas, que por isso te mando esta em Portuguez, assinada, e asselada do meu sinete, porque ouvindo as partes, dará melhor sentença: torno-te a dizer que viva está a querela da guerra começada antre mim, e ti, e que ninguem me póde apagar, e esconder com inveja; porque já te disse muitas vezes, que eu não era cossairo, senão Capitão geral delRey de Portugal, velho, e sesudo, e que tenho mui bom Regimento seu, por onde me ha de tomar conta do que faço. E quanto ao que dizes, que o teu falar ha de ser ao Visorey, e que qualquer cousa que ouver a elle a has de dizer, fazes bem, e tens rezão; porque quando eu faço a guerra aos imigos, he de maneira que lhes convem ir pedir misericordia a ElRey, ou a

quem seus poderes tem; e pois lha tu já pediste huma vez, eu te prometo, (se tu não cumpres o que elle em sua carta manda) que tu lha vás pedir outra. Ao que diz na carta do Parse, que te o Visorey mandou, que não ousei de ir pera elle, e me fui pera Çocotorá, sabe certo que a ninguem ei medo, senão a meu Rey; mas antes te digo, que o Capitão que tambem soube ganhar este Reyno, e vencer hum Rey em batalha, e fazelo tributario a ElRey de Portugal, que em qualquer parte aonde for, lhe farão muita honra, e o Visorey sabe que fiz eu meu officio em ir socorrer a fortaleza de Çocotorá, como me ElRey manda, e não já fugido, senão buscar os mantimentos, que me os Capitães leváram, e se foram, deixando a tua Armada de sessenta vélas sobre mim, mandando-lhe eu que a fossem desbaratar, e elles não o quiseram fazer, e bem era que fosse assi, pois antre ti, e elles avia tanta amizade.

CAPITULO LXI

Como o Grande Afonso Dalboquerque deu conta aos Capitães, e principaes homens da Armada de tudo o que passára com Cogeatar, e do recado que lhe mandou, e o que respondeo.

Depois de ter mandado o grande Afonso Dalboquerque esta reposta a Cogeatar, mandou chamar os Capitães, e todos os Fidalgos, e homens principaes da Armada, e deu lhes conta de tudo o que tinha passado com Cogeatar; e depois de lida a carta, que lhe o Visorey escrevêra, disse-lhes, que lhes pedia por mercê, que cuidassem bem naquelle negocio, e lhe aconselhassem verdadeiramente o que nelle devia de fazer, porque o seu juizo não bastava pera entender este modo, que o Visorey com elle queria ter, porque não se contentára de favorecer muito os Capitães, que lhe fugíram da guerra, e o deixáram, sofrendo-lhe muitas descortesias, feitas a sua pessoa, por servir a ElRey Nosso Senhor; mas ainda escrevêra aquella carta a Cogeatar, louvando-lhe muito a sua fugida, e tornar-lhe os Mouros cativos, que lhe tinha

mandado, tomados de boa guerra, com muitas palavras de pouca estima de sua pessoa, e pouco credito em seus trabalhos, como naquella carta tinham visto, que fora grande favor pera os Mouros, e grande descredito seu; que pois assi era, e elle não tinha já esperança de o Visorey o ajudar naquella empresa, determinava de não ter mais contendas com Cogeatar, nem lhe pedir pareas, e ir-se caminho da India ver com elle. Os Capitáes posto que sentíram muito as palavras da carta, e a pouca conta, que o Visorey fazia de Afonso Dalboquerque, per cima de tudo lhe pedíram que o sofresse, e não se agastasse, pois estava já no cabo da jornada, e que se devia de mandar declarar com Cogeatar, e notificar-lhe o que o Visorey mandava. Afonso Dalboquerque com este parecer dos Capitáes sofreo a paixão que tinha, e mandou dizer a Cogeatar por Pero Dalpoem, e Gaspar Rodrigues lingoa, que o prazo, que o Visorey posera pera pagar as pareas, sem lhe fazer a guerra, se acabava dali a oito dias; e não as pagando, passado aquelle tempo, fosse certo que lhe não avia de pedir pareas, senão os quatro Christãos, que lhe tinha tomado, porque o Rey-

no de Ormuz era delRey de Portugal seu Senhor, ganhado com sua Armada, e cavaleiros Portugueses, e que o não avia de perder. Cogeatar disse a Pero Dalpoem, que dissesse ao Capitão geral que se desenganasse, que a elle, nem a outra nenhuma pessoa avia de pagar pareas, ainda que lho o Visorey mandasse; e posto que Afonso Dalboquerque ficou mal contente desta reposta, porque já estava assentado por todos, que até passar o tempo lhe não fizesse guerra, dissimulou com elle, e ordenou de mandar D. Antonio de Noronha seu sobrinho á Ilha de Queixome na fusta, e nos bateis buscar agoa pela muita falta que na Armada avia della; e como foi prestes, partio-se logo de noite, e chegou á Ilha pela menhaã; e querendo desembarcar, acodio muita gente pera lhe tolher a desembarcação; mas Dom Antonio com essa que levava sahio em terra per força, e desbaratou-os, e chegou aos poços, e polos achar cheios de sardinhas podres, que lhe os Mouros lançáram, tornou-se pera as náos sem a trazer; e porque na Armada não avia nenhum remedio de agoa, e a gente padecia, e na Ilha de Queixome, e em Nabande, (que eram mais

perto), não se podia tomar, senão com força de gente, pela muita que Cogeatar ali tinha em guarda dos poços, tornou a mandar logo D. Antonio de Noronha na fusta, e nos bateis á Ilha de Lara pera trazer agoa, e ao outro dia tornou com os paraos carregados della. Chegado D. Antonio, mandou Afonso Dalboquerque a Pero Dalpoem, e Gaspar Rodriguez lingoa a terra, e que dissessem a Cogeatar, que o tempo dos oito dias, que lhe dera pera pagar as pareas, era passado, e que já pelo desengano que lhe tinha dado, ficava nelle fazer o que lhe parecesse mais serviço delRey de Portugal; que já agora não queria pareas, senão os homens da sua Armada, que lhe tinha tomados, confiando na sua amizade, e no assento, que com elle tinha feito, quando lhe entregou o Reyno em nome delRey de Portugal, assinado pelo Rey, e asselado com o seu sello; e quanto era ás pareas, que era obrigado a pagar, que o Visorey as mandaria arrecadar, pois tomára cuidado disso, e antrelles avia tanta amizade, e que dissesse ao Rey, que olhasse muito bem pela conservação daquelle Reyno, e não quisesse que se destruisse, por lhe não mandar entregar quatro bargantes, que lho

não aviam de defender. Cogeatár, porque sabia que o Rey não folgava muito com a guerra, quisera estorvar não lhe dar Pero Dalpoem este recado, e por dissimular deu lugar a isso, e quiz que fosse perante elle. O Rey, depois de ouvir o recado, receoso do que responderia, poz os olhos em Cogeatar, e disse a Pero Dalpoem, que elle não avia de mandar entregar os quatro homens, porque eram já Mouros, e a sua ley o defendia; e depois de Pero Dalpoem se despedir do Rey com esta reposta, disse-lhe Cogeatar, que dissesse ao Capitão geral, que as pareas, que o Visorey mandava pedir, estavam bem pagas pela destruição, que tinha feito em Calayate; e que por elle estar sempre naquelle porto, tomando, e destruindo tudo o que a elle vinha, avia dous annos que na Alfandega não avia nenhum rendimento, e que nisto não avia mais que dizer; e quanto aos quatro Christãos, que mandava pedir, que já lhe o Rey tinha respondido a isso: que se por lhos não dar lhe avia de fazer a guerra, que fizesse o que quisesse, porque lhe não dava nada estar elle ali mais hum dia, que hum anno, que cem annos. E mandou chamar Cogeamir, que era o que trouxera as

cartas do Visorey, e disse-lhe perante Pero Dalpoem, que elle se não escusava de pagar as pareas, mas que não tinha ao presente de que as poder pagar, que elle era servido delRey de Portugal, e aquelle Reyno era seu, e que o Capitão geral o queria destruir, e que se lembrasse de todas aquellas cousas pera as dizer ao Visorey, quando lá tornasse; e por aqui lhe disse outras muitas palavras mentirosas, e cheas de enganos. Pero Dalpoem, sem lhe responder, se despedio, e Cogeatar teve maneira, que sahisse pela porta do Castello, onde tinha dez falcões de metal, tamanhos, e tão bem lavrados como os nossos, e huma bombarda grossa de duas camaras, da grandura dos nossos camelos, (todas encarretadas), e outras muitas de ferro bem lavradas, que lhe os arrenegados fizeram, assentadas em hum baluarte, que ali tinha feito de novo.

CAPITULO LXII

Do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães sobre a reposta de Cogeatar, e o que se nisso assentou, e do recado, que mandou aos Rustazes por huns criados seus, e o que mais passou.

Com esta reposta de Cogeatar tão chea de soberba, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar os Capitães, e Fidalgos, Mestres, e Pilotos, e toda a outra gente da Armada pera se determinar no que avia de fazer; e juntos todos na sua náo, contou-lhes o recado, que Cogeatar lhe mandára por Pero Dalpoem, e disse-lhes o descontentamento, que na sua alma tinha de ver com quanta soberba lhe Cogeatar respondia aos seus recados, o que nunca fizera, senão agora, e tudo isto pela pouca conta que via que o Visorey fazia delle, e de todos os que naquella guerra andavam, servindo El-Rey de Portugal; e os Capitães, que lhe fugíram, muito seus privados, que lhe dissessem se se iria caminho da India segurar aquellas náos, que faziam muita agoa, ou se se deixaria estar em cerco sobre a Cidade até a render,

porque tinha sabido de certo que estava muito falta de mantimentos, e de agoa, e que avia muita divisão antre elles. Os Capitães, e toda a outra gente, depois de lhe Afonso Dalboquerque propôr tudo isto, praticáram este negocio; e visto tudo muito bem, assentáram que não perseverando a agoa, que as náos faziam, de maneira que lhes désse muito trabalho o passar á India, estivessem ali até o fim de Outubro, porque até este tempo podiam ali vir algumas náos de Portugal, que fossem arribadas a Çocotorá, que seria grande ajuda pera favorecer aquelle negocio. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque aos Capitães, que tivessem suas náos derredor da Cidade, na ordem em que estavam, e que nos bateis andassem de noite ao longo da praia, vigiando cada hum como lhe coubesse sua sorte, que não passassem nenhuns paraos á Cidade; e com esta diligencia tomáram muitos, que vinham carregados de mantimentos, e nesta companhia foram tres, que eram dos Capitães dos Rustazes, que vinham de hum lugar, que se chamava Jáquem. Afonso Dalboquerque como soube que os paraos eram seus, mandou-lhos dar, e escreveo-lhes

por huns criados seus, que nelles vinham, que querendo elles com sua gente ajudallo naquella guerra, que elle lhes daria soldo, e mantimentos; e lançando Cogeatar fóra da Cidade, lhes daria a governança do Reyno. Os criados dos Rustazes se foram, e deram as cartas a Caecocejo, que era o principal delles; e por ser o caminho longe tardáram muito; e quando tornáram com reposta, acháram já Afonso Dalboquerque determinado em se ir caminho da India. O Caecocejo lhe respondeo, que folgava muito com sua amizade, e que se ficava fazendo prestes com todos os seus parentes pera o vir servir naquella guerra, porque todos desejavam de serem vassalos delRey de Portugal; e que lhe fazia a saber, que tanto que elle chegára a Calayate, Cogeatar os mandára chamar, prometendo-lhe muitas dadivas, que elle não quisera aceitar: e com este recado mandou hum presente de galinhas, carneiros, e romans, e Afonso Dalboquerque lhe mandou outro de pannos de seda, e outras cousas de muito preço, e escreveo-lhe grandes agardecimentos da sua vinda, e que lhe pezava muito não o poder esperar, e que espezava de muito cedo tornar a cometer aquel-

la empresa, e juntos todos fazerem a guerra a Ormuz. Despedidos estes criados dos Rustazes, como a agoa pera provimento da gente da Armada, (que era o que mais cuidado dava ao grande Afonso Dalboquerque que tudo), faltava nas náos, mandou D. Antonio que fosse á Ilha de Lara carregar os paraos, como os dias passados fizera. Dom Antonio se partio, e chegou á Ilha; e porque achou já guarnição de gente, que passara da Ilha de Queixome em guarda dos poços, tornou-se sem a tomar. Como D. Antonio chegou, fez-se Afonso Dalboquerque prestes pera em pessoa ir á Ilha, e mandou Martim Coelho diante no seu navio, e elle embarcou-se na fusta, e nos bateis com muita gente, e foi-se apôs Martim Coelho, e em chegando desembarcáram, e foram cometer os Mouros, e desbaratáram-nos logo, e fizeram-lhes deixar as estancias, que tinham, e tomáram muitos camelos, cabras, e vacas, e desentupíram os poços, que os Mouros tinham entupidos, e carregáram os paraos, e bateis de agoa, e mantimentos. Feito isto, veio-se Afonso Dalboquerque pera as náos, e deixou Martim Coelho no seu navio em guarda dos poços; e em quanto

ali esteve não ousáram os Mouros, que estavam na Ilha de Queixome, passar á Ilha de Lara; e como chegou ás náos dahi a tres dias, mandou Diogo de Melo á Ilha de La'a, e que dissesse a Martim Coelho, que tomasse agoa, e se viesse ancorar derredor da Cidade no lugar, onde elle estava. Diogo de Melo se partio logo, e chegando á Ilha, disse a Martim Coelho o que Afonso Dalboquerque mandava, o qual tomou sua agoa, e levou as amarras, e veio surgir ao lugar, onde Diogo de Melo estava; e depois de Martim Coelho ser vindo, mandou Afonso Dalboquerque Pero Dalpoem, e João Estão no esquife da sua náo de noite ao longo da ribeira ver o que os nossos, (que elle mandára vigiar a Cidade nos bateis), faziam; e estando sobre o remo ao longo da ribeira, veio ter com elles hum parao, e não se percatando do que podia ser, foram-no investir desapercebidos de armas, cuidando que vinha com mantimentos pera a Cidade, e em o envestindo foram todos feridos de frechadas, e com o negocio ser supito, embaraçáram-se de maneira, que tiveram os Mouros lugar de se salvar no parao. Afonso Dalboquerque entendendo que podia ser ardil dos arrene-

gados, que aconselhariam a Cogeatar, que mandasse meter archeiros nos paraos, que traziam os mantimentos pera guarda delles, mandou aquella noite os bateis armados com gente, que lhe tomassem hum, pera saber dos Mouros o que isto era; e andando os nossos bateis rodeando a Cidade de noite, veio ter com elles hum parao com trinta archeiros, que elles tomáram sem nenhuma resistencia, e trouxeram-no a Afonso Dalboquerque; e de dous Mouros, que mandou meter a tormento, soube que a mulher, que fora do Rey Cergol, mandava cento e cincoenta archeiros a ElRey de Ormuz espalhados por muitos paraos, por virem mais secretos, pera o ajudarem naquella guerra, e que Cogeatar mandava fazer huma Armada em Julfar pera lhe virem queimar a sua, e que ao porto de Nabande era chegada huma cafila da Persia, em que vinham dous Capitães do Xeque Ismael com quinhentos archeiros das carapuças compridas, que Cogeatar lá mandára buscar, com grande soldo que lhe dava, pera o ajudarem naquella guerra, e que estavam esperando embarcação segura pera passarem.

CAPITULO LXIII

Como o grande Afonso Dalboquerque avisou Diogo de Melo do que tinha sabido da Armada de Julfar, e foi a Nabande, e pelejou com os Capitães do Xeque Ismael, e os desbaratou.

Como o grande Afonso Dalboquerque teve nova desta Armada, que se fazia em Julfar, escreveu logo a Diogo de Melo que se vigiasse, e estivesse a bom recado, porque o não tomassem descuidado; e vendo tantos navios, que se não estrevesse a pelejar com elles, o avisasse logo, porque elle iria em pessoa ajudalo; e disse aos outros Capitães, que tinha nova que a Nabande eram chegados dous Capitães do Xeque Ismael, que vinham com gente em favor do Rey de Ormuz, que se fizessem prestes, porque elle determinava de ir lá, e pelejar com elles; e mandou a D. Antonio de Noronha que se embarcasse no batel da sua náo com parte da gente, e elle com a que ficava iria na fusta; e porque as náos não estivessem desacompanhadas á vista da Cidade, e os arrenegados pela falta de bateis não enten-

dessem que estavam sós, (ardil, que elles sabiam muito bem), assentou com todos de fazer este salto de noite, porque fazia luar muito claro, e tornar a horas que o não achassem menos, e ordenou certos homens, que vigiassem as náos, com dous bombardeiros em cada huma; e feito isto, embarcou-se logo á noite com toda a gente, e foi ter com os outros Capitães, que estavam já prestes, e dali fizeram todos seu caminho direito a Nabande, onde chegáram á meia noite, e foram logo sentidos, e ouvíram huma grita de muita gente, e chegando-se mais a terra, deram os Mouros outra, que parecia ser de menos gente. Afonso Dalboquerque, que era na dianteira, porque não ouvio nenhum rumo de gente, cuidando que deixáram o lugar, e se foram, desembarcou; e como poz os pés em terra, foram tantas as fréchadas sobre os nossos, sem verem donde lhes tiravam, (por ser de noite), que se não podiam valer. E estando com a sua gente toda junta, esperando que chegassem os bateis, vendo que era menos perigo dar nos Mouros, que esperar que os ferissem todos, determinou de os cometer, e nisto chegáram os outros Capitães, e como des-

embarcáram, abalou, e começou a entrar o lugar. Os Mouros como ouveram vista delle, fizeram-se em corpo junto da mesquita, e ali esperáram, o qual assi como hia acompanhado da sua gente, deu nelles, e cometêram-nos tão valerosamente, que aos primeiros golpes derribáram alguns, e depois de terem as lanças bem empregadas, vieram com os Mouros ás espadas em hum medão de area, que estava pegado no lugar e pelejáram huns, e outros com tanto esforço, por hum bom pedaço, sem mudarem pé atras; que fizeram o médão tão chão que mais parecia terreiro de paço, que médão de area; e estando neste aperto, que não durou muito, com a maior parte da sua gente ferida, acodio D. Antonio de Noronha por detrás da mesquita, e deu nos Mouros, os quaes como víram atalhados, poseram-se em fogida, e nisto chegou Francisco de Tavora, e Martim Coelho com sua gente, e foram nos seguindo por hum bom espaço, derribando muitos delles, que hiam assi a meia volta pelejando com a nossa gente, sem se determinarem bem em fugir. Afonso Dalboquerque, porque era de noite, deixou-se estar apegado com a mesquita em corpo com a

sua gente, e temendo-se que os que hiam apôs os Mouros se desmandassem, mandou aos Capitães que os recolhessem, e viessem ter com elle; e como foram juntos, entráram no lugar, e indo por huma rua, foram dar em huma casa, onde estavam os dous Capitães do Xeque Ismael, pondo se a cavalo com seus criados pera fogirem, e entrando dentro, matáram-nos a todos, e volvêram logo sobre a mesquita, onde estava outro Capitão com muita gente recolhido pera se fazer forte nella; mas não lhe valeo, porque D. Antonio de Noronha, e Martim Coelho, e toda a outra gente, que hia apôs elles, foram cometer a mesquita, e entráram-na por força, e matáram o Capitão, e toda a gente, que estava dentro, e tomaram-lhes as armas, e as carapuças vermelhas, e tudo o mais que tinham, e saidos dali começáram a roubar o lugar. Afonso Dalboquerque vendo que os Mouros da terra se começavam ajuntar, e elle com pouca gente por ser de noite, veio-se recolhendo com os Capitães pera a praia, onde estavam os bateis, pera se valer das bombardas, se o quisessem cometer, e mandou pôr fogo ao lugar por quatro partes, e fazer sinal com o tambor, pera que a gente, que

andava a roubar, soubesse onde elle estava. Como os nossos víram o fogo, cada hum se recolheo pera aquella parte pera onde ouviram o tambor com esse fato, que podéram trazer; e como estiveram juntos, não ousáram os Mouros mais de travar com elles, e poseram-se da outra banda do lugar, e metia-se antrelles, e os nossos hum brejo, e ali se deixáram estar, sem poderem valer ao lugar que não ardesse.

Eram ali aquelle dia em companhia de Afonso Dalboquerque, Diogo Guisado, Gaspar Machado, criados delRey, Antonio de Sá, Bertolameu Pereira, Nuno Vaz de Castelo-branco, Antonio de Liz, criados do Mestre de Sanctiago, João Coelho, Gonçalo Queimado, e Pero Gonçalvez Piloto mór, e todos foram feridos de fréchas. E com D. Antonio de Noronha eram Jorge da Silveira, Francisco de Melo, Duarte de Sousa, Bastião de Miranda, Antonio da Costa, Lisuarte de Freitas, João Estão, Nicoláo de Andrade, Antonio Fragoso, Pero Dalpoem, João Teixeira, Simão Velho, James Teixeira, Antonio Vogado, e outros muitos homens honrados. E com Francisco de Tavora, eram D. Jeronymo de Lima, D. João seu irmão, Aires

de Sousa, Lopo Alvarez, Martim Vaz, Antonio Fernandez criado do Conde de Villa Nova, Diogo Machado, Dinis Fernandez, Mestre do Cirne, e outros muitos. E com Martim Coelho eram Antonio da Silva, Christovão de Magalhães, seu irmão, Paio Pereira, Pero de Sousa, Gaspar Vaz, Christovão de Azevedo irmão bastardo de Martim Coelho, e huns, e outros pelejáram aquelle dia tão valerosamente, e fizeram hum feito tão honrado, por ser contra os Persas, (que naquella terra he avida pela melhor gente do Mundo), que pareceo rezão, por honra de seus filhos, fazer aqui memoria delles. E bem creio eu que os Persas, que dali escapáram, dariam melhor fama dos Portugueses em sua terra, da que os Capitães, que fugíram da guerra, deixáram em Ormuz: E assi como esta fugida dos Capitães foi estranhada do Xeque Ismael, foi louvado muito delle este desbarato, que os nossos fizeram nos seus Capitães, porque depois disto trabalhou muito ter amizade com o grande Afonso Dalboquerque, e mandou-o visitar, e quando os seus Embaixadores chegáram a Ormuz era já partido pera a India. Os moradores deste lugar não tinham ali suas mo-

lheres, nem suas fazendas, porque viviam com receo disto que lhe aconteceo, e o despojo que se tomou, foi aquella gente da Persia, que ali estava, que era dinheiro, vestidos, armas, adagas guarnecidas de ouro, e de prata, arcos, frechas, e muitos cavalos, que lhe matáram, e queimáram-lhe todos os mantimentos, e monições de guerra, que Cogeatar ali tinha pera passar a Ormuz.

Acabado isto, Afonso Dalboquerque se recolheo com toda a gente aos bateis, e ao remo, e á véla trabalháram todo o espaço que ficou da noite, de maneira, que chegáram ás náos em amanhecendo, e os que ficáram nellas lhe disseram, que na Cidade ouve toda aquella noite grande alvoroço, quando víram o fogo em Nabande, e todo aquelle dia se gastou em mandar curar os feridos, que eram muitos; e ao outro dia pela menhaã mandou Afonso Dalboquerque Dinis Fernandez no Rey grande, que fosse á Ilha de Lara tomar agoa, e Diogo de Melo se viesse lançar, onde elle estava, e levadas as ancoras, indo á véla com o traquete, veio hum parao de terra remando rijo demandar a náo. Dinis Fernandez cuidando que lhe trazia algum recado, mandou largar

as escotas, e esperou por elle. Os Mouros, que vinham no parao, como chegáram perto da náo, tiráram-lhe huma bombardada. Vendo Afonso Dalboquerque o parao esbombardear a náo, mandou com grande pressa D. Antonio no seu batel, e Jorge da Silveira no seu esquife, que fossem tomar a terra ao parao, e que se chegassem bem á borda da praia, porque era baixamar, e não lhes podia a artelharia da Cidade fazer nojo. Os Mouros do parao como víram que os nossos bateis arrancavam das náos, primeiro que lhes atalhassem, ouveram a terra, e como os nossos hiam já perto delles, começáram a atirar com a artelharia, que levavam á gente da terra, que os vinha socorrer, e fizeram-nos afastar. D. Antonio, e Jorge da Silveira com esta furia que levavam, quiseram descer em terra apôs os Mouros; mas Afonso Dalboquerque acodio logo na fusta, e felos recolher, porque os Mouros, que acudíram áquelle rebate, eram oitocentos fréchеiros, e cincoenta de cavalo, e os nossos muito poucos pera os cometer; e recolhido o parao, e a bombarda, que os Mouros nelle levavam, tornáram-se pera as náos, e Dinis Fernandez fez seu caminho á Ilha de Lara como hia.

CAPITULO LXIV

Como Diogo de Melo, que estava na Ilha de Lara, se perdeo, e o grande Afonso Dalboquerque se partio pera a India, e o que passou até chegar á Ilha.

Estando o grande Afonso Dalboquerque esperando por Diogo de Melo, que se viesse no seu navio ancorar, onde o Rey grande estava, chegou Duarte de Melo seu irmão no batel, e disse-lhe, que avia tres dias que Diogo de Melo se metêra em um zambuco pequeno, que Manuel de Lacerda tomára carregado de tamaras, e se fora com nove homens Portugueses, e dous Mouros, e que não tornára mais, nem se sabia nenhuma nova delle, e que a Armada dos Mouros, que se fizera em Julfar, viera á Ilha de Lara, e ahi estava surta. Afonso Dalboquerque agastado desta nova, que lhe Duarte de Melo deu, mandou logo D. Antonio de Noronha, e D. Jeronymo de Lima, que se embarcassem na fusta, e no seu batel com gente, e Duarte de Melo, e fossem ver o que isto era, e escreveo a Martim Coelho, que se levasse aonde estava, e se ajuntasse com

elles, e juntos todos cometessem a Armada dos Mouros, que estava na Ilha de Lara, e trabalhassem muito por saberem alguma nova de Diogo de Melo; e se pela ventura estivesse em lugar, donde não podesse sair por amor da Armada dos Mouros, que os fossem socorrer. Partidos estes Capitães, foram se ajuntar com Martim Coelho, pera todos juntos irem cometer a Armada dos Mouros, que estava surta, a qual como ouve vista dos nossos levou suas ancoras, e ao remo, e á véla fugíram. Dom Antonio com os outros Capitães foram-nos seguindo; e vendo que os não podiam alcançar, tornáram-se, e deram huma volta derredor da Ilha de Lara, pera saberem novas de Diogo de Melo, e neste caminho acháram no mar seis homens mortos, e conhecêram serem da sua companhia; e vindo-se recolhendo ao longo da, Ilha tomáram hum parao pequeno com tres, ou quatro Mouros, e dali despedio D. Antonio de Noronha Duarte de Melo, e mandou-o com esta nova, e que levasse comsigo os Mouros, que se ali tomáram. Chegado Duarte de Melo, mandou Afonso Dalboquerque meter os Mouros a tormento; e elles lhe disseram, que estando a sua Ar-

mada surta na Ilha de Queixome, viera ter com ella hum parao pequeno com certos Portugueses, e que o seu Capitão os fôra cometer, e por se não querer render, o metêram no fundo; e depois dos Christãos andarem na agoa os matáram a todos, senão num, que tomáram vivo, que o Capitão mandou logo a Cogeatar, e o dos Portugueses por andar muito armado se fora ao fundo, Anojado Afonso Dalboquerque deste desastre, disse a Duarte de Melo, que como fizera seu irmão aquilo, tendo-o avisado muitas vezes daquella Armada? E elle lhe disse, que fora enganado por dous Mouros, que Manuel de Lacerda tomára em hum zambuco, os quaes lhe disseram que se os forrasse, que elles o levariam a hum porto, onde estavam certos paraos metidos, e que se fora com elles áquelle ardil, e não dera nada polos requerimentos que lhe todos fizeram da sua parte.

Como se Duarte de Melo partio com este recado, Martim Coelho levou suas amarras, e foi-se ajuntar com Dinis Fernandez, Capitão do Rey grande, que estava na Ilha de Queixome, pera ali esperarem recado de Afonso Dalboquerque, e D. Antonio de No-

ronha no navio de Diogo de Melo, e Jorge da Silveira na fusta. Depois de terem tomado sua agoa, foram-se pera a Cidade, e acháram Afonso Dalboquerque muito agastado, assi pelo desastre acontecido a Diogo de Melo, como pela muita agoa que o Cirne fazia, que era tanta, que trinta Mouros, que continuamente davam á bomba, com muito trabalho a podiam vencer; e estando assi, deu huma tormenta tão supita nas náos, que ouveram de çoçobrar todas; mas porque durou pouco, e as amarras tiveram mão se salváram. Afonso Dalboquerque passada a tormenta, vendo-se sem gente, e sem Armada, e mal socorrido do Visorey, determinou de se partir pera a India; e sem mais ter prática com Cogeatar, fez-se á véla, e foi demandar a Ilha de Queixome, onde estavam Martim Coelho, e Dinis Fernandez pera ali tomar agoa, e fazer sua viagem caminho da India; e como chegou, que não vio o Rey grande, perguntou a Martim Coelho onde estava? Elle lhe disse, que na Lua nova passada lhe dera huma tormenta tão rija, que de todo estiveram perdidos, e que Dinis Fernandez largára as amarras, e que vendo-o ir á véla, lhe perguntára se se le-

varia? E elle lhe respondêra, que se a sua náo tinha boas amaras, que se deixasse estar, porque o tempo avía logo de abonançar, que por serem agoas vivas ventava assi, que elle se hia lançar da outra banda da Ilha, por ser abrigada daquelle vento, e como passasse aquella estrupada, se viria pera elle. Afonso Dalboquerque mandou ajuntar todos os Pilotos, e Mestres, e perguntou-lhes que caminho faria a náo, e se seria perdida? Todos disseram que se não agastasse, porque Dinis Fernandez era tão grande homem do mar, que elle daria boa conta della; quanto mais que antre aquellas Ilhas era o mar tão brando, que as almadias atravessavam de huma parte pera a outra, sem nenhum perigo. Afonso Dalboquerque com isto que lhe os Pilotos disseram, ficou algum tanto mais desagastado, e com tudo mandou D. Antonio de Noronha, que fosse a huma serra alta, que a Ilha tem, donde se vê todo aquelle mar, com alguns Marinheiros, e visse se via alguma náo, e todos os que hiam em sua companhia se affirmáram verem huma náo grande, que hia dobrando o Cabo de Maçandi. Recolhido D. Antonio, estando já todos fornecidos de agoa, fize-

ram-se á véla, e dobrando o Cabo, tomáram huma náo de Guzarates, que vinha do mar Roxo pera Cambaya carregada de sedas, pedra hume, e aljofar, e algum dinheiro. Afonso Dalboquerque mandou vir perante si o Piloto, e Mestre, e perguntou-lhes se víra huma náo grande naquella paragem, que era de sua companhia? O Piloto lhe disse, que estando elle surto detrás do Cabo, vieram huns barços de pescadores recolhendo-se do mar pera terra, e disseram que vinham fugindo de huma náo de Frangues, que hia na volta da India. Sabido isto, mandou despejar as náos de todas as mercadorias que trazia, e pôr-lhes o fogo e soltou os Mouros livremente que se fossem, e tornou a seu caminho, e sem lhe acontecer outra cousa, veio a ver vista de Angediva; e passados tres dias, que ali esteve, partio-se, e foi ter a Cananor, e ali achou o Visorey acompanhado dos Capitães, que lhe fugíram, e do Commendador Rui Soarez, que sendo da sua obrigação, não quis ir a seu chamado, os quaes passava de hum anno, que ali andavam, muito favorecidos do Visorey, sem os castigar por lhe fugirem, e o deixarem na guerra, e dali a

poucos dias chegou Dinis Fernandez no Rey grande com toda a gente a salvamento. E posto que Afonso Dalboquerque sentio muito ver os seus Capitães diante do Visorey sem castigo, dissimulou, e entregou-lhe a Armada, e gente paga de tudo o que lhe era devido até aquella hora, e deu-lhe conta dos trabalhos, que tivera com os Mouros, e com os Christãos, avendo dous annos, e oito meses que andava no mar, conquistando o Reyno de Ormuz, como lhe ElRey Dom Manuel seu Senhor tinha mandado, sem em todo aquelle tempo ter nenhum favor, e ajuda do Visorey.

Fim da Primeira Parte

COMMENTARIOS

DO GRANDE

AFONSO DALBOQUERQUE

CAPITÃO GERAL QUE FOI DAS INDIAS ORIENTAES

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME

PARTE II.



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1913

INDICE DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE SEGUNDA

PARTE II

**Em que se contém o que passou
o grande Afonso Dalboquerque com o Visorey: e o que fez
depois de ser entregue da governança da India,
até tomar Goa a primeira vez**

CAPITULO I

De como chegou a Cananor na entrada de Dezembro do anno de quinhentos e oito: e requereo ao Visorey que lhe entregasse a gõvernança da India, como ElRey D. Manuel mandava em suas provisões, e do que sobre isso passou.

Chegado o Grande Afonso Dalboquerque a Cananor, (como tinha dito), achou ali o Visorey fazendo prestes sua Armada pera ir buscar os Rumes, que estavam em Diu; e como elle tinha já sabido por Fernão Soarez, e Ruy da Cunha, Capitães da Armada de Jorge de Aguiar, (que avia poucos dias que eram chegados), que ElRey D. Manuel

mandava que aquelle anno se fosse pera Portugal, e Afonso Dalboquerque ficasse governando a India, não folgou muito com sua vinda, nem elle de ver quão bem tratados eram do Visorey os Capitães, que lhe fugíram, de Ormuz, e recreceo-se daqui aver antrelles grandes descontentamentos. Passados alguns dias, foi-se Afonso Dalboquerque ao Visorey, e disse-lhe perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha, que pois ElRey D. Manuel mandava que se fosse pera Portugal, e todas as cartas, e negocios vinham endereçados a elle, como a Governador da India, que lhe pedia por mercê que lha entregasse, assi como ElRey mandava, porque estavam na entrada de Dezembro, que era o proprio tempo, em que podia partir, e tinha a náo Betlem, em que sua pessoa iria bem agazalhada, e outras seis náos pera o acompanharem. O Visorey lhe respondeo, que o tempo da sua governança se acabava ainda em Janeiro, e que acabado elle lha entregaria. Afonso Dalboquerque como vio esta determinação do Visorey, não lhe quiz mais repricar, e foi-se pera sua casa, e mandou-lhe mostrar por Antonio de Sintra, que servia de Secretario (por Gaspar Perei-

ra, ficar doente em Cochim), os poderes, e Alvarás, que tinha delRey D. Manuel, assi cerrados, e asselados como os trazia, os quaes Antonio de Sintra abrio, a requerimento de Afonso Dalboquerque; porque dizia no sobrescrito, que se abririam, quando o elle requeresse, e assi abertos os levou ao Visorey, o qual depois de os ter lidos, disse a Antonio de Sintra, que fizera muito mal de abrir aquellas Provisões sem lho primeiro dizer; e Afonso Dalboquerque errára muito no requerimento, que lhe fizera perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha: que lhe dissesse, que seria bom conselho tornalos a cerrar, e telos assi em segredo até sua vinda de Diu. Antonio de Sintra lhe deu este recado, e disse-lhe, que se fosse necessario tornar a cerrar todas aquellas Provisões, que elle o faria de maneira, que parecesse que nunca foram abertas. Afonso Dalboquerque lhe disse: *Segundo isso, Antonio de Sintra, já vós fizestes outra tal como esta; não sou eu o homem, que ei de tornar a cerrar os poderes, e Alvarás delRey, em que me manda que governe a India depois de abertos: dizei ao Visorey, que pois a obrigação desta Armada he mi-*

nha, por ser Governador da India, que ma entregue, que eu irei buscar os Rumes. O Visorey lhe mandou dizer, que elle estava já prestes, e determinado pera fazer aquella jornada, que ficasse elle ali em Cananor, ou se fosse pera Cochim a repousar dos trabalhos passados; e que tanto que tornasse, elle lha entregaria, conforme as Provisões delRey. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle não podia tornar a tempo, que aquelle anno podesse ir pera Portugal: que se determinava de ficar na India, que governasse elle a terra, e lhe deixasse a Armada do mar pera ter cuidado della. O Visorey enfadado já destes recados, disse a Antonio de Sintra, que lhe este recado levou: *Bem está assi por agora,* e não lhe deu outra reposta; e ao outro dia pela menhaã foi Lourenço de Brito, Capitão da fortaleza de Cananor, ver Afonso Dalboquerque, lançado polo Visorey, e depois de outras praticas, começou-lhe a dizer, que não curasse de requerimentos, nem falar naquellas cousas, porque a gente desejava muito que o Visorey ficasse nella; e que se muito apertasse com este negocio, e se posesse em votos de Capitães, que todos aviam de ser des-

te parecer, e que aquillo lhe dizia como seu servidor, e amigo, porque desejava que antre elle, e o Visorey não ouvesse differenças. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que pois lhe não pedia conselho, que podéra escusar dar-lho, porque elle o tinha tomado com aquelles poderes, e Alvarás del-Rey D. Manuel, que ali tinha; que aconselhasse ao Visorey que os comprisse, e não lhe viesse meter biocos.

Passadas esta cousas, vendo Afonso Dalboquerque, que o Visorey lhe não queria entregar a India, e os Capitães que lhe fugíram, e o deixáram na guerra de Ormuz, com seu favor lhe faziam muitas descortesias; por se tirar destes, e dos outros inconvenientes, foi-se embarcar na náo Cirne, em que viera de Ormuz, e partio-se pera Cochim, e pela muita agoa, que a náo fazia, se ouvera de perder no caminho, e chegou aos quatorze dias do mez de Dezembro, e esteve na náo cinco dias, esperando que lhe buscassem humas casas pera pousar, e á náo o vieram ver em chegando Gaspar Pereira, Ruy de Araujo, e os outros Officiaes da Feitoria; e depois de lhes dar conta do que tinha passado com o Visorey em Cananor,

mostrou-lhes os poderes, e Alvarás, que tinha delRey D. Manuel pera ser Capitão geral da India; e disse-lhes, que lhes não mostrava aquelles poderes delRey pera lhe obedecerem, senão pera serem certos, que requerêra ao Visorey, que desistisse do poder, e mando da India, e lha entregasse como ElRey D. Manuel mandava, porque não queria ser azo de se fazer alguma união: que já em Cananor se vieram algumas pessoas a elle, e lhe aconselháram que se chamasse Capitão geral da India, e que elle o não quisera fazer, por escusar bandos, e differenças, e que lhe jurava que o tratáram de maneira em Cananor, que ouvera medo de lhe fazerem alguma descortesia, ou de o matarem. O Visorey como se Afonso Dalboquerque partio, arreceando que se mandasse queixar a ElRey nas náos, que aquelle anno aviam de ir pera Portugal, escreveo ao Prior do Crato seu irmão, que se ajuntasse com o Barão, e com o Governador D. Alvaro de Castro, e todos tres falassem a ElRey, e lhe dissessem, que sua ficada na India fora porque todos os Capitães, e gente nobre lhe requerêram que se não fosse; porque ficando Afonso Dalboquerque por Governador della,

os Mouros se aviam logo de alevantar contra os nossos, e que por esta causa lha não entregára, até Sua Alteza ser advertido do que passava, e prover nisso o que fosse mais seu serviço; e que dos males, que tinha feitos no Reyno de Ormuz, se podia informar de Afonso Lopez da Costa, que lá hia pera o dizerem a ElRey, e de Gaspar Rodriguez lingoa, que dizia que por sua culpa, e máo governo se perdêra Ormuz: e com estas cartas mandou o Visorey Manuel Fragoso a Cochim na fusta, em que Nuno Vaz viera de Ormuz, e escreveo a Gaspar Pereira, que lhe pedia por mercê, que olhasse que antre Afonso Dalboquerque, e Jorge Barreto não ouvesse differenças, porque não sabia quão amigos estavam, e que por escusar escandalos não pousasse na fortaleza, e que lhe dessem as melhores casas da Villa pera pousar, (não sendo as de João da Nova), e que lá lhe mandava huns apontamentos de culpas, que tinha de Afonso Dalboquerque, que lhas amostrasse, e que tambem o tentasse se tomaria tudo o que ouvesse de aver de seu soldo, e quintaladas, quando fosse Capitão mór da India, porque elle lho quisera mandar offerecer, e que lhe

víra tanta vaidade (não tendo de que a ter), que não ousára de o cometer com isso. Afonso Dalboquerque tambem por sua via escreveo a ElRey tudo o que passára com o Visorey, e mandou-lhe a devassa, que em Ormuz mandára tirar da fugida dos Capitães, pedindo-lhe que os castigasse. ElRey D. Manuel ficou tão descontente desta fugida dos Capitães, que chegado Afonso Lopez da Costa, o mandou logo prender na cova do Castelo, e quisera-o mandar degolar por isso, senão tivera amigos, que lhe valêram.

CAPITULO II

Como Gaspar Pereira levou os apontamentos, que lhe o Visorey mandou, ao grande Afonso Dalboquerque, e da reposta que lhe deu.

Passados os dias, que o grande Afonso Dalboquerque esteve na náo esperando que lhe despejassem as casas de Gonçalo Fernandez, em que havia de pousar, veio-se a terra, e Gaspar Pereira o foi logo ver, e disse-lhe, que o Visorey, antes de sua partida de Cananor pera Diu, lhe mandára huns

apontamentos de culpas suas, que lhe mostrasse, que se lhe désse licença pera lhos dar que o faria, e senão, que estariam assi até o Visorey vir, porque elle ali não era mais que messageiro. Afonso Dalboquerque lhe disse, que lhos désse, porque vinha já de Cananor tão farto das cousas do Visorey, que senão avia de espantar de nada, que elle responderia.

A primeira culpa era, que podéra escusar mandar-lhe provicar os seus poderes, que tinha delRey, por Antonio de Sintra em Cananor, e fazer-lhe o requerimento, que lhe tinha feito perante Fernão Soarez, e Rui da Cunha Capitães delRey. Afonso Dalboquerque respondeo, que não sabia porque se espantava tanto daquelle requerimento, pois por muitas vezes tinha dito, que ElRey lhe escrevêra que se fosse pera Portugal, e lhe entregasse a governança da India; e que mais pera espantar era, chegar elle a Cananor, e achalo em determinação de lha não entregar, como fizera.

A segunda culpa era, que deixára Çocotorá sem mandado delRey, e se viera pera a India, tendo-lhe escrito por Tristão da Cunha, que Sua Alteza lhe mandava que tives-

se cuidado della, e por esta causa deixára de a mandar prover do necessario. Afonso Dalboquerque respondeo que chegando a Cananor, lhe dera rezão de sua vinda ser pelos tempos não consentirem outra navegação, porque no mez de Novembro, e Dezembro não se podia tomar de Ormuz a Ilha de Çocotorá, por serem os ventos travessões, e os tempos mui rijos; e que tambem o obrigára vir-se pera a India a muita agoa, que o Rey grande, e o Cirne faziam, por se não perderem, e mais ser já chegado o tempo, em que lhe ElRey mandava entregar a governança da India: E pois lhe pedia tão estreita conta do que fizera, que primeiro a ouvera de tomar aos Capitães, que lhe fogíram da guerra, e a Manuel Telez, que trouxera os mantimentos, que lhe tinha dados pera levar á fortaleza de Çocotorá na sua náo, os quaes lhe trazia diante de si muito favorecidos; e querendo-lhe por muitas vezes dar rezão de si em Cananor, nunca o quisera ouvir, nem ver seu Regimento, porque nelle lhe mandava ElRey, que quando não visse recado seu, fizesse o que lhe parecesse mais seu serviço, e se lhe não parecêra bem sua vinda sem mandado

delRey, como lhe parecia bem sua ficada na India, sem lhe querer entregar a governança della, nem guardar os seus mandados, e regimentos? E que a carta, que lhe escrevêra por Tristão da Cunha, viva estava, e outra, em que lhe dava conta da fugida dos Capitães, pedindo-lhe que lhe tornasse a mandar os navios, e gente, e outros Capitães, e nella lhe dava conta do estado, em que ficava, da qual nunca víra reposta, nem o ajudára, como era obrigado, por ser Capitão geral das Indias; mas antes víra cartas suas pera o Rey, e Cogeatar, desprezando sua pessoa com palavras muito feas, avendo seus trabalhos por cousa de pouca substancia, louvando-lhe muito o que os Capitães fizeram, e como foram bem recebidos delle.

A terceira culpa era, que tivera cercado a Ormuz, sem lhe deixar tirar, nem meter cousa alguma, durante o tempo do seguro, que lhe tinha dado, e Cogeatar lho mandára mostrar, e elle lho não quisera tornar mais, Afonso Dalboquerque respondeo, que era verdade, que durando o tempo do seguro, tivera cercada a Ilha de Ormuz toda em roda, não consentindo, que nenhuma

gente de fóra entrasse nelle, nem saisse de dentro, porque assi lhe cumpria pera segurança da sua gente, e Armada, e aguardar ali o socorro, e ajuda delRey D. Manuel nosso Senhor; porque nas cartas, que achára em Ormuz, quando tornára a Çocotorá, pera Cogeatar, víra bem o socorro, que lhe elle avia de mandar; e boa testemunha era Gaspar Rodriguez lingoa de huma carta, que lhe Cogeatar mostrára com o selo das Armas delRey de Portugal, que não servia de mais que de nichilar seus trabalhos, e sua pessoa, como se fora hum corsairo banido do Reyno; e vendo Cogeatar a pouca conta que fazia delle, (como homem sesudo), entendeo o negocio, e soube-se aproveitar do tempo; e não era de esperar dizerem-lhe algumas pessoas da sua companhia, que fizera o que não devia, por lhe comprazerem, pois víram serem bem recebidos delle os Capitães, que lhe fugíram, com querela de lhe não contentar a guerra que fazia, e mandar-lhe carregar suas quintaladàs, e ordenados; e os que aguardáram, e o acompanháram em todos os trabalhos, e fortunas, como mui bons, e leaes cavaleiros, acharem suas arrecadações em branco, sem lhe serem carregadas suas

quintaladas. E se Cogeatar avia de gozar deste seguro, que lhe elle mandava, rezão era que estivesse elle tambem seguro de Cogeatar; mas elle pedia que lhe guardasse o seguro, e mandava-lhe tirar ás fréchadas, sendo elle Capitão mór delRey de Portugal, em cujo nome o seguro lhe era dado.

A quarta culpa era, que Cogeatar lhe mandára pedir hum mandado, e assinado, que tinha seu, e que lho não quisera dar. Afonso Dalboquerque respondeo, que lhe não lembrava se lho mandára; e ainda que assi fora, não lho ouvera de dar, porque o mandado era pera elle do que avia de fazer, e por dar rezão de si a ElRey D. Manuel do que fizesse, por vir dirigido a elle, nomeando-o por seu nome, e por cima de tudo lhe dera o trelado assinado por elle, asselado com o seu sinete, e hum conhecimento como recebêra aquelle seu mandado; porque se pela ventura o viessem buscar náos, e gente, que ElRey D. Manuel ali mandasse èm seu favor, como ficava ordenado, quando partisse de Portugal, soubesse chegando a Ormuz o que ali passára.

A quinta culpa era, que tomára hum escravo a hum Mouro mercador de Ormuz

contra sua vontade. Afonso Dalboquerque respondeo, que não era tal, senão que viera huma cafila de mercadores da Persia pera Ormúz, e hum Mouro trazia em sua companhia hum moço Christão de Ruxia, o qual, como víra as nossas náos, fugíra, e viera-se meter nellas, e o Mouro lhe pedíra o moço, e elle lho não quisera dar, porque era Christão, e não se queria tornar com elle, e nem por isso ficára cativo; nem se devia de crer, que hum homem tal como elle, cativasse hum moço, que se vinha meter em suas mãos com nome de Christão; e porque Gaspar Pereira, além destes apontamentos, disse a Afonso Dalboquerque outras cousas, que lhe o Visorey mandava dizer por palavra, e huma dellas era, que lhe pagaria todo o ordenado do tempo que ficasse na India, respondeo-lhe, que dissesse ao Visorey, que na Corte delRey de Portugal, donde ambos vieram, não lhe víra elle manhas, nem costumes, pera lhe cometer que vendesse por dinheiro sua honra, e a estima de sua pessoa, e que elle esperava em Deos de fazer tantos serviços naquellas partes a ElRey nosso Senhor, por onde merecesse fazer-lhe mercê de outros titulos mais honrosos que

Visorey. Depois de Afonso Dalboquerque ter respondido a estes apontamentos, mandou chamar Gaspar Pereira e perante Rui de Araujo, e André Diaz, e os outros Officiaes da Feitoria de Cochim, que estavam com elle, lhos deu, e disse-lhe, que se espantava muito delle, sabendo pelas cartas, que lhe ElRey tinha escritas, como a Secretario da India, em que mandava, que o Visorey se fosse pera Portugal, e elle a ficasse governando, aver lhe tamanho medo, que não queria fazer o que Sua Alteza mandava em suas cartas; e que pois o Visorey lhe não queria entregar a governança da India, que elle a não avia de tomar á espada, senão conforme aquelles poderes, que ali tinha delRey seu Senhor. Gaspar Pereira lhe disse, que elle tinha por sem dúvida, que o Visorey lhe deixaria a governança, tanto que chegasse de Diu, como por muitas vezes tinha dito perante aquelles Officiaes, que ali estavam; e quando não quizesse fazer o que ElRey mandava, que lhe deixaria os seus officios, pera que os désse a quem quisesse e serviria com elle.

CAPITULO III

De algumas cousas, que o grande Afonso Dalboquerque passou em Cochim com Jorge Barreto: e da carta, que lhe escreveo Lourenço de Brito Capitão de Cananor, e da reposta que lhe mandou.

Avendo dez dias que o grande Afonso Dalboquerque era chegado a Cochim, Jorge Barreto Capitão da fortaleza, porque lhe o Visorey tinha escrito, que antrelles não ouvesse paixões, foi-o ver a sua casa; e porque era casado com huma filha de Fernão Dalboquerque seu irmão, e tinha recebido delle muito boas obras, assi de sua fazenda, como do mais, e não se lembrando disto, se lançára da parte do Visorey, dizendo-lhe tudo o que quiz delle, e desdenhando sempre suas cousas, não o recebeo bem, e como se foi, mandou-lhe dizer por hum Clerigo, que lhe pedia muito por mercê, que não curasse de ter muita conversação com elle, nem o visitasse, pois era seu imigo capital, e dizia mal delle, e quando se topassem por essas ruas, lhe faria a cortezia que merecia. Jorge Barreto ficou mal contente deste recado, e

foi-se a Gaspar Pereira, e contou-lho, e disse-lhe, que depois disto, entrando na Igreja, onde elle estava ouvindo Missa, lhe quizera falar, e elle posera os olhos no chão, e fizera que o não víra: que determinava de se ir á Feitoria requerer aos Officiaes, que fizessem hum assento de todas estas cousas, porque soubesse o Visorey, quando viesse, as uniões, que Afonso Dalboquerque fazia. Gaspar Pereira, porque o Visorey lhe tinha encommendado que o temperasse de maneira, que antrelles não ouvesse differenças, foi-se a Afonso Dalboquerque, e depois de lhe contar as queixas, que Jorge Barreto delle tinha, disse-lhe, que lhe não parecia serviço delRey estas differenças, e que abastava pera lhe sofrer tudo ser Governador da India: e se antrelles avia vontades danadas, que as guardassem pera Portugal, que lhe pedia que fosse ver a fortaleza (na qual não entrára depois que viera), por não dizerem os negros de Cochim, porque não pousava o Capitão geral na fortaleza e não falava ao Capitão della: elle lhe disse, que não queria ter conversação com Jorge Barreto, nem falar-lhe, porque o avia assi por serviço delRey por muitos respeitos, porque não se contentára

de em Ormuz ser no conselho da fugida dos Capitães, mas ainda como se víra com o Visorey, fizera, e dissera tudo o que quiz contra elle; e que quanto era a dizer, que na Igreja lhe não quisera falar, que lhe jurava pelos Evangelhos, que estavam naquelle livro, em que punha a mão, que o não víra: que falar-lhe onde quer que o topasse, o faria, mas conversação não na avia de aver antrelles; e por se tirar de differenças, tinha mandado ao Mestre, e Marinheiros da náo Cirne, que se fossem todos a Jorge Barreto com seus queixumes, que era Capitão de Cochim, porque elle não avia de entender em nada. Passadas estas cousas, estando Gaspar Pereira, e Antonio Real Patrão mór, e Ruy de Araujo na ribeira, chegou Jorge Barreto a cavalo, e disse-lhes, que Afonso Dalboquerque dissera a Manuel Peçanha, que lhe não avia de falar, porque não era serviço delRey falar-lhe, que quem aquillo ouvisse, podia cuidar delle todos os males do Mundo que quisesse; que lhes pedia por mercê, que fizessem hum auto daquellas emburilhadas pera o Visorey saber as uniões, em que andava, porque elle fora sempre muito leal, e servíra ElRey muito bem; e

que se alguma hora se visse em Portugal, elle lhe perguntaria se era serviço delRey falarem-se, ou não. Gaspar Pereira se foi logo dali a Afonso Dalboquerque, e pediolhe muito que désse ao démo aquellas differenças, que não serviam de nada, senão de dar que falar á gente; e elle lhe respondeo, que se lho assi parecia, que lhe mandasse fazer o seu bargantim prestes pera se ir pera Cananor, porque lá estaria sem ver Jorge Barreto, nem ouvir suas cousas. Como Gaspar Pereira vio, que Afonso Dalboquerque não recebia bem falar-lhe em amizades de Jorge Barreto, foi-se pera sua casa, e não lhe falou mais nisso. E dali a dous dias deram huma carta de Lourenço de Brito Capitão de Cananor a Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que lhe pedia por mercê que andasse sempre muito recatado dos homens de Cochim, porque lhe certificava, que em todo o Mundo nunca víra tão má gente; e que lhe fazia a saber, que não dizia, nem fazia cousa em Cochim, que o Visorey lá por onde hia não soubesse; e que ali em Cananor, onde estava, quando se alevantava pela menhaã se benzia, e pedia a Deos que o guardasse das emburilhadas, e mexericos de

Cochim; e que das cousas passadas antre elle, e o Visorey em Cananor se não agastasse, porque elle esperava que tudo viesse a bom fim, e de o servir muito bem na India, e por aqui lhe foi dizendo outras muitas cousas bem differentes das que dizia perante o Visorey, e nesta carta lhe pedia que a rompesse logo.

REPOSTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE PERA LOURENÇO DE BRITO

Peço-vos por mercê, que confieis de mim, que o meu saber, e siso nunca lançou náo á costa, e bem creio eu que se préga agora na India outra cousa de mim, mas eu lhe perdoo tudo, porque em tempo, e lugar estam que lhe cumpre fazerem o que fazem; mas diante delRey Nosso Senhor, em quem está o galardão de nossos serviços, falam todos verdade, e lá se sabe tudo o que se faz na India, e está por fazer. Não creais que os poderes, que tenho delRey Nosso Senhor, nem a terra, nem os costumes della me hão de danar, porque o grande estomago que tenho, e o meu pesado siso esmoem todas estas contradições, e tudo ato com este verso

de David, que diz: Si Deus adjutor mihi, non timebo quid faciat mihi homo. *E por tanto, Senhor, não ajais dó de mim, mas avei-o dos Capitães delRey Nosso Senhor, que tem seus regimentos, e cartas messivas de Sua Alteza endereçadas a mim, em que me ha por seu Capitão geral nestas partes da India, e não me querem obedecer, apresentando minha pessoa em tempo, que o Visorey tinha seis náos de carga, e moução verdadeira pera se poder partir: e lembre-vos, que vós me mostrastes a vossa carta, e não me esquece a mercê, que me querieis fazer, estando o Visorey pera partir pera Diu, e era, que ficasse eu por vosso Castelão, em quanto fosseis com elle: assi, Senhor, que o conselho, e sofrimento, que lá em Cananor, tive nestas cousas, não me faltará agora, que cá estou metido em huma casa de palha, com nome de Capitão geral destas partes, como me ElRey Nosso Senhor hoje chama em Portugal; e crea Vossa Mercê, que pois todas estas cousas me lá em Cananor achâram duro de entrar, que pouco poder devem de ter em mim os mexericos desta terra, os quaes se revolvem todos, bem disse do Visorey, mal disse do Visorey: estas civildades*

não se hão de achar em mim, nem ha ninguem de ousar de me vir com novas á pousada, porque este primor tive sempre, assi por nação, como por creação: na terra não tenho que dizer, porque todos desejamos de servir ElRey: isto he o que sei nesta ermida, onde estou metido todo o dia, e toda a noite; e quanto he ao segredo, que me encomendais disto que me escreveis, a vossa carta foi logo rota, sem dar conta disso a ninguem. E com esta carta deram outra a Afonso Dalboquerque de Pero Fernandez Tinoco, em que lhe dizia, que se não fiasse em lhe o Visorey dizer, que tanto que tornasse de Diu, lhe entregaria a India, porque depois da sua partida pera Cochim tivera conselho com os Capitães seus amigos, e paniguados, e assentára de lha não entregar, e de o mandar pera Portugal na primeira Armada que viesse.

CAPITULO IV

Como o Visorey D. Francisco Dalmeida, depois de desbaratar os Rumes, se partio de Diu, e veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, e dahi pera Cochim: e do que passou com o grande Afonso Dalboquerque em chegando.

Depois do Visorey ter desbaratado a Armada dos Rumes, partio-se, e veio ter a Cananor, e ali achou cartas de Jorge Barreto, em que lhe escrevia grandes males do grande Afonso Dalboquerque, e de Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo; e como Lourenço de Brito Capitão da fortaleza, era o negociador de todas estas emburilhadas, começou-o tambem por sua parte a indinar, dizendo-lhe muitas cousas contra Afonso Dalboquerque. (Póde ser que se não lembrou da carta, que lhe tinha escrita). O Visorey advertido de tudo o que lhe tinham dito que passava, sem fazer nenhuma demora, se partio, e chegou a Cochim a oito dias do mez de Março do anno de mil e quinhentos e nove, com determinação de não entregar a governança da India a Afonso Dalboquer-

que, aconselhado dos Capitães, que fugíram da guerra de Ormuz, e doutros da sua cevadeira. Afonso Dalboquerque como soube da sua vinda, mandou chamar os Officiaes da Feitoria, e Gaspar Pereira, e disse-lhes que pois o Visorey era chegado, que lhe queria fazer hum requerimento, que lhe entregasse a India, pera lho elles como Officiaes delRey apresentarem; e estando assi todos, e Afonso Dalboquerque escrevendo o requerimento com João Estão, disseram-lhe, que o Visorey vinha polo rio acima na galé, que tomára aos Rumes. Os Officiaes como tinham obrigação de o irem receber, foram-se todos á ribeira, e metêram-se no batel com Jorge de Melo pera ir em sua companhia. O Visorey como os vio, sahio-se da galé, e meteu-se no batel com elles, e veio desembarcar perto da fortaleza, e ali o estavam esperando toda a Clérisia em procissão, e Jorge Barreto Capitão de Cochim com muita gente. Afonso Dalboquerque deixou o requerimento, que estava fazendo, e foi-se com algumas pessoas, que comiam com elle, receber o Visorey, e esteve hum bom pedaço na praia, esperando que desembarcasse: o qual como desembarcou, fazendo

que o não via, foi-se logo direito a Jorge Barreto, e abraçou-o, e fez-lhe grandes gazalhados, e a todos os que ali estavam. Vendo Afonso Dalboquerque a pouca conta que o Visorey fazia delle, tomou-o pela ponta de huma opa de borcado, que levava vestida, e disse-lhe: *Ah Senhor, aqui estou, vede-me.* O Visorey virou-se pera elle, e disse-lhe, que lhe perdoasse que o não víra; e sem lhe responder mais nada, começou a andar, e foram assi todos em procissão até á Igreja, e prégou Mestre Diogo, dizendo grandes louvores da vitoria, que o Visorey ouvera contra os Rumes; e depois da prégação acabada, foi-se o Visorey pera a fortaleza acompanhado dos Capitães, e gente, que ali estava, e chegando á porta, disse-lhe Afonso Dalboquerque: *Senhor, pois vos Deos deu huma tão grande vitoria, e tendes vingada a morte de vosso filho com tanta honra, e nisso não ha já mais que fazer, peço-vos por mercê, que antre nós não haja differenças, e me entregueis a governança da India por estas Provisões, que aqui trago delRey Nosso Senhor, e confiai de mim, que a não hei de lançar a perder, como vos fazem crer meus imigos, porque já em Cananor vo-las*

mandei amostrar por Antonio de Sintra, e não nas quesestes ver, e mandastes-me aconselhar, que as tornasse a cerrar. Estando nesta prática chegou Gaspar Pereira, que o Visorey tinha mandado chamar, e disse-lhe Afonso Dalboquerque: *Gaspar Pereira, pois sois Escrivão dante mim, requeiro-vos da parte delRey Nosso Senhor, que notifiqueis ao Senhor Visorey, e a todos os Capitães, Fidalgos, e gente, que aqui está presente, estas Provisões, que vos aqui entrego, pelas quaes ElRey Nosso Senhor manda, que o Senhor Visorey me entregue a India, e nas costas me passeis hum estromento com suas repostas, ou sem ellas.* Acabado Afonso Dalboquerque de dizer estas palavras, o Visorey virou-lhe as costas, e disse: *Vós não tendes Escrivão dante vós, onde eu estou*; e sem lhe dar outra reposta, se recolheo pera dentro, e Gaspar Pereira, com os poderes, que lhe Afonso Dalboquerque tinha dado, entrou apôs o Visorey, e outros muitos, e começáram a rir, e a zombar do seu requerimento; e João da Nova, que era hum delles, começou a dizer ao Visorey, que faria bem mandalo prezo em ferros pera Portugal, porque era hum doudo, que não sabia

o que dizia, e que bem se sabia quem lhe aconselhava que andasse naquellas parvoices, lànçando todos estes remoques a Gaspar Pereira.

CAPITULO V

O que o Visorey passou com Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo, e os mais Officiaes da Feitoria, sobre esta prática, que teve com o grande Afonso Dalboquerque.

Depois do Visorey estar hum pedaço falando nas cousas, que passára em Diu, despedio todos, e ficou com Ruy de Araujo, André Diaz, Pedromem, Antonio de Sintra, e Gaspar Pereira Officiaes delRey, e Jorge de Melo, que o Visorey quiz que ficasse, e começou a dizer: *Pois estamos sós, queria que falassemos hum pouco no que me disse aquelle doudo de Afonso Dalboquerque, que tão desaventurado he, que me não deixou desencalmar, nem entrar em casa; e logo como desembarquei, me disse, que o recebêra mal, e as parvoices, que todos ouvistes, chamando a Gaspar Pereira Escrivão dante si; e bem vedes quão pouca rezão tem de me pedir que lhe entregue a governança da In-*

dia, nem falar nisso de siso. A culpa tem-na ElRey, que favorece este doudo, e por isso cuida elle que he alguma cousa; e a graça he, que vós Gaspar Pereira, quando vos elle chamou Escrivão dante si, não vos ristes, nem déstes cotoveladas aos que estavam apar de vós, chamando-lhe sandeu, que se fosse muito, era má, que não éreis Escrivão dante elle, e que éreis melhor que elle; e pois vós isto não fizestes, e recebestes delle esses papeis, que trazeis, não no desenganando logo, que não era pera governar a India, sinal he que vos parece bem o que elle requere, e que he verdade que vós, e Rui de Araujo lhe aconselhais todas estas cousas, que eu não podia crer, se mo não affirmáram em Cananor; e sabei certo que este negocio não se ha de curar com malvas, e com unto, senão com ferro frio, porque he caso de treição, e alevantamento contra ElRey Nosso Senhor, e o seu Visorey da India. E já muito menencorio ergueo-se em pé, e disse: (pondo as mãos no abito): *Gaspar Pereira, faço voto a Deos, e a este abito que recebi, que se mais andais nestas cousas, que vos hei de mandar carregar de ferros, e arrastar por essa praia, e ao doudo*

de Afonso Dalboquerque castigalo-hei muito bem, se mais falar, e dai-lhe logo esses papeis, que os guarde, que os não quero ver. E faço voto a Deos, que todo o homem, a que parecer bem o que elle diz, e requer, que logo o mande enforcar, ainda que seja o melhor da India. Os espantos que fazia erão tão grandes, que todos os Officiaes estavam termendo. Gaspar Pereira como era solto, não tendo conta com suas menencorias, lhe disse: *Porque trata Vossa Senhoria mais estas cousas comigo, que com estes Officiaes, que aqui estão? parece que a mim quer dar por parte neste negocio, e eu não sou mais aqui que como Official mostrar estas Provisões delRey Nosso Senhor, que me Afonso Dalboquerque deu, a Vossa Senhoria.* O Visorey lhe disse: *Como consentistes que vos chamasse elle Escrivão dante si?* Gaspar Pereira lhe respondeo: *Pois Vossa Senhoria quer que isto quebre polo mais fraco, dir-lho hei. ElRey Nosso Senhor felo seu Capitão geral da India, depois de Vossa Senhoria acabar seu tempo, e a mim seu Secretario, e assi mo escreve, e a Vossa Senhoria tambem, e nos seus Regimentos assi o diz, e por isso não tem Vossa Senhoria re-*

zão de me reprender sofrer-lhe chamar-me Escrivão dante si. O Visorey lhe respondeo: *Não sei ábofee, será como Deos quizer, porque ElRey não sabe o que de lá manda, nem sabe a India como está, virám todos os Capitães, e saberemos como isso ha de ser, porque eu não hei de entregar a India a hum doudo, que a lance a perder.* Gaspar Pereira lhe disse: *Eu disso não sei nada, lá se avenha Vossa Senhoria, que a mim não toca mais que obedecer a quem me ElRey Nosso Senhor mandar; e vós, que o entendeis melhor, e aveis de dar conta disso, fazei o que quiserdes. Dou-me ao demo Gaspar Pereira,* disse o Visorey, *que melhor o entendeis vós que eu, nem que ninguem; e já me não espanto senão de Ruy de Araujo, que aqui está, que tendo-lhe feito todos os bens que pude, he tambem contra mim.* Ruy de Araujo lhe respondeo: *Que fiz eu a Vossa Senhoria? ou em que vos desagardeci a mercê, e honra, que me tendes feita? porque eu nunca falei contra vós, nem sei cousa, em que vos desservisse: fui-vos receber á praia, quando aqui chegastes, quisera-vos beijar as mãos, como a meu Superior, e não me quizestes ver; mas isto bem sei que não nas-*

ce de Vossa Senhoria, são cousas de Jorge Barreto, que me quer mal por hum requerimento que lhe fiz, que não fizesse huma náo, que queria fazer pera si, contra Regimento delRey, sendo Vossa Senhoria em Diu. O Visorey lhe disse: *Não vai ella por hi, porque ainda que me fosseis receber, quizera eu que foreis todos com rabos de gatos na testa, como diabretes, e eu achei-vos muito carrancudos, como homens, a que pezava de me verem: e logo no passar, e no pòr dos pés de hum homem no chão vejo eu quem me quer bem, e quem me quer mal.* E já muito agastado de lhe falar em Jorge Barreto, disse-lhe tão más palavras, que não faltou mais que pôr-lhe as mãos. Ruy de Araujo como era homem sesudo, sahio-se pela porta fóra, e foi-se pera sua casa sem lhe responder. Ainda que o grande Afonso Dalboquerque ganhasse mais honra no sofrimento, que teve de todas estas palavras, que o Visorey contra elle dizia, que no trabalho, que passou na conquista do Reyno de Ormuz, com tudo parecêra-me rezão lembrar ao Visorey, se fora vivo, as muitas amizades, que seu tresavô tinha recebido de Gonçalo Lourenço de Gomide, Visavô de Afonso Dalbo-

querque, sendo Escrivão da Puridade del-Rey D. João de boa memoria, e valendo muito com elle. Muito tinha que dizer nesta materia, mas pois he morto, quero continuar com a historia, e deixar aos que a lerem, que julguem pelo socedido a Afonso Dalboquerque se tinha o Visorey rezão de o aver por inabil pera governar a India.

CAPITULO VI

O que passou o Visorey com Gaspar Pereira, e o recado, que por elle mandou ao grande Afonso Dalboquerque: e como deu conta aos Officiaes da Feitoria de Cochim, e a Jorge de Melo, e a outros Capitães do que passava ácerca da pimenta, e o que Anchecala com elles passou na Feitoria.

Como o Visorey ficou pouco contente desta prática, que teve com Gaspar Pereira, e com os outros Officiaes da Feitoria, dali a tres dias mandou-o chamar; e sendo Jorge Barreto presente, lhe disse, que estando os dias passados á prática com elle sobre as parvoices de Afonso Dalboquerque, lhe dis-

sera algumas cousas, como homem, que lhe queria mal por amor delle, a que não quizera responder, porque estavam muitos na casa, e que pois os seus tres annos de governança da India eram passados, como elle dizia, porque aceitára os Officios, que lhe dera pera servir com elle? Gaspar Pereira lhe disse: *Eu, Senhor, não vos quero mal, esses officios vós mos déstes sem vo-lo eu pedir, estando Afonso Dalboquerque ainda em Ormuz, e Vossa Senhoria me disse per vezes, que como elle viesse lhe avia logo de entregar a governança da India, rindo-vos muito dos que vos aconselhavam que lha não entregasseis: e lembre-se Vossa Senhoria, que quando aqui chegou Tristão da Cunha, vos disseram, que dizia Manuel Fernandez, que com elle vinha de Portugal, que Afonso Dalboquerque tinha a successão da India, acabando Vossa Senhoria os seus tres annos; e que respondeo a quem lhe isto disse, que a elle, e a huma ave do ceo a entregaria, se o ElRey mandasse: se isto assi he, que erro tenho feito em servir estes officios com Vossa Senhoria?* O Visorey lhe respondeo: *Isso são palavras generales de cortesia, que no obligan la persona: Como quereis vós que*

entregue huma cousa tamanha, como he a India, a hum doudo, que a lance a perder? e ali está Martim Coelho, e outros, que me aconselháram que o prendesse, e o mandasse em ferros pera Portugal. Gaspar Pereira lhe respondeo: *Esses que vos isso aconselham, andam dizendo por detràs de Vossa Senhoria, que mais honra ganháreis em lha entregar, chegando aqui, do que ganhastes na vitoria, que tivestes contra os Rumes; e pois nisto ha tantas emburilhadas, peço a Vossa Senhoria que me deixe, e os officios, que me tem dado, dê-os a quem quiser; porque em fim por derradeiro, ElRey ha-vos de fazer a ambos muita mercé, e eu ei de ficar pagando todas estas differenças; e seria muito mais serviço delRey a quem anda nestes mexericos, lembrar a Vossa Senhoria, que não ahi pimenta pera carrega das náos pera se buscar maneira com que se aja, pois os Officiaes do Rey de Cochim, quando lhe nisso falam, dizem que a não ha, nem dam esperança de se poder aver.* Jorge Barreto como se sentio destas palavras, que Gaspar Pereira disse, respondeo: *Como ha de aver pimenta, se Afonso Dalboquerque, Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo dizem ao Rey,*

que a não mande, se Vossa Senhoria não deixar a governança da India a Afonso Dalboquerque, e se for pera Portugal? e esta he a causa por que não vem, e não pelo que diz Gaspar Pereira. O Visorey enfadado disto que disse Jorge Barreto, mandou dizer a Afonso Dalboquerque por Gaspar Pereira, que se avisasse, que não amostrasse mais a ninguem os poderes, e Alvarás, que tinha delRey D. Manuel, nem lhe fizesse nenhum requerimento, nem se chamasse Capitão geral da India: e que lhe dava licença pera se chamar Capitão da náo Cirne, se quisesse; e que daquelle dia por diante não ouvesse mais nenhum ajuntamento em sua casa, porque tinha por informação, que alguns homens, que lá hiam comer, diziam muito mal delle. E mandou chamar os Officiaes da Feitoria de Cochim, e a Ruy de Araujo, e disse-lhes, como Gaspar Pereira dissera que não avia pimentá na Feitoria, nem esperança de a aver, e que elle tinha entendido que tudo nascia do sandeu de Afonso Dalboquerque, que estava metido em sua casa com dous homens, a que chamava hum Feitor, e outro Escrivão; e com esse dinheiro, que trouxe de Ormuz, mandava pagar sol-

dos, e quer mostrar á gente da India que somos dous Capitães móres (que he cousa muito prejudicial ao serviço delRey, e pera se castigar como caso de treição); e na verdade eu tenho a culpa, porque o ouvera de mandar vir cada dia perante mim, e que andasse comigo, como andam outros melhores que elle ; e se o não faço, he porque me aborrece muito, e agasto-me de o ver diante de mim, porque he tão reitorico, e fala-me sempre tão cavaleirosamente, que o não posso sofrer, e tudo he falar em seus serviços, e em sua honra, e estima de sua pessoa. E porque esta divisão, que ha antre mim, e elle, he causa de não vir pimenta á Feitoria pera carrega das náos, mandeivos chamar pera me dizerdes o que nisto farei. Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo disseram, que elles naquillo não tinham que dizer, que Sua Senhoria se informasse da verdade, e fizesse o que lhe parecesse mais serviço del-Rey Nosso Senhor. André Diaz, Antonio de Sintra, e Diogo Pereira disseram, que devia de mandar, que toda a mercadoria, e dinheiro, que trouxera de Ormuz, mandasse logo entregar na Feitoria delRey. Com este parecer mandou o Visorey dizer a

Afonso Dalboquerque por Diogo Pereira, que mandasse entregar tudo o que trouxera de Ormuz a André Diaz, que servia de Feitor, e que se lhe devessem alguma cousa, que na Feitoria delRey lho mandaria pagar, porque não avia de aver duas Feitorias, nem dous Capitães móres. Afonso Dalboquerque disse a Diogo Pereira, que elle não tinha mais dinheiro que aquelle, que lhe era devido dos seus soldos, e desembargos; e pois elle o ganhára com a lança na mão, e tinha mandado pagar quinze mil cruzados de soldo á gente, que com elle andára, não era cousa muito desarrezoada pagar-se tambem do seu. O Visorey lhe mandou dizer, que era muito bem que se pagasse do seu; mas que o Feitor da sua Armada fosse logo dar conta aos Officiaes delRey, e não fizesse mais nenhum pagamento. Enfadado Afonso Dalboquerque destas repricas, disse a Diogo Pereira: *Dizei ao Visorey, que o Feitor irá dar sua conta; mas que o bom disto seria mandar elle castigar muito bem quem lhe vai com estas mentiras*. E com estas differenças, que antrelles avia, eram pubricas, veio hum Naire (que era Escrivão da fazenda do Rey de

Còchim, que se chamava Anchecala) á Feitoria, onde estavam todos os Officiaes delRey juntos; e depois de falarem na carga da pimenta, lhe disse, que a toda a gente da terra pareciam mal estas cousas, que avia antre Afonso Dalboquerque, e o Visorey; e que o Rey de Cochim seu Senhor, falando hum dia com elle em muitas cousas, lhe dissera, que lhe parecia que os Portugueses andavam mal avindos huns com outros, e que até alli sempre cuidára que eram todos em hum querer, muito obedientes aos mandados do seu Rey: e que a cousa, de que se os Malabares mais espantavam, e mais medo aviam, era a obediencia, que os Portugueses tinham a seu Rey, estando tão longe delle; porque lhe tinham dito, que a hum gruméte, que viesse com hum Alvará delRey de Portugal, obedeceriam todos, e que agora via tantas differenças, que todos os da terra se espantavam, porque viam Afonso Dalboquerque estar metido em huma casa, e o Visorey fazer muito pouca conta delle, e que isto não avia assi de ser, senão serem grandes amigos, e concertados pera o serviço delRey de Portugal ir bem feito; e que o Visorey lhe mandára dizer por Gas-

par da India, que se não avia de ir pera Portugal, de que se espantára muito, porque ElRey D. Manuel seu irmão lhe tinha escrito que o mandava ir, e que Afonso Dalboquerque ficasse governando a India, e que por isto determinava de mandar seus Embaixadores a Portugal pera fazer a saber a ElRey todas estas cousas que passavam; e que o Rey seu Senhor estava muito queixoso do Visorey o tratar mal de palavras perante todos, e dizer mal delle. André Diaz, que ali estava presente, começou a desculpar o Visorey, dizendo, que não tinha culpa naquellas differenças, que avia antre elle, e Afonso Dalboquerque, porque os Capitães, e toda a gente da India não queriam consentir (pelo que cumpria ao serviço delRey), que se fosse. Anchecala, acabado o negocio a que veio, despedio-se dos Officiaes, e foi-se, e André Diaz foi ter com o Visorey, e disse-lhe tudo o que Anchecala dissera na Feitoria perante os Officiaes. O Visorey agastado disse: *E bem: Não sabe esse cabrãosinho delRey de Cochim, que o mandarei pôr naquella Ilha, e falo-hei Caimal, como elle sohia a ser? E o cabrão de Candagora, que o castigarei eu*

muito bem, como elle merece, pois lhe aconselha que fale? E com esta menencoria mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que não saisse fóra da sua casa, nem tivesse conversação com o Rey, nem com seus Officiaes.

CAPITULO VII

Como Francisco de Tavora, por algumas palavras, que ouve com Jorge de Melo Pereira sobre o grande Afonso Dalboquerque, o mandou desafiar, e do mais que nisso passou, e da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India.

Jorge Barreto, e João da Nova desejavam tanto que o Visorey ficasse na India, que como autores deste negocio, buscavam todas as maneiras que podiam pera indinarem a gente contra o grande Afonso Dalboquerque, e andavam de casa em casa dizendo aos homens, que se lembrassem quanto deviam ao Visorey, e quanto mais era pera governar a India, que Afonso Dalboquerque; e que lhes fazia a saber, que estava assentado de lha não entregarem, e cedo o veriam, e que pois assi era, não fossem a sua casa,

nem comessem com elle, porque se perderiam; E porque Francisco de Tavora andava agravado do Visorey, e dizia muitos males dele, por agravos que lhe tinha feito, por amor de Jorge Barreto, que lhe queria mal; porque em Ormuz dissera a Afonso Dalboquerque, que elle fizera fugir os Capitães, trabalhou Jorge Barreto por se reconciliar com elle, porque se arreceou, que por ser amigo de Jorge de Melo, que o era muito de Afonso Dalboquerque, e hia muitas vezes a sua casa, que o fizesse seu amigo, e fosse contra o Visorey; e pera continuarem mais esta amizade, fizeram com o Visorey que lhe mandasse concertar a sua náo, e o favorecesse, por esta ser a principal causa de suas queixas. Como Francisco de Tavora se vio favorecido do Visorey, e que lhe mandava concertar a sua náo, parecendo-lhe que Afonso Dalboquerque já não avia de governar a India, como lhe os outros tinham dito, começou a dizer males delle, por comprazer ao Visorey. Passado isto, estando hum dia á noite Jorge de Melo em casa de Francisco de Tavora falando nestas cousas que passavam, parecendo-lhe mal dizer o Visorey pubricamente, que se não avia de

ir pera Portugal, nem avia de entregar a India a Afonso Dalboquerque (sendo Fernão Perez de Andrade presente), disse-lhe Francisco de Tavora: *Senhor, não deveis de dizer mal do Visorey, nem disfamar delle.* Jorge de Melo lhe respondeo: *Eu nunca disse mal do Visorey; e se disserdes que disse mal delle, dir-vos-ei que não dizeis verdade; mas antes vós me dissestes muitas vezes que lhe querieis mal, porque vos não queria mandar concertar a vossa náo, e tambem porque vo-lo elle queria, por não fugirdes de Ormuz, quando fugiram os outros Capitães, e isto he assi, e agora parece que estais já doutro bordo, que não he manha de homem honrado, e cavaleiro.* E sobre isto passáram muitas palavras más, e ao outro dia pela menhaã, lhe mandou Francisco de Tavora hum escrito de desafio por Fernão Perez de Andrade; e chegado elle a casa de Jorge de Melo, depois de lhe ter dado o escrito de Francisco de Tavora, entrou logo nas suas costas hum moço do Visorey, que vinha chamar Jorge de Melo da sua parte, o qual sabia já tudo o que era passado, e presumio-se que por conselho de todos fizera Francisco de Tavora aquillo,

parecendo-lhe que Jorge de Melo acodisse ao chamado do Visorey, e não fossé ao desafio, e ficasse dali menos cabado de sua honra. Jorge de Melo entendendo a causa, disse ao moço, que se fosse, que elle iria logo; e como se o moço foi, tomou huma espada, e hum bedem, e levou hum moço comsigo, e foi-se á cordoaria (que era o lugar, onde Francisco de Tavora tinha mandado que fosse); e como ali chegou, mandou-lhe dizer por duas vezes, que estava ali esperando, que não tardasse, e nisto chegou Antonio de Sintra a casa de Francisco de Tavora, e chamou-o da parte do Visorey, e depois de lá ser, foi o Alcaide mór em busca de Jorge de Melo á cordoaria, onde estava, e trouxe-o preso, e entrando pela porta do Castelo, disse-lhe o Visorey: *Eu vos prometo, Jorge de Melo, que vós me pagueis o que dissestes, e o que fizestes;* e mandou-o meter na torre da menagem com um grilhão nos pés, e que ninguem falasse com elle. Sabendo Afonso Dalboquerque a prizão de Jorge de Melo, foi-se ao Visorey, e pedio-lhe por mercê que o mandasse soltar, e os fizesse amigos. Elle lhe respondeo, que não era tempo, que primeiro avia de mandar tirar

devassa, e faria justiça de quem tivesse culpa. Afonso Dalboquerque como isto vio, não lhe quiz mais falar que o soltasse, e dali a dez dias chegou Diogo Lopez de Siqueira, que vinha de Portugal por Capitão mór de quatro náos, e a seu requerimento o mandou soltar, e felos amigos, o qual Diogo Lopez ElRey D. Manuel mandava descobrir Malaca, e elle chegou a Cochim muito desbaratado, porque depois que partíra nunca mais víra terra; e passadas suas praticas com o Visorey, depois de lhe dar conta do que lhe ElRey mandava fazer, foi-se pera sua casa, e Jorge Barreto, e Antonio do Campo o foram acompanhando, e começáram-lhe a dizer grandes males de Afonso Dalboquerque; e como toda a gente da India estava em determinação de não consentir que a elle governasse, e que como a migos lhe aconselhavam, se queria ser bem despachado, que não curasse de ter amizade com elle, nem ir a sua casa. Dali a tres dias mandou o Visorey chamar Diogo Lopez de Siqueira, e estando Jeronymo Teixeira presente, lhe disse, que elle folgava muito com a sua vinda por ser naquelle tempo, porque sua determinação era ir-se pera Portugal, e

levar Afonso Dalboquerque comsigo, porque não era serviço delRey governar elle a India, e que elle ficaria por Capitão mór della até ElRey D. Manuel prover nisso, como lhe parecesse. Diogo Lopez de Siqueira lhe beijou as mãos por aquella mercê, que lhe queria fazer; mas que elle não avia de aceitar carrego, que lhe ElRey não dava, que se lhe queria fazer mercê, fosse em o despachar logo pera fazer sua viagem como lhe ElRey mandava. O Visorey como esta não era sua tenção, senão grangear Diogo Lopez pera o ter da sua parte, não apertou com elle que aceitasse a governança, e mandou-lhe concertar os seus navios, e deu-lhe Pilotos, e tudo o que lhe foi necessario em muita abastança pera sua viagem. Diogo Lopez de Siqueira polo comprazer, eomeçou-se dali por diante a arredar da conversação de Afonso Dalboquerque, e a desculpar os Capitães da sua fugida.

CAPITULO VIII

Do requerimento, que Jorge Barreto, e João da Nova, com parecer de alguns Gapitães fizeram ao Visorey D. Francisco Dalmeida, que não entregasse a India a Afonso Dalboquerque, e do conselho que sobre isso todos tiveram.

Ainda que o Visorey folgasse muito de ficar na India, com tudo, arreceando-se que ElRey D. Manuel o não recebesse bem, buscou sempre modos pera lhe dar a entender o grande serviço, que lhe fazia em ficar nella; e posto que pela via do Prior do Crato seu irmão o tivesse já feito, hum dia falando com Jorge Barreto, e João da Nova, lhe disse, que bem viam como a India estava em grande risco de se perder, se Afonso Dalboquerque ficasse nella; mas que elle não podia al-fazer senão ir-se pera Portugal, e obedecer aos mandados delRey seu Senhor, se lhe os Capitães, e toda a gente da India não requeressem que se não fosse por que arreceava que o Rey de Cochim, polo odio, que lhe tinha, e amizade com Afonso Dalboquerque, escrevesse a ElRey este ne-

gocio muito differente do que passava. Como João da Nova, e Jorge Barreto eram os principaes; que urdiam esta tea, ajuntáram-se com Antonio do Campo, André Diaz, Diogo Pereira, Antonio de Sintra, Diogo Pirez (Ayo que foi de D. Lourenço), e ordenáram hum requerimento pera apresentarem ao Visorey; e como o tivera feito, foram-se ambos por essas casas dos Capitães, e Fidalgos, e amostrárão-lho, pedindo-lhe que assinassem nelle, pois sabiam que Afonso Dalboquerque era hum homem muito inabel, e cobiçoso, e não tinha siso, nem saber pera governar nada, quanto mais huma cousa tamanha, como era a India; e depois de muitos terem assinado (porque este requerimento fosse com mais credito ante El-Rey D. Manuel), foram-se ao Rey de Cochim, levando comsigo Antonio de Sintra; e disseram-lhe que olhasse por si, porque Afonso Dalboquerque se carteava com o Çamorim, e que lhe tinha prometido, que tanto que fosse Governador da India faria pazes com elle, e assentaria em Calicut huma casa de Feitoria; e que os Capitães, e toda a gente da India, polo receo que tinha destas cousas, e tambem polo que cumpria a seu

serviço, tinham feito hum requerimento ao Visorey que se não fosse, que lhe pediam muito por mercê que elle tambem da sua parte quizesse favorecer este negocio, pois naquella terra não avia pessoa, que com mais rezão se ouvesse de condoer das cousas do serviço delRey de Portugal que elle. O Rey de Cochim lhe respondeo, que elle não avia de fazer tal, porque lhe não parecia serviço delRey seu irmão fazelo, mas antes lhe parecia muito mal não entregar o Visorey a governança da India a Afonso Dalboquerque, pois ElRey de Portugal lho mandava. O Visorey soube logo isto que o Rey de Cochim respondêra, e mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que os Officiaes da Feitoria se queixavam, que o Rey não queria mandar pimenta ao pezo por amor delle, que se avisasse que lhe não mandasse mais nenhum recado. Afonso Dalboquerque, por escusar paixões, arredou-se da conversação do Rey, e tendo já João da Nova, e Jorge Barreto feitas sũas docuções, huma segunda feira quinze dias de Maio do anno de mil e quinhentos e nove, mandou o Visorey chamar todos os Capitães da India, e Fidalgos, que estavam em Cochim a conse-

lho, e alguns destes eram imigos capitaes de Afonso Dalboquerque, porque os acusava da fraqueza que fizeram em deixarem espedaçar D. Lourenço seu Capitão mór, principalmente Diogo Pirez seu Ayo; pelo qual disse D. Lourenço, vendo-o ir na galé pelo rio a baixo (segundo depois contou Alvaro Lopez Mestre da sua náo, que ali foi cativo): *O trédor Judeu, vai tu muito embora, que eu te prometo que se daqui escapo, que perante meu pai, pois vivo enganado comtigo. te ei de matar ás punhaladas, que me puderas valer com a galé, e não quizeste.* Foram tambem nesta consulta os Capitães, que fugiram de Ormuz, e Antonio de Mendonça, Manuel Peçanha, e Diogo Lopez de Siqueira. Depois de estarem todos juntos Jorge Barreto, que era o que avia de propôr este negocio, se ergueo em pé, e disse, que aquelles Senhores, que ali estavam presentes, lhe requeriam todos da parte delRey D. Manuel, que não entregasse a India a Afonso Dalboquerque, até Sua Alteza não ser informado dos males, e tyrannias, que tinha feito no Reyno de Ormuz, como podia ver por aquelles capitulos, que juntamente com o requerimento lhe ali apresentavão.

O Visorey mandou logo ler o requerimento, e capitulos perante todos por Antonio de Sintra; e acabados de ler, disselhes que olhassem bem o em que se metiam, porque aquelle negocio era de muita importancia; e que se elle fizesse aquillo que lhe requeriam, que aviam de escrever a ElRey, que elles lho aconselháram, pois Sua Alteza do seu saber, e siso confiava o estado da India principalmente o Senhor Manuel Peçanha, que aqui está, o qual ElRey D. Manuel manda, que morrendo eu fique governando a India, porque a elle pertencia olhar por estas cousas. Manuel Peçanha como o Visorey acabou de dizer estas palavras, disse: *Senhor, nós não avemos de consentir que Vossa Senhoria se vá pera Portugal, porque não he serviço delRey deixar a governança da India a Afonso Dalboquerque, pelas rezões, que vão apontadas neste requerimento; e segundo a gente está abalada, de crer he que se Vossa Senhoria for, toda se ha de ir em vossa companhia. Isto digo pubricamente, porque não pretendo aqui outra cousa senão o serviço delRey.* Acabado Manuel Peçanha de dar suas rezões, assentáram todos que o Visorey se não devia de ir pera Portugal, e que

governasse a India até ElRey Nosso Senhor ser informado de tudo isto, e ordenar o que fosse mais seu serviço. E posto que neste conselho ovesse muitas pessoas, que disseram mal de Afonso Dalboquerque, e assináram no requerimento, saidos dali, conhecendo seu erro, mandáram-lhe dizer que lhe perdoasse, que elles fizeram aquillo com medo polos não deshonrar o Visorey; mas eu não lhe recebo esta desculpa, porque o estado do Rey, por muito longo que estê, não ha nunca de estar huma só hora fóra de sua obediencia, e determinação, ainda que custe a vida, quanto mais ameaços, e deshonras. O Visorey como teve assentado isto da maneira que elle quiz, mandou a Antonio de Sintra, que por aquelles capitulos, que eram noventa e seis, tirasse huma devassa de Afonso Dalboquerque, e escreveo a Cogeatar, que se tinha algumas queixas delle, que mandasse huma pessoa, o que viesse acusar, porque elle lhe faria justiça. Tirada a devassa, mandou o Visorey a Antonio de Sintra, que a tivesse em sua mão muito bem guardada até vinda das náos de Portugal, pera assentar com o Capitão mor o que neste caso se avia de fazer. Afonso Dalboquer-

que como soube estes conselhos, e que o Visorey andava desejoso de o tomar em algumas emburilhadas, por lhe não assacarem alguma cousa, tomou por remedio mais seguro não sair fóra de sua casa, e fazer aquella vida, que mais em assossego tivesse as cousas do serviço delRey. E bem creo eu que se isto não fizera, não deixára de aver alguma grande revolta na India; mas foi o seu sofrimento tamanho, que não ouve pessoa, que lhe ouvisse dizer mal, nem ainda queixar-se daquelles, com que tinha rezão, e amizade, por assinarem no requerimento, nem por dizerem que era inabil pera governar a India: e bem se vio depois delle ser Capitão geral della o que fez, e como a governou. E de crer he que hum homem tão honrado, e tão cavaleiro como o Visorey (se naquelle tempo fora vivo), que lhe ouvera de pezar muito das deshonras, e afrontas, que por máos conselhos tinha feitas a este grande Capitão.

CAPITULO IX

Das cousas, que passáram depois deste conselho: e como o Visorey mandou prender João de Christus, Frade da Ordem de Sancto Eloy, e o que se nisso passou.

Como se assentou por todos os Fidalgos, e Capitães, que o Visorey se não fosse pera Portugal, e ficasse governando a India, tomáram daqui muitos homens atrevimento pera fazerem todas as descortesias que poderam a Afonso Dalboquerque, a fim de fazer, ou dizer alguma cousa, com que o pudessem calumniar. Vendo elle a conjuração, que tinham feita em perjuizo de sua honra, por comprazerem todos ao Visorey, começou-se arredar de suas conversações; e avendo muitos dias, que não sahia fóra de sua casa, foi-se um dia pela menhaã, acompanhado dos seus moços, á ribeira (porque ninguem não ousava já de o acompanhar) ver a náo Cirne, que se estava concertando; e passando pela porta de Antonio do Campo, chegáram á janela Jorge Barreto, e Pero Barreto, que estavam com elle, e começáram-lhe de apupar, e chamar

Judeu, trédor. Afonso Dalboquerque foi seu caminho sem lhe responder, e depois de estar hum pedaço na ribeira, tornou-se pera sua casa por outra rua. Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo, como não ficáram contentes do sofrimento de Afonso Dalboquerque, foram-se todos tres á ribeira, e chegáram a tempo que elle era já ido, e começáram a dizer, que se o ali acháram, que lhe ouveram de quebrar a cabeça, e que era tão vão, e tão máo rapaz, que não falava a Jorge Barreto, e dizia que não era serviço delRey falar-lhe, e que ainda elle avia de pagar aquillo que dissera. Garcia de Sousa, que se ali achou a estas práticas, como era bom Fidalgo, e fóra destas emburilhadas, reprendeo-os muito daquellas cousas que diziam, e foi-se dali ao Visorey, e disse-lhe: *Senhor, vós me tendes feito muita mercê, e muita honra, e sempre vos ei de servir, porque vo-lo devo, e por isto, e tambem polo que cumpre a vosso serviço, vos ei de dizer huma cousa, que agora passou perante mim na ribeira, que me não pareceo bem,* e contou-lhe tudo o que Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo disseram a Afonso Dalboquerque, e que João da Nova,

e Antonio de Sintra lhe passavam cada noite pela porta, cantando cantigas mui descortezes; *e sendo Vossa Senhoria em Diu, lhe mandava Jorge Barreto de noite acutilar os seus homens; e Francisco de Tavora, porque hum pagem de Afonso Dalboquerque passou por elle sem lhe tirar o barrete, tomou-o, e deu-lhe muitos couces, e arrepelões, e todas estas cousas fazem, cuidando que vos servem nisso: e pode ser que não saberá Vossa Senhoria parte disso, digo-vo-lo porque os mandeis castigar muito bem.* O Visorey lhe disse, que lhe tinha muito em mercê aquella lembrança, que não sabia que fizesse, porque Afonso Dalboquerque era tão mofino, que não tinha quem lhe quisesse bem, e que já por vezes dissera a João da Nova, que era hum doudo lambareiro, e que não podia acabar com elle que não andasse nestas cousas; mas que logo proveria nisso. E teve o Visorey tão pouca lembrança de os castigar, que dali a tres dias, vindo Jorge Barreto pera a fortaleza a cavalo, topou no caminho com o comprador de Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que se tornasse; e porque o não quiz fazer, dizendo que tinha licença do Visorey pera ir lá

disse-lhes: *Vós de hum cabrão não quereis fazer o que vos eu mando?* e desceo-se do cavalo, e deu-lhe muitas pancadas com hum páo, e trouxe-o diante de si até casa do Meirinho, e mandou-o meter na cadea. O Visorey como o soube, mandou-o soltar e nem por isso reprendeo Jorge Barreto do que fizera; e posto que toda a gente andava temorizada, e não ousavam falar contra as cousas do Visorey, com tudo achando-se alguns homens honrados em casa de João de Christus, (hum Frade de Ordem de Sancto Eloi muito virtuoso,) estranháram muito não no reprender o Visorey. O João de Christus como era homem de bem, disse: *Eu creo verdadeiramente, que não póde a India durar muito com estas cousas, pois sendo Jorge Barreto imigo capital de Afonso Dalboquerque, lhe espanca o seu comprador, sem nisso aver castigo, nem reprensão.* Diogo Rodriguez, Escrivão da náo Flor de la mar, que se ali achou, ouvindo isto, foi-se a João da Nova, (cuidando que lhe dava hum grande alvitre,) e disse-lhe o que João de Christus dissera. João da Nova foi-se logo ver com Jorge Barreto, e ambos se foram ao Visorey, e contáram-lhe o que pas-

sava, e çomeçáram a tratar com o Visorey; que pois João de Christus, por Jorge Barreto espancar hum vilão, ainda que fosse comprador de Afonso Dalboquerque, dissera que por aquellas cousas se avia a India de perder, não podia ser senão que sabia elle certo que Afonso Dalboquerque tinha determinado alguma treição, pera tomar a fortaleza, e matar Jorge Barreto: que Sua Senhoria devia de mandar logo prender João de Christus, e telo em ferros, até que dissesse a verdade, porque era muito amigo de Afonso Dalboquerque, e não sahia nunca de sua casa. O Visorey como recebia bem todas as cousas, que lhe diziam contra Afonso Dalboquerque, sem mais querer saber o como isto passára, só pelo dito destes homens, mandou prender logo João de Christus, e metelo carregado de ferros em hum çótão da fortaleza, e que ninguem falasse com elle.

CAPITULO X

Como sabendo o grande Afonso Dalboquerque a prizão de João de Christus, foi falar ao Visorey sobrelle: e como o mandou prender, e levar a Cananor, e derribar as casas, em que vivia.

Como se soube em Cochim a prizão de João de Christus, ficáram todos mortos, porque não sabiam a causa de sua prizão. Afonso Dalboquerque não sabendo parte destas emburilhadas, foi-se ao Visorey, pedindo-lhe muito por mercê, que mandasse soltar João de Christus, porque era tão bom homem, que não cria delle que podia ter feito cousa, por onde merecesse aquella prizão. O Visorey respondeo-lhe secamente, que deixasse fazer justiça, que o Vigairo geral teria cuidado de o mandar soltar, se na devassa que tirava lhe não achasse culpas, porque elle não entendia nisso. Afonso Dalboquerque lhe disse: *Eu, Senhor, não entendo esta justiça, prenderem João de Christus sem porque, sendo hum homem muito virtuoso, e não se mandar enforcar Domin-*

gos Pousado, que eu conheço muito bem, que foi ontem tomado com furto de duzentos cruzados na mão, e por estar em casa de Antonio do Campo não falão nelle? O Visorey, porque não sofria bem falarem-lhe nestes homens, lhe respondeo, que muitos se queixavam delle de agravos, que lhe fizera em Ormuz, e pelo caminho, e sempre se calára sem lhe pedir rezão disso. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os males, que tinha feitos, era fazer justiça de quem a merecia, que visse elle seu Regimento, e nelle veria que de huma alçada não avia apelação pera outra, senão pera ElRey, o qual até aquella hora não tinha dado esta superioridade a ninguem. O Visorey já agastado respondeo-lhe, que não entendia que cousa era justiça, nem a sabia fazer, e que aquillo se entendia delle, que não era Visorey, senão Rey, em quanto tinha aquelle cargo, e que o rapaz tredor de Gaspar Pereira lhe diria aquillo. Afonso Dalboquerque respondeo, que era de sessenta annos, e vivêra sempre sem conselho de Gaspar Pereira, que como lhe parecia que agora o averia mister mais que nunca; e se elle era aquelle que dizia, porque o não mandava enforcar, pois tinha poder? O Vi-

sorey lhe disse, que depois da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera contra os Rumes, fora dissimulando sempre com elle, e não no quisera castigar, mas que o levaria pera Portugal, e ElRey o mandaria enforcar por trédor. Como Afonso Dalboquerque vio que o Visorey não queria mandar soltar João de Christus, por se não tomar em palavras com elle, despedio-se, e foi-se pera sua casa. Ido Afonso Dalboquerque, mandou o Visorey ter grande guarda na fortaleza de Cochim, lembrando-lhe o que lhe Jorge Barreto, e João da Nova tinham dito, e lançar muitos pregões, que nenhuma pessoa trouxesse armas de dia, nem de noite, sómente os seus criados, e os Capitães, e algumas pessoas, a que elle désse licença, e mandou prender Gaspar Pereira, e Ruy de Araujo, e que cada hum estivesse sobre si, carregados de ferro na fortaleza, e que ninguem falasse com elles, e derrubáram-lhes as casas, em que viviam todas polo chão. E como o intento destes homens era lançarem Afonso Dalboquerque fóra de Cochim, entendendo que por via do seu Confessor (que era hum Frei Francisco da Ordem d'Avis) podiam negociar isto, foram-se a elle, e disseram-

lhe que se quizesse dizer, como Afonso Dalboquerque quizera matar Cogeatar, e alevantar-se com Ormuz, que elles fariam com o Visorey que lhe fizesse mercê, e lhe désse quintaladas. Frei Francisco lhe respondeo, que elle não sabia mais de Afonso Dalboquerque, que velo servir muito bem ElRey, e tomar muitas Vilas, e Lugares no Reyno de Ormuz; que isto diria, se quisessem; e porque em Frei Francisco não acháram cousa, de que podessem lançar mão, fizeram com o Visorey que mandasse prender a Duarte de Sousa, o qual era hum homem Fidalgo pobre, que viera de Portugal degradado na Armada de Afonso Dalboquerque, e andára com elle na conquista do Reyno de Ormuz, e servio tão bem, que lhe alevantou o degredo, e mandou-o assentar em soldo, e a hum filho seu; e porque este Duarte de Sousa comia com Afonso Dalboquerque, e era seu servidor, e nunca João da Nova o pode tirar disso, assacáram-lhe que queria matar o Visorey, sendo elle muito innocente disso, e prendêram-no, e deram-lhe tratos. Como João da Nova, e Jorge Barreto víram que nem por Frei Francisco, nem por Duarte de Sousa podia aver

effeito o que pertendiam, ajuntáram-se com Antonio do Campo, que sabia muito bem a lingoa Malabar, e fizeram huma carta do Principe de Calicut pera Afonso Dalboquerque, e reposta sua pera elle, pondo nella todas as maldades que quizeram, e ordenáram secretamente que fossem ter á mão do Visorey; o qual como as vio, receoso do que dizia nellas, mandou prender Afonso Dalboquerque, e logo aquelle dia foi embarcado pera Cananor no navio de Martim Coelho, e mandou-lhe, que não levasse mais comsigo que tres moços pera o servirem, e que o entregasse a Lourenço de Brito Capitão da fortaleza, que o metesse na torre, e o tivesse a bom recado. Partido Martim Coelho, mandou o Visorey derrubar as casas, em que Afonso Dalboquerque pousava, e tomáram-lhe tudo o que acháram nellas, que foi grande espanto pera o Rey de Cochim, e pera os Naires, dizendo, que aquelle caso era de treição, e compria muito ao estado delRey de Portugal castigalo com rigor; e porque neste tempo estava já Diogo Lopez de Siqueira prestes com sua Armada pera partir pera Malaca, e Garcia de Sousa avia de ir em sua com-

panhia por Capitão de hum navio, mandou-lhe entregar Ruy de Araujo, e Nuno Vaz de Castelo-branco pera os levar comsigo a Malaca, e dahi irem com Diogo Lopez de Sequeira pera Portugal, por serem culpados nestas cousas de Afonso Dalboquerque.

CAPITULO XI

Como chegou a Cananor D. Fernando Coutinho Marichal de Portugal, e dali levou comsigo o grande Afonso Dalboquerque pera governar a India.

Estando as cousas da India no estado que tenho dito, chegou o Marichal D. Fernando Coutinho a Cananor, que partio destes Reynos de Portugal por Capitão mór de huma Armada de quinze vélas, e em Cananor achou o grande Afonso Dalboquerque, que avia tres meses que ali estava preso por mandado do Visorey, e o dia que chegou foi logo a terra pousar com Lourenço de Brito. Afonso Dalboquerque com a chegada do Marichal ficou muito contente, porque além de ser seu sobrinho, tinha por certo que

com sua vinda teriam as differenças dantre elle, e o Visorey algum fim, e deu-lhe conta das offensas, que lhe tinha feitas, e tudo o mais que com elle tinha passado. O Marichal, porque o tempo era breve, pera fazer o que levava determinado antes de sua partida pera Portugal, não se quiz deter, e foi-se ao outro dia pela menhaã embarcar, e levou comsigo a Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a Capitão geral da India, porque a elle mandava ElRey D. Manuel, que entregasse todas as Provisões, e dinheiro que levava, como a seu Governador da India: e disse a Lourenço de Brito, que não podia entender que culpas eram estas de Afonso Dalboquerque, que obrigassem o Visorey a prendelo, e não lhe entregar a India. Lourenço de Brito lhe disse, que elle não sabia mais disso que mandarlho o Visorey prezo, e que o tivesse mui bem guardado, e que se o Visorey nisso tinha feito o que não devia, que lhe tomasse ElRey essa conta. Passadas estas práticas, despedio-se o Marichal de Lourenço de Brito, e partio-se, e chegou a Cochim a vinte e nove de Outubro, e em chegando, mandou-o logo o Visorey visitar por Anto-

nio de Sintra, o qual como entrou na náo, e vio Afonso Dalboquerque, ficou fóra de si; e depois de visitar o Marichal, estando falando com elle em outras cousas, desatentadamente disse a Afonso Dalboquerque, que já o Visorey tinha sabido que a carta, que diziam que escrevêra ao Principe de Calicut, era mentira: Elle não lhe quiz responder, porque sabia que fora hum dos autores daquelle negocio. Antonio de Sintra despedio-se do Marichal, e tornou com recado ao Visorey. Os Capitães, e Fidalgos, que assináram no requerimento, sabendo que o Marichal trazia comsigo Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a Capitão geral da India, ficáram fóra de si, e não se sabiam determinar no que fariam. Afonso Dalboquerque usando com todos daquella sua inviolavel bondade, e limpeza de animo, perdoou-lhe como adiante se dirá. E ao outro dia pela menhaã desembarcáram ambos, e o Visorey os veio receber á praia, acompanhado de todos os da sua parcialidade, porque toda a outra gente o não quis acompanhar, e foram-se assi todos á Igreja; e acabado de fazerem oração, recolheo-se o Visorey á fortaleza, e o Marichal, e Afonso

Dalboquerque pera as casas, onde aviam de pousar, e aquella noite chegou Lourenço de Brito em huma caravela, que se vinha ver com o Visorey, pera saber o como se o Marichal avinha com elle, e tambem pera negociar sua embarcação, porque determinava de se ir com elle pera Portugal, e não ficar na India com Afonso Dalboquerque; e hum sabbado pela menhaã, quatro dias de Novembro, foi o Marichal á fortaleza visitar o Visorey, e passou com elle muitas cousas sobre as differenças, que tivera com Afonso Dalboquerque, e trabalhou muito polos fazer amigos, e nunca pode acabar com Afonso Dalboquerque, que o quisesse ser. O Visorey posto que tinha Provisão delRey pera governar a India até sua partida, vendo o alvoroço, que avia na gente, porque se não fizesse algum máo recado, e tambem por escusar ter paixões com Afonso Dalboquerque, entregou-lhe a India, e foi-se embarcar ao Domingo seguinte, que foram cinco dias do mes de Novembro, e ali esteve embarcado, negoceando sua partida até vinte do dito mes, que se partio pera Cananor na náo Garça, em que avia de ir pera Portugal, e disse aos Capitães, que

aviam de ir em sua companhia, que se fossem logo apôs elle, porque de Cananor avia de fazer sua viagem, Jorge de Melo Pereira, Capitão da náo Betlem, com este edito do Visorey foi-se ao Marichal, e disse-lhe, que por nenhum caso do mundo avia de ir em companhia do Visorey, porque lhe queria mal, e tivera-o preso, e arreceava que o tratasse mal pelo caminho, que queria antes ficar pera ir com elle. O Marichal se foi ao Visorey, e disse-lhe o descontentamento, que Jorge de Melo tinha pera não ir em sua companhia, que lhe pedia por mercê, que se não lembrasse das cousas passadas, e folgasse de o levar comsigo, porque lhe avia de ser bom companheiro; e foi assi, porque na agoada de Saldanha, onde o matáram, não teve parente, nem amigo, que o melhor servisse que Jorge de Melo. O Visorey levou comsigo Jorge Barreto, Antonio do Campo, e Manuel Telez, e outras muitas pessoas honradas, que elles induzíram, metendo-lhe grandes medos pera não ficarem com Afonso Dalboquerque. Muito tinha nisto que dizer; mas por não escandalizar os vivos, quero calar o que sei dos mortos; e João da Nova, que era o que andava em todas

as emburilhadas com Jorge Barreto, morreo em Cochim no mez de Julho do anno de nove, tão desamparado, que não teve ninguem; e Afonso Dalboquerque esquecido de todas as cousas, que lhe tinha feitas, lembrando-se que fora seu companheiro, e o ajudára em todos os trabalhos na conquista do Reyno de Ormuz como cavaleiro, mandou-o enterrar á sua custa, com as suas tochas, e acompanhou-o até a cova, com todos os seus vestidos de preto, o que o Visorey não fez. São pagas, que o Mundo dá a quem não faz o que deve. Partido o Visorey pera Cananor, veio o Rey de Cochim visitar Afonso Dalboquerque, e o Marichal, e depois de terem passado suas palavras de visitação, disse o Marichal ao Rey, que pedia muito a sua Real Senhoria, que mandasse aos seus officiaes, que lhe negoceassem quinze mil quintaes de pimenta, que avia mister pera carregar as suas náos, porque o Visorey lhe dissera, que elle lhas podia carregar todas, se quisesse. O Rey lhe disse, que folgára muito de o poder servir; mas que era impossivel poder-se aver tanta pimenta, porque o anno passado ouvera tão má guarda naquella costa, que foram seis

náos de Calicut carregadas della pera o estreito de Méca; e outras, que carregáram em Coulão, e Caecoulão, foram pera Choramandel, e que esta era a verdade, por onde não avia pimenta velha, e não dizerlhe André Diaz, e Antonio de Sintra, da parte do Visorey perante muitas pessoas, que elle não queria mandar vir pimenta á Feitoria, por cem cruzados de peita que lhe Afonso Dalboquerque déra, ameaçando-o, que se logo não viesse pimenta, que mandaria vir outro herdeiro, que era amigo do Çamorim, e faria pazes com elle: E que se não avia de crer delle que fizesse tal cousa, porque esta vileza, que lhe o Visorey assacára que fizera, em não querer carregar as náos, e cedo, além de ser de serviço del-Rey seu irmão, não avia elle de querer perder seis mil cruzados, que lhe vinham de direitos, por cento de peita, que lhe Afonso Dalboquerque désse. O Marichal lhe disse, que se não agastasse, que aquillo eram modos de falar de officiaes, e que o Visorey lhe não avia de mandar dizer tal cousa como aquella, que todos eram seus vassalos, e que ElRey seu Senhor a todos mandava que o servissem. Com estas palavras do Marichal

ficou o Rey muito contente, e despedio-se delle, e de Afonso Dalboquerque, prometendo-lhe de trabalhar muito por fazer vir toda a pimenta que ouvesse ao pezo.

CAPITULO XII

Como o Marichal disse ao grande Afonso Dalboquerque, que ElRey D. Manuel mandava, que se destruisse a Cidade de Calicut, e do que nisso passárão

Passada esta prática, que o Marichál teve com o Rey de Cochim, como seus desejos eram destruir Calicut antes que se partisse pera Portugal, por não perder tempo, ao outro dia mandou chamar á sua casa Gaspar Pereira Secretario da India, e disse-lhe em segredo, que ElRey D. Manuel lhe encomendára muito, e mandava em seu Regimento, que antes de sua partida destruisse Calicut, parecendo bem a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê que o quisesse ajudar nisso com elle, porque se aquillo não fora, por nenhum preço do Mundo viera á India, porque seus avôs nunca foram mercadores, e que até então

elle não tinha falado nisso a ninguem, posto que Manuel Peçanha, pelo que se dizia em Cochim, o tentára muitas vezes, fazendo-lhe o caso muito leve: que soubesse de Afonso Dalboquerque sua vontade, e tendo nisso dúvida, o tirasse della, porque avia algumas pessoas, que lhe faziam crer que lho avia de estorvar. Gaspar Pereira lhe disse, que não podia ser que fosse contra isso, porque lhe víra sempre boa vontade pera se destruir Calicut, e que tinha pera si, que lhe avia de dar alviçaras, quando lho dissesse, por isso não arreceasse de lho cometer, e que elle da sua parte trabalharia polo servir em tudo o que pudesse; e porémque lhe pedia muito por mercê que devagar cuidasse neste negocio, e ouvesse bom conselho com todas as pessoas, que o entendessem, porque não era tão leve como lhe Manuel Peçanha dava a entender. Passada esta prática, foi-se Gaspar Pereira a casa de Afonso Dalboquerque, e disse-lhe o que passára com o Marichal; e como elle desejava de o comprazer em tudo, estando hum dia em sua casa, sendo Gaspar Pereira presente, pelo tirar daquella sospeita, que tinha, lhe disse, que elle estava ali á sua obe-

diencia, e que naquelle negocio de Calicut não tinha que lhe dizer; porque da primeira vez que viera á India, ficára tão enfadado do Çamorim, que nenhuma outra cousa faria de melhor vontade que destruilo, e que isto cresse delle, e não o que lhe diziam. O Marichal lhe respondeo, que pois lhe queria fazer aquella mercê, que avia de ser logo, porque estavam na entrada de Dezembro, e acabado o negocio, era necessario ficarlhe tempo pera carregar suas náos, porque ElRey D. Manuel lhe mandava em seu Regimento, que antes da sua partida destruisse Calicut. Afonso Dalboquerque lhe disse, que não era necessario Regimento, que bastava querelo elle, quanto mais que El-Rey lhe escrevêra sobrisso; mas que seria bom dar-se conta do negocio a alguns homens em segredo, primeiro que viesse a conselho de todos. O Marichal pareceo-lhe bem, e faláram com Manuel Peçanha, e com outros, e todos disseram que lhe parecia bem. Assentado isto, porque o negocio se fizesse mais dissimuladamente, mandou Afonso Dalboquerque a Lionel Coutinho, e a Bras Teixeira, que estavam prestes, em dous navios pera irem a Baticalá, e trazer cravo pera a

carga das náos, que fizessem o caminho por Onor, e dissessem a Timoja, que elle se ficava fazendo prestes com a Armada da India, e com as náos da carga, antes que se partissem pera Portugal, pera ir sobre Goa; que lhe rogava muito que désse maneira, com que Lionel Coutinho entrasse o rio, pera ver a altura que tinha; e que se elle podesse vir a Cochim pera falarem com o Marichal, que isso seria o melhor, e quando não, que estivesse prestes pera ser com elle naquella jornada. Partidos estes dous Capitães, Lionel Coutinho foi ter com Timoja, e deu-lhe o recado que levava: elle lhe respondeo, que dissesse ao Capitão geral, que não estava em tempo pera poder ir a Cochim; e que quanto ao rio de Goa não era necessario velo ninguem, que abastava telo elle visto, e que Goa estava só sem gente de guarnição, e todos mui amedrentados dos Portugueses, e que em chegando a levaria nas mãos sem perigo, e que elle estaria prestes com sua gente pera o servir naquelle negocio, e que o Visorey lhe tinha feito alguns agravos, e que esperava, quando fosse tempo, de lhe pedir que o desagravasse, pois fora sempre leal servidor delRey de

Portugal, e polo servir tinha recebido muitas perdas, sem disso ter nenhuma satisfação.

CAPITULO XIII

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal deram conta ao Rey de Cochim do sua ida sobre Calicut: e do conselho, que tiveram com os Capitães soorisso.

Partidos estes Capitães, dali a dous dias foram-se o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal ver com o Rey de Cochim, e deram-lhe conta desta sua determinação, e como El-Rey D. Manuel mandava que se destruisse Calicut, e pedíram-lhe muito, que quisesse ser em pessoa com a sua gente nesta empresa, e désse em algum lugar polo sertão, por onde fosse forçado ao Çamorim acodir lá; e não podendo ir, escrevesse a algum Senhor da serra seu amigo, que o fizesse; e porque elles não tinham nenhuma informação de como Calicut estava, depois que em Cochim se começou a dizer que hiam sobrelle, lhe pediam muito por mercê, que mandasse alguns Bramenes secretamente saber onde o Çamorim es-

tava, e que gente tinha, e se tinham feito alguma força junto do desembarcadouro. O Rey de Cochim louvou-lhe muito a determinação, em que estavam, porque todas suas differenças dantre elle, e o Çamorim eram pela muita amizade, que tinha com ElRey de Portugal, e que elle mandaria logo saber o estado, em que tudo estava; e que quanto á sua ida, não tinham que lhe pedir, porque Gaspar da India sabia muito bem que cada anno andava lá quatro, cinco meses, e nisso gastava todos os direitos, que tinha em Cochim, e que as agoas eram ainda muito grandes, e não se podiam passar os rios, e com tudo que elle escreveria a alguns Senhores seus vassalos, e amigos, que começassem a guerra polo sertão. Afonso Dalboquerque, e o Marichal pareceo-lhes bem isto que o Rey disse, e pedíram-lhe vinte paráos pera desembarcar gente em terra. O Rey lhos deu de boa vontade, e offereceo-lhes muitos catures, e gente, se a quisessem, e despedio-se delles, e foi-se pera sua casa, e escreveo logo a certos Senhores da serra a determinação, em que todos ficavam, e mandou dous Bramenes homens honrados, em que se elle

confiava, que fossem a Calicut, e soubessem como estava, e que gente tinha. Estes Bramenes por sua religião podem ir por todas aquellas partes, de hum Reyno pera outro, sem lhes tomarem conta onde vão, nem o que querem. Ido o Rey pera sua casa, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães, e Fidalgos, que avia na Armada, pera lhe dar conta deste negocio, que eram D. Antonio de Noronha, Lionel Coutinho, Manuel Peçanha, Pedrafonso de Aguiar, Ruy Freire, Gomez Freire, Francisco de Sousa Mancias, Jorge da Cunha, Francisco de Sá, Francisco Corvinel, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu irmão, Jorge da Silveira, Manuel de Lacerda, Bastião de Miranda, Antonio da Costa, Duarte de Melo, Francisco Pereira Coutinho, Simão Martinz, Gonçalo Dalmeida, Gaspar da India, que era lingoa, e Gaspar Pereira Secretario. E estando todos juntos, antes de entrarem no conselho, apartou-se o Marichal com Afonso Dalboquerque, e perante Gaspar Pereira lhe disse, que El-Rey seu Senhor lhe tinha mandado em seu Regimento, que aquelle negocio de Calicut se fizesse, se lhe a elle bem parecesse (como

lhe já tinha dito); que lhe pedia por mercê que antes de entrarem no conselho, assentassem ambos o que se devia de fazer, por não ir aventurado ao parecer de quatro Capitães mancebos, que não entendiam a guerra. Afonso Dalboquerque, pelo que já tinha passado com elle, disse-lhe, que se aquilo dizia por lhe parecer que se arrependia do que lhe tinha prometido, como lhe Manuel Peçanha tinha feito crer, que o não cresse, porque elle nunca refusára pelejar, e mais tendo dous mil homens Portugueses, que eram pera conquistar o Mundo, quanto mais o Çamorim, que desejava de ver destruido; mas que hum negocio tamanho como aquelle, e em que todos os Capitães hiam aventurar suas pessoas, não se avia de cometer, sem lhe darem conta disso, e que isto o obrigára mandalos chamar. O Marichal, parecendo-lhe polo que lhe tinham dito, que todo o intento de Afonso Dalboquerque era divertir este negocio, de maneira que se não fizesse, disse-lhe que bem lhe parecia dar-se disso conta aos Capitães: mas que avia de ser com tal determinação, que ainda que lhe parecesse mal, todavia dessem em Calicut, porque ti-

nha sabido que andavam alguns dizendo, que não era serviço delRey cometer aquelle negocio. Elle lhe respondeo, que nas cousas daquella calidade, em que podia aver muitos inconvenientes, não lhe parecia bem ir a determinação diante do conselho, mas praticalo, e assentalo com todos aquelles, que aviam de ser naquelle feito, porque tinha pera si que nenhum o avia de contrariar; e estando nesta prática, chegou o Rey de Cochim, e trazia comsigo os Bramenes, que mandára espiar Calicut, os quaes disseram, que o Rey era ido pelo sertão dentro a huma guerra, que lá tinha, e que na Cidade avia muito poucos Naires, e no Cerame tinham feitas humas tranqueiras de madeira, em que estavam seis bombarbas grossas, e ao longo da praia muitas covas, pera que a gente, que desembarcasse, caisse nellas, e que da banda das casas dos Macuas não avia repairo nenhum; e porque aquelle dia com a vinda do Rey não ouve tempo pera se dar conta aos Capitães (tomada esta informação), ao outro dia pela menhaã os mandou Afonso Dalboquerque chamar, e depois de estarem juntos, disselhes o Marichal, que ElRey Dom Manuel

seu Senhor lhe mandava em seu Regimento, que se destruisse Calicut, e que fosse com conselho, e parecer do Capitão geral da India, que ali estava; e que pelas intelligencias que tiveram, tinham sabido que em Calicut avia pouca gente, e que estavam todos muito temorizados da nova, que lá andava, da sua ida: e que pois o Çamorim era ido pelo sertão, como diziam, não lhe parecia que avia inconvenientes pera deixarem de cometer Calicut; e por aqui lhe foi apresentando outras muitas cousas, todas fundadas em seu destino. Acabado o Marichal de propôr esta prática, ouve diversos pareceres no conselho, porque Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho, e Ruy Freire com alguns outros disseram, que se não devia de cometer Calicut, sem primeiro ser muito bem espiado, e terem mais informação do estado, em que as suas cousas estavam, da que os Bramenes davam. O Marichal enfadado delles, disse-lhes, que aquillo eram inconvenientes de homens indeterminados, que aquelle negocio, pera se fazer, avia de ser assoprar, e comer, porque vindo o Çamorim com todo o seu poder socorrer Calicut, não no tinham elles pera lhe resistir; e

porque a todos os outros Capitães pareceo bem cometer-se Calicut, mandou Afonso Dalboquerque a todos, que se fizessem prestes com toda sua gente pera partirem o derradeiro dia do mes de Dezembro. E estando toda a gente embarcada, como em Calicut avia já algumas atoardas desta ida, pera se mais certificarem disso, mandáram os Governadores da terra pedir pazes dissimuladamente a Afonso Dalboquerque por hum Mouro, que se chamava Cogebequi, que fora sempre nosso amigo; e como elle estava já pera se embarcar, mandou-lhe que se fosse á sua náo, e que lá lhe responderia: e fez isto, porque estando em terra, não tivesse maneira pera mandar avisar os Governadores da determinação em que o achára, e na náo esteve sempre com guarda; e acabado o feito de Calicut, deixou-o ir pera sua casa.

CAPITULO XIV

Como estando o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou Vasco da Silveira de Çocotorá com recado de Duarte de Lemos a pedir-lhe navios, e gente, e do que nisso passou.

Neste tempo, estando já a Armada prestes pera se partir, com a mais da gente embarcada, chegou Vasco da Silveira, que vinha de Çocotorá em huma náo pedir ao grande Afonso Dalboquerque da parte de Duarte de Lemos, que andava por Capitão mór na costa de Arabia, que lhe mandasse navios, porque os que tinha eram tão comestos do buzano, que se não estrevia com elles a comprir as obrigações de seu Regimento. Chegado Vasco da Silveira, foi-se ver com Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que Duarte de Lemos ficava em muita necessidade de navios, porque dous da sua Armada se foram ao fundo de velhos; e os outros, que lhe ficavam, de muito comestos de buzano não se podiam ter sobre a agoa : que lhe pedia por mercê que o despachasse logo antes de se partir. Afonso Dalboquerque

lhe disse, que estava já tão a pique, que não tinha tempo para vestir huma camisa; e ainda que o quisesse despachar, não avia navios prestes pera lhe poder dar, porque todos ficáram desbaratados da ida, que o Visorey fizera aos Rumes, e nunca tivera tempo para os mandar concertar, e que se o Deos trouxesse daquella jornada, que elle o faria. Vasco da Silveira lhe respondeo, que já o anno passado Duarte de Lemos mandára pedir ao Viforey duas galés, e tres navios, que El-Rey D. Manuel lhe escrevêra, que désse a Jorge de Aguiar seu tio, pera andar em sua companhia no Cabo de Guardafum, e na costa de Arabia, e que lhos não mandára, dando por desculpa que hia buscar os Rumes, e que se não avia de desfazer da sua Armada: e que pois os Governadores da India não queriam fazer o que ElRey mandava, que queria tirar seus estromentos, e tornar-se pera Çocotorá, onde Duarte de Lemos estava. Afonso Dalboquerque começou-se de apassionar com Vasco da Silveira de maneira, que conveo ao Marichal, que estava presente, levalo dali pera sua casa, por ser muito amigo de seu pai, e disse-lhe, que lhe pedia por mer

cê, que se não agastasse, porque viera a tempo, que se não podia acodir a huma cousa, e á outra, e que as obrigações da India eram tão grandes, que não avia possibilidade nella pera se remediar tudo aquillo, que ElRey queria que se fizesse: que elle lhe prometia, que acabado o feito de Calicut, o fizesse despachar muito bem. Vasco da Silveira ficou muito contente destas palavras do Marichal, e fóra da paixão que tinha, e offereceo-se pera ir em sua companhia naquella Armada.

Bastião de Miranda, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu irmão, porque arreceavam que Afonso Dalboquerque os tratasse mal, por serem contra elle nas differenças do Viforey, sabendo da vinda de Vasco da Silveira, e ao que vinha, pedíram-lhe muito que os levasse comsigo, e ouvesse licença pera irem com elle. Afonso Dalboquerque sabendo isto, como era de huma rara grandeza de animo, dissimulou com elles, e mandou-os chamar, e perante alguns Capitães lhes disse, que lhes pedia muito, que não cuidassem que lhes tinha má vontade, por assinarem no requerimento, que se fizera ao Visorey, nem por terem

dito algumas cousas em desprezo de sua pessoa, porque bem sabia (segundo o tempo, e as cousas andavam), que lhes cumpria fazerem-no assi; e que fossem certos, que de tudo o que era passado lhe não alembrava nada: que lhes rogava que servissem ElRey muito bem, e sem nenhum pejo lhe dissessem todas as cousas, que lhe parecessem serviço de Sua Alteza, porque em seu nome lhes faria sempre muita mercê; e que lhes jurava por aquelles Sanctos Evangelhos, em que punha a mão, que aquilo era assi, e dentro lhe não ficava outra cousa. Elles lhe disseram, que era verdade que assinâram no requerimento, que se fizera ao Visorey, porque os enganára João da Nova, e Jorge Barreto; mas de dizerem cousa contra sua pessoa, não averia ninguem que tal lhe ouvisse, e que dali por diante serviriam El-Rey da maneira que lhe elle mandasse. E porque Vasco da Silveira morreo em Calicut com o Marichal (como adiante se dirá), tornado Afonso Dalboquerque pera Cochim, acabado o feito de Calicut, mandou Diogo Correa na náo, em que Vasco da Silveira viera, carregada de mantimentos pera a fortaleza de Çocotorá; e chegado lá, contou a Duarte

de Lemos, que avia poucos dias que ali era vindo de Quiloa, o desbarato que ouvera em Calicut, e a morte do Marichal, e a de Vasco da Silveira seu sobrinho, com outros muitos Fidalgos, que ali acabáram, e por isso lhe não podera Afonso Dalboquerque mandar navios, nem galés, porque tudo estava desbaratado, e avia mister tempo pera se concertar, e que se ficava fazendo prestes, huma Armada muito grossa, para se ir ajuntar com elle o veram que vinha, e entrarem o estreito do mar Roxo, como lhe ElRey D. Manuel mandava, dando-lhe as cousas da India lugar. Duarte de Lemos mal contente desta reposta, e agastado da morte de Vasco da Silveira seu sobrinho, entregou a Capitanía da fortaleza a Pero Ferreira. como lhe El-Rey mandava, e deu hum navio a D. Afonso pera se ir pera a India, e elle tornou-se a invernar a Melinde.

CAPITULO XV

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal partíram pera Calicut com sua Armada: e do conselho, que tiveram sobre o desembarcar, e do mais que passou.

Recolhida toda a gente na Armada, que seriam por todas vinte vélas, a fóra paráos, que levavam pera sua desembarcação, em que hiam dous mil homens Portugueses, partíram-se de Cochim o derradeiro dia do mes de Dezembro, e a tres dias de Janeiro foram surgir devante o porto de Calicut; e como chegáram, foi-se o grande Afonso Dalboquerque com todos os seus Capitães á náo do Marichal, e estiveram praticando a maneira que teriam no desembarcar; e visto o sitio, e a disposição do mar, assentáram que fosse defronte das casas dos Macuas, porque andava ali o mar mais brando, e podiam desembarcar todos com menos trabalho. O Marichal, depois disto assentado, disse, que elle arreceava que antre tantos Capitães, e homens mancebos, como estavam naquella Armada, ouvesse algum, que cuidasse que ganhava honra em ser o pri-

meiro que saisse em terra; que lhe jurava se fosse Capitão, ou alguma pessoa da sua Armada, de lhe mandar cortar a cabeça; e se fosse da gente da India, e o Capitão geral que ali estava lha não mandasse cortar, que lhe não avia de falar mais, e que lhe pedia muito que não desembarcassem em terra primeiro que elle, mas que os bateis chegassem todos juntos a hum tempo; e porque ali não estavam todos os seus Capitães, escreveo a cada hum seu escrito disto que estava assentado, nem roubassem a Cidade, nem posessem fogo sem sua licença; e ao outro dia, que foram quatro do mes de Janeiro, se embarcáram todos nos bateis, e foram juntos demandar a terra; e porque a agoa corria muito, mandou Afonso Dalboquerque apertar o seu batel do remo pera não descairem, e diante delle hia Vasco da Silveira em hum paráo, e Rodrigo Rabelo em outro, e assi como hiam foram demandar a terra, e desembarcáram sem darem polo que estava assentado. Afonso Dalboquerque, que estava sobre o remo á vista, esperando que o Marichal tomasse terra (o qual a corrente da maré levou mais abaixo, onde o mar andava de le-

vadia), como vio a gente em terra, e que começavam a caminhar desordenadamente, desembarcou, e correo ao longo da praia a telos que não andassem, até o Marichal chegar, que a este tempo era já desembarcado; e como a gente hia alvoraçada pera cometerem o Cerame, onde os Mouros tinham suas estancias fortificadas com artilheria, não os pode ter; e como os vio ir assi desmandados sem Capitão, foi-se apôs elles a mais andar, e com alguns; que comsigo levava, chegou á dianteira da gente, os quaes estavam já ás lançadas com os Mouros, e todos juntos apertáram com elles de maneira que lhe entráram as estancias per força, e matáram muitos Mouros, e outros fogíram pera a Cidade, e tomáram-lhes seis bombardas grossas que ali tinham. Dos nossos matáram sómente dous homens, e a este tempo vinha o Marichal com sua gente pela praia muito cançado, porque deembarcáram longe, e com a grande calma não podiam sofrer as armas; e vindo assi, chegou-se hum homem darmas a elle, e disse-lhe, que andasse devagar, que já o Cerame era tomado. O Marichal agastou-se muito disso, e soltou muitas palavras, que

podia escusar. Afonso Dalboquerque deixou o Cerame, e veio-se ao longo da praia em busca delle, o qual como o vio começou a bradar, e a dizer, que bem sabia elle que avia de aver desmandos, e que os mais fracos hiam sempre diante. A isto não lhe respondeo nada, e começou-lhe a dar suas desculpas, e que estivera esperando, sem desembarcar muitas horas, por comprir o que lhe tinha prometido, até que se a gente começou a desmandar, e Vasco da Silveira seu servidor fora o primeiro ; e por irem sem Capitão, e não se perderem, desembarcára pera os ter, e que aquella honra era toda sua, pois todos ali hiam debaixo da sua bandeira. O Marichal sem lhe responder foi assi caminhando muito agastado, e chegando ao Cerame, quis logo caminhar direito á Cidade. Afonso Dalboquerque lhe disse, que seria bom descançar ali a gente, e depois de terem hum pouco de repouso, iriam marchando pera a Cidade, e queimariam as náos, e fariam tudo o mais que lhe bem parecesse. O Marichal com hum animo cheio de desconfiança lhe respondeo muito apassionado: *Bem sei eu que isso he o que vós quereis, que não passe daqui, e eu ei de ir ás*

casas do Çamorim, e destruir Calicut antes que coma; e quem quiser ir comigo, vá; e quem não, fique; e tomado de huma desastrada temeridade, chamou Gaspar da India, e disse-lhe, que caminhasse diante, e o levasse aos paços do Rey. Afonso Dalboquerque, quando o vio com aquella determinação, disse-lhe, que lhe dizia aquillo, porque fazia grande calma, e a gente estava muito cansada, e sem comer, e dali aos paços era hum grande pedaço, e não sabia como lá chegariam; e se per cima de todas estas rezões queria ir, que elle não avia de ser dos derradeiros. O Marichal sem lhe responder começou a caminhar com sua bandeira diante; e ainda que a elle lhe não pareceo bem esta sua contumàcia, foi-o seguindo, pelo que lhe tinha dito; e porque isto era na entrada dos valos, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, e a Rodrigo Rabelo, com trezentos homens, que fossem queimar as náos, e depois de queimadas se tornassem ali, e estivessem em corpo com a sua gente pera acodirem aonde vissem algum desmancho.

CAPITULO XVI

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal entráram a Cidade de Calicut, e foram ás casas do Çamorim, e os nossos desbaratados, e o Marichal morto, e o mais que passou.

Começando o Marichal, que hia na dianteira, a entrar pela Cidade, caminhando pera os paços de Çamorim, vieram ter com elle vinte, ou trinta Naires com suas espadas, e adargas, bradando como he seu costume; e como os assi vio, começou a zombar, e disse a Gaspar Pereira, que hia junto com elle: *Este he o vosso Calicut, com que a todos nos espantais em Portugal?* Gaspar Pereira lhe respondeo, que désse com a mão na boca, porque elle lhe ficava, que se aquelle dia fossem ás casas do Çamorim, que aquelles negrinhos nús o enfadassem. O Marichal lhe disse: *Não he esta a gente, que me a mim ha de enfadar;* e chegando a huma mesquita, que estava na entrada da Cidade, mandou-lhe pôr o fogo; e quando aqui chegou, hia já tão cansado, que o levavam dous homens sobraçado. Os nossos soldados, por-

que á entrada da Cidade não achâram quem lhe resistisse, meteram-se a roubar. O Marichal com esses, que lhe ficáram, chegou aos paços, e deu logo em duzentos Naires, que estavam em guarda delles, e poseram-lhes as lanças com tanto esforço, que os desbaratáram, e matáram oitenta, e o Governador da Cidade, e dous Caimais do Çamorim, que ali estavam, e os outros poseram-se em fogida, e com esta vitoria entrou pelas portas dos paços dentro, e foi ter a um patio grande, que as casas tinham, tão cançado, que como entrou assentou-se em um poial, e ali esteve hum grande espaço sem se poder bulir. A gente, que com elle entrou, começou a quebrar algumas portas, que estavam fechadas, e metêram-se a roubar o que achâram; e porque este patio, onde o Marichal estava, tinha duas portas defronte de duas ruas da Cidade, começáram a vir por ellas muitos Naires, que vinham a socorrer os que estavam em guarda dos paços, e ás fréchadas feríram muitos dos nossos. O Marichal assi cançado como estava, com huns poucos que tinha comsigo, foi-os cometer, e escozeo-os de maneira, que os fez arredar de si. Afonso Dalboquerque,

que hia na traseira, como chegou á porta dos paços, por onde o Marichal entrára, deixou-se estar quedo com sua gente junta em hum terreiro grande, que ali estava diante dos paços. Os Naires como víram a nossa gente junta, vieram-nos cometer, e ás fréchadas tratáram-nos tão mal, que conveo a Afonso Dalboquerque, polos arredar de si, dizer a Pedrafonso Daguiar, que lhe mandasse tirar com o berço que trazia. Os Naires como se víram mal tratados do tiro, arredáram-se pera fóra, e começáram a dar grandes gritas, que he huma maneira, que elles tem pera ajuntar gente. Como Afonso Dalboquerque ouvio as gritas na Cidade, mandou dizer ao Marichal por duas vezes, que se recolhesse. Elle como estava ainda com a menencoria passada, não deu polo seu recado, e deixou-se estar muito descançado. Afonso Dalboquerque vendo que os Naires cresciam, e o Marichal se não queria recolher, deixou Gonçalo Queimado, que levava a sua bandeira com a gente, e entrou dentro; e já muito menencorio lhe disse, que se recolhesse logo, porque não era tempo pera esperar mais, que os Naires eram muitos, e de cada vez aviam de ser mais, e lhe

tinham ferido parte da sua gente, e dali ás náos era muito longe, e que se huma só hora tardasse, que se perderiam todos. O Marichal começou logo a recolher sua gente, que andava desmandada, e sahio-se pera o terreiro; e depois de estarem todos juntos disse-lhe Afonso Dalboquerque: *Senhor, como quereis que isto seja, porque esta nossa gente ha mister quem a encaminhe, e quem a tenha que se não desmande? porque os Naires são muitos, e o caminho está desfeito, e ei medo que se faça hoje aqui algum máo recado, se nos não ordenarmos bem.* O Marichal lhe disse, que pois assi lhe parecia, que tomasse a dianteira, e elle ficaria detrás com a sua gente. Afonso Dalboquerque começou a caminhar com sua bandeira, e levava Gaspar da India diante, que lhe hia mostrando o caminho; e porque tudo eram valos de huma parte, e da outra, começou a gente da terra acodir, e per cima delles com setas, pedras, e azagunchos de arremeço, tratáram muito mal a nossa gente; e posto que passavam trabalho, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que não travassem com elles, e que se fossem a mais andar direito á praia. O Marichal, que ficava na traseira, como

começáram a caminhar, mandou pôr o fogo aos paços. Os Naires como víram o fogo acodíram logo pera o apagarem, e acháram o Marichal, que se hia recolhendo, e forão-no cometer; e como os Naires vinham de refresco, e os nossos estavam muito cansados, depois de pelejarem hum grande espaço, poseram-nos em desbarato, e matáram o Marichal, e o seu Alferes, e Manuel Peçanha, Vasco da Silveira, Lionel Coutinho, e Filippe Rodriguez, que seriam por todos dez, ou doze homens principaes. Como a nova chegou a Afonso Dalboquerque, que o Marichal pelejava, fez volta, e não voltáram com elle senão muito poucos, indo diante quinhentos, ou seiscentos homens: e nesta volta lhe feríram muitos, e a elle deram huma lançada com hum zaguncho de cima de hum valo no hombro esquerdo, e outra na espadoa, de que cahio; e Diogo Fernandez de Béja, que hia perto delle, o salvou de o não matarem com assás trabalho, e ás costas de dous homens o levou ás náos; e nesta volta matáram Gonçalo Queimado, que levava a sua bandeira, que acabou como muito valente cavaleiro, apegado com o seu Capitão. D. Antonio de Noronha, e Rodrigo

Rabelo, vendo o desbarato da nossa gente, acodíram á entrada destes valos a telos que não fogissem, porque não avia de que fogir; e senão fora este novo socorro, o desbarato fora maior. Os Naires, que vinham seguindo a nossa gente, como chegáram aonde D. Antonio, e Rodrigo Rabelo estavam, não ousáram de ir mais por diante, e tornáram-se. Os nossos hiam tão fóra de si, que em chegando á praia, deixavam as armas, e metiam-se pela agoa a embarcar nos bateis Afonso Dalboquerque porque tinha grandes dores, e não se atrevia a subir na sua náo, mandou que o levassem á caravela de Antonio Pacheco, que estava mais perto, e ali foi curado, e esteve aquella noite, e ao outro dia pela menhaã foi-se pera a sua náo, e mandou fazer toda a Armada á véla caminho de Cochim, e deixou sobre o porto de Calicut Jorge Botelho, e Simão Afonso nas suas caravelas, com regimento que não deixassem sair nenhuma náo daquella costa com especiaria.

CAPITULO XVII

Do que o Çamorim fez, quando soube que os portugueses tinham entrado a Cidade de Calicut: e como o grande Afonso Dalboquerque mandou Fr. Luis a Narsinga dar conta ao Rey do que passára em Calicut, e do mais que se passou.

Ao tempo que o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal chegáram com a sua Armada sobre Calicut, avia dias que o Çamorim andava polo sertão dentro, junto da serra em guerra, contra hum grande Senhor servidor do Rey de Cochim. Chegando-lhe recado que os Portugueses tinham entrado a Cidade, alevantou seu arraial, e partiu-se com grande pressa de noite sem ser sentido dos imigos. O Senhor da serra, como foi menhaã, que vio o arraial do Çamorim alevantado, e elle partido, foi-lhe seguindo o alcance, queimando, e destroindo toda a terra por onde hia. Chegado o Çamorim a Calicut, avia já quatro dias que Afonso Dalboquerque era partido; e como vio a des-

truição da Cidade, e a sua mesquita, e paços tudo queimado, e o seu Catual Governador da Cidade, e dous Caimais mortos, e dessoutra gente do povo, e Malabares passante de tres mil, ficou muito triste, e fazendo mostas de grande sentimento, não quis entrar nos seus paços, e mandou chamar os Mouros principaes da Cidade, e culpou-os muito por quão fracamente se ouveram em a defender, e jurou-lhes de os destroir, e lançar fóra do seu Reyno: e o que mais fez sentir esta destroição foi saber, que dos Portugueses não eram mais mortos que oitenta: e ainda estes creo eu que não morrêram, se os nossos aquelle dia não fugíram tão desordenamente, sem aver força de Naires (que he a principal gente que o Rey tem), que pelejasse com elles, nem os metesse em tamanha desordem, que deixassem espedaçar dous Capitães móres, e dez, ou doze Fidalgos, que ali acabáram com elles, sem volverem o rosto atrás pera verem de que fogiam: porque se ouvera vinte homens, que quiseram ter mão em si, o Marichal não morrêra, nem Afonso Dalboquerque fora espedaçado, porque todos os outros, que ali matáram, era gente sem vergonha, e

sem temor dos pregões, que eram lançados, e andavam por essas casas a roubar; e porque os Naires andavam tambem a roubar, se na casa em que entravam achavam alguns Portuguezes, os mais venciam os menos, e desta maneira morrêram alguns, e outros atalhou o fogo, que poseram contra o que estava assentado. E porque Afonso Dalboquerque sentio muito a morte do Marichal, e daquelles Fidalgos, que com elle morrêram, determinou de buscar maneira pera se vingar; e escreveo ao Rey de Narsinga (porque confina o seu Reyno com o de Calicut, e não eram muito amigos), que querendo vir com sua gente por terra, que elle iria por mar, e destruiriam o Çamorim, e que trabalharia por ter intelligencias com alguns Senhores da serra pera o ajudarem: e a este negocio mandou Fr. Luis da Ordem de S. Francisco com huma instrucção do que lhe avia de dizer, que aqui vai escrita, o qual se partio de Cochim em hum navio, e foi ter a Baticalá, e dahi fez seu caminho por terra direito a Narsinga, e despachou Diogo Correa com recado pera Duarte de Lemos, como atrás tenho dito; e depois de serem partidos, dahi a dous dias chegáram dous na-

vios da Armada de Diogo Lopez de Sequeira, em que vinha Nuno Vaz de Castelobranco, que lhe contou tudo o que lá se passára em Malaca, e que os Governadores da Cidade tiveram ordenada huma treição a Diogo Lopez de Sequeira por mandado do Rey pera o tomarem em terra em hum banquete, que lhe avia de dar, e a todos os que com elles fossem, e depois tomarem a Armada, e que não ouvera effeito porque Diogo Lopez de Sequeira fora avisado por huma Jaoa, amiga de hum Marinheiro nosso, que de noite veio a nado ter á sua náo: e que o Rey vendo que a treição era descuberta, lançára mão de Ruy de Araujo Feitor, e de vinte homens, que com elle estavam em terra, negoceando a carrega pera as náos, e que dos navios da Armada mandára queimar dous, por não ter gente que os navegasse, e se partíra; e chegando a Caecoulão, onde lhe disseram que elle era Capitão geral da India, despedíra aquelles dous navios, que se viessem a Cochim, porque faziam muita agoa, o dali fizera seu caminho pera Portugal por fóra da Ilha de S. Lourenço.

Instrucção, que levou Fr. Luis.

«Primeiramente direis ao Rey de Narsinga que lhe faço a saber, que eu sou ora novamente vindo por Capitão geral destas partes da India, por mandado delRey de Portugal; e que confiando na amizade, que seus antecessores tiveram com elle, o mando visitar por vós, e offerecer-lhe as Armadas, e gente delRey meu Senhor; porque sei certo que folgará muito de o eu assi fazer, confiando em sua amizade, recados, e offerecimentos, que sempre teve dos Reys seus antecessores e lhe foram dados em Portugal.

«Lhe direis da grandeza, e poder delRey meu Senhor, e as grandes Armadas, que cada anno envia á India, e como o mar della se não navega já sem seu seguro; e aquelles, que o não levam, como lhe são tomadas suas náos, e mercadorias: e assi lhe direis, como em meus Regimentos me manda, que a todos os Reys gentios de sua terra, e de todo o Malabar, faça honra, e gasalhado, e sejam bem tratados de mim, e não lhe tome suas náos, nem mercadorias: e que destrua os Mouros, com os quaes tenho sempre contínua guerra, como sei que elle mesmo tem: pela qual rezão espero de o ajudar com as Armadas, e gente delRey meu Senhor,

cada vez que lhe comprir, e que o mesmo espero eu que elle faça com sua gente, lugares, portos, e mantimentos, e tudo o que de seu Reyno me for necessario: e que as náos, que navegam pera seus portos, andam seguras por todo o mar da India, e recebem honra, e bom tratamento das Armadas del-Rey de Portugal, e de suas fortalezas.

«Lhe dareis conta da destruição de Calicut, e como eu sou informado, que elle he seu imigo capital, e deseja de o destruir: e por tanto lhe mando notificar, que os seus paços, e Cidade tudo foi queimado, e se trouxe á espada, e toda sua artilheria tomada, e que o Çamorim não ousou de socorrer a Cidade, e se deixou estar na serra, que está sobre Calicut, que he nos confins do seu Reyno, até que soube que éramos partidos.

«Lhe direis, que minha determinação he prender o Çamorim, e mandalo a Portugal a ElRey meu Senhor, e que isto se póde muito bem fazer, querendo elle vir com seus arraiaes sobre as serras de Calicut, onde se o Çamorim recolhe, quando lhe fazem a guerra na ribeira do mar; e entrando este polo sertão, que eu irei pela ribeira com huma grossa Armada, destruindo todos os seus

portos, e lugvres, de maneira que o Çamorim não possa socorrer a huma parte, e á outra com sua gente, e o tomemos sem poder escapar, e que lançaremos os Mouros fóra de Calicut, que são os que lhe dam todo o dinheiro, que elle ha mister pera a guerra, e tirando-lhos da terra, ficarão seus portos sem trato, destroidos, e desfeitos, e que acabado isto, entenderei logo no feito de Goa, onde o poderei ajudar na guerra contra o Rey de Decan, e lhe tirarei o trato dos cavalos, que vam pera o seu Reyno, com que lhe elle faz a guerra.

«Lhe direis como Ormuz he delRey meu Senhor; e quérendo elle sua amizade, e mandalo visitar a Portugal por seus Embaixadores com presentes, em que mostre sinal de verdadeira amizade, que elle lhe mandará muitas cousas que ha em seu Reyno, e que os cavalos de Ormuz não vam senão a Baticalá, ou a qualquer outro porto seu, donde os elle possa aver, e não irão ao Rey de Decan, que he Mouro, e seu imigo; e pera nossa amizade ser mais firme, lhe direis, que vindo elle pera estas partes com seu arraial, que eu o irei ver, e assentaremos muitas cousas, que cumprem a seu serviço. E

torno-vos a lembrar, que trabalheis quanto poderdes, que o Rey de Narsinga mande seus Embaixadores a Portugal visitar ElRey com joias, e cousas de sua terra.

«Lhe falareis, que sendo caso que cumpra a ElRey meu Senhor fazer assento, e Feitoria em qualquer lugar dos seus portos, desde Baticalá até Mangalor, que mande que suas gentes, e Armadas sejam recebidas nelles, e dem lugar pera se fazer huma casa forte, onde possam estar seguras suas mercadorias, e gente de qualquer alvoroço do povo, que sobrevier, visto como está tão longe, que as suas justiças não podem acodir a tempo, que o possam remediar; e querendo elle fazer isto, terá seguro todo o trato dos cavalos, e todas as outras mercadorias de Portugal, de que tiver necessidade em sua terra».

Da Provincia do Malabar, e alguns costumes, que os Malabares tem

A provincia do Malabar começa do porto de Maceirão, junto com Mangalor, e vai acabar no Cabo de Comorin polo sertão, com

o grande Reyno de Narsinga, e ao longo de toda esta terra corre huma serra mui alta, que devide esta Provincia do Malabar do Reyno de Narsinga. O mais largo desta terra, da costa do mar até a serra, serão quinze legoas. São estas serras tão altas, que dizem os de Narsinga, que em sua terra não ventão levantes, porque he tamanha a altura dellas, que tolhe que não passem da outra banda. Terá esta Provincia por costa cento e trinta legoas: e ha nella muitos Reys, e são todos gentios. Os filhos do Rey não herdam, senão os sobrinhos filhos de suas irmans, e não os filhos dos irmãos, porque hão por cousa muito duvidosa serem seus filhos; e por tanto se tem irmã, dam-na a hum Bramene, que a tenha por manceba, e os filhos desta herdam o Reyno; e se acham Bramenes Patamares, que são do Reyno de Cambaya (avidos naquellas partes por gente mais fidalga que todos), dam-lhes as irmans que as levem de virgindade, e com isto muito dinheiro, porque queiram tomar este trabalho, que elles são mui rigorosos de fazer, e os filhos destas herdam o Reyno. Estes Bramenes são huns homens religiosos (como cá antre nós Sacerdotes), que tem

cuidado de seus pagodes. Tem antre si huma sciencia por lingoagem, que he como entre nós o Latim, que não na entende senão quem na aprende. São casados com huma só mulher: não comem carne, nem pescado, nem cousa, que padeça morte: comem arroz, leite, manteiga, e fruitas, e bebem agoa. E porque nunca faltasse este mantimento pera os Bramenes, que eram muitos, ordenáram os antigos desta terra, que não matassem vacas, nem bois, sob pena de morte; e guardou-se tanto esta Lei, que não tão sómente os não comem, mas adoram-nos, e são avidos antre elles por cousa sancta. Tem conhecimento da Trindade, e de Nossa Senhora, por onde parece que antigamente foram Christãos. Os Naires desta terra são homens de guerra, e avidos por cavaleiros, e mais honrada gente de toda a terra, e dizem que averá nesta Provincia duzentos mil homens destes. São muito leaes a seu Rey, e adoram nelle, e não se acha que Naire lhe fizesse nunca treição. Tem Fysicos, e curam desta maneira. Aos que são doentes de fevres, dam-lhes a comer carne, e pescado, e purgam-nos com semente de figueira de Inferno, ou as folhas pizadas, e dam-

lhas a beber com agoa. Se tem camaras, dam-lhe a beber agua de cocos fresca, e estanca logo. Se arrebeça, lavam-lhes a cabeça com agoa fria, e cessa o vomito. Se he ferido, lançam-lhe azeite quente, cada dia tres vezes, e desta maneira sáram. Nas doenças perlongadas o remedio que dam aos doentes he, que tenham tangedores, e que façam romarias a seus pagodes. Ha nesta Provincia do Malabar de Chetuá até Coulão muitos Christãos do tempo de S. Thomé, e tem muitas Igrejàs. Muitos outros costumes tem, que não escrevo por escusar proluxidade, e deixo-o aos que escreveráõ a historia da India.

CAPITULO XVIII

Como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua Armada com determinação de entrar o estreito do mar Roxo: e do conselho, que teve pera ir sobre Goa.

Sendo já o grande Afonso Dalboquerque são de suas feridas, posto que do braço ficasse hum pouco mal tratado de maneira, que o não podia levar bem á cabeça, enten-

deo logo em mandar concertar todas as náos, navios, e galés, que o Visorey deixára ao tempo de sua partida pera Portugal desbaratados; e tendo já a Armada prestes de todas as cousas necessarias pera o tempo, que lá andasse, mandou chamar os Capitães, e disse-lhes: *Senhores, pois as cousas do Malabar estam de assossego, e no estado, em que vedes, minha determinação he ir a Çocotorá ajuntar-me com Duarte de Lemos, como ElRey Nosso Senhor me tem mandado que faça, e dahi fazermos nosso caminho ao estreito do mar Roxo a buscar a Armada do grão Soldão; e não na achando no mar, ir a Suez, e queimar-lha, porque o bom conselho he ilos lá buscar, e não deixalos chegar a pôrem as costas na India, onde tem certo o favor, e ajuda dos Mouros pera contra nós, e este será sempre meu parecer, em quanto a governar, por muitas rezões, que pera isso darei quando me o tempo der mais vagar, e depois disto irmos acabar a fortaleza de Ormuz, que deixei começada: e peço-vos que olhando bem huma cousa, e a outra, me digais o que devo de fazer*; e passadas muitas práticas, que sobre este negocio tiveram, assentou-se, que devia de ir ao estreito do mar

Roxo; e quanto a Ormuz, que o tempo lhe mostraria o que avia de fazer. Determinado isto, deixou Afonso Dalboquerque as fortalezas de Cochim, e Cananor providas de Capitães, e gente, artilheria, polvora, e mantimentos, e tudo o mais que lhe era necessario, e huma Armada ao longo da costa pera acodir a qualquer cousa que socedesse; e partio-se de Cochim a dez dias de Fevereiro do anno de mil e quinhentos e dez em huma Armada de vinte e tres vélas, de que eram Capitães Dom Antonio de Noronha seu sobrinho, Garcia de Sousa, que viera de Malaca, Luis Coutinho, Jorge Fogaça, Jeronymo Teixeira, João Nunez, Diogo Fernandez de Béja, Jorge da Silveira, Simão Martinz, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmão, Aires da Silva, Francisco Pantoja, Duarte de Melo, D. Jeronymo de Lima, Francisco Pereira Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Manuel de Lacerda, Bernaldim Freire, Jorge da Cunha, Antonio da Costa, e Francisco Corvinel Florentim de nação; e navegando ao longo da costa com toda esta Armada, fez seu caminho direito a Anjadiva, donde levava determinado de atravessar ao Cabo de Guardafum; e sendo

tanto avante, como o porto de Mergeu, veio Timoja em huma fusta ter á náo de Afonso Dalboquerque, o qual era hum Gentio de nação, muito servidor delRey de Portugal; e sendo homem de baixa sorte, veio a ser honrado por cossairo, e perguntou-lhe pera onde hia com huma Armada tão poderosa como aquella? e elle lhe disse, que sua determinação era ir ao estreito buscar a Armada do grão Soldão, e pelejar com ella; e não nos achando no mar, pola nova certa que tinha de serem já partidos, ir a Suez, e queimar-lhes todas as náos, e galés, que tivessem. Timoja lhe disse, que se espantava muito delle, tendo os Rumes tão perto de si, ilos buscar a Suez: que lhe fazia a saber, que hum Capitão do grão Soldão com alguns Rumes, que escapáram do desbarato de D. Francisco Dalmeida, era chegado a Goa, e que o Çabaio lhe tinha feito grandes partidos, porque assentasse ali, e que antrelles avia alguns Carpinteiros, e Calafates, que tinham feito náos, e galés da feição das de Portugal; e que este mesmo Capitão tinha escrito ao grão Soldão, que lhe mandasse gente, porque elle esperava de fazer seu assento em Goa, porque era terra, onde

avia muitos mantimentos, e madeira, e bom porto, e que dali com sua ajuda lançariam os Portugueses fóra da India, e tornariam as especiarias a ir a Meca, e ao Cairo, como antigamente hiam: e juntamente com isto lhe disse Timoja, que o Çabaio Senhor de Goa era morto, e que Goa sem elle era morta, e não estava muito forte, e que dentro na Cidade não avia gente pera resistir a huma Armada tamanha como aquella; e que o Hidalcão filho do Çabaio era moço, e por morte de seu pai avia grandes divisões no Reyno de Decan antre os Senhores, e que o tempo estava disposto pera a levar nas mãos, se a quisesse cometer: e que na entrada da barra averia tres braças e meia de preamar, por onde toda aquella Armada podia entrar sem perigo. Afonso Dalboquerque lhe agradeceo muito aquelle seu conselho; e porém, que huma determinação tamanha como aquella elle a não podia fazer sem dar conta aos Capitães, e gente daquella Armada, porque tinham assentado de entrar no estreito; que lhes daria conta disso, e do que se determinasse lho faria a saber.

Despedido Timoja com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os

Capitães, Fidalgos, e Pilotos da Armada, e deu-lhes conta do que passára com Timoja; e depois de muitas práticas passadas, assentáram todos que se Goa estava da maneira que elle dizia, que devia de deixar a ida do estreito, e trabalhar muito por tomar a Cidade, e lançar os Rumes fóra della. Depois de todos dizerem seus pareceres, disselhes Afonso Dalboquerque, que ainda que o que lhe Timoja tinha dito parecesse que trazia alguma rezão comsigo, por ser cousa duvidosa, elle se não mudava ainda da determinação, com que partíra de Cochim, e que não avia de deixar de fazer o caminho do estreito, senão fosse por segurar o Reyno de Ormuz, que era tão importante como Goa, e muito proveitoso para o serviço delRey Nosso Senhor; e chegando a elle, tolhendolhe os mantimentos, era tomado sem pelejar, e nisto não averia contradição. E posto que elle tivesse os olhos em Ormuz, pelo muito trabalho, que lhe tinha custado (que os Capitães, que lhe fugíram fizeram deixar), com tudo se Timoja dizia verdade, não lhe podia negar, que deixando Goa, que se seguiria pelo tempo adiante muito trabalho ás cousas da India; e que tambem era muito

de olhar, que se os Rumes fizessem seu assento em Goa, e a fortificassem, o Çamorim, que estava liado com ella, nunca se deixaria de sua opinião, e daria muito trabalho a El-Rey de Portugal, se a depois quisesse tomar; e porém que elle nisto que dizia não se determinava, sómente lhe apresentava todas aquellas rezões, por huma parte, e pela outra, porque de Goa, e seu porto, e barra não avia Piloto na Armada, que soubesse mais que dizer Timoja que era bom porto, e que na barra averia tres braças e meia de preamar: e que lhe prometêra de tornar logo com alguma mais certeza do que lhe tinha dito; e avendo mais alguma informação deste negocio, então se determinaria, e diria seu parecer, e nisto assentáram todos.

CAPITULO XIX

Como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla do porto de Mergeu, e foi surgir avante do Castelo de Cintácora: e o que passou com Timoja, e como dali foi sorgir na barra de Goa.

Passadas todas estas práticas, huma segunda feira vinte cinco dias do mes de Fe-

vereiro, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a Armada á véla, e a humas náos, que em sua companhia hiam pera Chaul, que o seguissem, com determinação, que tendo necessidade dos seus bateis pera desembarcar gente, se podesse ajudar delles, e de tudo o mais que nellas ouvesse. E assi como hiam todos juntos, foram sorgir davante do Castelo de Cintácora, e em sorgindo chegou Timoja de Onor com treze fustas armadas com muita gente, e foi-se logo ver com Afonso Dalboquerque, que folgou muito com sua vinda, e perguntou-lhe, por Gaspar Rodriguez lingoa, que novas certas tinha de Goa? Elle lhe disse, que por recados, e cartas, que tinha de alguns Gentios honrados della, lhe diziam, que Çabaio era morto, e que em Goa estava hum Capitão, que se chamava Melique Çufergugi, que tinha mil homens de peleja assoldadados, os quaes estavam mui agravados delle por lhes não pagar, que morriam todos á fome, e que o rio de Goa era da mesma altura que lhe tinha dito; e que este Capitão, depois do Çabaio morto, não obedecia a ninguem, e que a gente da terra estava muito differente huma com a outra. Afonso

Dalboquerque lhe perguntou a causa, que o movêra pera lhe vir aconselhar que tomasse Goa? Timoja lhe disse, que as principaes cabeceiras dos Gentios, que avia na terra, lhe tinham escrito, que a morte do Çabaio era certa, e que todos tinham muito contentamento disso polos muitos roubos, e tyrannias, que lhe tinha feito, e que o anno passado matára, e roubára mais de duzentos Mercadores, e que por isso estava a terra toda amotinada, e em differença huns com outros; e que se eu quisesse tomar Goa, que fosse lá com toda a minha gente, e que elles se entregariam de boa vontade. Afonso Dalboquerque mandou chamar todos á sua náo, e deu-lhes conta de tudo isto que Timoja dissera, e pedio-lhes muito que se determinassem, porque hiam gastando o tempo sem fazerem nada, e mandou a Timoja que falasse primeiro, o qual disse, que ácerca das cousas de Goa não tinha que dizer, porque já dissera tudo o que passava, e que quanto a elle, que estava prestes com suas fustas pera o acompanhar por mar, e mandaria muita gente sua por terra; e que lhe certificava, que sorgindo aquella Armada no porto de Goa, que os Governadores

da Cidade lhe aviam logo de mandar entregar as chaves da fortaleza sem nenhuma resistencia.

Acabado Timoja de dar seu parecer, os Capitães praticaram no negocio; e depois de determinarem algumas differenças, que tiveram ácerca do entrar da barra, assentou-se que se cometesse a Cidade. Afonso Dalboquerque com esta determinação disse a Timoja, que mandasse gente por terra, que fosse destruindo esses lugares, que avia ao longo do mar; e como seus desejos eram tomar-se Goa polo proveito, que disso esperava de ter, mandou por terra dous mil homens, e por Capitão delles hum cunhado seu, e hum Mouro, que fora Capitão do Çabaio, que se chamava Melique Çufecondal, o qual fugíra de Goa com medo delle, e estava acolhido em sua casa; e estando a nossa Armada surta, chegou a gente de Timoja por terra, e deram na fortaleza de Cintácora, que está na ribeira do mar sobre hum rio, por onde parte o Reyno de Onor com o de Goa, na qual fortaleza estava hum Alcaide com gente; e como víram a nossa Armada, fugíram todos, e chegada a gente de Timoja, acháram a fortaleza despejada, e derru-

báram parte della, e poseram fogo ás casas, e recolhêram algumas bombardas de cepo, que os Turcos ali tinham: e com este bom successo fez-se Afonso Dalboquerque á véla com toda a Armada, e foi sorgir na barra de Goa, hum bom espaço afastado della. Timoja indo ao longo da terra em huma fusta sua, tomou hum Mouro, que andava ao longo da praia descalço, e vestido em trajos de Ermitão, e trouxe o a Afonso Dalboquerque, o qual lhe perguntou que homem era, e que fazia ali, e que novas avia de Goa? O Mouro lhe disse, que elle era hum prove jogue, que estava ali antre aquelles matos em huma casinha servindo a Deos, e que as novas de Goa eram ser o Çabaio morto, e o filho estava polo sertão dentro; e que o Capitão, que ao presente estava em ella, não tinha em sua companhia mais que cem Rumes, e que da terra avia muita gente, mas que estavam todos muito differentes com o Capitão; e que avia tantas differenças dentro na Cidade huns com os outros, que muitos rogavam a Deos que fossem os Frangues sobrella, e a tomassem; e que avia doze náos acabadas muito grandes da feição de Flor de la mar, e muitas fustas, e atalaias, e que

estavam quatro náos carregadas de mercadoria, duas pera Adem, e duas pera Ormuz; e que além destes Rumes, que estavam na fortaleza, eram fóra cento em paráos, e fustas a roubar pelo mar. Com esta informação mandou Afonso Dalboquerque vir os Capitães á sua náo, e disse-lhes, que elle duvidára sempre de cometer aquelle feito de Goa, porque desejava de entender o desenho, e forças dos imigos, e que pois estava daquella maneira, que todos diziam, que lhe parecia bem cometer-se; mas que por cima desta informação que tinham se devia de mandar sondar o rio primeiro, porque não queria temerariamente cometer aquelle negocio, e todos assentáram nisto, e que mandasse Timoja com suas atalaias diante.

CAPITULO XX

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou D. Antonio de Noronha, e outros Capitães sondar o rio: e como tomáram o Castelo de Pangij, que está á entrada da barra, e do mais que passou.

Passado este conselho, ao outro dia pela menhaã, que foram vintoito do mes de Feve-

reiro do anno de dez, mandou o grande Afonso Dalboquerque D. Antonio de Noronha com certos Pilotos sondar a barra, e Timoja em sua companhia com duas atalaias, e achāram duas braças e meia de altura de baixamar, e tres de preamar. Dom Antonio como teve sondada a barra, tornouse, e deu-lhe conta do qùe achára. O Capitão da Cidade como soube que os nossos andavam sondando a barra, arreceoso que lhe tomassem algum baluarte daquelles, que estavam da barra pera dentro, mandou com muita diligencia provelos de gente de pé, e de cavalo, e artilheria grossa, e miuda; e porque o principal delles era a torre de Pangij, que defendia a entrada da barra, mandou ali hum Capitão, e reforçala mais de tudo o que lhe era necessario. E posto que estava assentado de entrarem com toda a Armada da barra pera dentro, não se podia Afonso Dalboquerque persuadir de meter as náos grandes em rio, que não era sabido dos seus Pilotos: e com esta indeterminação em que estava, mandou chamar os Capitães de noite á sua náo, e disse-lhes a dúvida que se lhe movêra, que seria bom conselho irem primeiro alguns bateis da barra pera dentro

ver o que lá hia, e o fundo, que o rio tinha, por se não verem depois de estarem dentro com as náos grandes em algum perigo, que não podessem remediar. E porque a todos pareceo bem, disse Afonso Dalboquerque a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fizesse prestes pera ir por Capitão deste negocio, e em sua companhia mandou Jeronymo Teixeira, Simão Martinz, João Nunez, Garcia de Sousa, e Jorge da Silveira nos seus bateis, e Simão Dandrade, e Diogo Fernandez de Béja nas duas galés, de que eram Capitães, e Timoja com as suas fustas. e ao outro dia pela menhaã cedo abaláram todos juntos, e foram demandar a barra, e entráram pelo rio dentro direitos á fortaleza de Pangij, por estar pegada com a entrada da barra. Chegado D. Antonio de Noronha com os bateis, e galés, que levava, defronte da fortaleza, começáram-lhe os Mouros atirar com a artilheria que tinham; e como ella estava assentada alta, passavam os tiros por cima, e não fez nenhum nojo aos nossos bateis. Passada a furia dos tiros, pareceo a D. Antonio tempo disposto pera desembarcarem, e mandou aos Capitães, que mandassem remar rijo direito á fortaleza, e postas

as proas em terra desembarcassem: e como a artilheria tornou a desparar sem fazer nojo, desembarcáram todos com muita furia, e por força pelejando entráram a fortaleza pelas bombardeiras, e por cima do muro, e matáram muitos, assi de pé, como de cavalo, e feríram o Capitão, que escapou polo não conhecerem, e a outra gente se poz em fogida pera a Çidade. Os Mouros, que estavam no baluarte da banda da terra firme, vendo o desbarato da fortaleza de Pangij, como não eram poderosos para resistir, deixáram-no, e fogíram todos. D. Antonio com esta vitoria mandou a Timoja que fosse cometer o baluarte, que estava da outra banda, e em chegando, achou-o despejado, e recolheo a artilheria, e tudo o mais que nelle estava; e depois de recolhido todo o despojo, que ficou aos Mouros em Pangij, que eram muitas lanças, espadas, adargas, fréchas, e dezoito peças de artilheria, mandou D. Antonio pôr fogo ás casas da fortaleza, e recolheo-se aos bateis, e foi-se pera as náos.

Chegado D. Antonio com esta vitoria não esperada, Afonso Dalboquerque recebeo a todos com grande gasalhado, e contentamento, louvando-lhe muito aquelle feito; e

não sofrendo tardança, vendo a mercê que lhe Nosso Senhor fazia, tornou logo mandar D. Antonio, que entrasse o rio, e fosse dar vista á Cidade com as galés, e bateis, com que viera; e porque se temia das fustas, que avia em Goa, mandou-o reforçar com alguns navios pequenos; e estando prestes pera partir, ao outro dia pela menhaã vieram dous Mouros principaes da Cidade em hum paráo com recado do Capitão, e povo de Goa pera o Capitão geral, dizendo, que todos estariam á sua obediencia, e fariam tudo q̃ que elle mandasse, porque queriam antes ser vassalos delRey de Portugal, que do Hidalcão, pelas muitas tyrannias, que lhe seu pai tinha feitas. Afonso Dalboquerque não lhe quiz responder logo, e mandou a D. Antonio que todavia fosse pelo rio dentro dar vista á Cidade, e ver a maneira della, e seus muros, e fortaleza, e que se trabalhasse muito por ver alguns lugares, por onde se a Cidade podesse melhor entrar. Partido D. Antonio, teve Afonso Dalboquerque os Mouros comsigo todo aquelle dia; e como lhe pareceo que D. Antonio podia estar já diante da Cidade, respondeo-lhe, que dissessem ao Capitão de Goa, que elle era Capi-

tão geral da India por ElRey de Portugal D. Manuel seu Senhor; e se elles quizessem estar á sua obediencia, e darem-lhe a fortaleza de Goa, como diziam, e entregar-lhe todos os Rumes, e Turcos, que na Cidade estavam, porque eram seus capitaes imigos, que elle em nome delRey seu Senhor lhes segurava as vidas, e lhes faria muito bom tratamento, como lhe sua Alteza em seu Regimento mandava. Partidos os Mouros com esta reposta, vendo Afonso Dalboquerque que os da Cidade estavam rendidos, como Capitão prudente, entendendo a vitoria, que tinha na mão, sem mais esperar recado de D. Antonio, fez prestes todos os bateis, e navios pequenos, e paráos das náos de Cananor, que lhe ficáram, e abalou logo apôs os Mouros com toda esta frota, deixando as náos grandes fóra da barra, porque aviam mister mais vagar pera as meter dentro, e aquelle dia chegou diante da Cidade, onde já achou D. Antonio de Noronha surto defronte da fortaleza. O Capitão, e Governadores della espantados deste tomulto de bateis, e gente armada, mandáram logo quatro Mouros principaes a pedir seguro pera tratarem de concerto. Afonso Dalboquerque

lhes respondeo, que era contente de lho dàr, com as condições, que lhes já tinha mandado dizer. Os Mouros tornáram logo com reposta, dizendo, que elles aceitavam o seguro que lhes dava; e pois todos eram contentes de lhe entregar aquella Cidade, que lhe pediam por mercê lho désse tambem pera alguns Rumes, e Turcos, que alı estavam, que eram estrangeiros, e não parecia rezão. nem lei de hómens entregarem-nos. Afonso Dalboquerque não se quiz determinar nisto só, e mandou chamar os Capitães, e disse-lhes o que o Capitão, e Governadores da Cidade cometiam; e assentáram todos, que não lhe entregando os Rumes, e os Turcos que ouvesse, que lhes não guardasse o seguro, e ao outro dia pela menhaã se désse combate á Cidade. Os Mouros foram com este recado, e passou-se grande parte da noite sem lhe darem reposta; e estando Afonso Dalboquerque neste pensamento, cuidando em si a causa desta dilação, veio hum Gentio parente de Timoja de noite, e disse-lhe, que o Capitão da Cidade era fugido, e que o fizera por lhe não entregar os Rumes, nem os Turcos, e deixára a fortaleza despejada de todo, e que a gente da Cidade não fazia se-

não roubar tudo o que achava. Afonso Dalboquerque posto que desejasse muito de aver os Turcos, e Rumes, contentou-se de aver a Cidade sem trabalho, e perigo da sua gente, e mandou Garcia de Sousa, e Dom Jeronymo de Lima, que se fossem nos seus bateis pôr defronte da porta da fortaleza, e ali estivessem vigiando até pela menhaã, que nenhum Mouro sahisse pela porta fóra, nem entrasse pera dentro.

Do sitio, e fundação da Cidade de Goa.

O Reyno de Goa foi antigamente de Gentios, e era tributario ao Rey de Narsinga; e quando Afonso Dalboquerque o ganhou, averia setenta annos que era izento, e não lhe obedecia; e a principal cabeça deste Reyno era a Cidade de Goa, que está situada em huma Ilha, a que os Gentios chamão Tiçuarij, rodeada toda de esteiros de agoa salgada, e de Ilhas, e em alguns paços principaes desta Ilha tinham torres feitas pera defenderem a passagem aos Mouros da terra firme; e porque o passo de Gondali era tão baixo, que de baixamar podiam

passar a váo, ordenáram que todos aquelles, que morressem por justiça, e assi alguns Mouros, que fossem tomados na guerra, se lançassem nelle, pera que os lagartos, que ha naquelles esteiros, viessem ali buscar esta carniça, os quaes eram tantos, e tão acostumados acodirem a este cevo, que os Mouros por esta causa não ousavam de passar o váo; e com este artificio, e com as mais torres, que tinham derredor da Ilha, vivêram muitos annos sem os Mouros poderem entrar com elles; e a primeira povoação, que nesta Ilha de Tiçuarij ouve, foi Goa a velha, e segundo seus edificios parece que foi cousa grande: e a rezão, por que os primeiros fundadores fizeram ali seu assento, e não onde agora está a Cidade de Goa a nova (lhe podemos chamar), dado caso que o porto, e o rio fosse muito melhor, foi pela barra ser de pouco fundo, e não poderem entrar por ella náos, nem navios; e por curso de tempo as agoas, que vem da serra do Gate, que no Inverno correm com grande furia pera o mar, foram pouco, e pouco abrindo esta barra de maneira, que ficou em altura, que podiam entrar por ella náos, e navios. Vendo os moradores de Goa a ve-

lha, que este rio, e porto era melhor, e a barra tinha fundo, que por ella podiam entrar náos, e navios sem perigo, deixáram a povoação de Goa a velha, e vieram fundar esta povoação, onde agora está a nossa fortaleza, e fizeram ali huma Cidade mui grande; e por serem homens de mar, e sofrerem mais os trabalhos, que todas as outras nações, começáram logo fazer náos grandes, e navegáram por todas as partes da India: eram valentes homens, e bons frécheiros, e nisto faziam muita ventagem a todos os seus vizinhos. Foi sempre Goa em tempo dos Gentios nomeada por cousa muito principal naquellas partes, e avia nella muita gente de pé, e de cavalo, e por isso se defendêram muitos annos contra o poder do Rey de Daquem. Tinham os Gentios nella templos muito honrados, e mui bem lavrados, onde viviam huns homens como religiosos, a que chamam Bramenes, que guardam ali suas gentilidades. Tinham por costume, que se algum Gentio morria, a mulher se avia de queimar por sua vontade; e quando hia a este sacrificio, era com grandes festas, e tangeres, dizendo que queria ir acompanhar seu marido ao outro Mundo;

e a que isto não fazia, era lançada dantre as outras, e ficava ganhando por seu corpo pera as obras do pagode, de que era freguez; e como Afonso Dalboquerque tomou o Reyno de Goa, não consentio que dali por diante se queimasse mais nenhuma mulher; e posto que mudar costume seja parelha de morte, todavia ellas folgáram com a vida, e diziam grandes bens delle, por lhes mandar que se não queimassem. Por este porto de Goa foi sempre a passagem principal pera o Reyno de Narsinga, e de Daquem, e por esta causa avia nelle muitas mercadorias, e vinham grandes cafilas de mercadores do sertão buscalas, e traziam outras; e deste commercio, que tinham huns com os outros, vieram os moradores de Goa a ser tão prosperos, que diziam que só ella naquelle tempo rendia duzentos mil pardaos. Antre este Reyno de Goa, e do Daquem, pela banda do sertão, vai huma serra mui alta, e mui grande, que se chama Ogate, que divide estes dous Reynos hum do outro, a qual serra tinha certos passos, por onde se entrava, nos quaes os Gentios tinham suas torres com gente pera sua defensão.

E posto que ao sobir desta serra seja

muito fragosa, tanto que estam em cima, dali por diante toda a terra he chãa, e muito povoada de lugares mui grandes, de maneira, que esta serra fica sobre Goa, e sobre o mar, como hum eirado. Não dou rezão aqui desta terra, porque minha tenção he não tratar senão como o grande Afonso Dalboquerque a ganhou aos Mouros, e não de como se elles fizeram senhores della. E avendo muitos annos que os Mouros tinham ganhado o Reyno de Daquem ao Rey de Narsinga, e eram senhores delle, posto que com os Gentios de Goa tivessem sempre guerra, nunca os puderam senhorear, até que o Çabaio veio ser senhor de Daquem, e este continuando a guerra com elles, foi muitas vezes desbaratado, e outras muitas vencedor: finalmente avidos os paços da serra por treição, veio com grande poder de gente sobre a Ilha de Goa, e esteve sobrella tanto tempo, até que a entrou; e tomada a Cidade toda, a outra parte do Reyno ganhou sem trabalho, e ficou ella cabeça principal de ambos os Reynos; e vendo o Çabaio velho o sitio de Goa ser muito bom, e de boas agoas, e a Ilha em si muito fertil, e graciosa, determinou de fazer seu assento

nella, e tudo o mais de seu Reyno deixar por amor de Goa, e fez logo huns paços mui grandes, e bem lavrados; e depois de se ver ali assentado de assossego, ficou tão contente do porto, e do rio, e da disposição, que tinha pera se fazer nelle grandes Armadas, que praticava muitas vezes com esses seus privados, que pois a fortuna lhe dera Goa, que esperava de ganhar dali o Reyno de Cambaya, e destruir todo o Malabar, porque estes foram sempre os maiores contrairos que elle teve; e quando Afonso Dalboquerque ganhou Goa, averia quarenta annos, pouco mais, ou menos, que o Çabaio a tinha ganhado aos Gentios. Como se soube por todas aquellas partes, que o Çabaio era senhor do Reyno de Goa, pela muita fama, que dos tempos passados tinha, trabalháram todos de o terem por amigo, e o Xeque Ismael, e o grão Soldão do Cairo, e o Rey de Adem lhe mandáram logo seus Embaixadores, procurando muito sua amizade; e porque elle dava aos estrangeiros maior soldo, que nenhum Rey da India, acudíram logo a Goa muitos Rumes, Turcos, Arabios, e Persas, e com esta gente tomou muitos lugares ao Rey de Narsinga,

e se fez grande Senhor no Reyno de Daquem. E depois dos Portugueses serem entrados na India, os Malabares, que eram os maiores imigos, que o Çabaio tinha, se confederáram com elle, e o fizeram seu Capitão geral, e lhe offerecêram muito dinheiro, e gente, e toda a outra mais ajuda, que lhe fosse necessaria contra nós; e pera esta empresa tinha o Çabaio feito huma Armada mui grossa de náos, navios, e galés no rio de Goa, a qual se estava acabando, quando o grande Afonso Dalboquerque entrou a Cidade. Nesta costa do Reyno de Goa ha outros portos, nos quaes, antes que fosse tomada dos Portugueses, avia náos, e mercadores, que agora não ha com medo das nossas Armadas; e tambem porque Afonso Dalboquerque não consentia que ouvesse nenhum trato por toda aquella costa, senão em Goa.

CAPITULO XXI

Como os Governadores da Cidade de Goa entregáram as chaves della ao grande Afonso Dalboquerque: e do despojo que se nella achou, e o mais que passou.

Partidos D. Jeronymo, e Garcia de Sousa pera vigiarem a fortaleza (cómo atrás tenho dito), esteve o grande Afonso Dalboquerque quedo toda a noite esperando que amanhecesse, e avisou os Capitães do que aviam de fazer, se ouvesse resistencia na entrada da Cidade; e começando amanhecer, mandou-lhes fazer o sinal que lhes tinha dado. Os Capitães como o ouvíram, leváram suas amarras, e vieram-se com toda a gente (que seriam mil homens Portugueses, e duzentos Malabares), ter á galé, onde Afonso Dalboquerque estava, e dali partíram, e chegando á Cidade era já menhaã clara, e por não acharem nenhuma resistencia, entráram pelas portas com huma Cruz diante de si: e aqui se assentou o grande Afonso Dalboquerque em joelhos, e chorando muitas lagrimas, deu graças a Nosso Senhor por aquella mercê que lhe fi-

zera, em lhe dar huma Cidade tamanha, e tão poderosa, sem trabalho, nem morte de ninguem: a qual Cruz levava hum Frade de S. Domingos, e apôs ella hia a bandeira real, que era de setim branco, com huma Cruz de Christus no meio, e nesta ordem foram até á porta do Castelo, onde o estavam esperando os Mouros principaes da Cidade, e Governadores della; e lançados aos seus pés, lhe entregáram as chaves da fortaleza, e pediram-lhe muito por mercê, que lhes guardasse o seguro que lhes tinha dado. Como Afonso Dalboquerque entrou dentro na fortaleza, porque o vinha seguindo muita gente da Cidade, mandou a Dom Antonio de Noronha que ficasse com cincoenta homens á porta, e não deixasse entrar nenhum Mouro dentro. Os Gentios, que estavam dentro, vieram-se a elle com suas cortesias, como he seu costume, e disseram-lhe, que elles queriam ser vassalos delRey de Portugal, e estar á sua obediencia: e elle os recebeo com muito amor, e gasalhado, e mandou apregoar sob pena de morte, que nenhuma pessoa tocasse em nenhuma cousa dos Mouros, e Gentios, que estavam em Goa, mas que os tratassem como vassalos

delRey de Portugal seu Senhor. Acabado isto, andou vendo a fortaleza, e os paços do Çabaio, que eram todos lavrados de Macenaria, com jardins, e poços de agoa dentro: e dali foi ter a humas tercenas grandes, onde achou muitos mantimentos, muita polvora, e muitos materiaes pera a fazer, e muitas armas de gente de pé, e de cavalo, e muita quantidade de mercadorias, e em humas estrebarias grandes cento e sessenta cavalos, e em diversas partes da Cidade se tomáram quarenta bombardas grossas, e cincoenta e cinco falcões, e doutra artilheria miuda grande quantidade, e outras muitas cousas, que deixo de escrever, por não enfadar quem o ler. Na ribeira estavam quarenta náos varadas antre grandes, e pequenas, e dezafeis fustas, e muita enxarcia, pregadura, e tudo o mais que era necessario pera ellas: e ali achou Afonso Dalboquerque todas as mulheres, e filhos dos Turcos, e Rumes, que não puderam levar com a pressa que tiveram em fugir com Milique Çufegurgij; o qual chegado ao paço do Gondali pera passar a terra firme, foi tão grande a pressa, que muitos se afogáram no rio, e outros perdêram os cavalos, e muito

fato, que levavam, por não terem em que passar, senão páos atravessados huns nos outros. Afonso Dalboquerque como teve recolhido as mulheres, e os filhos dos Turcos, mandou-os pôr a bom recado, e guardar; e na segunda tomada desta Cidade as fez Christans, e casou com Portugueses, como adiante se dirá.

Estando já o grande Afonso Dalboquerque impossado da Cidade, mandou chamar os Capitães das náos de Cananor, e deo-lhes licença que se fossem, e fez-lhes mercê de parte dos despojos, que se ali tomáram. Elles partidos, chamou Timoja, e disse-lhe, que elle era certificado, que no Castelo de Banda, e noutros ali derredor, avia ainda alguns Turcos; e porque sua determinação era não ficar em todo o Reyno de Goa nenhuma semente destes, queria mandar destruir aquelles Castelos, e trazelos todos á espada; que lhe rogava muito quisesse mandar seu cunhado com algumas fustas mostrar as entradas dos rios aos nossos, porque as não sabiam. Timoja lhe disse, que lhe parecia bem mandar lançar todos os Turcos fóra da Ilha de Goa, e daquelles lugares ao redor, porque em quanto ali estivessem, lhe

aviam de dar muito trabalho, e que elle faria prestes seu cunhado com as fustas, que fossem necessarias pera aquelle effeito. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que fizesse prestes a náo Sancta Clara, e o Cirne, Flor de la mar, e Flor da Rosa, que ficáram fóra da barra (como tenho dito), e tres galés, e fosse correr todos aquelles lugares, e os destruisse, e não désse vida a nenhum Turco, nem Mouro que achasse. D. Antonio se partio, e foi demandar a fortaleza de Banda; e como a Armada foi surta, meteose em as galés, e nos bateis das náos, e entrou pelo rio dentro, levando diante de si o cunhado de Timoja com tres fustas. Os Gentios da terra como viram a nossa Armada, polo grande odio, que tinham aos Turcos, alevantáram-se todos contra elles, os quaes atemorizados da nossa gente, deixáram a fortaleza, e fugiram polo sertão dentro, de modo que quando D. Antonio de Noronha chegou, estavam já os Gentios em posse della, e o seu Capitão veio logo ter com D. Antonio, e fez-lhe menagem da fortaleza, prometendo de estar á obediencia delRey de Portugal. Como a nova correo

pela costa, que Banda era tomada, os Turcos, que estavam na fortaleza, de Condal (temendo-se dos Gentios, que andavam alvoroçados com o favor, que tinham da nossa Armada), deixáram-na, e fugíram pelo rio acima. Sabido na terra que os Turcos eram fugidos, veio-se hum Capitão Gentio, homem principal, com muita gente meter nella, e mandou a obediencia a Afonso Dalboquerque, avendo-se por vassalo delRey de Portugal, e D. Antonio tornou-se pera Goa, e entrou polo rio dentro com as náos grandes, e deo conta a seu tio do que passára, e como queimára quatro navios, que os Rumes tinham dentro no rio de Banda.

CAPITULO XXII

Como o grande Afonso Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa: e o que passou com os Capitães, e com Timoja.

Depois do grande Afonso Dalboquerque estar bem informado das cousas de Goa, entendeo logo em a fortificação da Cidade, com determinação de a soster, e fazer-se forte nella, pola ter por ajudadora de seus

trabalhos, e começou logo em a cava, e muros, com muita gente da terra, que trazia na obra, e os Capitães com a sua gente tinham suas horas de trabalho, segundo lhe vinha por gyro, e hia-se assi fortificando com muita pressa polo receio, que tinha do Hidalcão vir sobrelle, e ali estava todo dia, e dormia de noite vestido sobre hum catre, e dentro na fortaleza mandou fundar humas terecenas muito grandes pera se em ellas recolher cada anno muita somma de trigo, e de arroz, pera se dali proverem todas as outras fortalezas, e Armadas da India, fazendo fundamento, que ali acudiriam todos os negocios della, segundo o que via em a disposição, e sitio da Cidade. Posto isto tudo em ordem, mandou chamar Timoja pera entender no assento da terra, e disse-lhe, que pois ElRey de Portugal era Senhor da terra, que não era rezão ter elle menos nella que os outros Senhores passados; que devia de mandar ajuntar todos os Gentios, e notificar-lhes, que dali por diante aviam de pagar a El-Rey seu Senhor, das possessões que tinham, o tributo, que antigamente costumavam a pagar ao Rey, e Senhor de Goa. Timoja lhe disse, que elle os manda-

ra chamar, e lho notificaria: e com tudo isto não ficou contente de ver que Afonso Dalboquerque determinava de soster Goa, porque avia dias que secretamente lhe requeria que lha désse, e as terras della, e que elle pagaria certa cousa em cada hum anno de renda por ellas, e as sosteria, e defenderia á sua custa; e Afonso Dalboquerque lhe andou sempre dilatando a reposta deste seu requerimento, sem dar conta aos Capitães pela necessidade que tinha da sua gente pera o trabalho da obra; mas como Timoja vio que Afonso Dalboquerque lhe não respondia, determinou de dar conta disso a alguns Capitães polos ter de sua parte; e elles, como gente enfadada da guerra, e do trabalho, deram-lhe a entender que era muito serviço delRey largar-lhe Afonso Dalboquerque Goa. Timoja como teve da sua parte estes Capitães, com que falou, começou ápertar mais com Afonso Dalboquerque que lhe respondesse; e porque este negocio andava já roto antrelles, mandou-os dissimuladamente chamar, e disse-lhes, que elles sabiam bem que avia muito tempo, que Timoja andava no serviço delRey de Portugal, e particularmente o que lhe tinha feito

na tomada daquella Cidade, e quanta rezão era fazer-lhe mercê; porque além de ser cousa muito obrigatoria pagarem-lhe seu serviço, tambem seria exemplo pera outros muitos virem servir a ElRey, que lhe aconselhassem o que nisso faria. Os Capitães quasi todos foram de parecer, que lhe désse Goa, dando por rezão que Timoja era senhor de muita gente, e que a podia soster, e defender aos Turcos; e que além disto daria vinte mil pardaos cada anno de tributo, e que dando isto, seria mais serviço delRey dar-lha, que sostela. Vendo Afonso Dalboquerque o intento dos Capitães, respondeo-lhes, que se espantava muito delles parecer-lhes rezão dar huma Cidade tão nobre, como era Goa, e tão importante ao serviço delRey de Portugal, a Timoja, por nenhum preço que por ella désse, senão segurala com huma boa fortaleza, porque nella avia o Governador da India de fazer seu assento principal, nem lhe avia de arrendar as rendas, sem primeiro saber o que era, e entender seu modo de governo; e entendido, faria o que lhe parecesse mais serviço delRey: e que quanto o que diziam que Timoja tinha poder pera defender Goa

dos Turcos, que disso se espantava muito mais cuidarem elles que avia Timoja de ser poderoso pera defender Goa a hum Capitão do Hidalcão, que sobre ella viesse, quanto mais a Turcos; e que a satisfação de seus serviços avia de ser como a espia, que fizera bem o que lhe mandára seu Capitão, ou como vassalo, que servíra lealmente seu Senhor, e não como homem, em que estivera salvação de todos; e que se lembrassem dos serviços do Rey de Cochim, o qual não tinha mais del-Rey D. Manuel que quinhentos cruzados cada anno, de que estava muito contente.

Os Capitães ficáram tão envergonhados desta prática, que Afonso Dalboquerque teve com elles, que não ousáram de lhe repricar nada; e acabado este conselho, mandou chamar Timoja, e disse-lhe, que elle desejára sempre de lhe fazer mercê em nome delRey D. Manuel seu Senhor polos muitos serviços, que lhe tinha feito naquellas partes; e por não aver cousa ao presente, que lhe pudesse dar, lhe fazia mercê em seu nome de tudo aquillo, que rendiam as terras de Mergeu, pago na Feitoria de Goa, e que o fazia Aguazil mór, e Capitão de toda a

gente da terra: que lhe pedia muito que se quisesse contentar com isto que lhe dava, porque o tempo não estava pera o poder satisfazer doutra maneira; e que quanto era ao seu requerimento, que lhe não podia responder sem no primeiro escrever a ElRey D. Manuel, e que faria nisso o que Sua Alteza lhe mandasse. Timoja não ficou contente desta reposta, porque sempre teve esperança de lhe Afonso Dalboquerque dar Goa pela palavra, que tinha dos Capitães, e com tudo aceitou a mercê que lhe fez, e foi-se pera sua casa muito rico, porque á entrada do Castelo lhe deo duas casas, sem saber o que lhe dava, em que estava muita somma de mercadorias, e dous zambucos, que levou carregados dellas. Partido Timoja, dali a tres dias vieram alguns Gentios dizer a Afonso Dalboquerque, que estava na terra de Salsete, e que como chegára, todo o Gentio se fora pera elle, e que estavam em determinação, se se elle fosse, de se irem todos, e deixarem a terra. Afonso Dalboquerque como entendeo que eram manhas de Timoja, dissimulou com os Gentios, e fez que os não entendia. Vendo Timoja que Afonso Dalboquerque não respondêra

ao requerimento dos Gentios, mandou-lhe dizer por hum Naique seu Capitão, que elle sempre desejára de servir a ElRey de Portugal, e que por esta rezão, depois de ser partido, lhe lembrára que o deixára em Goa, sem ter quem lhe dissesse os costumes da terra: que elle se queria tornar a servir ElRey, e fazer tudo quanto lhe mandasse. Afonso Dalboquerque, posto que o hia conhecendo por roim, e manhoso, vendo que desistia do seu requerimento, aceitou sua vinda, e tornou-o a recolher pera com elle assentar as cousas de Goa. Timoja com este recado veio-se logo, e Afonso Dalboquerque mandou a todos os principaes dos Gentios, e Mouros, que se ajuntassem, e o fossem receber, os quaes o trouxeram com muitas trombetas, e tangeres ao seu modo; e depois de lhe fazerem sua cortesia, segundo o costume da terra, disse-lhes Afonso Dalboquerque, que elle fazia Timoja Aguazil mór do Reyno de Goa em nome delRey de Portugal, e lhe dava todo o poder da justiça sobre os Gentios, e Mouros, e que podesse prover todas as cousas da terra, e tudo o que elle mandasse fosse feito, e meteo-lhe hum terçado nú guarnecido e prata na

mão, e hum annel, porque era costume da terra darem isto a quem avia de governar. Os Gentios ficáram muito contentes desta mercê, e honra, que lhes Afonso Dalboquerque fizera, e leváram Timoja em hum andor por toda a Cidade com muitas festas, e tangeres. Passado isto, arrendou-lhe Afonso Dalboquerque as terras de Goa, tirando a Ilha, por cem mil cruzados, e que elle pagasse toda a gente, que fosse necessaria pera defenda della; e assentadas todas estas cousas, ficáram muito amigos, e dali por diante começou Timoja a servir seu officio.

CAPITULO XXIII

Como os Embaixadores do Xeque Ismael, e do Rey de Ormuz, que estavam em Goa, mandáram dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que lhe queriam falar; e o que passou com elles, e como mandou Ruy Gomes ao Xeque Ismael.

Ao tempo que o grande Afonso Dalboquerque entrou a Cidade de Goa, avia poucos dias que eram ali chegados dous Embaixadores, hum do Xeque Ismael, e

outro do Rey de Ormuz, cada hum per si com sua embaixada, e seu presente de cavalos, pannos de seda, e ouro pera o Çabaio; e polo acharem morto, depois da Cidade ser entrada, posto que a tenção do Embaixador do Xeque Ismael era passar ao Hidalcão, filho do Çabaio (como lhe seu Senhor tinha mandado), todavia como era homem discreto, e entendido, dissimulou, e mandou pedir a Afonso Dalboquerque que o quisesse ouvir; e como teve licença sua, veio perante elle, e offereceo-lhe o presente que trazia, e disse-lhe, que o Xeque Ismael seu Senhor, pelas cousas, que ouvia da India, desejava de ter estreita amizade com ElRey de Portugal; e como soubera que Sua Senhoria tinha ganhado o Reyno de Ormuz, o mandára visitar com hum presente de cavalos, peças de prata, e outras joias, e chegando o Embaixador a Ormuz, o achara já partido pera a India, e a causa principal de sua visitação era desejar de ter conhecimento, e prestança com Sua Senhoria; e que se o Rey de Ormuz não quisesse estar á sua obediencia, que elle mandaria hum grosso exercito sobrelle pera lho entregar; porque gente de cavalo, e de pé

lhe certificava, que teria quanto quisesse, e que isto, e outras muitas cousas trazia o Embaixador pera lhe dizer. Afonso Dalboquerque lhe disse, que as cousas de Ormuz elle as tinha por acabadas, e que não tardaria muito tempo que lá não fosse, e que dali determinava de entrar o mar Roxo: e pois o Xeque Ismael tinha sempre guerra com o Turco, e com o grão Soldão do Cairo, que lhe era muito necessario ter amizade com ElRey de Portugal seu Senhor; porque além de senhorear os mares da India, tambem as suas Armadas corriam o mar de levante, e que de huma parte, e da outra fazia a guerra ao Turco, e ao grão Soldão; e querendo o Xeque Ismael confirmar esta amizade com ElRey seu Senhor, e mandar-lhe seus Embaixadores, e seus arraiaes sobre a casa de Méca, não teria dúvida perderem o Turco, e o grão Soldão seus estados, porque ElRey de Portugal era muito poderoso pelo mar, e podia ajudar com grossas Armadas; e que avia dias, que elle desejava de lhe mandar hum Embaixador, e offerecer-lhe o estado da India em nome delRey seu Senhor, e por ter muitos negocios o deixára de fazer, mas que agora

o mandaria em sua companhia. O Embaixador lho começou a falar nas grandezas do Xeque Ismael, e que era hum Principe muito grandioso, acquiridor de fama, e desejoso de estender seu nome por todas as terras do Mundo; e correndo a prática, cometeo-lhe duas cousas: a primeira, que fizesse com os Mouros de Goa, que recebessem sua lei, e rezassem por o seu livro nas suas mesquitas: a segunda mandasse, que corresse a moeda do Xeque Ismael em Goa. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que quando os Mouros lhe entregáram Goa, lhes dera seguro real em nome delRey de Portugal pera viverem em sua liberdade; e fazendo-lhes agora força em qualquer cousa, por pequena que fosse, era ĭr contra o seguro, que lhes tinha dado, que se não costumava antre os Principaes Christãos; e que quanto era a correr a moeda do Xeque Ismael em Goa, que se espantava muito delle cometer-lhe tal cousa, porque os Reys estimavam muito suas insignias reaes, que era viverem seus povos, e vassalos debaixo da obediencia de suas leis, e receberem sua moeda, e correr em seus Reynos naquella valia, que lhes elles punham, e que se não

sofria hum Rey consentir ao outro lavrar moeda em sua terra. O Embaixador lhe respondeo, que elle viera a Goa com huma embaixada dirigida ao Çabaio, e trazia aquellas cousas em sua instrucção pera lhe falar nellas, e polo achar morto, e Sua Senhoria em posse do Reyno de Goa, que não fazia o que não devia, em lhe dizer o que o Xeque seu Senhor mandava, pois era seu Embaixador; e que se nisto tinha errado, que lhe pedia por mercê lhe perdoasse, porque a obrigação dos Embaixadores era guardar suas instrucções, e a sua, fazer o que comprisse ao serviço do seu Rey; e acabada esta prática, pedio-lhe o Embaixador que o despachasse, porque se queria partir. Afonso Dalboquerque lhe disse, que se não agastasse, porque queria fazer prestes hum messageiro, pera mandar em sua companhia ao Xeque Ismael. Recolhido o Embaixador pera sua casa, mandou Afonso Dalboquerque chamar o do Rey de Ormuz, e perguntou-lhe a que vinha, e que recado era o que trazia pera o Çabaio? O Embaixador lhe disse, que Cogeatar o despachára, e que a principal cousa a que vinha era offerecer todo o estado do Rey de Ormuz ao Çabaio,

pedindo-lhe favor, e ajuda contra os Portuguezes; e falando-lhe nas cousas passadas de Ormuz, lhe disse, que se não escandalizasse de Cogeatar, porque os Capitães foram causa de todas as differenças, que antre ambos ouvera.

Passada esta prática, que Afonso Dalboquerque teve com os Embaixadores, entendeo logo em despachar Ruy Gomez, criado delRey D. Manuel (o qual fora degradado destes Reynos de Portugal pera a India na Armada do Marichal), pera o mandar ao Xeque Ismael, em companhia do seu Embaixador, e por elle lhe escreveo huma carta, e outra ao Rey de Ormuz, que ao diante vão escritas, e deo-lhe huma instrucção do que avia de dizer ao Xeque Ismael da sua parte, o qual Ruy Gomez levava em sua companhia hum lingoa, e hum criado seu. Como Afonso Dalboquerque o teve despachado, mandou chamar o Embaixador do Xeque Ismael, e fez-lhe mercê em nome delRey, e despedio-os que se fossem, os quaes se embarcáram em duas náos, de que era Capitão, e Feitor Cogeamir, hum Mouro honrado de Cananor, que achou em Goa, o qual os Rumes cativáram, vin-

do elle em huma náo sua de Ormuz com cavalos, dizendo, que quem o mandava navegar o mar da India com seguro delRey de Portugal, e não do grão Soldão; e por elle escreveo Afonso Dalboquerque huma carta a Cogeatar, em que lhe dizia, que se quisesse tornar á obediencia delRey de Portugal seu Senhor, e pagar-lhe o tributo, que com elle tinha assentado, que as cousas passadas fossem esquecidas; e que lhe pedia muito que aquelle Embaixador do Xeque Ismael não pagasse nenhum direito das suas mercadorias, e que a Ruy Gomez, que elle mandava por Embaixador, désse encavalgaduras, e dinheiro, e tudo o que elle, e os seus ouvessem mister; e que lhe pedia que o retorno das mercadorias, que Cogeamir levava, que eram delRey seu Senhor, lhe mandasse em cavalos, e que as náos, que viessem de Ormuz pera Goa, trouxessem certidão sua, e todas viessem a Goa, porque não vindo a ella, as não avia por seguras.

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE ESCREVEO POR RUY GOMEZ AO XEQUE ISMAEL.

Muito grande, e poderoso Senhor antre os Mouros Xeque Ismael: Afonso Dalboquerque Capitão geral, e Governador da India, polo muito alto, e muito poderoso ElRey D. Manuel, Rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa Senhor da Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Thiopia, Arabea, Persia, e da India, e do Reyno, e senhorio de Ormuz, e do Reyno, e senhorio de Goa: vos faço saber, como ganhando eu a Cidade, e Reyno de Goa, achei nella vosso Embaixador, ao qual fiz muita honra, e tratei como a Embaixador de tão grande Rey, e Senhor, e olhei todas suas cousas, como se elle fora enviado a estas partes pera ElRey de Portugal; e porque eu sei certo, que ElRey D. Manuel meu Senhor folgará de ter conhecimento, amizade, e prática comvosco, vos envio este messageiro, ao qual dareis credito a todas as cousas. que da minha parte vos disser, porque é cavaleiro criado delRey meu Senhor, homem ensinado na guerra,

criado nas armas de nosso costume, e de todas as cousas dos Reynos de Portugal vos saberá dar muito boa rezão. Bem sabeis como ganhei a Cidade, e Reyno de Ormuz por mandado delRey meu Senhor, e dali me trabalhei por ter conhecimento de vosso estado, poder, e mando, e vos quisera mandar messageiros, se as cousas de Ormuz se não danárão, as quaes espero em Deos, que cedo tornaráõ assentar, porque espero de ir lá em pessoa, e dali trabalharei de me ver comvosco na ribeira do mar, e portos de vossos Reynos; porque o poder, que trago delRey meu Senhor de náos, e gente no mar, he per destruir, e lançar fóra as náos do Soldão, que entrarem na India, e quiserem nella tomar assento, o qual feito com ajuda de Deos, temos acabado, porque o seu Capitão Mirocem, e a sua Armada foi desbaratada em Diu, e tomáram-lhe todas as suas náos, e artilheria, e matáram-lhe toda a sua gente, e agora as desbaratei, e ganhei a Cidade de Goa, e toda sua Armada, e os lancei fóra della, como vos dirá vosso Embaixador; e porque eu tenho sabido que elle he vosso imigo, e vos faz a guerra, vos mando esta nova, e vos offereço contra elle minha

pessoa, e Armada, e gente delRey meu Senhor pera o ajudar a destruir, e serei contra elle cada vez que me requererdes pera isso. E querendo vós destruir o Soldão por terra, podereis ter delRey meu Senhor grande ajuda de Armada por mar, e creio que com pouco trabalho senhoreareis a Cidade do Cairo, e todo seu Reyno, e senhorio, e assi vos póde ElRey meu Senhor dar grande ajuda por mar contra o Turco, e suas Armadas por mar; e vós com vosso grande poder, e gente de cavalo por terra, trabalhosamente se poderá defender. E na India tem grandes Armadas, com que vos póde ajudar. Assi que a amizade, e prestança de hum tão grande Rey, como he ElRey meu Senhor por mar, e por terra, deveis de querer aver, e deveis-lhe de mandar vossos Embaixadores, porque folgará muito de ver quem lhe saiba dar rezão de vossos Reynos, e senhorios. E se Deos ordenar que este comercio, e amizade se faça, vinde vós com vosso poder sobre a Cidade do Cairo, e terras do grão Soldão, que confinam comvosco, e ElRey meu Senhor passará em Jerusalem, e lhe ganhará toda a terra daquella banda: e pera certeza do que nisso esperais de fazer, convem man-

dardes vossos messageiros, e por eles averdes reposta delRey meu Senhor, e entretanto seja eu avisado do que quereis que faça, ou em que parte póde a Armada delRey meu Senhor andar, que mais damno faça ao Soldão em vosso serviço.

Instrucção, que o grande Afonso Dalboquerque deo a Ruy Gomez do que avia de dizer ao Xeque Ismael.

«Primeiramente vossa ida será por qualquer modo, e maneira que vós bem puderdes, direito onde estiver o Xeque Ismael; e em chegando a elle, lhe fareis aquella reverencia, que a hum tão grande Rey, e Principe he devida.

Chegando a Ormuz, requerereis a Cogeatar, que vos mande dar as encavalgaduras, que vos forem necessarias, e lhe requerereis que vos dê tudo o que for necessario pera vossa despeza, e despacho de vossa viagem, como por minhas cartas lhe tenho escrito.

Em vosso caminho, que assi fizerdes, estareis sempre á ordenança, conselho e determinação do Embaixador do Xeque Ismael, que em vossa companhia vai, nem

vos apartareis nunca delle a ir ver Cidades, praças, lugares, ruas, festas, e jogos, nem fareis outro caminho, senão o que elle fizer. e tudo por sua ordenança, porque bem sabeis como os Mouros desejão de nos fazerem todo o damno que podem.

«Direis ao Xeque Ismael da minha parte, que eu o mando visitar pela grandeza de sua fama, senhorio, e esforço, e pelas bondades, e grandezas de sua pessoa, e tambem porque agasalha os Christãos, e os favorece, e honra.

«Lhe direis como ElRey meu Senhor folgará de ter conhecimento, e amizade com elle, e que o ajudará contra a guerra do Soldão, e que eu em seu nome, e da sua parte lhe offereço a Armada, e gentes, e artilheria que trago, e as fortalezas, lugares, e senhorios, que tem na India, e esta mesma ajuda lhe dará contra o Turco.

«Lhe direis que vindo elle sobre a casa de Méca, e querendo-a ganhar, que eu entrarei o mar Roxo, e irei ao porto de Judá com minha Armada, e assi o farei, querendo elle vir sobre a terra de Arabia, e Adem, e sobre o mar da costa de Arabia, Baharem, e Catife, e a Cidade de Baçora, e correrei

toda a ribeira do mar da Persia, onde me poderei ver com elle, e farei tudo o que lhe de mim comprir.

«Lhe contareis as grandezas delRey meu Senhor, e de seus Reynos, e senhorios, e da riqueza, e abastança delles, e da grandeza, e formosura da Cidade de Lisboa, edificios, e casas ricas, que nella ha, e da grande quantidade, somma de prata, e ouro, e riquezas, e muita gente, que no Reyno ha; e como ElRey meu Senhor tem duas minas de ouro, donde cada anno lhe vem grande quantidade delle, e da abastança das náos, que no Reyno ha, e grandeza dellas, e das grandes Armadas, que cada anno faz pera a India, e como suas Armadas, e gentes navegam por todo o Mundo, e manda Armadas a Levante contra o Turco.

«Lhe direis como ElRey meu Senhor tem ganhado muitas Vilas, Cidades, e lugares por força de armas em Africa, e como seu poder, e senhorio se vai estendendo por toda a ribeira do mar até o Cabo de Boa Esperança, e dali pera dentro, entrando o mar da India, as fortalezas, que nella tem, e os Reys, que nella estam á sua obediencia.

«Mais lhe direis: A Rainha minha Senhora, cuja filha he, e como ElRey seu pai, e a Rainha sua mãi tem seus Reynos, e senhorios, que comárcam com o Reyno de Portugal; e assi lhe contareis do seu estado, e das donzellas, que a servem, como são filhas de Duques, Marquezes, e Condes de Portugal; e como andam vestidas de brocado, e ouro. e de toda a diversidade de sedas, com muita pedraria, e como dali casam com os Grandes de seu Reyno.

«Lhe tocareis do estado delRey meu Senhor, de como se serve, e como come em meza alta de quatro degráos, e todos os grandes Senhores, e Fidalgos, que em sua Corte andam, estam á meza em pé com os barretes fóra da cabeça até que acaba de comer, e se recolhe.

«Lhe direis, que avia de mandar Embaixador a ElRey meu Senhor, procurando sua amizade, e prestança, assi na guerra contra seus imigos, como das mercadorias, que do Reyno de Portugal podem entrar na Persia por via de Ormuz: e que ElRey o ajudará contra o Soldão, e contra o Turco por mar, e por terra, mandando elle por seu Embaixador requerer sua amizade, prestança, e ajuda.

«Lhe tocareis na nossa Fé, e vereis o que nisso sente, e se vos recebe bem; e o que lhe nisso tocardes, não será mais que em quanto elle não receba escandalo; e sabereis dos Christãos daquellas partes se tem o rito da nossa Fé, e crem verdadeiramente se Nosso Senhor nasceo de Nossa Senhora, e morreo, e padeceo em Cruz por nos salvar: e vereis se algum destes Christãos são differentes alguma cousa na Fé de nós; e vede se podeis ordenar, que venha comvosco algum, e que vá a Roma ao Padre Sancto.

«Vereis suas Igrejas, e ornamentos dellas, Altares, Imagens, Sanctos: e se tem Nosso Senhor na Cruz, e a Imagem de Nossa Senhora, e o modo de viver dos Frades, e Clerigos, e trajos, e se ha alguns córpos de Sanctos Martyres, e Apostolos nessa terra.

«Lhe contareis miudamente todas as cousas do estado delRey meu Senhor, e da Rainha minha Senhora, posto que no capitulo atrás vos toque nisso levemente, todavia lhe contareis as grandezas de suas festas, riquezas, atavios de suas pessoas, e casa, e a formosura de seus paços, em que vivem, e dos gastos de suas festas, e thesouros, pedraria, perolas, e joias, que tem

de desvairadas feições, e da grandeza de sua Corte, e da gente de cavalo, que continuadamente anda nella, e dos Embaixadores dos Reys seus vizinhos, que sempre vem á sua Corte: e todas as outras miudezas, que de vós quiser saber.

Lhe direis, e contareis como Portugueses são leaes, e verdadeiros amigos de seu Senhor; e em tal maneira, que o Xeque Ismael cobice, e procure amizade, prestança, e ajuda delRey meu Senhor, e assi queira estar em toda a cbrigação, e boa vontade de fazer o semelhante, quando por elle, ou polo Capitão geral da India em seu nome lhe for requerido.

Lhe contareis do poder, e Armada, gente, e armas, artilheria, que trago na India, e assi grande somma de artilheria, e grandeza della, que ElRey meu Senhor tem em seu Reyno, e de como a gente de Portugal anda a cavalo, e dos arreios de prata, e ouro, sellas, e aparelhos de cavalo que trazem, e bem assi dos concertos, e atavios da guerra, e de como os homens andam armados, e da feição, e maneira das armas.

Vos mando, que miudamente vós, e o lingoa que levais, leais este Regimento, e

vos confirmeis com elle, por tal, que não haja ahi differença no contar das cousas, mas sempre vos achem conformes com minha Carta, que lhe escrevo».

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE ESCREVEO AO REY DE ORMUZ

Muito honrado Rey Ceifadim, Abenadar, Rey de Ormuz, em nome do mui alto, e mui poderoso D. Manuel, Rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, e do Reyno, e senhorio de Ormuz, e do Reyno, e senhorio de Goa. Afonso Dalboquerque Capitão geral, e Governador da India por ElRey D. Manuel meu Senhor, vos envio minhas encomendas. Cá topei hum messageiro vosso, e lhe fiz honra, e gasalhado por amor de vós: a minha partida de Cochim com a Armada delRey era pera ir a essa Cidade de Ormuz assentar feitoria, e deixar ahi esses homens, que ElRey ordena. Soube, que os Rumes faziam Armada em Goa, eu vim sebre ella, e a tomei, e os lancei fóra della, e lhes tomei toda

sua Armada, e artilheria: se lá poder ir invernar, irei: mandei ter muitos mantimentos pera a gente da Armada, que he muita: as cousas passadas são esquecidas de mim: eu sou grande vosso amigo: lá vai Cogeamir, leva essas duas náos delRey meu Senhor com mercadorias suas, folgaria que fosse de vos honrado: e assi esses messageiros, que mando com recado delRey ao Xeque[1] *Ismael. Envio-vos minhas encomendas, e a vosso pai, e a vossa mãi. Sabei certo que nas vossas cousas vos ajudarei sempre como vosso amigo verdadeiro. Feita em Goa a vinte de Março de 1510.*

Chegado Ruy Gomez, e Cogeamir a Ormuz, deram as cartas, e recados, que levavam de Afonso Dalboquerque a Cogeatar, o qual fez grandes gasalhados, e offerecimentos a Ruy Gomez; e depois de lhe perguntar particularmente por Afonso Dalboquerque como ficava, e polo feito de Goa, mandou-lhe que se fosse pera a pousada a descançar dos trabalhos do mar, e que elle o despacharia logo; mas como Cogeatar estava ainda no odio passado contra Afonso Dalboquerque, assi polo favor, que teve do

Visorey, como tambem por lhe Duarte de Lemos, que andava por Capitão mór daquella costa, certificar que ElRey D. Manuel não fora contente da destroição, que era feita naquelle Reyno; e porque tambem lhe pesava da nova amizade, que elle queria ter com o Xeque Ismael, em vez de quitar os direitos ao seu Embaixador, assacou-lhe o que quis, e tomou-lhe quanto levava: e a Ruy Gomez ordenou, que o matáram com peçonha. Os criados vendo Ruy Gomez morto, tornáram-se pera a India, e Cogeamir ficou descarregando as suas náos, e fazendo sua mercadoria, e foi-se caminho da India, e não foi pera Goa, como adiante se dirá, e por este caso não ouve effeito esta embaixada, e depois mandou Áfonso Dalboquerque Miguel Ferreira por Embaixador ao Xeque Ismael com esta mesma instrucção, que tinha dado a Ruy Gomez, e em seu lugar se dará rezão de sua ida.

CAPITULO XXIV

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Francisco Pantoja prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, e o que nisso passou com Duarte de Lemos sobre huma náo, que tomou no caminho

Partidos estes Embaixadores, despachou o grande Afonso Dalboquerque Francisco Pantoja pera a fortaleza de Çacotorá, porque avia dias que não tinha novas de D. Afonso seu sobrinho Capitão della, com huma náo carregada de mantimentos, e escreveo por elle huma carta a Duarte de Lemos, em que lhe dizia, que elle partíra de Cochim com sua Armada, com determinação de se ir ajuntar com elle, como lhe tinha escrito por Diogo Correa; e sendo tanto avante como Onor, viera Timoja ter com elle, e polas novas que lhe dera do estado em que Goa estava. e que se podia tomar sem muito trabalho, nem perigo da gente, mudára o conselho, e fora sobrella, e a tomára mais por mysterio de Nosso Senhor, que por forças humanas, e que a ficava fortificando com determinação de a soster, por

lhe parecer muito serviço delRey de Portugal sostela; e que acabado de a assentar de todo, elle iria com huma grossa Armada comprir o que lhe tinha prometido; e mandou a Francisco Pantoja, que sendo caso que Duarte de Lemos fosse em Ormuz, que lá fosse ter com elle, e tendo algum dinheiro das pareas arrecadado, que lho mandasse, porque tinha muita necessidade delle pera gastos, que fazia na fortaleza, porque ElRey D. Manuel lhe mandava que lhe acodisse com tudo, e que a governança de Ormuz estivesse á sua obediencia, como veria pela carta, que lhe mandava; e que tambem dissesse a D. Afonso seu sobrinho, se ainda não era partido, que se viesse logo, porque ElRey mandava que fosse Capitão de Cananor; e Pero Ferreira, que estava em Quiloa, ficasse por Capitão na fortaleza de Çacotorá, como teria visto pelas Provisões, que lhe tinha mandado por Diogo Correa. Partido Francisco Pantoja, atravessando aquelle grande golfão da India pera Çacotorá, topou com huma náo do Rey de Cambaya, que se chamava Meri, e hia carregada de mercadorias pera Meca, que seria de seiscentos toneis, e hia por capitão

della hum Mouro honrado de Cambaya, que se chamava Alicão; e posto que o Mouro confiado na muita gente, e boa, que levava, se posesse em defender a sua náo por salvar as vidas, e fazenda de todos, com tudo os nossos a cometêram, e pelejáram tão esforçadamente, que os rendêram, e tomáram-lhes a náo, e com ella se foi Francisco Pantoja direito a Çacotorá, onde achou Duarte de Lemos, que avia poucos dias, que ali era vindo de Melinde com quatro náos esperar Afonso Dalboquerque pera entrarem o estreito, como lhe tinha mandado dizer, e Pero Ferreira Capitão da fortaleza S. Miguel, porque D. Afonso de Noronha se partira no Abril passado pera a India. Chegado Francisco Pantoja, depois de dar suas cartas, e recados de Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, vendo elle a riqueza da náo, mandou-lhe que a entregasse na feitoria, e que ali lhe mandaria dar tudo o que lhe viesse de parte a elle, e á sua gente. Francisco Pantoja apaixonado desta força, que lhe Duarte de Lemos fazia, disse-lhe, que elle não era da sua capitania, senão de Afonso Dalboquerque, que era Capitão geral de todas aquellas partes, e que a elle

avia de entregar a náo, e sobre isso lhe fez grandes requerimentos. Duarte de Lemos não deo por isso, e respondeo-lhe, que elle era Capitão mór daquellas partes, e que pois em os seus limites tomára a náo, que a elle pertencia mandar arrecadar a fazenda, e partila; e sem mais o querer ouvir, mandou descarregar a náo, e tomou pera si toda a parte, que pertencia a Afonso Dalboquerque, sem ter nenhum comprimento com Francisco Pantoja, nem lhe dar nada do que lhe vinha da sua parte. Feito isto, vendo que Afonso Dalboquerque se não podia já aquelle anno ajuntar com elle polo socesso de Goa, determinou de não esperar mais tempo, e ir-se caminho da India, e tambem porque tinha perdido duas náos, e as quatro, que lhe ficavam, estavam tão desbaratadas, que não podia fazer nenhum serviço a El-Rey naquellas partes; e depois de tomar mantimentos, e agoa, despedio-se de Pero Ferreira Capitão da fortaleza, e partio-se, levando Francisco Pantoja em sua companhia, e a náo Meri; e sem lhe acontecer cousa no caminho, veio ter a Cananor o derradeiro dia de Agosto, onde Achou Afonso Dalboquerque, que avia poucos dias

que era chegado de Goa, como adiante se dirá.

CAPITULO XXV

Do assento, que o grande Afonso Dalboquerque fez com Timoja, e com os principaes da terra, sobre os direitos, que aviam de pagar cada anno, e como a seu requerimento mandou fazer moeda.

Depois de Francisco Pantoja ser partido, foi-se Timoja ao grande Afonso Dalboquerque com esses principaes, e honrados da terra, assi Mouros, como Gentios, e disseram-lhe, que pera as cousas de Goa estarem na ordem, e costume antigo, em que sempre estiveram, era necessario saberem todos a maneira que aviam de ter no pagar dos direitos; porque depois que o Çabaio fora senhor do Reyno de Goa, lhos dobrára, de que todos eram muito escandalizados, e por esta causa se foram muitos Gentios viver a diversas partes; porque antigamente pagavam cento e cincoenta mil xerafins; e que o Çabaio, depois de ser senhor da terra, lhe dobrára isto, e que estavam arreceosos, que por este costume, em que os Sua

Senhoria achava, os obrigasse a pagarem estes direitos: que lhe pediam por mercê quisesse assentar isto de maneira, que o povo podesse viver, e pagar; porque rezão seria, pois eram vassalos de hum tão grande Rey, como era ElRey de Portugal, terem alguma liberdade mais da que tinham, vivendo debaixo do poder do Çabaio, que era tyranno, e máo. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que sua vinda a Goa não era pera usar com elles das tyrannias do Hidalcão, senão pera os favorecer, e honrar, e dar-lhes largueza de vida, querendo elles ser verdadeiros, e leaes vassalos delRey de Portugal seu Senhor; e se elles queriam estar em esta obediencia, que elle lhes quitaria em nome delRey os direitos, que lhe o Çabaio novamente tinha posto, e que pagariam sómente o que pagavam aos senhores do Reyno de Goa, sendo de Gentios, e que esta quita seria em quanto elles estivessem á obediencia delRey de Portugal, e de seus Governadores da India; e que sendo caso que fossem chamados por qualquer Governador da India, e não viessem logo, não tendo rezão que dar por si, ficassem obrigados a pagar os mesmos direitos, que pa-

gavam ao Çabaio. Timoja e os outros aceitáram em nome do povo as terras, com as condições, que lhe Afonso Dalboquerque dizia; mas que avia de ser com lhes dar Tanadar, e Gentios, que os governassem. Afonso Dalboquerque lhes disse, que elle lhes prometia de não fazer nenhum Tanadar Mouro, e que mandaria arrecadar os direitos por Portugueses, com alguns Gentios da terra, que Timoja ordenasse, pera tudo se fazer com menos opressão do povo: e depois de ter assentado isto com elles, mandou-lhes dar juramento ao modo de suas gentilidades, que ocodissem com os direitos a elle, ou a quem quer que fosse Governador da India, e mandou-lhes dar dous pacharins a cada hum, que era costume antigo da terra darem-se a estes Gentios. Acabado este negocio, deo-lhes licença que se fossem pera suas casas, e começassem a pagar os direitos, segundo os tombos das terras; e elles pedíram-lhe que lhes nomeasse Tenadares (que são como Almoxarifes) pera arrecadarem as rendas, e os terem em justiça. Afonso Dalboquerque polos contentar nomeou-lhes por Tanadar de Cintácora a Bras Vieira, e Gaspar Chanoca por seu

Escrivão; e pera todas as outras Tanadarias lhes ordenou Tanadares todos homens honrados, e criados delRey, em que confiava, que os teriam em justiça; e mandou a Timoja, que lhe désse a cada hum seu Escrivão Gentio, pera lhes mostrarem o modo, que aviam de ter no arrecadar das rendas, e a cada Tanadar désse duzentos piões da terra pera os acompanharem, e fazerem na arrecadação das rendas o que lhes mandassem; e pera ordenar estas cousas como aviam de ser, e assentalas, mandou João Alvarez de Caminha, que era hum homem muito honrado, e de autoridade, e pera se confiar delle outras maiores cousas, e por seu Escrivão Antonio Fragoso, e hum Gentio criado de Timoja, homem de bem, pera lhe mostrar os tombos das terras por onde partiam pera não aver engano; e João Alvarez de Caminha os ordenou de maneira, que todo o povo ficou muito contente. Os Gentios, que eram fogidos de Goa, como souberam que Afonso Dalboquerque lhes quitava ametade dos direitos, que sohiam a pagar ao Çabaio, e lhes dava seus naturaes pera os governarem, tornáram logo a povoar a terra.

Partido João Alvarez de Caminha com todos os Tanadares pera os pôr em ordem nas terras, como levava por seu Regimento, foi-se Timoja com alguns Mouros, e Gentios principaes da terra a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que o povo da Cidade, e mercadores passavam grande detrimento, assi no governo della, como no trato das mercadorias, por não aver moeda: que lhe pediam muito por mercê, que a mandasse lavrar, porque impossivel era poder a terra ser bem governada sem moeda; e que devia de mandar alevantar o preço do ouro, e da prata, porque se não levasse pera fora. Afonso Dalboquerque mandou chamar os Capitães, e disse-lhes o requerimento, que lhe Timoja, e os mercadores fizeram em nome do povo, que lhe dissessem o que faria. Os Capitães, depois de praticarem este negocio, assentáram todos que se lavrasse moeda. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que bem lhe parecia lavrar-se moeda pelas rezões que Timoja dava; mas como era cousa nova, que nunca se fizera na India, que elle o não ousaria de fazer, sem primeiro escrever a ElRey seu Senhor, pera em isso prover como fosse mais seu serviço,

e com isto os despedio. Passados alguns dias, tornou Timoja, e os outros a falar no mesmo requerimento, sendo os Capitães presentes, pedindo-lhe que mandasse lavrar moeda, porque se perdia tudo pela não aver, e as mercadorias não corriam, ou désse licença que corresse a moeda do Çabaio. Os Capitães ouvindo as rezões efficazes, que Timoja dava, pera se lavrar moeda, e os inconvenientes de se não lavrar, assentáram no que tinham dito em o primeiro conselho. Afonso Dalboquerque, vendo que ElRey de Portugal ganhava nisso credito, fama, e fazenda, e que o Reyno era seu, assentou de a mandar lavrar, e escrever-lhe o que nisso passava; e pera se fazer como convinha, mandou chamar os Ourivezes, e alguns Portugueses que avia, e Timoja, e os homens principaes do povo, e mandou perante si lealdar a prata dos Mouros, e acháram todos que era justamente mercadoura como a nossa. Feito este exame, fez Thesoureiro da Casa da Moeda Tristão Déga, e mandou logo lavrar moeda de prata, ouro, e cobre, e que de huma parte lhe posessem huma Cruz de Christus, e da outra huma espera (devisa delRey D. Manuel), e

que a moeda de prata pesasse hum bragani, que era moeda dos Mouros, que pesava cada huma dous vintens, e poz-lhe nome esperas; e fez outra mais pequena, que pe. sava hum vintem, a que poz nome meas esperas, e á moeda de cobre poz nome leaes, e á outra mais pequena, que valiam tres hum leal, poz nome dinheiros; e porque a moeda do ouro se não levasse fóra da terra, mandou que o cruzado valesse dezasete braganis. Assentado isto, começou-se a lavrar moeda; e depois de ser já feita huma somma della, em doze de Março do anno de mil e quinhentos e dez mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, e toda a gente honrada da Armada, e todos os principaes Mouros mercadores, e chitins Gentios, e depois de serem todos juntos em huma sala grande dos paços do Çabaio, em que elle pousava, que estava aparelhada pera isso, disse-lhes, que elle mandára lavrar moeda de prata, e cobre, como estava assentado, e que pera ser notorio a todos, era necessario mandar-lhe apregoar pela Cidade, porque assi se costumava fazer nas terras, que os Reys ganhavam de novo, que lhe disses-

sem se o faria: todos disseram, que lhes parecia bem fazer-se, pois não avia outras rezões em contrairo disso. Afonso Dalboquerque com o parecer de todos mandou logo trazer a bandeira real, e as trombetas, e atabales, e ajuntar toda a gente da Armada, e a Tristão Déga, que a fosse apregoar, e elle se foi com toda esta gente por toda a Cidade, e a cada pregão que se dava, lançavam muita moeda por Cima do povo, que era muito, e foi assi nesta ordem correndo toda a Cidade. Afonso Dalboquerque, depois disto acabado, mandou lançar pregões em nome delRey de Portugal com grandes penas, que nenhuma pessoa dali por diante tivesse moeda do Çabaio em sua casa, nem usasse della, e quem a tivesse a levasse á Casa da Moeda, e que ali lha trocariam pela delRey de Portugal; e quem o não fizesse, encorreria na pena de justiça, que lhe elle Afonso Dalboquerque quiser dar. O povo ficou muito contente com a moeda, e dali por diante começáram a tratar suas mercadorias.

CAPITULO XXVI

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera invernar em Goa, e mandou Diogo Fernandez de Beja á fortaleza de Cintácora

Como o grande Afonso Dalboquerque tinha assentado de soster Goa, e fazer-se forte nella, determinou, antes que mais entrasse o inverno, de se prover de todas as cousas necessarias pera aquelle negocio, e mandou logo recolher todos os mantimentos, que se podessem achar, e assi todos os cavalos que aviam na terra, em humas estrebarias grandes, que o Çabaio tinha na fortaleza, onde se recolhiam antigamente os que os mercadores traziam de Ormuz pera vender, e pera isso tinha o Çabaio hum Xabandar (que he como Almoxarife da ribeira), que tinha cuidado de mandar curar estes cavalos, e o povo era obrigado a trazer feno, grãos, e mungo, que he huma semente, que lhe dam a comer em abastança; e a este Xabandar, juntamente com os Mouros, que tinham este cuidado, mandou Afonso Dalboquerque que o tivessem do provimento destes cavalos, e

de todo o mais negocio da ribeira, a fim de ir entendendo as cousas de Goa, e o modo da suas provisões, e governo; e porque isto era já na entrada de Abril (em que o inverno começa naquellas partes), antes que mais entrasse, quis advertir o Rey de Cochim, e o Capitão da fortaleza, e Officiaes da Feitoria, de como determinava de invernar em Goa, e acabar a fortaleza, que tinha começada, e que lhe mandassem todas as sellas que lá ouvesse, e alguns mantimentos. Francisco Serrão se partio logo em huma caravela, e não tornou mais com recado: parece que o medo o fez não tornar, e dava por desculpa que por amor dos tempos não podéra; mas Afonso Dalboquerque não lha recebeo; e passadas as cousas de Goa (tornando a Cochim), tirou-lhe a capitanía da caravela, e mandou-o prender. Partido Francisco Serrão, como o lavramento da moeda era pouco, e não podia abranger a pagar os servidores, que andavam na obra da fortaleza, nem a Armada seu mantimento, a cruzado por mes, mandou aos Capitães, que cada hum désse mesa á sua gente, e fez isto por dous respeitos: o primeiro, porque tinha muitos mantimentos na Cidade, e com

elles se podia soster este gasto, o que não podia ser dando hum cruzado por mes á gente, porque os Moedeiros não podiam lavrar tanto, que podessem soprir a tudo: o outro, porque tinha nova da vinda do Hidalcão, e queria ter a gente junta pera qualquer rebate que lhe dessem. Os Capitães enfadados do trabalho, que levavam no fazer da fortaleza, porque cada hum tinha seu tempo ordenado pera trabalhar com a sua gente, desejosos de irem ter seus prazeres a Cochim, e tambem por se escusarem do trabalho, que podiam ter em dar de comer, aconselháram aos seus soldados, que não aceitassem comerem em salas, e que pedissem os seus mantimentos em dinheiro, porque sabiam que pela muita falta que avia delle, não podiam ser bem providos, e com esta afronta seria forçado deixar Afonso Dalboquerque Goa, e ir-se pera Cochim, que era o que elles pertendiam, e não ser a gente mal, nem bem provida. E como elle soube que o principal amotinador da gente era Jorge da Cunha, e que em sua casa se ajuntáram Estevão Baiam, e Francisco de Figueiredo, e fizeram rol de muitos homens pera lhe irem pedir que lhe mandasse pagar

seus mantimentos a dinheiro, porque não aviam de ir comer ás salas dos seus Capitães; porque se este negocio não fosse mais danando, mandou prender Estevão Baiam, e Francisco de Figueiredo pera os castigar. Os que eram nesta conjuração, como os víram prezos, arreceando que lhes fizessem outro tanto, deixáram o requerimento, e fóram comer ás sallas dos seus Capitães, como estava ordenado; e porque na devassa, que se mandou tirar deste negocio, se achou ser Jorge da Cunha muito culpado, mandou soltar os prezos, e a elle reprendeo por isso, e por outras muitas cousas que tinha feitas; o qual ficou tão descontente das palavras, que lhe Afonso Dalboquerque disse, que dali a poucos dias se ajuntou com Jeronymo Teixeira, Luis Coutinho, e Francisco de Sousa Mancias, que eram todos em huma maça, e foram-lhes pedir licença pera se irem pera Cochim; e porque lha não quis dar, dali por diante fizeram-se sempre agravados, e arrufados delle. Afonso Dalboquerque polos desejos que tinha de acabar a fortaleza, arreceando a vinda do Hidalcão, dissimulou com elles, e sofreo-lhes suas cousas; e mandou Diogo Fernandez de Béja com certos navios,

e gente, que fosse concertar a fortaleza de Cintácora, e nella ficasse por Capitão, porque vindo o Hidalcão, não se metessem ali alguns Turcos, que lhe desasocegassem a terra. Chegado Diogo Fernandez a Cintácora, achou muita parte da fortaleza derribada, e destroida; e por ser na entrada do inverno, e não era tempo pera começar obra de novo, se tornou pera Goa, e disse-lhe o estado em que a achára, e que avia mister muito tempo pera se concertar, e por isso se viera.

CAPITULO XXVII

Como Mandaloy Senhor de Condal escreveo ao grande Afonso Dalboquerque a nova, que tinha, da vinda do Hidalcão, e o que elle sobre este recado fez.

Estando as cousas de Goa no estado que tenho dito, escreveo Mandaloy Senhor de Condal huma carta ao grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que Balogi senhor do Castelo, e terras de Pervaloy, e do Reyno de Sanguiçar, se tinha carteado com Roçalcão Capitão do Çabaio, e com Melique Rabão senhor do Carrapetão, e que to-

dos tres tinham mandado seus Embaixadòres ao Hidalcão, pedindo-lhe que lhe mandasse gente, pera com a mais que elles tinham, virem sobre as terras de Goa, e as tornarem á sua obediencia, e que Balogi, que estava já dentro em Banda com muita gente, e que elle estava ali com dous mil homens á sua custa, com determinação de defender aquella terra ao Hidalcão, e morrer sobre isso por serviço de Sua Senhoria: que lhe pedia que lhe mandasse algum socorro de gente, e quem quer que fosse, elle lhe entregaria logo as terras, que pera si não queria mais senão alguma cousa que comesse em sua vida. Afonso Dalboquerque como lhe esta carta deram, mandou chamar os Capitães, e depois de a mandar ler perante elles, lhes disse, que Timoja se tinha offerecido pera ir com gente á sua custa ajudar Mandaloy, que lhe dissessem se fiaria este negocio delle, ou se mandaria alguma outra pessoa de mais respeito. Praticado isto, foram todos de parecer, que devia de mandar hum Capitão Fidalgo com gente de pé, e de cavallo por terra, e navios por mar pera lhe darem favor. Tomada esta determinação, ordenou Afonso Dalboquerque

pera este negocio Jorge da Cunha com sessenta de cavallo, e alguns bésteiros, e espingardeiros, e em sua companhia mandou Menaique Capitão de Timoja, e Melique Çufecondal com quatro mil homens da terra, e Baldrez por lingoa, e a Diogo Fernandez de Béja com tres navios por mar, com regimento, que chegando onde estivesse Jorge da Cunha, lhe obedecesse; e como foram prestes, partíram-se todos, e Jorge da Cunha foi ter á Ilha de Divarij, com determinação de ao outro dia pela menhaã passar á terra firme: e aquella noite, que foram vinte tres dias do mes de Abril, veio ter com elle hum Canarim com muita pressa, e disse-lhe, que á terra de Banda, e de Condal eram chegados dous Capitães do Hidalcão com muita gente, e que se dizia que vinham pera entrar a Ilha de Goa. Como Jorge da Cunha teve esta nova, deixou-se estar, e não consentio que Melique Çufecondal passasse á outra banda, e mandou o Canarim com esta nova a Afonso Dalboquerque, e elle lho tornou logo a mandar, e escreveo-lhe que não fosse mais por diante, e que se deixasse estar em Divarij, e não deixasse passar nenhuma gente de Timoja da outra banda da ter-

ra firme, sem ter outra nova mais certa da gente do Hidalcão: e como teve despachado o Canarim, mandou Diogo Fernandez adail com doze de cavallo, e Mirale em sua companhia com mil piões Canarins, e que se passasse á terra firme, e visse se podia tomar algum lingoa, que lhe désse nova certa da vinda do Hidalcão. Diogo Fernandez se partio, e por não ser sentido, passou de noite á terra firme; e indo assi, fazendo grande escuro, foi dar com a dianteira da gente do Hidalcão, e foi tão de supito, que esteve de todo perdido, e salvou-se a unha de cavallo, ficando já por detrás muitos piões da terra, que se não poderam salvar; e quando chegou á Cidade, não vinham mais com elle que quinhentos piões, e a gente de cavallo, que comsigo levára, e deo conta a Afonso Dalboquerque do que passára, e como estivera de todo perdido, e milagrosamente se salvára, e que a gente do Hidalcão era muita, e que lhe parecia que faziam rosto pera aquella parte de Benastarim, com determinação de assentarem ali seu arraial. Afonso Dalboquerque com esta certeza, que lhe Diogo Fernandez deo da vinda do Hidalcão, mandou chamar os Capitães, e disse-

lhes, que lhes pedia por mercê, que pois a nova era certa, andassem todos armados, e com sua gente junta; porque avendo algum rebate, estivessem prestes pera acodirem onde fosse necessario, e mandou recado a Jorge da Cunha, que se recolhesse pera a Cidade; e estando nisto, chegou hum messageiro de Berforé Rey de Garçopa com huma carta pera Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que o Rey de Narsinga lhe escrevèra, que o Hidalcão lhe mandara hum messageiro, aqueixando-se dos Gentios, que eram seus vassalos, ajudarem os Portugueses pera lhe tomarem Goa, e principalmente de Timoja, e que se isto não era por seu consentimento, que lhe pedia que o ajudasse pera a tornar a ganhar: e que o Rey lhe respondêra, que avia quarenta annos que os Mouros de Decan lhe tinham tomado o Reyno de Goa, e que agora folgava muito de o ver em poder delRey de Portugal, cujo irmão, e amigo elle era, e que a ajuda que lhe pedia pera a tomar, daria aos Portugueses pera a defenderem; e na mesma carta mandou o Rey de Garçopa dizer a Afonso Dalboquerque, que elle estava prestes com sua pessoa, e todo seu Reyno pera o servir

contra o Hidalcão cada vez que lhe comprisse, porque desejava muito de ter amizade com elle. Afonso Dalboquerque despachou o seu messageiro, e escreveo-lhe por elle, dando-lhe muitos agardecimentos polos offerecimentos que lhe fazia, e que escrevesse ao Rey de Narsinga, que elle se andava fazendo prestes pera pelejar com o Hidalcão, que por isso lhe não respondia ao que com elle tinha passado, que o faria por hum messageiro, que determinava de lhe mandar.

CAPITULO XXVIII

Como o grande Afonso Dalboquerque com esta nova proveo logo os passos da Ilha de gente, e Capitães, e mandou fazer justiça do Xabandar, pela má informação que teve delle, e do mais que fez.

Passada esta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre a vinda do Hidalcão com os Capitães, poz-se a cavallo com a mais gente que pode, e foi correr todos os passos da Ilha pera os prover do que fosse necessario, e em Benastarim deixou Garcia de Sousa com cem soldados Portugueses, e

seis de cavallo, e quatro tiros de artilheria, e bombardeiros necessarios pera isso, e encomendou-lhe muito que tivesse cuidado de mandar buscar todas as pessoas, que passassem á terra firme, se levavam algumas cartas de Mouros de Goa de aviso pera os do arraial do Hidalcão, e dali se foi a Goa a velha, e poz nella Jorge da Cunha com sessenta de cavallo, com regimento, que acudisse aos outros passos avendo necessidade: e no passo de Augij deixou o cunhado de Timoja, e Mirale com a sua gente: e no de Gondalij poz Francisco Pereira, e Francisco de Sousa Mancias com mil homens da terra, e deixou Jorge Fogaça no passo secco com vinte homens dos nossos, e vinte dos da terra, e no de Agacij D. Jeronymo de Lima com quarenta homens Portugueses, e outra gente da terra; e porque em todos estes passos avia torres feitas do tempo que os Reys de Narsinga eram senhores de Goa, mandou Afonso Dalboquerque dar aos Capitães artilheria, polvora, e bombardeiros para se defenderem, querendo-os a gente do Hidalcão cometer, e que tivessem os bateis das suas náos pegados comsigo pera se recolherem a elles, sendo-

lhes necessario. Postas estas cousas em ordem, recolheo-se pera a Cidade, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizesse prestes os bateis, galés, paráos, e alguns navios pequenos com gente, e artilheria pera andar no rio correndo todos aquelles passos, e favorecer os nossos, que nelles estavam; e estando na ribeira, dando ordem a esta Armada, chegou Dinis Fernandez Patrão mór della, e disse-lhe, que o Xabandar da ribeira mandára certos paráos polo rio arriba, e por lhe parecer mal, e o tempo ser de suspeita, lhe dissera, que os não mandasse senão pera baixo contra a barra, onde já por vezes tinham ido pelas cousas necessarias, e que elle o não quisera fazer. Afonso Dalboquerque o mandou chamar, e perguntoulhe, porque mandava os paraos polo rio arriba, pois sabia que estava ali o Hidalcão com muita gente pera entrar a Ilha? O Xabandar lhe respondeo, que elle não sabia da vinda do Hidalcão, e que se mandava os paráos era pera trazerem o necessario pera provimento da Cidade, como lhe elle tinha mandado; e porque a desculpa não foi boa, e teve suspeita delle, que mandava aquelles paráos pera passar gente do Hidalcão, man-

dou-o matar polos seus alabardeiros, e lançar no rio. Partido D. Antonio com a Armada, que estava já prestes, chegou-lhe recado de Garcia de Sousa, que o Hidalcão era chegado com toda sua gente, e que tinha assentado seu arraial defronte de Benastarim, e que segundo o que tinha visto lhe parecia que era muita gente. Afonso Dalboquerque com esta nova poz-se logo a cavallo com todos os Capitães, e alguma gente de pé, e foi-se a Benastarim, e quando chegou era já o Hidalcão afastado com o seu arraial pera detrás de hum outeiro, porque lhe tinha Garcia de Sousa morta alguma gente com a artilheria. E porque neste lugar, onde o Hidalcão tinha assentado seu arraial, estava huma mesquita, e casas, em que se os Mouros podiam emparar da artilheria da fortaleza, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Sousa, que fosse com a gente que tinha queimar as casas, e derribar a mesquita, o qual passou da outra banda, e destruio tudo, e poz fogo á mesquita, e por ser ao longo da agua, tornou-se a recolher sem receber damno nenhum dos Mouros; e chegando, poz se Afonso Dalboquerque a cavallo, e foi visi-

tando todos os passos, onde estavam os Capitães, avisando-os do que aviam de fazer, tornou-se pera a Cidade ordenar suas tranqueiras, e tudo o mais que era necessario pera defender a fortaleza, e a Cidade, se o Hidalcão entrasse a Ilha; e passando polo passo secco, lhe deo Jorge Fogaça, que ali estava por Capitão, hum moço, que aquella menhaã fugira do arraial do Hidalcão, o qual era Christão natural de Candia, e fora cativo por Camalo capitão do Turco, e que hum mercador comprára a elle, e a outros muitos, e os trouxera ao Reyno de Decan, e os dera ao Çabaio velho; e que por ser Christão, sabendo que ali estavam Christãos, fugíra, e se viera pera elles, e que outros dous companheiros seus fugíram tambem, e que não sabia o que era feito delles, e este deo muitas novas do arraial do Hidalcão, e da muita gente, que nelle trazia, e como era sua determinação entrar a Ilha por força; e dali a dous dias chegáram os outros dous moços, hum delles era Albanes, e outro da Roxia.

CAPITULO XXIX

Como o Hidalcão mandou João Machado, e hum Venezeano, que lá andavam tornados Mouros, com recado ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que deixasse Goa, e a reposta que lhe deo.

Como o Hidalcão teve assentado seu arraial, parecendo-lhe que sabendo o grande Afonso Dalboquerque o poder de gente, que elle trazia, sem mais pelejar lhe deixaria Goa, pera o tentar, mandou-lhe hum recado por hum Portugues, e hum Venezeano, que lá andavam tornados Mouros, os quaes vieram ter ao paço de Agacij, onde estava D. Jeronymo de Lima por Capitão, em huma almadia de noite, e disseram-lhe, que elles traziam hum recado do Hidalcão pera o Capitão geral da India, que lhe mandasse pedir seguro pera elle, e pera aquelle seu companheiro, e hum homem, que ficasse no arraial em arrefens, pera irem falar com Sua Senhoria, e poderia ser que vendo-se, se seguiria disso grande proveito pera todos. D. Jeronymo mandou logo recado a Afonso Dalboquerque, dizendo-lhe o que passava;

e como elle desejava de saber quem era o Portugues, que trazia este recado, mandou-lhe logo seguro, e Baldrez pera ficar no arraial por arrefens, porque sabia muito bem falar a lingoa da terra, e avisou-o que ouvisse as práticas, e a determinação dos Turcos, e que não entendessem nelle que sabia falar outra lingoa senão Portuguesa. Chegado Baldrez, e o seguro, mandou D. Jeronymo o Portugues, e o Venezeano no seu batel, e vieram-se nelle á fortaleza o primeiro dia de Maio de noite, e por não entrarem dentro, veio-se Afonso Dalboquerque esperar á porta, que hia pera o rio, e como chegáram, perguntou-lhes, que homens eram? O Portugues lhe disse, que aquelle seu companheiro era Venezeano de nação, e avia muito tempo que andava com o Hidalcão, e que elle se chamava João Machado, e que viera de Portugal degradado na Armada de Pedralvarez Cabral, e ficára em Melinde, e dali se passára ao Reyno de Cambaya, e por ElRey dar pouco soldo, se viera ao Reyno de Decan, e aceitára vivenda com o Çabayo pai do Hidalcão; e posto que andasse em tão errados caminhos, como Sua Senhoria via, elle era Christão, e cria ver

dadeiramente em Jesus Christo, e na sua Morte, e Paixão se avia de salvar: e se aceitára o recado do Hidalcão, que lhe trazia; fora pera lhe dar alguns avisos, e dizer lhe a verdade daquella gente, em cuja companhia vinha. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, se lhe queria falar só, ou perante todos os que ali estavam? Elle lhe disse, que só folgaria de lhe falar, e então se apartou com elle pera huma parte; e João Machado lhe disse, que o Hidalcão desejava muito sua amizade polo grande nome, que tinha antre os Mouros, e que se não agravava de lhe ter tomado Goa, porque sabia certo que Timoja fizera com os Gentios da terra que lha entregassem: que lhe pedia muito que lhe deixasse a Ilha, e as terras de Goa, e que elle lhe daria outro lugar dos seus ao longo do mar, qual elle quisesse, pera fazer fortaleza; e não querendo fazer isto que lhe pedia, que soubesse certo que se não avia de alevantar dali até o não lançar fóra, e que sobrisso avia de perder todo seu estado: e que pois o Hidalcão estava nesta determinação, que Sua Senhoria devia de tomar algum meio pera se concertarem, porque era mancebo, e grande senhor, e desejoso de ga-

nhar honra, e tinha muita gente branca, que naquellas partes era muito estimada, e temida, e com ella tinha senhoreado muita parte daquelle Reyno, e da outra gente da terra teria quanta quisesse; e que tambem o avisava, que se não fiasse da gente daquella Cidade, porque eram cheios de novidades, e se vissem quatro Mouros do arraial dentro na Ilha, que logo se aviam de alevantar todos contra elle, porque cada dia tinha o Hidalcão cartas dos Mouros da Cidade, em que lhe diziam que entrasse, que elles eram seus, e por elle aviam de morrer, e que mandasse vigiar todos os passos da Ilha; porque soubesse certo, que por onde estivesse mais descuidado, o aviam de entrar, e que verdadeiramente lhe parecia que não era poderoso pera defender a entrada da Ilha ao Hidalcão; e que lhe não dizia aquillo, como homem, que andava em companhia daquella gente, senão por lho assi parecer, e que elle esperava em Deos de muito cedo se ver em Portugal com ElRey D. Manuel, e dar-lhe larga conta das cousas daquella terra. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que lhe agradecia muito sua boa vontade, e avisos que lhe dera, e que pra-

zeria a Deos, que lhe daria tal conhecimento da verdade, que se viesse á verdadeira salvação; e que dissesse ao Hidalcão, que elle não tomára Goa pera a deixar, porque ella não podia ser de ninguem, senão de quem fosse senhor do mar, que era ElRey D. Manuel seu Senhor, e que folgasse de o ter por amigo, porque desta maneira não sómente segurava seu estado, mas ainda punha grande temor nos seus vizinhos, e que isto lhe dizia como homem, que era de sessenta annos, e muito usado nas armas, e elle mancebo, e mal aconselhado; e se a sua confiança estava no socorro, que esperava que lhe viesse do grão Soldão, que se não fiasse nisso, porque não fora tão pequeno o desbarato, que D. Francisco Dalmeida fizera nos Rumes em Diu, que logo assi pudessem vir: que lhe pedia muito por mercê, que alevantasse aquelle cerco, e se fosse, e lhe largasse Dabul, pera nelle fazer huma fortaleza, e que com estas condições faria pazes com elle; e que se o Hidalcão não esperasse de fazer tudo isto que lhe dizia, que não falasse mais em concerto, porque esta era a derradeira reposta, que lhe sempre avia de dar. João Machado lhe disse,

que lhe pezava muito de ver este negocio de maneira, que se não podessem avir: que o Hidalcão não avia de fazer tal concerto, porque não partíra de sua terra com aquelle proposito; e com esta reposta se despedio, e Afonso Dalboquerque lhe fez mercê de sessenta cruzados, e ao Venezeano de quarenta, e partíram-se no mesmo batel em que vieram, e chegáram ao arraial, e deram a reposta, que levavam ao Hidalcão, e elle despedio Baldrez; e disse-lhe, que dissesse a Afonso Dalboquerque, que se espantava muito delle não querer aceitar o partido, que lhe mandára cometer: que lhe prometia, que antes de muitos dias elle se arrependesse muito da reposta, que lhe mandára. Chegado Baldrez, disse a Afonso Dalboquerque o que lhe o Hidalcão dissera, e que no seu arraial avia muita gente de pé, e de cavallo, e que faziam prestes muitas jangadas, e cestos pera passarem nelles á Ilha: e que os Turcos, que tinham suas mulheres, e filhos em Goa, não queriam que o Hidalcão fizesse nenhum concerto com elle, porque queriam morrer todos, ou tornarem outra vez a ser senhores de Goa, e que todas suas práticas eram, que sobrella aviam de morrer hum milhão de homens.

CAPITULO XXX

Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta do recado, que lhe João Machado trouxera do Hidalcão, e do mais que sobre isso passára.

Desta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com João Machado, e com o Venezeano, ficou muito enfadado pelo que lhe disseram dos Mouros de Goa, ainda que claramente lho não dissessem; e pera se determinar no que nisto faria, mandou chamar Timoja, e deo-lhe conta do recado, que lhe o Hidalcão mandára, e da reposta, que lhe dera; e depois de sobre isso terem alguma prática, disse-lhe, que elle tinha sabido, que alguns Mouros principaes da Cidade se carteavam com o Hidalcão, e que tinham suas intelligencias com os Rumes, que lá andavam; que lhe rogava que lhe aconselhasse, como amigo, a maneira que teria pera este fogo não lavrar. Timoja lhe disse, que muitos dias avia que se elle não fiava nos Mouros, porque os víra sempre enfadados de verem aquella Cidade em poder de Portugueses: que seu parecer era,

que mandasse recolher todas as principaes cabeceiras, assi dos Mouros, como dos Gentios, á fortaleza, porque em tal tempo não se avia de fiar de huns, nem doutros. Afonso Dalboquerque, porque isto que lhe Timoja disse era a tenção com que lho perguntára, respondeo-lhe, que lhe agradecia muito aquelle conselho, que lhe dava, e que pois lhe assi parecia, por não aver escandalo antre huns, e outros, pois elle governava tudo, que fosse o primeiro que trouxesse sua mulher, e filhos á fortaleza; porque como os Mouros, e Gentios vissem que huma pessoa tão principal, como elle, e de tanta authoridade o fazia sem nenhum pejo, podia elle mandar a todos que o fizessem. Timoja, posto que lhe pezou muito do que tinha dito, por elle ser author deste negocio, mandou logo vir sua mulher, e hum filho que tinha, e mette-os na fortaleza. Como Afonso Dalboquerque lá teve a mulher de Timoja, mandou chamar os principaes Mouros, e Gentios, que governavam a terra, e disselhes, que mandassem ajuntar todos os Mouros, e Gentios honrados, assi na Ilha, como em Goa a velha, e que lhes dissessem da sua parte, que ao outro dia se viessem com

suas mulheres, e filhos metter na fortaleza, porque arreceava, que entrando o Hidalcão a Ilha, recebessem muitas injúrias, e afrontas dos Turcos. Os Mouros, e Gentios, ainda que se enfadáram muito deste edito de Afonso Dalboquerque, com tudo, vendo no Castello a mulher, e filho de Timoja, foram-se logo metter dentro com suas mulheres, e filhos, e depois destes recolhidos, mandou recolher as mulheres, e filhos dos Turcos, que andavam no arraial do Hidalcão, e mandou-lhes lá notificar, que se dentro em seis dias senão viessem pera a Cidade, que lhes avia de cativar suas mulheres, e filhos, e perderiam toda sua fazenda. Fez Afonso Dalboquerque isto, porque lhe tinha dado seguro, que lhe mandáram pedir pera se virem, e era forçado comprir com sua palavra, e mandar-lho notificar primeiro; e porque os Rumes, que andavam no arraial do Hidalcão, não tinham seguro seu, mandou-lhes tomar as mulheres, e filhos por cativos, com determinação de fazer justiça dellas, por se saber em toda a terra o odio, que os Portugueses tinham á gente do grão Soldão do Cairo, pera nenhum senhor da India ousar de os recolher em seus portos,

e lugares; e porque Afonso Dalboquerque se não fiava já dos Mouros da Cidade, nem dos Gentios, mandou com grande pressa muita madeira a Garcia de Sousa, pera que fizesse huma estancia muito forte da banda da Cidade, porque arreceava que por ali lhe entrassem Benastarim, a qual logo fez, e poz nella duas bombardas grossas, que lhe tinha mandado, e outra artilheria miuda, e seu irmão Duarte de Sousa por Capitão com gente pera se vigiar dos Mouros da Cidade. E sendo enformado que o Hidalcão determinava de entrar a Ilha polo passo de Augij, onde estava a gente de Timoja (que por algumas vezes quiseram deixar o passo, e ir-se), disse-lhe, que fizesse prestes quatrocentos homens da gente que fora com Jorge da Cunha, e mandou-os ao passo de Augij, onde estava a outra gente, e por Capitão delles hum Embaixador do Rey de Onor, que ali estava, de que tinha muita confiança por ser homem principal, e cavaleiro, não dando a entender a Timoja a causa por que o fazia. E tendo Afonso Dalboquerque todos os passos provídos de tudo o que era necessario, esteve assi por espaço de hum mes cercado, sendo algumas vezes cometido dos

Turcos por muitas partes pera entrarem a Ilha, e os nossos se defendêram muito valerosamente, e nestes rebates matáram alguma gente ao Hidalcão.

CAPITULO XXXI

Do recado, que Garcia de Sousa mandou de Benastarim ao grande Afonso Dalboquerque: e como foi visitar os passos da Ilha, e do mais que passou.

Estando os passos da Ilha nesta ordem que tenho dito, chegou hum pião da terra com huma carta de Garcia de Sousa pera o grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que a gente do arraial do Hidalcão era muita, e que cada dia lhe vinha de refresco outra; e que os soldados, que estavam em guarda dos paços, eram poucos, e ainda que tivessem alguma gente da terra comsigo, não era rezão que se fiassem delles, porque já que foram trédores aos seus naturaes, e da sua seita, que com mais rezão o seriam aos Christãos; e que pois não tinham gente com que pudessem defender a entrada da Ilha ao Hidalcão, que lhe pare-

cia que Sua Senhoria devia de mandar recolher todos os que estavam nos paços á fortaleza, porque nella fortificando-se muito bem com tranqueiras, se podiam valer do poder do Hidalcão, que sobre elles viesse, e que a Armada, que estava no rio, abastava pera lhe defender a passagem, e que assi estaria tudo a bom recado. Afonso Dalboquerque andava já tão enfadado do assombramento dos Capitães, que só com o seu animo invencivel sofria as cousas com que lhe cada dia vinham; e respondeo lhe, que guardasse elle muito bem Benastarim, que tinha a seu carrego, e que o deixasse fazer, porque sua determinação era defender a Ilha, e o Sertão, se fosse necessario, e que não ouvesse medo, porque elle esperava na misericordia de Deos de desbaratar os imigos, porque estomago, e confiança tinha pera tudo. E com esta reposta lhe mandou huma bombarda grossa pera pôr na estancia da banda, donde o Hidalcão tinha assentado seu arraial, com a qual elle fazia muito nojo. Nesse tempo chegou Diogo Fernandez de Beja com a sua Armada, que Afonso Dalboquerque tinha mandado a Condal, pera se ajuntar com Jorge da Cunha,

e contou-lhe como toda a terra era chea da gente do Hidalcão; e por não ter nenhum recado de Jorge da Cunha, se viera recolhendo, por lhe parecer que teria delle necessidade; e em saindo do rio, acodíram muitos Mouros, e lhe tiráram com espingardas, e fréchas. Afonso Dalboquerque, sem fazer demora, mandou-lhe que se fosse logo com sua Armada polo rio acima ajuntar com D. Antonio de Noronha, e defendessem a passagem aos Mouros, querendo passar á Ilha. Tendo isto feito, cavalgou, acompanhado de alguma gente de cavallo, e de pé, e foi-se logo direito a Goa a velha, onde estava Jorge da Cunha (e levou comsigo Melique Çufecondal, que topára no caminho); e depois de estar hum pedaço com elle, encommendou-lhe a guarda daquelle passo, e dali foi ao passo de Agacij, onde estavam no mar D. Antonio, Fernão Perez Dandrade, Luis Coutinho, e Bernaldim Freire, e outra muita gente com elle, porque ali naquelle passo tinha o Hidalcão a maior parte do seu arraial; e despedindo-se delles, lhes disse, que lhes pedia por mercê, que tivessem boa vigia, e defendessem aos Mouros, que não passassem o rio, porque nisto

estava a salvação de todos; e dali se foi a Benastarim, e esteve falando com Garcia de Sousa, e contou-lhe como no caminho lhe descobríram huns Mouros, que Melique Çufecondal estava concertado com o Hidalcão, que cometesse todos os passos da Ilha nas jangadas, e paráos que tinha, e que elle se alevantaria com toda a gente, e mataria Jorge da Cunha, e seus companheiros; e como estes fossem mortos, que correriam todas as estancias, e levariam tudo nas mãos, e que o levava dissimuladamente comsigo a Goa pera o castigar. Garcia de Sousa lhe disse, que elle se arreceára sempre da gente da terra, porque todos eram como Melique Çufecondal. E que ainda que Sua Senhoria tomára mal mandar-lhe lembrar que os Christãos eram poucos, e os Mouros muitos, que elle lhe segurava que polo seu passo não entrasse nenhuma gente do Hidalcão, quer em sua companhia tivesse muita, quer pouca. Afonso Dalboquerque lhe disse, que verdadeiramente sua tenção não fora aquella, e que pela muita confiança que tinha de sua pessoa, e cavaleria, lhe entregára Benastarim, que era o principal passo daquella Ilha. E depois de estar hum pouco praticando

com elle, cavalgou, e foi correndo todos os outros passos, e chegou á Cidade já de noite, e mandou chamar Gaspar de Paiva Alcaide mór da fortaleza, e entregou-lhe Melique Çufe, que o tivesse a bom recado com os outros, da qual prizão Melique Çufe ficou muito agastado, porque nunca cuidou que hia prezo. Chegado Afonso Dalboquerque á Cidade, disse-lhe Timoja, que Mandaloi Senhor de Condal, lhe escrevêra huma carta, que lhe dissesse, que tanto que soubera que o Hidalcão com seu arraial estava sobre Goa, ajuntára quatro mil homens, e fora correndo todos os passos da serra, e que lhe tomára os mantimentos, que vinham pera o seu arraial, e que estava tres leguas do Hidalcão, que lhe mandasse dizer o dia que queria dar nelle, porque a esse tempo daria tambem no arraial com a sua gente, porque em tudo havia de estar á sua determinação. Afonso Dalboquerque disse a Timoja, que lhe escrevesse, que lhe tinha muito em mercê o seu recado, e que esperava em Deos de lhe pagar os desejos, que tinha de servir a ElRey de Portugal, com o fazer grande Senhor nas terras do Hidalcão em seu nome; que se deixasse estar, porque

quando fosse tempo, elle lhe mandaria recado do que havia de fazer.

CAPITULO XXXII

Como o Hidalcão entrou a Ilha de Goa polo passo de Agacij, e foi cometer a Cidade, e o grande Afonso Dalboquerque se recolheo ao castelo com toda a gente, e do mais que passou.

Vendo o grande Afonso Dalboquerque que a determinação do Hidalcão era entrarlhe a Ilha de Goa, sem nenhum receio da Armada, que tinha no rio, com muita gente, e artilheria, assentou que isto não podia ser, senão confiado nas intelligencias, que tinha com os Mouros da Cidade, como lhe João Machado tinha dito; e tendo já alguma suspeita de certos Mouros honrados da terra, que se carteavam com alguns parentes, que tinham no arraial dos imigos, tanto que chegou á Cidade, mandou fazer justiça delles; e como Afonso Dalboquerque se arreceava muito do passo de Augij, pola suspeita que tinha da gente de Timoja, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que

estava por Capitão mór da Armada no rio, que estivesse naquelle passo, e que se vigiasse muito bem. O Hidalcão, como teve as jangadas feitas, huma sesta feira dezasete de Maio, fazendo grande tormenta (por ser inverno) mandou passar trezentos Turcos da terra firme á Ilha polo passo de Augij; e porque a tempestade da noite, e o escuro foi grande, descuidou-se D. Antonio de mandar chegar as galés bem a terra, e tiveram os Turcos tempo de passarem sem serem sentidos, e tornáram logo nas mesmas jangadas, e em outras, que já tinham feitas, e embarcariam setecentos Turcos, e começáram a passar; e por ser quasi menhaã, foram sentidos de dous bateis nossos, que estavam mais á terra, e deram rebate a D. Antonio, o qual acudio logo com todos os navios, e ás bombardadas metêram as jangadas no fundo, e trouxeram todos os Turcos á espada, que não escapáram, senão tres que fugíram. Sentio o Hidalcão a morte destes Turcos polo muito que lhe custava avelos em sua terra; e neste tempo que D. Antonio andava ás lançadas com estes Turcos, começáram a passar dous mil da outra banda por huns esteiros de vasa, todos

enlameados, sem serem vistos dos nossos, pela occupação que tinham. Menaique, Capitão de Timoja, que estava em Goa a velha com Jorge da Cunha, ouve vista dos Turcos, e sendo já muita parte delles passados, foi-os cometer a cavallo com duzentos piões da terra, que o quisessem seguir. Os Turcos deixáram-se estar quedos, e Menaique, como chegou a elles, deo-lhes na dianteira, e antes que se desenlameassem, matou trinta, ou quarenta; e como se começáram ajuntar, e elle se visse mal socorrido de Jorge da Cunha, recolheo-se, e foi-se pera Goa, e levou as cabeças daquelles que matára. A gente de Timoja, que ficava no passo, como víram os Turcos, foram-se ajuntar com elles, e todos juntos corrêram a Benastarim, onde estava Garcia de Sousa, e entráram-lhe as estancias, e tomáram-lhe o camelo, que nellas tinha, e huns berços, e matáram-lhe seu irmão, e quatro, ou cinco homens, e poseram fogo ás estancias. Garcia de Sousa como vio que se não podia valer dos Turcos, recolheo-se a hum paráo que tinha, e foi-se pera Goa. Francisco de Sousa Mancias, e Francisco Pereira Coutinho, que estavam

no passo de Gondalij, como os Turcos chegáram, largáram a torre com quatro bombardas, e recolhêram-se ao batel por huma escada, e vieram-se pera a Cidade. Vendo Jorge da Cunha o desbarato dos nossos, e que os Turcos tinham entrado a Ilha por muitas partes, veio-se recolhendo com a gente de cavallo, já muito pela esquentada, e matáram-lhe tres homens de cavallo. Como Afonso Dalboquerque soube que Jorge da Cunha vinha posto em desbarato, mandou Diogo Fernandez Adail com vinte de cavallo, e cincoenta homens de pé, que lhe fosse dar costas, e os recolhesse, o qual o fez aquelle dia, como muito valente cavaleiro que era, e nisto, e tudo o mais em que se achou, deo sempre muito boa conta de si; e depois de Diogo Fernandez ido, poz-se a cavallo, e veio-se á praça com cincoenta homens armados pera ver se podia aquietar o grande alvoroço, que avia nos Mouros, depois dos Turcos terem entrado a Ilha. E os Mouros, como homens, que tinham já as costas quentes, como víram Afonso Dalboquerque, foram-no cometer. Vendo elle que lhe hiam perdendo a vergonha, pera se melhor poder valer

delles, mandou pôr fogo á Cidade em quatro partes, e com a gente que tinha deo nelles, e todos os que achou pelas ruas trouxe á espada, sem dar vida a nenhum; e depois de lhe ser dado hum bom castigo, deixou-se andar por toda a Cidade com toda a gente, e indo assi por huma rua vio Timoja, que se vinha tambem recolhendo, perseguido de alguns Turcos, que vinham já pegados nelle, e como os vio, remeteo a elles, e polos em desbarato de maneira, que o largaram. E se se Afonso Dalboquerque ali não achára, Timoja, e alguns Capitães seus, que com elle vinham, se perdêriam, com que o Hidalcão mais folgára, que de tomar a Cidade. A este tempo eram já tantos os Mouros do arraial do Hidalcão dentro na Cidade, que foi necessario a Afonso Dalboquerque recolher-se com toda a gente á fortaleza, sendo já trinta dos nossos mortos, e muitos feridos. E não custou isto tão pouco ao Hidalcão, que da sua gente não ficassem estirados por essas ruas mais de dous mil. Entrando Afonso Dalboquerque na fortaleza, vio os nossos tão cheios de temor, da muita gente que o Hidalcão comsigo trazia, que os co-

meçou a esforçar: e ao outro dia pela menhaã chegou D. Antonio de Noronha nas galés, e bateis, em que andava no rio, e com sua vinda tomáram os nossos algum esforço, e Afonso Dalboquerque mandou logo Jorge da Cunha com duzentos homens nos bateis, que fosse á ribeira, e queimasse as náos, que estavam em estaleiro; e o armazem; e porque acodíram muitos Mouros á ribeira, não pode Jorge da Cunha queimar mais que quatro, e as casas do armazem, onde se queimou muita enxarcea, e todo o aparelho da ribeira, e tornou-se a recolher: e ao outro dia pela menhaã entrou o Hidalcão com toda a gente do seu arraial dentro na Cidade com tantas gritas e tangeres, que era cousa de espanto ouvilos.

CAPITULO XXXIII

Como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se fazer forte na fortaleza, e sostela: e do que passou com os Capitães sobre isso, e do recado, que lhe o Hidalcão mandou por João Machado, e o que nisso passou.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque com toda a gente á fortaleza, mandou

aos Capitães que tomassem estancias no muro, com determinação de se fazer forte nella, e defender-se do Hidalcão, até lhe vir socorro de Cochim, polo qual determinava de mandar; e pera se determinar em o que faria, mandou ajuntar os Capitães, e disse-lhes, que pois o Hidalcão tinha entrado a Ilha, e estava em posse da Cidade, e a culpa era de todos, que seria bom emendarem o descuido, que nisso tiveram, com sosterem aquella fortaleza; porque além de ella ser em si tão forte, que Rodes lhe não tinha nenhuma aventajem, estavam nella mil homens Portugueses, que defendendo-se bem, não bastava todo o poder do Hidalcão pera os entrar, e que neste tempo mandaria por socorro a Cochim. Os Capitães lhe respondêram, que a culpa de o Hidalcão ter entrado a Ilha, e estar em posse da Cidade, não era por falta de esforço, nem descuido que nelles houvesse, senão polos Mouros serem muitos, e elles poucos; e que quanto era a querer defender a fortaleza, e sostela, que não devia de cuidar nisso, porque elles não eram poderosos pera se poderem defender do poder, que o Hidalcão ali tinha: que se devia de recolher

ás náos, e segurar sua Armada, porque nella estava toda a segurança da India; e deste parecer foram todos os Capitães, senão D. Antonio de Noronha, e Gaspar de Paiva Alcaide mór da fortaleza, que disseram, que não devia de deixar a fortaleza, mas antes seguralа, e sostela, até ver a determinação do Hidalcão, porque elles estavam com as costas no rio, e que cada vez que quizessem se podiam recolher, sem lhe fazerem nojo. Afonso Dalboquerque, porque sua determinação era fazer-se forte na fortaleza, e defendela, não quiz dizer seu parecer, e deixou a cousa assi, sem tomar concrusão, e disse, que viriam os outros Capitães, que ali faltavam, e que então assentaria no que devia de fazer. Os Capitães estavam tão assombrados, que não ficáram contentes de se dilatar este negocio, e cada um per si se foi a elle, e requerêram-lhe por muitas vezes, que se recolhesse ás náos, e deixasse a fortaleza, e elle dissimulou sempre com elles, até que hum dia se ajuntáram todos, e disseram-lhe, que se recolhesse, porque não era tempo pera esperar mais, e que quando o não quisesse fazer, que elles determinavam de se recolher, e

deixarem-no. Afonso Dalboquerque, receoso que o temor que tinham, lhe fizesse fazer algum máo recado, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fosse á porta da fortaleza, que hía pera a ribeira, e não consentisse que sahisse ninguem pera fóra, nem se bolisse dali, sem lhe primeiro ver o rosto, ou hum certo sinal, que lhe tinha dado. Vendo-se Afonso Dalboquerque em tanto trabalho, que pera aver de soster a fortaleza lhe era forçado guardala dos Mouros, e dos Christãos, e que as differenças, que avia antre elles, podia o Hidalcão saber por dous homens estrangeiros da Armada, que o dia de antes se lançáram com elle, e com qualquer rebate que lhe désse haviam todos de deixar as estancias, determinou comsigo só de se recolher ás náos, por não perder a artilheria, que tinha em terra, e mandou Manuel Fragoso em huma fusta secretamente de noite saber o rio como estava, porque lhe era dito que os Mouros tinham dado fundo a duas náos Malabares, carregadas de pedra, na volta que o rio fazia abaixo da ribeira, pera o intupirem, por ser ali mais estreito. Partido Manuel Fragoso, mandou Jorge da Cunha

dizer a Afonso Dalboquerque, que João Machado chegára á sua estancia, e lhe dissera, que lhe queria falar: elle perguntou aos Capitães o que faria, e todos elles foram de parecer que lhe não falasse, porque não era já tempo pera andar em concertos, senão pera se recolherem. Afonso Dalboquerque, porque se não aventurava nisso muito, por cima disso quiz-lhe falar; e porque João Machado não visse o desarranjo, e assombramento dos nossos, não quiz que entrasse na fortaleza, e mandou a Antonio da Costa, que fosse no seu batel por elle, e o levasse á galé de Simão Dandrade, e elle poz-se a cavallo, e veio ter á porta da Cidade, onde a galé estava; e estando assi, chegou João Machado, já muito de noite, e disse-lhe, que elle desejára sempre de se Sua Senhoria concertar com o Hidalcão, e que via as cousas irem muito polo contrario do que elle queria; e que pois assi era, e Sua Senhoria não podéra suster a Ilha contra o poder do Hidalcão, menos poderia defender a fortaleza, porque no seu arraial avia muita gente, e muitos petrechos pera a combater, e por aqui lhe disse outras muitas cousas; e estando assi falando com

João Machado, veio Francisco de Sousa Mancias, e desatentadamente disse, que fazia, que os Mouros entravam a fortaleza, e que os Capitães lhe mandavam dizer que se recolhesse; e não no querendo fazer, que deixariam as estancias. Afonso Dalboquerque ficou tão agastado de lhe dizer aquillo perante João Machado, a quem se elle estava vendendo, e zombando dos biocos que lhe fazia, que se alevantou muito apaixonado, e disse-lhe: *Como, Francisco de Sousa, tanto desejais de entregar esta fortaleza aos Turcos? ora ide, e entregai-lha, e fazei o que quizerdes.* Francisco de Sousa como desejava de se ver já fóra do perigo, em que estava, em chegando a D. Antonio de Noronha, disse-lhe, que seu tio mandava que largasse a fortaleza, e se recolhesse. D. Antonio esquecido do que lhe seu tio tinha dito, e confiando-se no que lhe Francisco de Sousa dizia, mandou logo pôr o fogo a huma tercena. Como esta nova correo pelas estancias, veio a nossa gente de roldão á porta da ribeira pera se embarcar. Ouvindo Afonso Dalboquerque o rumor dos nossos, cuidando que fossem Mouros, por ser de noite, despedio João Machado, e

meteo-se em hum paráo, e acudio á porta da ribeira, e achou o roldão da gente, que se vinha recolhendo á ribeira pera embarcar, e felos tornar atrás, e dissimulou, porque tinha mais culpa D. Antonio de Noronha seu sobrinho no que fez, que Francisco de Sousa no que lhe disse. Acabado de recolher, chegou Manuel Fragoso, que elle tinha mandado ver o rio, e disse-lhe, que os Mouros tinham lançado huma náo Malabar carregada de pedra no canal do rio, e que a agua, que vinha das serras, era tanta, e corria com tanta furia pera baixo, que abria o canal por outra parte muito mais alto.

CAPITULO XXXIV

Como o grande Afonso Dalboquerque deixou a fortaleza, e se foi embarcar: e como o Hidalcão entrou nella, e o que fez.

Vendo o grande Afonso Dalboquerque estas cousas sem remedio, descontente da fraqueza dos Capitães, tendo confiança que não deixariam a fortaleza senão por seu justo preço, determinou de se recolher ás

náos, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizesse embarcar toda a artilheria, assi a dos Mouros, que tinha tomada, como a nossa, e todos os mantimentos que pudesse, e as mulheres, e meninos, e mercadores, que estavam na fortaleza; e como tudo foi recolhido, mandou a Gaspar de Paiva Alcaide mór da Cidade, que se fosse á fortaleza, e mandasse cortar a cabeça a Melique Çufecondal, e a cento e cincoenta Mouros principaes da Cidade, que em ella tinha mandado recolher, pelo que lhe João Machado tinha dito, e decepar as pernas a todos os cavallos, que estavam nas estrebarias, e puzesse fogo ás tercenas, onde se queimáram todas as cousas, de que se os Mouros podiam aproveitar. Feito este negocio, disse Afonso Dalboquerque aos Capitães, que cada hum com a sua gente se recolhesse, porque elle queria ficar por derradeiro. Os nossos desejosos de se verem fóra do perigo, em que se viam, foi tão grande a pressa, e o desarranjo ao embarcar, que se fora de dia, qualquer gente dos imigos que acudíra os desbaratára. Afonso Dalboquerque, como todos foram embarcados recolheo-se ás náos huma sesta feira

ante menhaã, aos vinte dias do mez de Maio do anno de dez, e mandou fazer toda a Armada á véla, e foi se polo rio abaixo ancorar defronte da fortaleza de Pangij, por ser ali o rio mais largo, e estarem seguros de se poder tapar com nenhuma cousa, com fundamento de esperar ali até a barra dar jazigo pera sahirem de fóra. Francisco de Sousa Mancias, que foi o primeiro, que se fez á véla, foi logo de golpe demandar a barra pera se botar de fóra, sem mais determinação, nem mandado de Afonso Dalboquerque, o qual como o vio ir, mandou apôs elle Diogo Fernandez de Béja na galé, e felo tornar, e em chegando, o reprendeo muito de cometer ir-se sem sua licença, e tirou-lhe a capitanía da náo, de que elle ficou muito descontente. O Hidalcão, como vio a nossa Armada partida, mandou hum bargantim que fosse á vista della, e visse sua determinação, e elle entrou dentro na fortaleza com todos os Turcos, e Rumes, com grande prazer, grandes gritas, e tangeres, mostrando grande contentamento de acabar cousa, que elle tanto desejava; e entrando dentro no Castelo, que vio na praça delle todos os Mouros principaes da

terra degolados ficou mui triste, e foi o pranto tamanho em todos aquelles, que hiam com elle, que o Hidalcão se agastou muito por ver tanta tristeza em huma Cidade, que elle tomára com tanto prazer. Os Turcos, e Rumes tambem por sua parte, como ali não achâram suas mulheres, e filhos, ficâram muito anojados, porque com esta esperança sofrêram muitos trabalhos em a entrada da Ilha; e estando o Hidalcão nesta tristeza consolando os pais, filhos, e parentes daquelles, que ali eram mortos, chegou o Capitão, que elle mandára no bargantim, e disse-lhe, como a Armada dos Frangues surgíra toda defronte da fortaleza de Pangij, e que lhe parecia que seu fundamento era fazer ali assento; porque huma náo, que fora demandar a barra pera sahir de fóra, mandára o Capitão mór huma galé apôs ella, e a fizera tornar pera dentro. Como o Hidalcão isto soube, temendo-se que Afonso Dalboquerque tomasse Pangij, e se fizesse forte nelle, polo entreter, pera neste interim poder prover a fortaleza, mandou logo João Machado no mesmo bargantim, que lhe fosse falar em pazes; e como o despedio, fez prestes hum Capitão com qua-

trocentos Turcos, e dous mil piões da terra, e artilheria, e todas as monições necessarias, e mandou-o á fortaleza de Pangij pera a guardar, e que fizesse todo o mal que pudesse á nossa Armada, de maneira, que fosse forçado alevantar-se, e irem-se, ou fazer algum concerto com elle. Como João Machado chegou, falou logo nas pazes, e depois de muitas práticas, que sobre isso tiveram, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que no tempo, que elle tinha a fortaleza de Goa, logo elle assentára com o Hidalcão qualquer paz, e amizade; mas pois era fóra della, que não faria nenhum concerto, sem lhe primeiro entregar Goa, e todas suas rendas, e pagar certo tributo a ElRey Dom Manuel das terras, que tinha tomado aos Indios, e fazer-se seu vassalo, e tomar sua bandeira, e que lhe avia de dar Dabul pera nelle fazer fortaleza; e que se isto fizesse, assentaria paz com elle, porque Goa era delRey de Portugal, e sempre o avia de ser. João Machado se foi com esta reposta, e ao outro dia pela menhaã tornou logo o Hidalcão a mandar pedir-lhe arrefens pera irem dous Turcos homens principaes a falar com elle. Afonso Dalboquerque mandou

D. Antonio de Noronha em huma galé falar com os Turcos, junto da fortaleza de Pangij, e Diogo Fernandez de Béja pera estar em terra por arrefens. Chegado Dom Antonio, mandou Diogo Fernandez a terra, e os dous Turcos vieram á galé falar com elle, e estiveram todos tres praticando hum bom pedaço, sem tomarem concrusão em nada (e na verdade elles a não queriam, senão dilatar o negocio, pera proverem a fortaleza de Pangij, como fizeram); e em se despedindo de D. Antonio, faláram-lhe em resgate das mulheres, e filhos dos Turcos, e Rumes, e D. Antonio os desenganou, que por nenhum preço do Mundo lhas aviam de dar; e assi foi, porque dali as levou Afonso Dalboquerque comsigo, e na segunda tomada de Goa as fez Christans, e casou, como em seu lugar se dirá. Partidos os Turcos, recolheo D. Antonio a Diogo Fernandez, e veio-se pera as náos, e deo conta a seu tio do que passára, e Diogo Fernandez lhe disse, que lá em terra, onde estivera, lhe disseram os Turcos muitas rebolarias em Italiano, e em Castelhano. Como a nossa gente ainda estava assombrada do negocio passado, vendo que D. Antonio não tomára

concrusão com os Turcos, avendo que tudo era perdido, foram-se a Afonso Dalboquerque, e fizeram-lhe grandes requerimentos, que se sahisse pela barra fóra, sabendo todos mui bem que estavam na força do inverno, e não era tempo pera ir demandar nenhuma barra da India.

CAPITULO XXXV

Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre se sahiria pela barra fóra, e o que nisso passou: e como mandou Fernão Perez Dandrade, que se perdeo.

O Grande Afonso Dalboquerque, pera pacificar este alvoroço, em que os Capitães traziam metido toda a gente, e por lhes tirar o assombramento que tinham, mandou-os chamar, e os Mestres, e Pilotos das náos; e depois de serem todos juntos, disse-lhes, que se espantava muito delles, pois sabiam que não era tempo pera sahir pela barra fóra, andarem amotinando a gente pera lhe fazerem requerimentos que se fossem, que ali estavam todos aquelles Mestres, e Pilo-

tos, que se elles dissessem que lhes parecia bem fazelo, que elle o faria. Os Capitães, como desejavam de se ir, começáram logo cada hum per si a dizer, que o tempo estava bonança pera sahirem pela barra fóra, e que fosse invernar a outra parte, porque tinha muito poucos mantimentos, e que naquellas Ilhas não tinham maneira pera os poderem aver, porque tudo o Hidalcão tinha atalhado; e que quando o tempo não consentisse irem demandar Cananor, ou Cochim, que poderiam invernar em Anjadiva; e por aqui foram dando outras muitas rezões, conforme a seus intentos. Os Mestres, e Pilotos disseram, que elles estavam ali em hum lugar muito largo, e espaçoso, onde tinham suas náos mui bem amarradas, e que lhe não podiam os da Cidade fazer nenhum nojo; e que isto assi não fosse, a barra andava de maneira, que hum barco, por muito pequeno que fosse, não podia sahir por ella; e dado caso que podessem sahir sem perigo, não tinham onde pudessem invernar; porque Anjadiva, onde elles diziam, não era capaz de tantas náos, e tamanhas poderem estar naquelle tempo ali; e em tres, ou quatro conselhos, que tiveram sobre este caso,

sempre os Pilotos, e Mestres foram deste parecer, e a maior parte dos Capitães polo contrairo, e sobre isso lhe faziam muitas falas, e diziam-lhe, que toda a gente da Armada se escandalizava delle, e clamavam, que os queria matar ali todos de fome; e outras muitas cousas diziam, que calo por não culpar os mortos, nem envergonhar os vivos. Vendo Afonso Dalboquerque, que por cima do parecer dos Pilotos, e Mestres os Capitães eram mal sofridos nos trabalhos, e não lhes lembrava que não estava o seu Governador fóra delles, determinou de aventurar o navio S. João, e mandou Fernão Perez Dandrade, que era Capitão delle, que fosse a Anjadiva, e com o primeiro tempo lhe trouxesse todos os mantimentos que pudesse achar, e a Timoja que fosse em sua companhia com hum par de fustas das suas por esses portos, e trouxesse alguns; e como foram prestes, partíram, e foram demandar a barra; e porque o tempo era muito, e o mar grosso, sorgíram da barra pera dentro, e estiveram ali toda aquella noite, e ao outro dia pela menhaã, que o tempo abonançou, determinou Fernão Perez, por conselho do seu Piloto, de botar de fóra. Timoja

como o vio nesta determinação, disse-lhe, que se não desamarrasse, porque ainda que o tempo fosse bonança, não era ensejo pera sahir, e que se o fizesse, que se perderiam. Fernão Perez Dandrade, como desejava de fazer o que lhe mandáram, não deo polo conselho de Timoja, e levou suas ancoras, e foi demandar a barra, sendo hum quarto de agua por vasar; e porque a agua do monte corria muito, e o vento acalmou, acostou o navio a hum baixo, onde se perdeo, e por ser velho, desfez-se logo todo. Afonso Dalboquerque vendo o navio perdido, mandou-lhe acudir com os bateis, e salváram toda a gente, e artilheria, e todos os aparelhos delle. Quando os Capitães víram como se o navio perdêra, pareceo-lhes então bom o conselho dos Mestres, e Pilotos, e ali esteve a nossa Armada muitos dias passando muitos trabalhos.

CAPITULO XXXVI

Como o Capitão, que estava em Pangij, começou a tratar mal as nossas náos com artilheria: e do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os nossos sobre isso, e como não quiz tomar o presente, que lhe o Hidalcão mandava.

O Hidalcão, como vio que o grande Afonso Dalboquerque não respondia a proposito sobre seus concertos, apressou-se mais a mandar o Capitão, e gente, que tinham ordenado pera Pangij, o qual como foi na fortaleza, mandou logo tirar ás nossas naos com a artilheria, e fazia-lhes muito nojo com ella; e dia ouve, que lhes metêram dentro cincoenta pilouros de bombarda grossa, a fóra outros de miuda. A gente andava tão assombrada, e desconfiada disto em que se viam, que lhes parecia, que com jangadas lhes aviam os Mouros de tomar as náos, de maneira, que não ousava Afonso Dalboquerque de os tirar deste medo com reprensões, polos não meter em desesperação; mas antes quando lhe vinham aconselhar o que avia de fazer, pera se salvar do perigo

em que estava, respondia, que lhe parecia muito bem o que diziam, e que elle o faria logo, e dali se hia meter na sua camara, e olhava para o Ceo, e pedia a Deos perdão de suas culpas, porque aquelle assombramento da gente não podia ser medo, senão peccados seus, pois tinha o Cirne, e Flor de la mar, que eram duas náos tão poderosas, que ellas sós bastavam pera se defenderem do poder do Hidalcão. Com este assombramento, que a gente tinha, fugíram dous homens darmas pera os Mouros, e disseram ao Hidalcão a fortuna, em que os nossos estavam, e os muitos doentes, que avia na Armada, e como a sua artilheria fazia muito nojo nas nossas náos; e que era a fome tamanha entre elles, que por falta de mantimentos comiam todos os ratos, que avia nas náos, e tiravam os couros das arcas encouradas, e comiam-nos cosidos, e que cada dia faziam grandes requerimentos ao Capitão mór, que se sahisse daquelle rio. O Hidalcão, porque Afonso Dalboquerque não queria fazer nenhum concerto com elle, não deo muito credito a isto, que lhe os dous Christãos disseram; e pera se certificar se era verdade, determinou de lhe mandar hum presente de

carneiros, e gallinhas, e outros refrescos da terra; e partido o Mouro em hum barco com o presente, veio-se á náo de Afonso Dalboquerque com huma bandeirinha branca, o qual como vio o barco com aquellas cousas que trazia, entendeo logo que seria dizerem os mancebos, que fugíram, ao Hidalcão, a necessidade em que estavam; e elle por se mais certificar do que passava, mandava aquelle presente; e pera lhe pagar na mesma moeda, mandou deter o Mouro a bordo da náo, e disse ao Mestre que mandasse cerrar huma pipa polo meio, e que a puzesse chea de vinho no convés, e todo o biscouto que ouvesse em huma véla (o qual era pouco, e tinha-o guardado pera os doentes); e como teve isto aparelhado, mandou entrar o Mouro, e chegado onde Afonso Dalboquerque estava, disse-lhe, que o Hidalcão seu senhor tinha sabido a muita necessidade, em que estava por falta de mantimentos; e porque elle desejava de serem amigos, e de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, como por muitas vezes lhe mandára dizer, lhe mandava aquelle refresco; e tendo necessidade de mantimentos, lho mandasse dizer, que tudo lhe mandaria;

porque ainda que antre elles ouvesse guerra, elle lha não queria fazer por fome, senão com a espada na mão. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao Hidalcão, que lhe tinha muito em mercê a lembrança que tinha delle, que não era seu costume tomar presentes de seus imigos no tempo da guerra; e que quanto era aos mantimentos que lhe mandava offerecer, que na sua Armada avia tanto biscouto, e vinho, que estavam as náos todas daquella maneira que via, sem aver quem lançasse mão delle. O Mouro com esta reposta de Afonso Dalboquerque tornou a levar o presente que trouxera, e disse ao Hidalcão o que víra, e o que passára com elle.

CAPITULO XXXVII

O conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve pera cometer a fortaleza de Pangij, e como a entrou, e do estrago, que fez nos Mouros.

Vendo o grande Afonso Dalboquerque o muito damno, que a sua Armada recebia da artilheria, que estava na fortaleza de Pangij,

determinou por cima de todos os inconvenientes, que podia aver, de a cometer, e sobre isso aventurar a vida, e tudo o mais; e pera se determinar como faria este negocio, mandou chamar os Capitães, e disselhes, que elle tinha assentado, tanto que se vio fóra de Goa, não travar mais escaramuças com os Mouros, porque quem deixava os muros de huma Cidade tão nobre, como aquella, não se devia de contentar de andar ás frechadas com quatro negros; mas pois assi era, que a artilheria, que estava na fortaleza de Pangij, o obrigava a cometela, e lhe era forçado pelejar contra sua vontade, que lhes pedia por mercê, que lhe dissessem que maneira teria pera cometer este feito, porque elle determinado estava de o cometer; e porque neste conselho começou áver antre os Capitães muitas differenças, e diversas determinações, quiz Afonso Dalboquerque atalhar a tudo antes que lhe respondessem, e disse, que elle não forçava ninguem a ser naquelle feito, que quem o quizesse seguir, tanto que ouvisse huma trombeta de Timoja, acudisse á sua náo, porque elle com poucos, ou muitos, com aquelles que se achasse, determinava de ir

cometer os Mouros, que estavam na fortaleza, e com ajuda da Paixão de Nosso Senhor esperava de os levar nas mãos. Os Capitães como víram a sua determinação, respondêram-lhe, que elles seriam com elle naquelle feito; e sem aver mais praticas nisto, porque Afonso Dalboquerque não quiz que as ouvesse, por quão enfadado andava já de suas cousas, foram-se pera suas náos fazer prestes, e aquella noite fugio hum mancebo da Armada, e levou por alvitre ao Hidalcão o conselho, e determinação, em que ficava. O Hidalcão com este aviso, que lhe o mancebo deo, mandou chamar os seus Capitães, e João Machado com elles, e contou-lhes o que lhe o mancebo dissera, e perguntou-lhes se seria necessario prover Pangij de mais gente, e artilheria? Os seus Capitães todos foram de parecer, que na fortaleza avia gente, que bastava pera se defender, e quando fosse necessario socorro, que mui prestes se poderia mandar. João Machado, que foi o derradeiro que falou, disse, que elle não era daquelle parecer, senão que mandasse mais gente; porque se a artilheria, que estava na fortaleza, fazia tanto nojo ás náos dos Portugueses, como

o mancebo dizia, que fosse certo que lhã aviam de tomar. Hum dos Capitães, que era já seu competidor, disse ao Hidalcão, que aquillo, que João Machado dizia, eram mais palavras de Christão, que de Mouro, e por isso lhe parecia que se não podia defender Pangij; que lhe mandasse dar quinhentos Turcos, e que elle se obrigava com a mais gente, que estava nella, de a defender a todos os Portugueses. João Machado lhe respondeo, que elle não dizia aquillo senão como quem sabia bem quão determinados os Portugueses eram, que elle bem podia ir, mas que lhe ficava, que se os Portugueses eram os que elle cuidava, que elles lhe parecessem gente pera arrecear de cometer com poucos; e porque se começáram a travar em palavras, porque já avia dias, que tinham differenças, metêram-se os Turcos Capitães antre elles, e apartáram-nos, e o Capitão Turco se foi meter em Pangij com a gente que pedio ao Hidalcão, e acertou-se de ser o dia, que Afonso Dalboquerque cometeo a fortaleza, o qual foi recebido dos de dentro com grandes gritas, e tangeres, e fogos, que fizeram toda aquella noite. Afonso Dalboquerque, posto

que a fugida do mancebo lhe fez ter dúvida a cometer este negocio, arreceando-se, que advertido o Hidalcão da sua determinação, proveria a fortaleza de mais gente da que tinha, com tudo não quiz tornar atrás do que estava assentado, e como foram horas, mandou tocar a trombeta, e todos se vieram a bordo da sua náo, e dali partíram huma sesta feira ante menhaã quatorze dias do mez de Junho, e chegando a terra, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja com vinte homens, que fosse tomar a porta da fortaleza, que hia pera a Cidade, e que se deixasse estar, porque ali iriam todos ter com elle; e a Dinis Fernandez Patrão mór da ribeira, que com cincoenta Marinheiros, e Bombardeiros tivesse cuidado de recolher o camelo, e toda a outra artilheria, que ouvesse na fortaleza, aos bateis, e elle fez-se forte com um corpo de gente na praia, pera acudir onde fosse necessario. Ordenado isto, em tocando as trombetas, foram os Capitães com sua gente cometer o baluarte com tanta furia, que sem aver detença, o entráram, cada hum por onde achou melhor lugar; e Manuel de Lacerda foi o primeiro que subio em cima do muro. Os

Mouros como estavam sonorentos, confiados na muita gente que tinham, quando se quizeram valer das armas, eram já os nossos apegados com elles, e como se víram atalhados, puseram-se em fugida, e foram demandar a porta da fortaleza, onde Diogo Fernandez estava, e polos Mouros serem muitos, tiveram-no de todo desbaratado, senão fora Garcia de Sousa que lhe acudio; e chegando a elle, achou-o já muito ferido, e a maior parte da sua gente, e tres homens seus mortos, e nisto chegáram os outros Capitães, que vinham apôs os Mouros, e fizeram-se todos em corpo, e deram nelles, e desbaratáram-nos logo, e ficou a fortaleza despejada de toda a gente, que podiam ser quatro mil Turcos, e Mouros: morrêram ali cento e cincoenta Turcos, e cem piões Gentios, e tres Capitães do Hidalcão, e os nossos seriam quinhentos Portugueses, tudo Fidalgos, e principaes homens da Armada, e por serem poucos fizeram hum feito muito de louvar (porque nos animos generosos o temor da infamia vence todo o perigo, e medo). E tendo já Dinis Fernandez recolhida toda a artilheria dos Mouros nos bateis, e os dous camelos, que tinham tomado a

Garcia de Sousa em Benastarim, e cinco falcões, que se tomáram na torre de Agacij, e muitos arcos, frechas, e lanças, recolheo-se Afonso Dalboquerque com toda a gente, e veio-se pera as náos; e sendo todos recolhidos, vieram os Gentios, e queimáram todos os corpos mortos (segundo seu costume), e desta vitoria, que os nossos ouveram contra os Turcos, ficou João Machado com mais credito com o Hidalcão pelo que tenho dito, e o seu competidor morto.

CAPITULO XXXVIII

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Béja, e os outros Capitães nas galés, dar huma vista á Cidade pera saberem certeza da Armada, que se fazia, e como D. Antonio polos socorrer foi morto.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque ás náos com esta vitoria, porque avia nova que o Hidalcão tinha feito huma Armada de vinte e cinco vélas, de paráos, fustas, e atalaias, com muita artilheria, e arrombadas, e padeses pintados, e muita gente den-

tro pera lhe virem queimar as náos, mandou a Diogo Fernandez de Béja em huma galé, e Afonso Pessoa, e Simão Martinz nas outras duas, que fosse dar huma vista á Cidade, e vissem se se fazia esta Armada que diziam. Partido Diogo Fernandez, e seus companheiros, mandou a Dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que estivesse prestes com todos os Capitães nos bateis das suas náos; porque sendo necessario socorrerem Diogo Fernandez, o fizessem; e porque da Armada se não podiam ver as nossas galés, nem a Cidade, porque ficavam encubertas com huma volta, que o rio ali faz, mandou a Diniz Fernandez, que se fosse em hum paráo pôr no meio do rio, em parte, donde pudesse ver huma cousa, e a outra. Os Turcos como já estavam prestes, em vendo as nossas galés, mandáram levar suas ancoras, e começáram a vir remando pera ellas. Dinis Fernandez, que estava em vista, como vio que a Armada dos Turcos abalava, fez sinal a D. Antonio de Noronha, o qual partio logo a voga arrancada, com todos os Capitães; e porque a maré enchia, foram muito prestes á vista da Armada dos Turcos, e como a vio, bradou a Diogo Fer-

nandez, e aos outros Capitães, que com elle hiam, que remassem, e fossem investir duas atalaias, que vinham diante da Armada. Diogo Fernandez, e os outros Capitães, que estavam com os remos levados, quando víram o socorro que lhes vinha, mandáram remar mais depressa, e foram-se chegando pera a Armada dos Turcos, e começáram-lhe átirar com sua artilheria, e acertou que uma bombarda da galé de Diogo Fernandez deo pelas atalaias, que vinham na dianteira, e felas em pedaços, e morrêram todos os Mouros, que nellas vinham; huns, que matou a artilheria, e outros, que se afogáram em o rio, e a este tempo era já D. Antonio, e todos os Capitães pegados com Diogo Fernandez. Os Turcos, vendo a determinação dos nossos, fizeram volta pera a Cidade, e Dom Antonio com todos os Capitães foi-os seguindo, até encalharem na ribeira, onde estavam muitos Mouros, esperando a furia, com que os nossos vinham, pera os reprimir; mas como a artilheria das galés os desenganou, matando alguns, largáram a ribeira e recolhêram-se á Cidade. D. Antonio, que hia seguindo huma galeota nossa, que ficára em estaleiro, quando se

recolhêram, vendo-a varada em terra, só sem ninguem, poz-se ao longo della no seu batel, e desembarcou com sua gente pera a lançar ao mar; e se o assi fizeram todos, a galeota não ficára em terra, e elle não morrêra; mas os Mouros como víram D. Antonio mal socorrido dos nossos, acudíram á galeota, e foi a peleja de huma parte, e da outra de modo, que foram tres Capitães do Hidalcão mortos, e muitos dos nossos feridos, sem quererem largar a galeota, até que deram huma fréchada no joelho esquerdo a D. Antonio, de que logo ficou, que se não pode ter na perna, e com a grande dor que tinha largou a galeota, e recolheo-se ao batel, e todos os outros se afastáram logo, e com esta vitoria, ou desaventura (pois ali acabou seus dias hum rarissimo Capitão, como era D. Antonio), se recolhêram ás náos; e porque elle tinha grandes dores na perna, não quis que o levassem á náo de seu tio, e foi-se ao Cirne, de que era Capitão. Como Afonso Dalboquerque soube este desastre, meteo-se no seu esquife, e foi-o ver, e achou-o já muito mortal, e ouve muitos conselhos pera lhe cortarem a perna; mas elle nunca quis, cuidando que não fosse

o mal tanto, e assi esteve com grandes dores até oito dias do mes de Julho, que lhe saltáram erpes nella, de que morreo; e não ouve pessoa na Armada, que o não sentisse muito, principalmente seu tio, porque o deixou em tempo, que tinha muita necessidade de sua pessoa, conselho, e cavaleria; e derramando muitas lagrimas, o mandou enterrar ao pé de huma arvore, e na segunda tomada de Goa mandou trazer os seus ossos á Igreja maior; e quando faleceo, deixou em seu testamento, que lhos passassem á sua Capella de Nossa Senhora da Serra, que elle fez na Cidade de Goa, como adiante se dirá. D. Antonio de Noronha era filho de D. Fernando de Noronha, e de D. Costança de Castro, irmã de Afonso Dalboquerque, mais moço que D. Alvaro de Noronha seu irmão. Foi muito esforçado Cavaleiro, e nunca se achou em cousa que lhe sentissem medo. Foi muito virtuoso, amigo de Deos, e muito verdadeiro. Achou-se em todos os trabalhos, que Afonso Dalboquerque até aquella hora tinha passados. Morreo de idade de vinte e quatro annos, avendo quatro, que partíra de Portugal com seu tio na Armada de Tristão da Cunha.

CAPITULO XXXIX

O recado, que o Hidalcão mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhé que quisesse fazer pazes com elle, e do mais que passou.

Como o Hidalcão desejava mais de fazer pazes com o grande Afonso Dalboquerque, que de se vingar do desbarato, que os nossos fizeram na fortaleza de Pangij, passados alguns dias, depois deste feito, mandou dous Turcos homens principaes falar nellas; e chegados á borda do rio da banda de Pangij, começáram a capear. Afonso Dalboquerque mandou Gaspar Rodriguez lingua a terra saber o que queriam. Os Turcos lhe disseram, que dissesse ao Capitão mór, que o Hidalcão os mandava ali pera falarem em pazes, que mandasse huma pessoa falar com elles; e como elle estava muito aborrecido de suas mentiras, não quisera ter prática com elles; e com tudo, porque nisto se não aventurava nada, mandou Pero Dalpoem em hum batel esquipado com gente, que lhes fosse falar; e porque elles quando vinham falar de pazes, traziam sempre em sua com-

panhia alguns Portugueses, que lá andavam tornados Mouros, bem vestidos, e encavalgados á sua usança, e com sombreiros de estado, os quaes diziam muitas palavras descortezes, e aconselhavam aos nossos, que se fossem pera o Hidalcão (porque além de lhes dar grande soldo, tinham lá muito boa vida, e estavam fóra dos trabalhos, e fomes que ali passavam). Enfadado Afonso Dalboquerque desta bargantaria dos Portugueses, e da ruindade dos Mouros, porque este desenvergonhamento não fosse mais por diante, disse a Pero Dalpoem que levasse comsigo um espingardeiro, e que se algum bargante daquelles ali chegasse, que o mandasse matar. Partindo Pero Dalpoem, chegou á borda de agua, onde os Turcos estavam, e começando a falar nos negocios das pazes, chegou João Deiras, hum galego, que fora Marinheiro, e antre os nossos servia de Cirurgião, com outros seus companheiros, em cima de hum cavallo mui bem concertado, vestido em trajos de Mouro com seus moços, e sombreiro, e começou a falar algumas palavras descortezes. Pero Dalpoem, vendo que João Deiras hia por sua historia adiante, disse a João Dilhanes bombardeiro,

o qual levava comsigo pera este feito, que o matasse, e que elle lhe faria fazer mercê. Como João Dilhanes era bom oficial deste oficio, andando João Deiras afastado hum pouco da borda da agua, passeando em cima do seu cavallo, e falando o que queria, desparou a espingarda, e deo com elle morto no chão, de que os Turcos ficáram mui assombrados. Pero Dalpoem vendo o espanto, que elles fizeram de verem João Deiras morto, disse-lhes, que aquelle homem era condemnado á morte por sentença, por se lançar com os Mouros, e pelas leis delRey de Portugal qualquer homem o podia matar, onde quer que o achasse, que lhe pezava muito daquillo ser perante elles, que lhes pedia por mercê, que se dali por diante mais viessem falar em pazes, ou em outra qualquer cousa, que não trouxessem em sua companhia aquelles bargantes, porque falavam cousas muito deshonestas, e se assi fosse, sería necessario matarem-lhos todos. Os Turcos lhe respondêram, que lhes pezava muito, em tempo que elles vinham falar em pazes, e amizades, dizerem elles cousa que os escandalizasse, e por isso o que elle mandára fazer fora muito bem fei-

to, e que elles não virião ali mais. Passadas estas práticas, os Turcos se despedíram de Pero Dalpoem, e foram-se sem tomarem concrusão nenhuma, e Pero Dalpoem se veio á náo de Afonso Dalboquerque, e deo conta de tudo o que passára.

CAPITULO XL

De como o Hidalcão tornou a mandar outra vez hum seu Capitão principal falar com o grande Afonso Dalboquerque nas pazes: e da reposta que lhe deo, e do que passou com elle sobre Timoja

Passada esta prática, que Pero Dalpoem teve com os dous Turcos, dali a cinco dias tórnáram a capear da fortaleza de Pangij com uma bandeira. Afonso Dalboquerque mandou saber o que era, e trouxeram-lhe recado, que estava ali hum Capitão principal do Hidalcão, que se chamava Mostafação, que queria falar com elle, que lhe mandasse arrefens pera ficarem em terra, e como estava agastado da morte de D. Antonio seu sobrinho, não lhe quisera falar: e os Capitães lhe disseram, que pois o Hidal-

cão mandava hum Capitão tão principal como aquelle, que seria pera fazer tudo o que elle quisesse, que o devia de mandar vir, e ouvilo, porque poderia ser que cometeria cousa, que parecesse bem a todos fazello; e com este parecer dos Capitães (posto que fosse contra sua vontade), mandou fazer prestes hum paráo alcatifado de alcatifas de seda, e disse a Gaspar de Paiva, e Diogo Fernandez de Béja, e Pero Dalpoem, que fossem nelle a terra, e que o trouxessem, e mandou com elles Francisco Corvinel, e Diogo Fernandez, Adail que fora de Goa, pera ficarem em arrefens, e a Gaspar Rodriguez lingua pera ir a terra com os recados; e como o paráo esteve prestes, partíram-se, e chegando defronte da fortaleza de Pangij, mandou Pero Dalpoem Gaspar Rodriguez lingua em huma almadia a terra, dizer aos Turcos, que o grande Afonso Dalboquerque mandava ali aquelle paráo pera levarem o Capitão á sua náo, e que tambem traziam arrefens pera deixarem em terra. Os Turcos lhe mandáram dizer, que Mostafação era hum homem muito fidalgo, e dos principaes Capitães do Hidalcão, e que trazia em sua companhia dous

Turcos, homens muito honrados; e que se elles traziam D. Antonio de Noronha pera ficar em terra, que iriam, e senão, que se tornariam (parece que ainda não sabiam que D. Antonio era morto). Pero Dalpoem lhe mandou dizer, que Dom Antonio não vinha ali, porque ficava muito doente, mas que vinham dous homens muito honrados, criados delRey de Portugal, e seus Capitães. Os Turcos foram disso contentes, e disseram, que os mandasse a terra. Pero Dalpoem os mandou logo na almadia, e nella veio Mostafação com os dous Turcos, e embarcáram no paráo, e vieram ter á náo Capitaina, onde Afonso Dalboquerque estava com todos os Capitães Fidalgos, e gente honrada da Armada na tolda da náo, mui bem concertada. Chegado Mostafação á náo, Afonso Dalboquerque o veio receber no cabo da tolda, e fez-lhe muito gazalhado, e depois de passarem suas cortesias, disse-lhe Mostafação, que lhe queria dar um recado do Hidalcão, mas que não avia de ser perante tanta gente. Afonso Dalboquerque se alevantou, e meteo-se com elle, e com os dous Turcos na sua camara, e levou comsigo Cogebequi, e Lourenço de Paiva Se-

cretario, e Pero Dalpoem Ouvidor da India; e depois de estarem assentados, deo-lhe Mostafação muitas encommendas da parte do Hidalcão, e de todos os seus Capitães, dizendo, que ainda que antre elles ouvesse guerra, o costume dos Capitães era na paz fazerem comprimentos huns com os outros; e depois disto lhe disse, que o Hidalcão seu Senhor, pelos desejos, que tinha da paz, o mandava ali pera fazer tudo o que elle quisesse, que folgaria muito de aver antre elles alguma maneira de amizade, e que o Hidalcão folgaria muito de lhe dar Goa, polo muito que desejava de serem amigos, mas que os Turcos não queriam consentir que lha désse; que lhe pedia muito por mercê, que quisesse tomar Cintácora com todas as suas terras, e rendas, que eram muitas, porque ali tinha hum porto muito bom, onde podia fazer fortaleza, se quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha de que se aggravar do Hidalcão, pois todos os acontecimentos da guerra eram guiados pela vontade de Nosso Senhor; e posto que agora o lançasse fóra de Goa, que veria tempo, em que lhe elle faria outro tanto; e quanto ao mais que lhe dizia,

que elle não avia de tomar outra nenhuma cousa, senão a Ilha de Goa, com todas as suas terras, e que se lha désse, que seriam amigos, e senão, que não falasse mais nisso. Mostafação lhe respondeo, que o Hidalcão seu Senhor não avia de dar a Ilha de Goa, porque a tinha ganhada, e se lha tornasse a deixar, abateria muito em seu estado, e credito, e chegou-se pera elle, e disse-lhe, como disse, que lhe parecia que se quisesse entregar Timoja ao Hidalcão seu Senhor, que os Turcos consentiriam que lhe désse Goa. Afonso Dalboquerque ficou tão affrontado de lhe Mostafação falar em entregar Timoja, que lhe respondeo severamente, que se espantava muito delle ousar de lhe cometer tal cousa como aquella: que Timoja fora sempre muito leal servidor delRey D. Manuel seu Senhor, e por seus serviços era digno de muita mercê, e honra; que dissesse ao Hidalcão, que o Reyno de Goa era delRey D. Manuel seu Senhor, cada vez que o seu Capitão geral da India quisesse; e que lhe prometia, que antes que passasse aquelle verão, elle estivesse nos seus paços de Goa muito descançado, e que esperava de fazer Timoja muito grande Senhor no Reyno

Decan, e então saberia se era bom o conselho, que lhe os Turcos davam, e despedio-o que se fosse no paráo assi como viera, e trouxeram Diogo Fernandez, e Francisco Corvinel, que lá ficáram em arrefens.

CAPITULO XLI

Do que o grande Afonso Dalboquerque, estando no rio de Goa, passou com certos Capitães sobre mandar enforcar Ruy Diaz: e de como determinou de mandar D. João de Lima com os doentes a Cochim.

Estando o grande Afonso Dalboquerque no rio de Goa passando estes trabalhos, que tenho dito, e com muita gente doente, e muita falta de mantimentos, e o tempo ser tal, que não podiam sahir pela barra fóra, vieram lhe dizer, que hum Ruy Diaz, homem d'armas, havia muitos dias que entrava de noite com as Mouras, que tomára em Goa. Sabido isto, e arreceando que Nosso Senhor lhe désse algum grande castigo senão acudisse a hum caso como este, mandou chamar Pero Dalpoem Ouvidor, e

encommendou-lhe muito, que secretamente se enformasse deste negocio como passava, e que fosse seu Escrivão Lourenço de Paiva Secretario, e achando a Ruy Diaz culpado, o prendesse, e procedesse contra elle como fosse justiça. Pero Dalpoem começou a tirar sua devassa secretamente, e achou por muitas testemunhas, que havia dias, que Ruy Diaz entrava com ellas. Vistas as culpas, e o lugar, e tempo em que cometêra este delicto, julgou que morresse morte natural, e mandou-o enforcar na náo Flor da Rosa, de que era Capitão Bernaldim Freire; e indo o Meirinho fazer esta execução, que lhe o Ouvidor mandava, sahíram da galé pequena, onde todos estavam juntos, Simão Dandrade Capitão della, Fernão Perez seu irmão, Jorge Fogaça, Francisco de Sá, e Bernaldim Freire, e passáram pela náo Flor da Rosa, onde o Meirinho estava enforcando Ruy Diaz, e deixáram nella Bernaldim Freire, e Francisco de Sá; e como foram dentro, foi-se Francisco de Sá logo com huma espada nua ao goroupés da náo, e cortou-lhe o baraço, e recolheo-o pera a náo. Vendo o Meirinho que lhe tomavam o preso, começou a chamar alto por Afonso Dalboquer-

que, que lhe mandasse acudir, que lhe tomavam o preso. Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, no paráo em que hiam, foram-se por essas náos, e de humas pera as outras começáram a capear com toalhas, requerendo aos Capitães da parte delRey, que não consentissem enforcar aquelle homem. O alvoroço era tamanho em toda a Armada, que se não entendiam. Os Capitães não sabendo o que era, mandáram alar os seus bateis a bordo, e começaram-se todos a fazer prestes pera acudirem aonde fosse necessario. Vendo Afonso Dalboquerque o alvoroço na Armada, e que os Capitães andavam capeando com toalhas, tendo já recado do Meirinho como lhe tomáram o prezo, meteo-se no seu batel com cincoenta homens armados, e foi-se demandar o paráo, em que andavam Fernão Perez, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, com determinação de os apagar logo, e a todos aquelles, que acodissem ao seu apelidar. Como o elles vír am no batel, deixáram de correr ás náos, como faziam, e vieram-se direitos a elle, e como chegáram, disse-lhes Afonso Dalboquerque, que alvoroços eram aquelles, em que andavam, estando toda a

gente atemorizada das novas que avia dos Turcos virem queimar a nossa Armada; e porque bradavam da parte delRey, que se não fizesse justiça de hum homem, que fizera aquelle delicto em tempo, que era mais pera trazer hum silicio derredor de si, que pera o cometer, que elle da sua parte mandava fazer aquella justiça; e dizendo isto, saltou Jorge Fogaça no seu batel, e disse-lhe, que elle não avia de mandar assi fazer justiça de hum homem tão honrado, como aquelle: que mostrasse logo autos, e testemunhas, e o poder que tinha pera o fazer; e Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade tambem eram desta opinião, senão que as palavras foram mais honestas. O grande Afonso Dalboquerque, porque este desacatamento feito a sua pessoa não ficasse sem castigo com merecida pena, determinou de os castigar, e felos embarcar na sua nao, e mandou-os meter debaixo da cuberta, carregados de ferros, e disse ao Ouvidor que se fosse á náo Flor da Rosa, e mandasse logo enforcar Ruy Diaz. E porque na devassa, que se tirou, achăram Francisco de Sa muito culpado, mandou-lhe que o trouxessem prezo, e que o metessem em ferros

debaixo da cuberta com os outros, e a Bernaldim Freire suspendeo a capitanía da náo sómente, porque se provou que Francisco de Sá o enganára. Como estes Capitães foram prezos, ficou a gente mais assocegada dos alvoroços, em que cada dia andava, e os Capitães dali por diante mais brandos, e honestos em seu falar. Passadas estas cousas, sendo já quinze de Julho, porque os doentes eram muitos, e na Armada não avia nenhum remedio pera se curarem, pela muita falta que avia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes D. João de Lima, pera ir por Capitão mór de quatro navios, de que eram Capitães Nuno Vaz de Castelo-branco, Luiz Coutinho, Francisco Pereira, e Antonio de Matos, e que botassem de fóra, e com quaesquer mantimentos que achasse, lhe mandasse logo dous navios daquelles carregados; e achando em Anjadiva algum Capitão, que viesse de Portugal com náos, lhe dissesse da sua parte, que viesse surgir diante daquella barra, pera lhe dar favor, e ajuda, e que dali mandasse Nuno Vaz com os doentes a Cochim, e deo-lhe hum regimento do que avia de fazer, e onde o avia de esperar, e mandou a Timoja que

se fosse com suas atalaias a Onor pera lhe aver tambem alguns mantimentos; e como foram todos prestes, fizeram-se á véla, e foram demandar a barra; e porque o vento era muito, e não puderam botar de fóra, sorgíram junto do banco, e ali estiveram esperando tempo pera sairem, e fazerem sua viagem.

CAPITULO XLII

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla com determinação de sair com toda a Armada de fóra: e a causa, por que não sahio, e o mais que passou.

Partido D. João de Lima com os navios pequenos, e Timoja com suas atalaias, como tenho dito, vendo-se o grande Afonso Dalboquerque cada dia afrontado dos Capitães, e da gente, com requerimentos que se saisse, não sendo tempo pera ir a Cananor, nem a Cochim, nem a barra dar jasigo pera poderem botar de fóra, determinou, por acabar com elles, e tambem por lhes mostrar que não podia ser o que elles queriam, de lhes fazer a vontade, e dali a cinco, ou seis dias, que foram vinte hum de Julho, mandou fa-

zer toda a Armada á véla, e vieram demandar a barra, onde ainda acháram D. João de Lima, e Timoja surtos, por não ser tempo pera poderem sair. Como o Hidalcão soube que a nossa Armada hia á véla, cuidando que sairiam logo pela barra fóra, mandou Roçalcão com toda a gente de pé, e de cavallo, que avia na Cidade, que se fosse por terra direito á barra, e visse ao sair della se podia fazer alguma afronta ás nossas náos. Chegando Roçalcão, mandou logo assentar huma bombarda grossa, que levava, em hum outeiro alto da banda de Bradez, que está sobre a entrada da barra, e começáram dali átirar ás nossas náos, e metêram quatro pilouros no costado de Flor de la mar, e todas as outras foram bem varejadas da bombarda, e matáram-lhe alguns homens; e polo tempo tornar outra vez a carregar muito, e a nossa Armada não estar segura naquelle lugar, tornáram-se a fazer á véla pera dentro, e vieram sorgir onde dantes estavam, e D. João de Lima tambem com os seus navios, e Timoja com as suas atalaias. Quando a nova chegou á Cidade, que Afonso Dalboquerque tornava outra vez pera dentro, porque a fortaleza estava só

sem gente nenhuma, por serem todos na barra, foi tão grande o alvoroço, e medo nos que ficáram nella, que o Hidalcão com suas mulheres fugio, e deixou-a. E depois de todas as náos estarem amarradas, pela muita necessidade, que nellas avia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Sousa, que fosse logo aquella noite com as galés, paráos, e bateis saltear alguma Ilha daquellas do rio de Goa, e trabalhasse por aver alguns mantimentos; e como foram prestes, partíram á meia noite, e foram pelo rio arriba dar em huma Ilha, onde tomáram algum arroz, e humas poucas de vacas, e palmitos, e outros refrescos, e cativáram duas filhas de hum Braminá de Goa, que estava na Ilha, e puzeram fogo á povoação, e tornáram-se pela menhaã, e Afonso Dalboquerque mandou repartir tudo igualmente por toda a gente da Armada, de que todos ficaram contentes.

Passados cinco, ou seis dias, veio Timoja a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que o Braminá, pai das moças, que Garcia de Sousa tomára, lhe mandára dizer, que se lhe quizessem dar suas filhas, que elle diria onde estava um zambuco pequeno carregado

de arroz, e de outras sementes da terra, e que tambem na Ilha podiam fazer algum salto. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem, e deo-lhe as moças, e mandou Diogo Fernandez de Béja, e Gaspar de paiva nos bateis, que fossem em companhia de Timoja áquelle ardil do Braminá, e partíram de noite, e foram ter á Ilha, onde elle estava esperando, e ali tomáram o zambuco, e cincoenta vacas, e Timoja lhe deo as filhas, que levava comsigo. Feito isto, tornáram-se a recolher, antes que fosse menhaã; e porque isto era já no fim de Julho, e os navios pequenos podiam com menos perigo sair de fóra, mandou Afonso Dalboquerque a D. Joáo de Lima, que se partisse logo, e disse a Timoja, que se fosse a Onor, e lhe fizesse prestes todos os mantimentos que pudesse, porque sua determinação era, pela nova que tinha de se o Hidalcão querer ir, esperar ali com as náos grandes a Armada, que viesse de Portugal. Partido D. João de Lima, como os Capitães souberam a determinação de Afonso Dalboquerque, foram-se a elle, e fizeram-lhe muitos requerimentos, que se saisse fóra do rio, e fosse reformar sua Armada a Cochim, porque não tinha manti-

mentos pera esperar ali; e elle lhe disse, que se elles estavam em necessidade, que sua pessoa não estava fóra della, que lhes pedia muito que sofressem, e tirassem a gente dos medos, em que a punham, porque elle era certificado, que os Senhores do Reyno de Decan estavam alevantados contra o Hidalcão, e os seus guazis lhe mandavam cada dia cartas, e frechas quebradas, que era final de homens cercados, e forçadamente avia de acodir lá, porque não no fazendo, punha em risco de perder seu estado; e com estarem naquelle rio com aquella Armada, obrigavam-no ter ali toda sua gente, e desta maneira ou avia de perder huma cousa, ou outra. Os Capitães, ainda que sabiam muito bem todas estas cousas, não deixáram de fazer seus requerimentos que se fosse a Cochim, e que de lá viria de maneira, que pudesse fazer quanto quizesse; e como Afonso Dalboquerque não podia acabar comsigo deixar Goa, pedio-lhe que esperassem ali quinze dias, e que passados, faria tudo o que elles quizessem; porque sabia certo, que o Hidalcão se queria ir pera suas terras, e que todo o tempo que ali estivera fora mais forçado dos Tur-

cos, que por sua vontade, e pera saberem ser isto verdade, não lhes dava outra prova senão as muitas vezes que lhe o Hidalcão tinha cometido pazes, offerecendo-lhe terras, e lugares pera fazer fortaleza, não sendo Goa, estando elles naquelle rio com tantos trabalhos, e necessidades como sabiam. Os Capitães por cima de todas estas rezões, e outras, que lhes Afonso Dalboquerque deo, pera esperarem a determinação do Hidalcão, seguíram sua opinião, e tornáram-lhe a requerer muitas vezes que se saisse. Vendo-se elle desesperado da ajuda dos Capitães, e que forçadamente avia de fazer o que elles queriam, mandou-lhes que se fizessem prestes, porque no primeiro tempo que a barra désse lugar lhes faria a vontade, e se sairia.

CAPITULO XLIII

De como o grande Afonso Dalboquerque sahio do rio de Goa com toda a Armada: e de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, e o que passou com elle.

Sendo já quinze dias do mez de Agosto de mil quinhentos e dez, que a barra estava pera poderem sair, mandou aos Capitães que levassem suas ancoras, e se fizessem á véla; e porque aquelle dia não puderam botar de fóra por ser tarde, foi a Armada toda ancorar sobre o banco da barra, e ao outro dia pela menhaã cedo botáram de fora, e fizeram seu caminho direito a Anjadiva, e naquelle dia ao Sol posto ouveram vista de cinco vélas, que vinham do mar reconhecer a terra. Afonso Dalboquerque mandou logo a Antonio da Costa Capitão do Rey pequeno, e Duarte de Melo do Rey grande, que as fossem demandar, e soubessem que náos eram, e donde vinham: os quaes se fizeram na sua volta pera as reconhecerem, e por ser já noite perdêram-nas de vista, e ao outro dia pela menhaã vieram

as náos ter com a nossa Armada, e era Diogo Fernandez de Vasconcellos, que vinha de Portugal por Capitão mór de quatro náos pera ir a Malaca, e Francisco Marrecos Capitão do Bretam da Armada do Marichal que invernára em Moçambique. Afonso Dalboquerque sabendo que era Diogo Mendez, mandou-o logo visitar, e que fizesse seu caminho a Anjadiva, e que lá se veriam, e a dezasete do dito mes foram todos surgir em Anjadiva; e depois de toda a Armada surta, veio Diogo Mendez com todos seus Capitães visitar Afonso Dalboquerque, e deo-lhe novas de Portugal, e da Armada, que aquelle anno partíra, em que vinha por Capitão mór Gonçalo de Siqueira. Afonso Dalboquerque lhe disse, que folgava muito com a vinda de Gonçalo de Siqueira ser naquelle tempo, porque tinha deliberado com todas suas fôrças tornar a cercar Goa, e cometer os imigos, porque tinha entendido que o podia bem fazer, e deo-lhe conta de tudo o que passára em Goa, e do estado, em que ficava; e depois de estarem falando nestas cousas. despedio-se Diogo Mendez, e foi-se pera a sua náo, e ao outro dia pela menhaã veio só ter com Afonso Dalboquer-

que, e deo-lhe huma carta delRey D. Manuel, em que lhe encommendava muito, e mandava que désse breve despacho, e todo o bom aviamento a Diogo Mendez pera sua viagem, porque compria assi a seu serviço. Elle lhe disse, que compriria inteiramente o que Sua Alteza mandava, e que além deste ser o respeito principal, por amor delle folgaria de fazer tudo o que pudesse, e lhe daria Pilotos, e o mais que fosse necessario. Diogo Mendez lhe beijou as mãos por aquella vontade que tinha de lhe fazer mercê, e despachar; que se o logo despachásse, que elle esperava em Deos de ser primeiro em Portugal, que as náos de carrega; e que lhe certificava, que por chegar á India naquelle tempo, com os desejos que tinha de servir ElRey, passára grandes trabalhos naquella viagem, por querer ter sempre á véla, e que tambem trazia huma carta delRey pera Timoja, em que lhe mandava que lhe désse Pilotos pera sua viagem, que lhe dissesse o que faria nisto. Afonso Dalboquerque lhe disse, que Timoja não tinha Pilotos que lhe dar, e que todavia lhe désse a carta, porque avia de folgar muito com ella, que se fosse pera a sua náo, e se fi-

zesse prestes, porque elle determinava de se partir logo caminho de Cananor, e o mesmo mandou dizer a todos os Capitães, e que lá falariam.

Aquelle dia á noite, que foram dezanove do dito mes, se fizeram todos á véla, e foram sorgir davante Onor; e como foram surtos, mandou Afonso Dalboquerque recado a Timoja, que lhe viesse falar, e achou ali Bras Vieira, que elle tinha mandado por Tanadar a Cintácora, com todos os Officiaes, que de Goa levou, o qual por causa da gente do Hidalcão não pode tornar a Goa, e foi por terra ter a Onor. Timoja como lhe deram o recado, veio logo ter com elle, e em chegando, Diogo Mendez o abraçou, e deo-lhe a carta delRey, com a qual foi muito ledo, e disse-lhe que elle era vassalo delRey de Portugal, e em tudo o serviria; e disse a Afonso Dalboquerque, que como elle saíra pela barra fóra com sua Armada, dali a tres dias se partíra o Hidalcão pera suas terras, e que elle partido, todas as terras de Goa, e Saste até Cintácora, e da outra banda até Condal se alevantáram, e lhe matáram todos os Tanadares Mouros, que tinha na terra pera arreca-

darem os direitos. Elle lhe disse, que folgava muito com aquellas novas, e que lhe rogava, e encommendava que os mantivesse em aquelle odio até sua tornada, que esperava em Deos que fosse muito cedo, e que tivesse muitos mantimentos prestes; e depois de passarem todo aquelle dia em muitas cousas, que estiveram falando, despedio-se de Timoja, e partio-se com toda a Armada, e Diogo Mendez em sua companhia com as suas náos, e a vinte e seis do dito mes chegou a Cananor, e por ser já tarde não sahio aquelle dia em terra, e ao outro pela menhaã desembarcou, e chegando ao cais (onde estava Rodrigo Rabelo Capitão da fortaleza com toda a gente esperando por elle), dali se foram todos á fortaleza (tirando Diogo Mendez, e os seus Capitães, que não desembarcáram), e estando todos assentados praticando, disse-lhe Rodrigo Rabelo, que tinha nova certa polos Mouros mercadores de Cananor, que os Rumes eram partidos de Suez com huma grossa Armada a socorrer Goa, e que tambem chegára ali huma náo, que vinha de Diu, que dera as mesmas novas. Como Afonso Dalboquerque soube estas novas, disse a Rodrigo Ra-

belo, e a todos os outros Capitães, que ali estavam, que Diogo Mendez em Anjadiva lhe pedira, que o despachasse logo, pera fazer sua viagem pera Malaca, que lhe dissessem se lhes parecia bem deixalo ir assi como vinha ordenado, tendo aquella nova certa da vinda dos Rumes, ou se o deteria até a vinda de Gonçalo de Siqueira; e depois de Rodrigo Rabelo, e todos os outros Capitães dizerem seus pareceres, disse Garcia de Sousa, que elle, pelo que sabia da navegação de Malaca (porque fora lá com Diogo Lopez de Siqueira), até quinze dias de Setembro não se podia perder viagem, mas antes lhe ficavam os tempos melhores pera sua navegação, e que Diogo Mendez devia de esperar até este tempo, e que então se tomaria certa determinação se seria mais serviço delRey tomar estas náos, polo alvoroço, que avia na India da vinda dos Rumes, ou deixalas fazer sua viagem. Os Capitães, depois de ouvido Garcia de Sousa, foram deste parecer, e Afonso Dalboquerque com elles.

CAPITULO XLIV

De como Afonso Dalboquerque chegou a Cananor, e se vio com o Rey, e da chegada de Duarte de Lemos, e Francisco Pantoja, e do que Afonso Dalboquerque passou com elle.

Passados alguns dias, depois desta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães, mandou dizer ao Rey de Cananor, que desejava muito de se ver com elle, que lhe pedia por mercê que lhe désse licença pera o fazer; e como o Rey estava já em determinação de o ir visitar, mandou-lhe dizer, que se deixasse estar, que elle se iria ver com elle na praia fóra da fortaleza. Assentado isto, mandou o Rey armar huma tenda naquelle lugar, onde se aviam de ver, alcatifada toda por dentro de alcatifas muito ricas, e hum catle, com hum pano de seda por cima, e almofadas do mesmo teor, em que avia de estar assentado; e como tudo foi conceitado, veio o Rey da Cidade esperar ali Afonso Dalboquerque, e trazia comsigo Mamalle, e o Alguazil de Cananor, e os Regedores da terra, e outros

muitos Mouros honrados, e cinco mil Naires da sua guarda, todos de espadas, e adargas. Chegado o Rey, sahio Afonso Dalboquerque da fortaleza acompanhado de todos os Capitães mui bem ataviados, e toda a outra mais gente armada, e foi-se á tenda, onde o Rey de Cananor estava lançado no catle, e detrás de si tinha hum page com huma espada de ouro, e outro com huma cimitarra de ouro; e tanto que chegou, foi-se a elle com grande cortezia pera lhe beixar a mão, e o Rey sem se alevantar do catle o recebeo com muito gasalhado, e prazer. Passadas estas cortezias, mandou-lhe Afonso Dalboquerque apresentar as chaves da fortaleza em um bacio de agua ás mãos, lavrado de Bastiães, e tomou a Rodrigo Rabelo pela mão, que era Capitão della, e disse ao Rey, que elle lhe entregava aquellas chaves e mandava ao Capitão, que ali estava presente, que fizesse o que lhe elle mandasse, e estivesse sempre á sua ordenança, porque aquella fortaleza era sua, com toda a gente, que nella estava, porque assi o queria El-Rey D. Manuel seu Senhor, e por esta causa desejára sempre de se ver com elle, e de o servir, e que todas as suas cousas se-

riam sempre mui bem tratadas delle; e que estimava tanto velo, que agora avia por firme a amizade, que elle tinha com ElRey seu Senhor, e que dali por diante o serviria com todas as Armadas, e gente, que na India tinha. O Rey lhe deo grandes agradecimentos por aquellas palavras, dizendo, que elle cria verdadeiramente ser tudo o que lhe dizia assi, pola grande amizade, que em seu coração tinha com ElRey de Portugal seu irmão; e quando comprisse por suas cousas poria todo seu estado cada vez que lho elle requeresse, e que as chaves elle as recebia da sua mão, e as entregava áquelle Capitão delRey seu irmão, e que por as cousas andarem desviadas não fizera aquillo mais vezes, mas nem por isso deixára de ser muito amigo dos Portugueses; e que bem sabia o Capitão da fortaleza, que ali estava, como os seus officiaes faziam suas cousas, e como elle acudia ao que lhe mandava requerer, e dali por diante o faria de melhor vontade polo grande contentamento, que tinha de ver sua pessoa, e da grande fama, que delle avia antre os Mouros; e por ser a primeira vez que se víram, passáram muitas cousas de parte a parte com grande

contentamento, e mostras de muita amizade. Passada esta pratica, o Rey se despedio de Afonso Dalboquerque, e foi pera a Cidade, e fez mercê aos Capitães de tres peças de veludo e dez de chamalote, e Afonso Dalboquerque se recolheo pera a fortaleza; e passados dous, ou tres dias, chegou Duarte de Lemos, que andava por Capitão mór da costa de Arabia com quatro náos, e Francisco Pantoja em sua companhia, que fora prover a fortaleza de Çocotorá (como atrás tenho dito), e trazia comsigo a náo Meri, que Francisco Pantoja tomára no caminho; e como chegou, Afonso Dalboquerque o mandou logo visitar á náo por Antonio de Liz, que era seu Escrivão, e dali a dous dias veio Duarte de Lemos a terra, e elle o foi receber á praia com todos os Capitães, e vieram-se á fortaleza.

Passadas suas cortezias, disse-lhe Duarte de Lemos, que sua vinda fora com muita necessidade, por não ter navios pera comprir com as obrigações da sua capitanía mór, e aquelles, que trazia comsigo, á força de bombas se sostinham sobre a agua; que lhe pedia por muita mercê, que o despachasse logo, e visse as náos, que lhe avia

de dar, pera as fazer prestes: e que D. Afonso de Noronha seu sobrinho partíra de Çocotorá o Abril passado na náo Sancta Cruz, e levára em sua companhia Fernão Jacome seu cunhado, e Diogo Correa, e o Padre Fr. Antonio, e outras muitas pessoas, e que depois de sua partida nunca mais soubera novas delle; e que pois até aquelle tempo ali não era nem recado seu, que devia de ser perdido. Afonso Dalboquerque lhe pesou muito com esta nova; porque naquelle tempo (segundo as necessidades da India), foi grande perda pera elle, e fez-lhe renovar a dor, que tinha, da morte de D. Antonio de Noronha seu sobrinho; e depois de lhe dar conta de tudo o que passára na Cidade de Goa, e como sahíra della, lhe disse perante Rodrigo Rabelo Capitão da fortaleza, e outros Capitães, que ahi estavam presentes, que lhe pedia por mercê, que não fizesse nenhum abalo de si até a chegada de Gonçalo de Siqueira, que tinha nova, que vinha de Portugal por Capitão mór de huma Armada, pera tomarem final determinação nas cousas de Goa, e no assento da India, que estava toda abalada com as novas, que avia dos Rumes. Duarte de Lemos lhe res-

pondeo, que a principal segurança da India era guardar as portas do estreito de Méca, no qual se não tinha tomado assento, como ElRey D. Manuel mandava que se fizesse, e a causa disso era não lhe mandar o Visorey, nem elle as galés, que Sua Alteza tinha escrito, que lhe mandassem; e quanto á sua estada até a vinda de Gonçalo de Siqueira, que elle o faria assi, pois compria a serviço delRey. Passada esta prática, pedio-lhe muito por mercê que perdoasse a Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade seu irmão, e aos outros Fidalgos, que tinha prezos, e os mandasse soltar; e Afonso Dalboquerque, posto que elles mereciam castigo polo que tinham feito, por lhe fazer a vontade, mandou-os soltar todos, e tornou-lhes suas capitanías, tirando-a Jorge Fogaça, porque a este, como author principal das descortezias, que lhe foram feitas no rio, não lhe quiz tornar a sua. Duarte de Lemos, depois de os deixar todos em sua casa, tornou-se pera a sua náo, e lá lhe mandou Afonso Dalbuquerque dar tudo o que fosse necessario pera a sua meza, e pera todos aquelles, que comessem com elle, como a sua propria pessoa, e teve-o sempre em cre-

dito, e authoridade de Capitão mór da sua Armada, e gente, com fundamento que o ajudaria no negocio de Goa. Como se Duarte de Lemos foi pera a sua náo, veio Francisco Pantoja ver a Afonso Dalboquerque, que o não tinha ainda visto depois de sua chegada, e deo-lhe conta de sua viagem, e como no caminho tomára a não Meri do Rey de Cambaya, e chegando a Çocotorá, Duarte de Lemos lançára mão della, e de toda a fazenda, que era muita, dizendo, que a elle pertencia, por ser tomada nos limites da sua capitanía mór; e fazendo-lhe elle muitos requerimentos, que não entendesse na náo, nem na fazenda que nella vinha, por pertencer a Sua Senhoria, que era Capitão geral das Indias, debaixo de cuja bandeira elle andava, Duarte de Lemos não dera por isso, e lhe tomára a náo, e as mercadorias, e fizera de tudo o que quizera. O Feitor de Cananor, que estava presente, disse a Afonso Dalboquerque, que aquella náo, e a fazenda, que nella vinha, era delRey, que lha mandasse entregar pera a pôr em boa arrecadação; porque os Officiaes, que Duarte de Lemos nella tinha postos, não davam nada por seus mandados. Afonso Dalboquerque

lhe disse, que Duarte de Lemos lhe tinha tambem tomado a joia daquella náo, que lhe vinha de direito, e que se calava por se não desconcertar com elle; e pois Duarte de Lemos já tinha tomado o melhor della, que lá se aviesse, porque elle se lançava disso. Como Duarte de Lemos não vinha muito contente, por lhe Afonso Dalboquerque não mandar os navios, que lhe mandára pedir por Vasco da Silveira, nem se ir ajùntar com elle, como lhe escrevêra que faria, posto que dissimulasse, ficou apassionado destas palavras, que soube que elle dissera ao Feitor.

CAPITULO XLV

Como chegou a Cananor hum Embaixador do Rey de Cambaya falar ao grande Afonso Dalboquerque em pazes: e a reposta que lhe deo, e o que passou com Duarte de Lemos sobre isso.

Tendo o grande Afonso Dalboquerque passado com Duarte de Lemos as cousas, que no Capitulo atrás tenho dito, chegou hum Embaixador do Rey de Cambaya, o qual veio logo á fortaleza, onde o elle esta-

va esperando com todos os Capitães, e Fidalgos, senão Duarte de Lemos, que estava na sua náo, e nella esteve sempre sem vir a terra; e depois do Embaixador dar suas encommendas a Afonso Dalboquerque da parte do Rey de Cambaya, deo-lhe huma carta de crença, e disse-lhe, que o Rey seu Senhor desejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que por muitas vezes lho mandára já dizer, e que agora lhe diziam, que Sua Senhoria se fazia prestes pera entrar o estreito de Méca; se assi era, que lhe pedia muito, que fizesse o caminho por sua terra, e que elle lhe viria falar em qualquer porto dos seus que elle quizesse, e ali assentariam suas amizades; e que os seus Capitães tinham tomado huma náo sua, que lhe pedia por mercê que lhe mandasse dar: e que lhe fazia a saber; que huns poucos de Portugueses, que se perdêram em huma náo, que viera dar á costa em hum porto seu, elle os tinha comsigo, e que logo lhos mandaria. Passado isto, o Embaixador lhe deo huma carta dos Christãos, que lá estavam cativos, na qual lhe diziam como D. Afonso seu sobrinho partíra de Çocotorá na náo Sancta Cruz, e

atravessando aquelle golfão da India, tomáram huma náo de Cambaya muito rica, e depois de a terem tomado, sendo tanto avante como os baixos de Padua, dera tão grande temporal nelles, que corrêram arvores ecca, e vieram ter a hum porto de Guzarates chamado Nabande, e ali deram a náo em huns baixos, e se perdêra; e que como a não tocára, D. Afonso com cinco, ou seis homens, parecendo-lhe que a nado se poderiam salvar, por estarem perto de terra, se lançáram ao mar em taboas, e còmo a tormenta era grande, e o mar andava muito de levadia, os acapelára de maneira, que todos se afogáram, e os que ficáram na náo, esperando que fosse baixa mar (que seriam por todos cincoenta), se salváram, e como chegáram a terra, foram logo prezos a requerimento de vinte Mouros, que comsigo traziam, que eram da náo que tomáram, na qual hia Fernão Jacome por Capitão, que com o mesmo temporal fora ter ás terras do Hidalcão, e os Mouros da terra tomáram a náo, e toda a fazenda que levava, e matáram Fernão Jacome, e os Christãos que nella hiam; e que sabendo Gopicaiça Alguazil mór do Rey de Cambaya,

que elles ali estavam prezos; e a gente da terra os tratava mal, fizera com o Rey que mandasse por elles, e ficavam em Champanel, que pediam a Sua Senhoria que tivesse maneira com que os tirasse. E com esta carta dos cativos deo o Embaixador outra a Afonso Dalboquerque de Gopicaiça, que he esta, que aqui vai escrita.

Carta de Gopicaica Alguazil mór do Rey de Cambaya, pera o grande Afonso Dalboquerque.

Amizade verdadeira, como tenho com minha alma, Afonso Dalboquerque Capitão mór, sempre bemaventurança vossa seja maior que a de Gopicaiça, que na Cidade de Champanel abita, muitas vezes se vos encommenda: depois das devidas encommendas vos faço saber, que huma náo vossa pelejou com huma náo de Paverij, e tomaram-na, e dali a levavam pera Cochim; indo assi, deo nelles tormenta, e veio ter a vossa náo á costa em hum porto de Guzarate, onde se perdeo, e vieram nella, pouco mais ou menos, sessenta homens Portugueses, e vinte pessoas da náo de Paverij. Eu soube que a gente da vossa

náo tinha mortas certas pessoas da náo de Paverij, que tomáram, e os que com elles vinham disseram-no á gente do dito porto, onde a vossa náo veio ter á costa, pelo qual a gente do dito porto os quisera matar, e eu como soube estas novas, o fiz saber ao Rey, e ouve delle mandado que logo lhos trouxessem; e Caixá, hum Alcaide de Nabande, os mandou em ferros ao Rey, e eu lhos apresentei, e elle lhe mandou logo tirar os ferros, e lhes mandou dar todas as cousas necessarias pera sua despeza, e vossas gentes vos escrevem, polas quaes cartas sabereis que isto he assi: e vós sabei, que no Reyno de Guzarate hum verdadeiro amigo vosso sou eu, e a tudo o que antre vós, e o Rey, de concerto, e amizade for necessario, eu o acabarei. Hum homem vosso Christão, e de confiança ha mister que mandeis com seguro, que as vossas náos não andem damnando o mar, e furtando nelle, e os vossos Christãos mandaremos logo soltar, e as vossas náos poderão ir, e vir seguras aos portos de Cambaya; comprando, e vendendo nelles, e todos os portos de Cambaya estarem a vosso mandado, e este vosso homem podereis mandar em huma náo ao porto de Su-

ret, e poderá trazer alguma cousa boa de serviço ao Rey, e eu lho apresentarei, assocegarei, e acabarei com elle de maneira, que os portos de Cambaya estem a vosso serviço, e sabereis que minha amizade he verdadeira, e por esta maneira será accrescentada.

Como Duarte de Lemos soube por Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá, que eram authores de todas estas differenças que avia antre elles, que o Embaixador do Rey de Cambaya era chegado, e Afonso Dalboquerque tinha aceitado sua embaixada, como já andava mal sofrido, e de sua condição era de animo obstinado, e soberbo, veio-se a terra, e disse-lhe Rodrigo Rabelo, que os limites da sua capitania chegavam até a costa de Cambaya, e por esta razão a elle pertencia o recado do Rey de Cambaya, e a carta do seu Alguazil, e que não ouvera de receber o Embaixador, nem falar-lhe, sem primeiro fazer este cumprimento com elle. Afonso Dalboquerque como vio o caminho, que Duarte de Lemos levava, respondeo-lhe muito desapassionadamente: *Senhor, tiremos nós os cativos, que lá estam, e castigai-me muito bem os Mouros de Goa, que me quebráram a cabeça, e deixemos por agora*

esses governos, e mandos; e fora muito melhor, pois eu tenho o poder, e gente delRey Nosso Senhor, que favorecêreis vós este negocio, e respondêramos ao Rey de Cambaya de maneira, que ouveramos os Christãos fóra de seu poder, e não andardes comigo em differenças. Duarte de Lemos lhe disse, que ainda que elle tivesse a gente, e poder delRey, que elle era Capitão mór da costa de Cambaya, e que a elle pertenciam aquelles negocios, que por isso não ouvera de aceitar o seu Embaixador, senão remeter tudo a elle; e por aqui disse outras palavras mui fortes, e cheas de soberba, e tudo lhe Afonso Dalboquerque sofreo, e disse-lhe: *Senhor Duarte de Lemos, eu sei bem a reposta que estas vossas palavras mereciam, se eu não fora Capitão geral das Indias; mas pois assi he, que não posso deixar de o ser, quero-me agora valer comvosco do meu entendimento, e daquillo que dizia Tulio a Cesar, pedindo-lhe que perdoasse a Marcello, ao qual não queria perdoar: Vince teipsum, qui vincis omnia.* E com estas palavras se despedio delle, e Duarte de Lemos se foi pera a sua náo, e lá esteve sempre com nome de Capitão mór, até que chegou Gonçalo

de Siqueira, e lá hiam Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá fazer suas decuções, e Afonso Dalboquerque os quisera castigar por estas emburilhadas, e por outras cousas, que lhe já tinha sofridas. E porque estava em sua mão pera o feito de Goa, deixou-os assi engorolados, que se fossem pera Portugal. Passado isto, mandou chamar o Embaixador do Rey de Cambaya pera o despachar, e disse-lhe, que dissesse ao Rey, que elle se ficava fazendo prestes pera tornar outra vez sobre Goa, e acabado aquelle feito, se iria ver com elle, a assentariam suas pazes, porque ElRey de Portugal seu Senhor lhe encommendava muito sua amizade, e que quando lhe comprisse suas Armadas, e gente, que elle estava prestes pera o servir com tudo; que lhe pedia por mercê, que lhe mandasse os cativos que lá estavam. Despachado o Embaixador, fez-lhe mercê em nome delRey, e deo-lhe esta carta pera Gopicaiça em reposta da sua.

CARTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE PERA O ALGUAZIL MÓR DO REY DE CAMBAYA.

Muito honrado, e bom cavaleiro Alguazil mór do Rey de Cambaya, Afonso Dalboquerque Capitão geral, e Governador das Indias, e do Reyno, e Senhorio de Ormuz, e do Reyno, e Senhorio de Goa por ElRey D. Manuel Nosso Senhor, vos envio minhas encomendas, e minha amizade. Vosso messageiro chegou a mim, e foi bem recebido, e honrado, e me deo as vossas cartas, com as quaes folguei muito por saber que ElRey de Cambaya vosso Senhor quer ter pazes com ElRey Nosso Senhor: e assi vi em vossas cartas, como essa gente delRey Nosso Senhor, e dessa náo, que se lá perdeo, fora bem recebida do Rey, e agazalhada, e bem tratada, e isto se espera dos Reys tão grandes Senhores, e que tanto mando tem, e tanta terra, e tanta gente como o Rey de Cambaya, fazerem honra á gente de Portugal, e delRey Nosso Senhor. Como cá soube esta nova, que me escrevestes, logo mandei honrar a gente, que se tomou na náo Meri, a qual foi tomada por huma náo minha, que

mandava a Çocotorá; e o Capitão mór, e Governador daquellas partes, que aqui está, a trouxe comsigo: agora veja o Rey que he o que manda da náo, e dos Mouros, porque em tudo folgarei de o servir, e assi o fará o Capitão mór daquellas partes, que aqui está juntamente comigo: a reposta vossa me achará ao longo da costa até Goa, a quai receberei de vós, como de meu amigo. Folgaria de me o Rey de Cambaya mandar esses Christãos, porque em todas as outras cousas folgarei de o comprazer, e se farão como elle deseja; e prazerá a Deos, que se fará a amizade antre elle, e ElRey meu Senhor, com a qual elle deve muito de folgar, por ter seus portos seguros, e suas náos, e gente poderem navegar o mar. E espero de chegar lá perto da sua terra, e folgaria de ver recado seu, pera saber com quão boa vontade faço suas cousas, e como folgo de o servir no que lhe de mim comprir; e como tiver paz, e amizade com ElRey meu Senhor, o ajudarei com todo seu poder, e gente, que tenho na India. Vei a vossa reposta, e se mandais alguma cousa de mim, escrevei-mo, folgarei de vos ter por amigo. Escrita em Cananor a dezaseis de Setembro.

CAPITULO XLVI

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou Simão Martinz, e Garcia de Sousa esperar as náos, que vinham de Méca, pera saber nova certa da vinda dos Rumes: e do requerimento, que lhe Diogo Mendez fez sobre o deixar fazer sua viagem a Malaca.

Depois do grande Afonso Dalboquerque ter despachado o embaixador do Rey de Cambaya, desejando saber nova certa da vinda dos Rumes, pera se determinar no que avia de fazer, e tambem porque nestes dias, que avia de gastar em fazer sua Armada prestes pera tornar sobre Goa, não passassem algumas náos carregadas de pimenta pera o estreito, por serem já dezaseis dias do mes de Setembro, que he o tempo, em que as náos, que partem do estreito, vem demandar a costa da India: determinou de mandar alguns navios, que andassem espalhados em diversas partes, a ver se lhe podiam tomar algumas náos destas, pera ser mais certificado da sua vinda, e pera isto despachou logo Simão Martinz por

Capitão mór de tres navios, e com elle Francisco Marrecos, e Antonio de Matos, e mandou-lhes que se fossem ao monte de Deli, e naquella paragem andasse até o fim do mes de Setembro, e tomando alguma náo do estreito, se viesse logo com ella a Cananor. Partido Simão Martinz com estes navios em sua companhia, mandou Afonso Dalboquerque chamar Garcia de Sousa, e disse-lhe, que elle tinha novas certas, que de Méca eram partidas algumas náos pera Calicut, que se fizesse prestes com tres navios, que lhe mandaria dar, pera andar dos baixos de Padua até os Ilheos de Panane, porque nesta travessa, e paragem era a mais certa navegação das náos, que sahiam do estreito pera Calicut. Garcia de Sousa lhe disse, que se espantava muito de Sua Senhoria mandalo áquelle negocio, tendo feito Simão Martinz Capitão mór de tres navios, pera andar na mesma paragem, que elle não avia lá de ir, nem aceitar tal empreza como aquella, senão se Simão Martinz lhe ouvesse de obedecer, e andar debaixo da sua capitanía; e porque isto não nascia de Garcia de Sousa, que era muito bom homem, e muito bom cavaleiro, e tinha servido ElRey muito

bem em todas as partes, em que se achou, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê, que servisse ElRey, e não curasse de competencias, porque Simão Martinz avia de andar em huma parte, e elle em outra, e que se guardasse dos conselhos ateixeirados (porque era hum homem, que trazia a India revolta), e se lembrasse quão mal lhe parecêram sempre as mexericadas, em que João da Nova, e os outros seus companheiros andáram antre elle, e o Visorey, e que não quisesse perder agora quanta honra tinha ganhada. E como Garcia de Sousa era desejoso de servir ElRey, fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, e partio-se com Regimento do que avia de fazer, encomendando-lhe muito que andasse a bom recado, porque tinha sabido, que em companhia destas náos de Calicut vinham tambem algumas dos Rumes.

Partido Garcia de Sousa, e Simão Martinz, dali a tres, ou quatro dias veio Diogo Mendez a terra com seus Capitães, e foi-se á fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estava, e disse-lhe, que elle lhe dissera em Anjadiva, que tanto que chegasse a Cananor, o despacharia, e lhe daria Pilotos, e

tudo o mais que lhe fosse necessario pera fazer sua viagem a Malaca; e pois o tempo era pera isso. que lhe pedia por mercê, que o despachasse, e lhe désse licença pera se ir. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que depois de sua chegada tivera muitas occupações, assi com o Rey de Cananor, como tambem em despachar alguns Capitães, que mandou guardar aquella costa, e por isso não tivera tempo pera falar com os Capitães: que elle os mandaria chamar, e praticaria com elles aquelle seu negocio, e com seu parecer lhe responderia. Diogo Mendez lhe disse, que as cousas assentadas por ElRey Nosso Senhor não se deviam de pôr em parecer de ninguem, senão comprir os mandados de Sua Alteza, e seus contratos, e Regimentos, porque nisto lhe hia muito; e que lhe requeria da parte delRey, que o deixasse fazer sua viagem, assi como de Portugal vinha ordenado; porque no contrato que ElRey com elle, e com os Mercadores fizera, o izentava logo delle, como podia ver por aquelles papeis, que lhe ali apresentava. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha necessidade de ver seus papeis, porque ElRey não no avia

de izentar do seu Governador, se na India ouvesse necessidades, como estava certo avelas, e que isto era o que queria praticar com os Capitães. Como Diogo Mendez vio que a determinação de Afonso Dalboquerque era não lhe responder sem primeiro falar com os Capitães, não quiz mais insistir em seu despacho, e foi-se pera a sua náo.

CAPITULO XLVII

De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os Capitães, se deixaria ir Diogo Mendez a Malaca: e do que se nisso assentou, e do que passou com Diogo Mendez.

Passada esta prática, que o grande Afonso Dalboquerque teve com Diogo Mendez, deo conta aos Capitães (sendo presente Rodrigo Rabelo Capitão da fortaleza de Cananor), de tudo o que até li tinha passado com elle: praticada huma cousa, e a outra, assentáram que visto o que acontecêra a Diogo Lopez de Siqueira em Malaca, levando comsigo cinco náos, e quatrocentos homens, e a pouca força da Armada, e gente, e de

outras cousas necessarias, que Diogo Mendez trazia, pera cometer hum feito tão grande, como aquelle era, e tambem as novas da vinda dos Rumes, e que se avia por certo serem partidas de Suez cincoenta vélas, e dez mil homens; que por todos estes inconvenientes lhes parecia que não devia de deixar ir Diogo Mendez a Malaca, e que devia de esperar até o mes de Abril, porque até aquelle tempo teriam as cousas da India tomado assento. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque chamar Diogo Mendez, e os seus Capitães, e disse-lhes, que elle tinha dado conta a Rodrigo Rabelo Capitão da Fortaleza, e aos mais Capitães, e que a todos parecia que era muito serviço delRey não no deixar ir assi, pelas novas certas, que avia da vinda dos Rumes, como tambem pelas cousas de Malaca estarem tão danadas, que era necessario mais força, que aquella, que elle trazia de Portugal, pera assentar nella pazes, pois Diogo Lopes de Siqueira viera de lá com a cabeça quebrada, e lhe matáram, e cativáram sessenta homens, e estivera em risco de perder toda sua Armada, senão fora avisado da treição, que lhe estava ordenada: e pois as cousas

de Malaca estavam no estado, que elle sabia, que era necessario acudir-lhe com força, e de maneira, que logo lhe fizessem tomar assento, porque isto era o que mais compria ao serviço delRey, que não carregar suas náos bem, ou mal; e que esta só razão bastava pera lhe não parecer bem fazer aquelle caminho, quanto mais outra, que tinha mais força, que era o estado, em que as cousas da India estavam, e as novas certas da vinda dos Rumes, e Goa alevantada, e os Reys de Cambaya, e de Calicut, e Rumes serem todos em hum corpo com ella contra nós, e muitas náos feitas por toda aquella costa até Diu pera os ajudarem; que lhe pedia muito por mercê, que se quizesse achar neste negocio melhor do que até ali fizera, pois nelle hia tanto ao estado delRey Nosso Senhor, porque perdida a India, pouco lhe aproveitava ter Malaca. Diogo Mendez lhe respondeo, que elle era tão desejoso de fazer as cousas do serviço delRey, que a ninguem daria aventagem, e que por isso lhe parecia verdadeiramente, que nenhuma cousa compria tanto a seu serviço, como em ser brevemente despachado, pera fazer sua viagem, assi como vinha ordenado

de Portugal; porque se não pudesse carregar suas náos em Malaca, que o faria em Samatra, ou em Pegú, que por isso lhe pedia por mercê, que não ouvesse inconvenientes pera o despachar; que ainda que as cousas de Diogo Lopez succedessem da maneira que lhe dizia, que elle esperava em Deos, chegando a Malaca, pôr tal recado em si, que não tão sómente carregasse suas náos, mas tinha esperança de aver os Portugueses, que lá estavam cativos: e pois ElRey na carta, que lhe escrevêra, lhe encommendava muito a brevidade do seu despacho, não quizesse insistir tanto em sua ficada, porque na India avia muitas náos, e gente, e a Armada de Gonçalo de Siqueira, que mui prestes ali seria, com que podia escusar as suas náos. Afonso Dalboquerque que apassionado hum pouco de Diogo Mendez, disse-lhe, que as necessidades da India elle as sabia muito bem, e que sobre elle carregava dar conta della a ElRey seu Senhor, que por isso não fizesse fundamento de ir a Malaca, pois assi estava assentado, e que elle o despacharia em Abril, e mandaria em sua companhia outras quatro náos mui bem armadas, e aparelhadas, porque

desta maneira poderia ir seguro, e não em quatro náos de cortiça, como as suas eram, mal aparelhadas de tudo o que era necessario pera hum negocio, como aquelle; e que isto lhe prometia de cumprir, se as cousas de Malaca naquelle tempo estivessem em melhor estado do que estavam. Diogo Mendez lhe respondeo, que pois sua determinação era não no deixar ir a Malaca, que elle como Capitão geral delRey de Portugal naquellas partes da India, o podia fazer, mas que era contra sua vontade, e de seus Capitães, que elle não vinha senão pera servir ElRey; e se lhe parecêra que em ficar na India o servia mais, elle o fizera mui levemente, e foram escusados tantos ajuntamentos sobre isso, porque bem sabia que nisto ganharia mais que em ir a Malaca; e passadas estas praticas, dali por diante não curou Diogo Mendez de falar mais a Afonso Dalboquerque em seu despacho.

CAPITULO XLVIII

De como Lourenço Moreno, e outras duas náos da companhia de Gonçalo de Siqueira chegáram a Cananor: e como o grande Afonso Dalboquerque o mandou assentar as pazes com os Regedores de Baticalá, e da carta, que por elle escreveo a Timoja.

Estando o grande Afonso Dalboquerque cada dia esperando a vinda de Gonçalo de Siqueira, pera com sua chegada tomar certa determinação da sua tornada sobre Goa, sendo já oito dias do mes de Setembro, chegou Lourenço Moreno Capitão da náo Bota fogo, o qual vinha pera ser Feitor de Cochim, e em sua companhia João de Aveiro na Bastiaina, e Lourenço Lopez sobrinho de Thomé Lopez em outra náo, e aquelle dia, que chegáram, foi logo Lourenço Moreno a terra ver Afonso Dalboquerque, e depois de lhe dar hum maço de cartas, que levava delRey D. Manuel pera elle, lhe disse, que Gonçalo de Siqueira partíra de Portugal com sete náos, e trazia muito boa gente; e vindo todos juntos, no cabo das

correntes lhe dera hum temporal tão rijo, que os espalhára a todos, e elle, e aquelloutras duas náos corrêram de longo, e vieram ter a Moçambique, e ali esperáram alguns dias; e quando víram que tardava, por ser já tarde, atravessáram pera a India, e segundo a paragem, em que o deixára, e os tempos, com que chegou a Moçambique serem de viagem, lhe parecia que não podia tardar muito. Afonso Dalboquerque ficou muito contente com estas novas, que lhe Lourenço Moreno deo da Armada que Diogo Lopez trazia, porque esperava de se ajudar della no negocio de Goa; e depois de falarem em muitas cousas de Portugal, deolhe conta dos trabalhos, que passáram em Goa, e como se fazia prestes pera tornar outra vez sobrella. Passadas estas práticas, despedio Lourenço Moreno, que se fosse descançar do trabalho do mar; e por não perder tempo no que tinha determinado de fazer, mandou chamar Duarte de Lemos, e todos os outros Capitães, e disse-lhes, que estando elle em Goa, lhe mandára Condanechatim, e Naodaquiçar Regedores de Baticalá, hum messageiro, dizendo, que queriam ter pazes com elle, e estar á obedien-

cia delRey de Portugal, e que até então lhe não respondêra, porque não tinha náos, que pudesse lá mandar, e que agora era chegado Lourenço Moreno, e duas náos mui grandes em sua companhia, que podia ir assentar este negocio, e de caminho trazelas carregadas de mantimentos pera aquella Armada, que fazia prestes pera tornar sobre Goa, que lhes pedia, que lhe dissessem o que nisto faria. Duarte de Lemos como era erreiro com Afonso Dalboquerque, com alguns Capitães, que eram tambem da sua parte, disseram-lhe, que com as náos da carrega não avia de querer fazer nenhum negocio, senão mandalas a Cochim carregar, e a Lourenço Moreno negocear-lhe sua carrega, pois avia de ser Feitor, e não mandalo a huma cousa tão duvidosa, como aquella, e que poderia ser que não tornariam a tempo pera tomarem sua carga. Os outros Capitães disseram, que pois as náos aviam de esperar por Gonçalo de Siqueira, que bem podia o Senhor Governador mandar Lourenço Moreno a Baticalá assentar aquelle negocio, porque nisso não se perdia tempo, e ganhava-se muito em ter pazes com Baticalá, pera se proverem dali de man-

timentos, de que podiam ter necessidade tomando Goa. Afonso Dalboquerque foi neste parecer, e mandou chamar Lourenço Moreno, e despachou-o logo pera ir assentar este negocio, e em sua companhia mandou as duas náos, que com elle chegáram de Portugal, e hum Mouro de Cananor chamado Porcassem por lingoa, pera ir a terra tratar o negocio, e deo-lhe hum Regimento do caminho que avia de fazer, e huns apontamentos das condições, com que a vida e assentar a paz; e as principaes eram, que os Regedores lhe aviam de dar huma casa feita á sua custa, de pedra, e cal, em que o Feitor delRey de Portugal pudesse ter suas mercadorias seguras, e que aviam de pagar em cada hum anno de tributo dous fardos de arroz; e mandou-lhe que acabado este negocio com muita brevidade, fizesse o caminho por Onor, e se visse com Timoja, e lhe entregasse Lourenço da Silva, e Fernão Vaz, os quaes lhe mandava pera andarem por Capitães dos Gentios, que faziam a guerra aos de Goa: e a estes dous Capitães mandou dar certos homens Portugueses, que levassem comsigo, e sellas, freios, e todo o mais aparelho de cavallos, e deo-lhe esta

carta, que aqui vai escrita, que désse a Timoja.

Carta do grande Afonso Dalboquerque a Timoja

Honrado Timoja, Alguazil mór, e Capitão da gente de Goa, e Senhor das terras de Cintáçora por ElRey Nosso Senhor. Afonso Dalboquerque Capitão geral, e Governador das Indias, e Persia, e do Reyno, e Senhorio de Ormuz, e do Reyno, e Senhorio de Goa, por ElRey Nosso Senhor, vos envio minhas encomendas. Bem sabeis minha determinação, a qual he ir sobre Goa com vosso conselho, e ajuda, a qual espero em Nosso Senhor que mui asinha ganharemos. Folgaria de favorecerdes essa gente, que anda em guerra contra os de Goa, e deixardes-lhe lograr, e comer as rendas da terra. Lá vos mando Lourenço da Silva, e Fernão Vaz, que são bons Cavaleiros, e Capitães pera governar essa gente, que anda na guerra: mandai-os logo aonde a gente está, e dailhes alguma certa de que sejam Capitães, porque são bons Cavaleiros, e espero que o

façāo bem. Eu serei cedo comvosco. Folgaria muito que por huma vossa fusta me mandasseis novas ao caminho de como a terra está, e que gente averá em Goa, e vós com que gente me podeis ajudar; e esses mantimentos; que vos encomendei, que me tivesseis prestes, mandai-os entregar a Lourenço Moreno pera mos trazer, que tenho necessidade delles. Beijai por mim as mãos ao Rey de Garçopa, e dizei-lhe, que lhe peço que me ajude com todo seu poder, porque eu espero de muito cedo lançarmos os Mouros fóra da terra, e que eu o ajudarei com minha pessoa, cavallos, armas, e gente a ganhar muita terra delles, e o farei maior Senhor, que todos os outros seus vizinhos, que lhe peço por mercê que favoreça essa gente, que peleja por nós, e que não tenha receio dos Mouros, porque cedo verá o Hidalcão distruido, e todo seu estado perdido. Como Lourenço Moreno teve suas náos prestes, despedio-se de Afonso Dalboquerque, e foi-se embarcar, e fez seu caminho direito a Baticalá.

CAPITULO XLIX

De como Simão Martinz tomou huma náo, que vinha de Méca muito rica, e veio com ella a Cananor: e das novas, que dous Judeos, que se nella tomáram, contáram ao grande Afonso Dalboquerque.

Partido Lourenço Moreno pera Baticalá, dali a cinco dias chegou Simão Martinz, que Afonso Dalboquerque tinha mandado esperar as náos, que vinham do estreito (como atrás tenho dito), e trouxe huma náo, que tomára na paragem do monte de Deli, que vinha de Méca pera Calicut, carregada de muitas mercadorias; e antre alguns cativos, que se nella tomáram, foram dous Judeos Castelhanos, que deram por nova certa, que os Rumes não podiam vir aquelle anno, porque o grão Soldão tivera grandes differenças com os Governadores de Damasco, e Alepo, e não ouvera tempo pera se poder fazer prestes. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, se eram partidas muitas náos do estreito pera a India; e elles lhe disseram, que não sabiam novas de mais náos, que

daquella, e de outra, que vinha atrás muito mais rica, porque vieram por terra embarcar á Ilha de Çuaquem, e que ali faláram com hum Christão, que se chamava Fernão Gomez, e com hum Mouro que hia em sua companhia, e que o Fernão Gomez lhe dissera, que o outro seu companheiro era morto, e que dali se partíram elle, e o Mouro caminho do Cairo, e passados alguns dias, tornáram outra vez a Çuaquem, e por se não concertarem no caminho, que aviam de fazer, Fernão Gomez se apartára do Mouro, e fizera seu caminho pera Judá, e o Mouro se tornára pelo sertão de Çuaquem, e que dali não soubera mais que se fizera delles. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, que novas tinham do Preste João, e de sua terra. Os Judeus lhe disseram, que não sabiam mais delle, senão que cada anno hia huma cafila de Çuaquem, muito perto do mar Roxo, e hiam ter ao Monte Sinay, e dali direitos a Jerusalem, e em companhia desta cafila hia sempre hum Capitão com gente de cavallo em sua guarda, por amor dos alarves; e por serem desertos, e no caminho não aver mantimentos, levavam muitos camelos carregados delles, e que á

Ilha de Çuaquem hiam ter muitas especiarias da India, e ali embarcavam em geluas (que são huns barcos como caravelas, que navegám o estreito), e hiam ter a Coçaer (hum porto do mar Roxo), e deste porto as levavam por terra a Caná, que está na borda do rio Nilo, que será jornada de tres dias de Coçaer, e ali embarcavam em barcas, e por espaço de poucos dias chegavam ao Cairo. E estes dous Judeos se tornáram Christãos: hum delles se chamou Francisco Dalboquerque, e outro Alexandre Dataide. E Afonso Dalboquerque, em quanto viveo, se servio delles de lingoas, principalmente de Alexandre Dataide, que sabia muitas, e era grande homem de negocio. E morto Afonso Dalboquerque, vieram-se pera Portugal, em tempo DelRey D. Manuel, e daqui tornáram á India, e da India se foram ao Cairo, e lá se tornáram Judeos. Como Afonso Dalboquerque foi certificado da outra náo, que vinha de Méca em companhia desta, mandou Simão Martinz que se tornasse logo, e andasse naquella paragem, onde topára a náo, que tomára; e mandou a Rodrigo Rabelo, Capitão de Cananor, que se embarcasse logo na náo Rumeza, e fosse

ao mar do monte de Deli esperar aquella náo, e em sua companhia mandou Francisco Serrão, e Alvaro Paçanha nas duas caravelas, e Afonso Pessoa na fusta, e mandoulhe, que sendo caso que topasse com Garcia de Sousa, e Simão Martinz, que lá andavam, que todos tres ouvessem bom conselho do que fariam pera averem esta náo, e Rodrigo Rabelo se partio, e dali a sete, ou oito dias tornáram elle, e Garcia de Sousa, e Simão Martinz, e disseram-lhe, que em toda aquella costa não avia nova de nenhuma náo, que viesse de Méca, senão aquella, que Simão Martinz tomára.

Chegados estes Capitães a Cananor, porque avia dias, que Diogo Mendez não vinha a terra, disse Lourenço de Paiva a Afonso Dalboquerque, que olhasse como estava com Diogo Mendez, porque Jeronymo Teixeira lhe dissera, que elle se fazia prestes, e tinha determinado de se ir caminho de Malaca. Afonso Dalboquerque, parecendo-lhe que isto era assi, foi-se logo de noite ao cais com esses Fidalgos, e Cavaleiros, que com elles estavam, e mandou a Rodrigo Rabelo, que se metesse em hum batel esquipado com gente, e Pero Dalpoem Ouvidor da

India em outro, e fossem a bordo da náo de Diogo Mendez, e que o chamassem da sua parte, e trouxessem todos os seus Capitães, Mestres, e Pilotos prezos. Chegado Diogo Mendez á fortaleza, disse-lhe Afonso Dalboquerque, que se espantava muito delle querer-se ir daquelle porto com suas náos, e gente, sem sua licença, pois estava assentado em conselho, que era serviço delRey ficar elle na India, e não ir a Malaca. Diogo Mendez lhe respondeo, que elle nunca cuidára tal cousa, nem em tal determinação estava; mas antes tinha dito aos seus Capitães, e Mercadores, que tinham parte naquella armação, que avia de estar á sua obediencia, e fazer tudo o que lhe mandasse, e que não ouvera de crer, que tal homem como elle ouvera de fazer cousa, que merecesse mandalo vir daquella maneira. E pois lhe não queria dar licença pera fazer sua viagem, que mandasse tomar a Armada, e désse conta della a ElRey Nosso Senhor, e que do mais estava ali á sua obediencia, pera fazer o que lhe mandasse. Afonso Dalboquerque por cima destas razões tomoulhe a menagem, e mandou ao Ouvidor que o tomasse aos outros Capitães da sua com-

panhia, que sob pena de caso maior não se apartassem delle sem sua licença, e todos prometêram de o cumprir, salvo Pero Coresma, que disse, que Diogo Mendez era seu Capitão mór, e que não avia de dar a menagem a ninguem, senão a elle. Afonso Dalboquerque o mandou prender no Castelo, e esteve prezo até o outro dia, que lho pedíram alguns Capitães, e mandou-o soltar, e tomar a menagem, como aos outros, e a Pero Dalpoem que notificasse aos Pilotos, e Mestres, que sob pena de morte, e perdimento de suas fazendas, dalli se não partissem sem seu mandado; e feito Auto de tudo tornáram-se pera as suas náos, Passados dous, ou tres dias, soube Afonso Dalboquerque que não fora verdade isto, que lhe disseram, e que Jeronymo Teixeira o ordenára porque se Diogo Mendez desconcertasse com elle; e como isto soube, mandou-o chamar e pedio-lhe muitos perdões daquillo, que lhe fizera, e que a culpa, que lhe tinha, era não se advertir das emburilhadas de Jeronymo Teixeira, e que elle lhe prometia, que acabado o negocio de Goa, o despachasse muito bem, e lhe désse Pilotos, e tudo o que lhe fosse necessario pera sua viagem; e

com todos estes cumprimentos não lhe alevantou a menagem, nem aos Pilotos, e Mestres a pena, que lhes era pósta.

CAPITULO L

Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor: e do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães sobre o tornar a Goa: e da nova que lhe deram da morte do Rey de Cochim, e do que nisso fez.

Passadas todas estas cousas, que tenho dito, chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor e dezasete dias do mes de Setembro do anno de dez, o qual partio destes Reynos de Portugal pera a India por Capitão mór de sete náos, e com sua chegada ficou Afonso Dalboquerque muito contente, e deo muitas graças a Nosso Senhor, pois em tempo, que elle estava em determinação de tornar outra vez sobre Goa, eram chegadas á India quatorze náos, em que podia aver mil e quinhentos homens Portugueses, com os quaes se podia cometer qualquer feito por grande que fosse; de que eram Capitães móres

Gonçalo de Sequeira, Diogo Mendez de Vasconcelos (como fica dito), e João Serrão de tres navios, que ElRey D. Manuel mandava a descubrir, e sondar as portas do estreito do mar Roxo. Gonçalo de Sequeira aquelle dia que chegou foi logo a terra ver Afonso Dalboquerque, e elle o veio receber com todos os Capitães, e Fidalgos, que ali estavam, ao cais, e trouxe-o á fortaleza; e depois de todos, estarem falando em novas de Portugal, deo Gonçalo de Sequeira a Afonso Dalboquerque as cartas, que trazia delRey D. Manuel pera elle, e huma pera Duarte de Lemos, que lhe logo mandou á náo, onde estava, em que lhe ElRey dizia, que entregasse tada a sua Armada, e gente a Afonso Dalboquerque, e que se fosse pera Portugal, e que elle lhe daria embarcação pera sua pessoa e pera os seus. Com esta carta ficou Duarte de Lemos mais brando, e fóra das esperanças em que o Jeronymo Teixeira, e Francisco de Sá tinham posto, que acabado elle seu tempo, avia de ficar por Governador da India, pois sucedêra na capitanía mór da costa da Arabia por morte de Jorge Daguiar seu tio, que ouvera de ser Governador da India se vivêra; e isto não

era assi, porque a successão da governança da India tinha-a D. Afonso de Noronha, se fora vivo. Passado este dia, que Gonçalo de Sequeira chegou, como Afonso Dalboquerque não cuidava em outra cousa senão em tornar a cometer Goa, e desejoso de tomar determinação no negocio, antes que se gastasse mais tempo, ao outro dia mandou chamar Gonçalo de Sequeira, Duarte de Lemos, e Diogo Mendez, e os mais Capitães, que ali estavam, e juntos todos, deolhes conta do que passára em Goa, e no rio o tempo que ali estivera, e que depois de ser fóra delle, chegando a Onor, lhe dissera Timoja, que o Hidalcão se fora logo com todo seu exercito, porque todos os Senhores do Reyno de Decan eram alevantados contra elle; e que pela guerra, que com elles tinha, não podia acudir a Goa, e que nesta conjunção a podia tomar, e ser senhor della; que lhes pedia, que pois o negocio de Goa estava neste estado que lhe dissessem, o que faria. Os Capitães sobre estas razões, que lhe Afonso Dalboquerque apresentou, tiveram tres conselhos, em que ouve muitas differenças, e diversos pareceres; porque Gonçalo de Sequeira, e Duarte de Lemos,

e os Capitães, que aviam de tornar pera Portugal, diziam, que era mais serviço del-Rey D. Manuel ir assentar as pazes com o Rey de Cambaya, pois estava desejoso dellas, e as pedia com muita efficacia, que não tornar sobre Goa; que era cousa muito duvidosa, e de muito perigo, e nenhum proveito pera ElRey de Portugal (mas elles davam esta evasão, porque queriam mais carregar suas náos, e tornarem pera Portugal, que tomarem experiencia por si dos trabalhos, que os seus naturaes tinham passado no rio de Goa). Diogo Mendez, e os seus Capitães, com todos os Fidalgos, e a mais gente da India, foram de parecer, que tornassem sobre Goa, pois o Hidalcão estava tão remoto, que a não podia socorrer tão depressa; e posto que viesse, sería a tempo, que os nossos teriam o negocio acabado; e não succedendo como todos esperavam em Deos que fosse, ainda lhe ficava tempo pera ir a Cambaya verse com o Rey, e assentar as pazes. Assentado por mais votos, que se tornasse a cometer a Cidade de Goa, disse Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, e a Gonçalo de Sequeira, que lhe pedia por mercê, que quizessem ser com

elle em aquella empreza, porque como Goa não podia ser socorrida do Hidalcão por causa da guerra, que tinha, pouco tempo lhe abastava pera a tomar, e em isto não perdiam nada de sua viagem. Elles se escusáram, e deram suas razões, por onde não podiam ser com elle naquelle negocio. Bem creo eu, que depois de a verem tomada deram muito por se acharem naquelle feito, por não virem com tão máo nome pera Portugal. Afonso Dalboquerque não ficou muito contente delles, e com tudo mandou fazer sua Armada prestes, e todas as cousas, que lhe eram necessarias, com determinação de com essa gente com que se achasse, cometer este feito, e tudo o mais deixalo a Deos, que o guiasse como fosse mais seu serviço.

Andando Afonso Dalboquerque nesta pressa, chegou hum Catur de Cochim com huma carta do Rey pera elle, em que lhe dizia que o Rey seu tio era morto, e que alguns Mouros seus imigos, e outros, que se chamavam amigos, se alevantáram contra elle, e se foram pera hum seu primo, que queria ser Rey, tudo por conselho do Rey de Calicut, pera o meterem de posse da terra; que lhe pedia por mercê, que se os

negocios o não tivessem muito occupado, que quizesse lá chegar, porque elle não tinha ninguem, com que pudesse tomar conselho, nem esforço senão com elle; porque o seu primo, que queria ser Rey, estava em Vaipim, e que todos os senhores, que o vieram ver, lhe diziam, que se fosse meter na cova, e não no querendo fazer, que o avia o primo de matar, e que o maior contrairo, que tinha, era o Rey de Calicut; e com todas estas opressões elle se não avia nunca de apartar do serviço delRey de Portugal, porque avia de fazer sempre o que seu tio fizera nos trabalhos, que os Portugueses tiveram na India depois de ser descuberta. Afonso Dalboquerque deo conta desta carta aos Capitães, e todos foram de parecer, que devia de acudir a este negocio com muita pressa, antes que o Rey de Calicut metesse mais as mãos nelle. Afonso Dalboquerque determinou de se partir logo, e mandou a Gonçalo de Sequeira com as náos da sua companhia, e os Capitães, que ficáram da Armada do Marichal, que se fizessem prestes pera o outro dia pela menhaã partirem com elle pera Cochim, e lá os despacharia pera Portugal, e esquecido

das differenças, que teve com Duarte de Lemos, deixou-o em Cananor em seu nome, com todo o poder, e mando de Governador como sua pessoa.

CAPITULO LI

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, e assentou as differenças, que avia antre o Rey, e seu primo: e o que passou com os Capitães estando em Cochim.

Ao outro dia, que foram vinte e dous dias do mes de Setembro á tarde, partio o grande Afonso Dalboquerque pera Cochim, e levou comsigo Gonçalo de Sequeira com todas as suas náos, e as que ficáram da Armada do Marichal, pera tomarem sua carga, e partirem pera Portugal, e as duas galés, e a náo Rumeza, e deixou toda a outra Armada repartida ao longo da costa, pera defenderem que não entrasse em Goa nenhuma náo, que viesse do estreito, nem de outra nenhuma parte com mantimentos. E chegou a Cochim a vinte e seis do dito mes, e foi-se logo a terra ver o Rey, que estava já

esperando com todos os Caimais de sua valia, e com outra muita gente por elle, e foram assi todos á fortaleza, e ali lhe tinha o Capitão huma casa muito bem concertada, onde se assentáram; e depois de lhe o Rey dar grandes agradecimentos por aquella mercê, e honra, que lhe fizera em vir a seu chamado, deo-lhe conta dos seus trabalhos, e que os Bramenes lhe diziam, que pois seu tio era morto, que por obrigação se avia de ir meter na cova (porque este era o seu costume antigo). Afonso Dalboquerque lhe disse, que pois ElRey D. Manuel seu Senhor o mandára jurar por Rey em vida de seu tio, que elle avia de ser Rey, e que não curasse de seus costumes, nem do que lhe os seus Bramenes diziam, porque isto avia assi de ser, e que estivesse firme em seu Reyno, porque elle, e todos os Portugueses, que ali estavam, e outros muitos que ElRey seu Senhor mandaria de Portugal, aviam de morrer por seu serviço, e polo suster em seu estado; e que mandasse dizer a seu primo (se ainda estava em Vaipim), que logo se fosse, e deixasse a Ilha, porque não no querendo fazer, determinava de dar nelle, e destruilo, e a todos aquelles, que

com elle estivessem. E porque Afonso Dalboquerque, em quanto governou a India, usou sempre de artificios com os Reys, e Senhores della, polos amedrontar, e trazer á sua amizade, e conservar a authoridade do estado delRey D. Manuel, dizendo isto, alevantou-se da cadeira, em que estava, e arrancou de huma espada, e disse-lhe, que não temesse todo o poder do Rey de Calicut, porque elle era seu Naire, e que por elle avia de morrer, quando lhe comprisse; e que a seu primo não lhe avia de valer o Rey de Calicut, nem seus pagodes, e pois isto tinha certo; que lhe pedia por mercê, que fosse sempre verdadeiro, e leal amigo delRey D. Manuel seu Senhor, e lhe reconhecesse o amor, e boa vontade, com que o mandára alevantar por Rey, e fizesse de maneira, que não perdesse isto, porque nenhuma outra cousa o podia destruir senão desagradecer a ElRey seu Senhor a mercê, que lhe fizera; e que elle lhe prometia, que acabado o feito de Goa, lhe désse boa vingança do Rey de Calicut. O Rey lhe respondeo, que elle era vassalo delRey de Portugal, que por isso não tinha que dizer áquellas palavras, senão que faria sempre

o que lhe elle mandasse da suà parte. Acabada esta prática, o Rey se foi pera os seus Paços, e mandou dizer a seu primo, que estava em Vaipim, da parte do grande Afonso Dalboquerque, que deixasse a Ilha, e se fosse logo; porque não no fazendo, iria sobre elle com toda a sua gente, e o destruiria. O primo como soube que Afonso Dalboquerque era chegado, com determinação de o ir buscar, e destruir, deixou a Ilha, e as differenças, que tinha com o Rey de Cochim, e foi-se.

Assentadas estas differenças, mandou Afonso Dalboquerque chamar Gonçalo de Sequeira, e todos os Capitães, e Officiaes delRey, que estavam em Cochim, e disselhes, que em todos os conselhos passados, que tivera sobre o negocio de Goa, não quizera dizer seu parecer, por não cuidarem que queria cometer temerariamente aquelle feito mais por vingança do passado, que por ser cousa importante ao serviço delRey seu Senhor: e que agora se affirmava, que não se tomando Goa, se a liga, que estava feita antre o Hidalcão, e os Reys de Cambaya, e Calicut fosse por diante, com a esperança que tinham do socorro do grão Soldão, que

seria cousa muito duvidosa poder ElRey de Portugal suster a India; e a principal razão, que o obrigava a cometer este feito, era ver na India tanta gente nobre, tantos Capitães, tantas náos de Portugal, que lhe davam animo pera o fazer; que lhe pedia por mercê, perante aquelles Officiaes delRey, que ali estavam presentes, que pois em Cananor lhe parecêra bem pelas razões já ditas tornar elle sobre Goa, que quizessem ser na execução de seus conselhos, porque indo todos assi como estavam, não perdiam tempo de sua viagem. Gonçalo de Sequeira, e os outros Capitães começáram a dizer, que não era serviço delRey irem as náos da carga a Goa, e que tambem era razão que os homens tivessem algum tempo pera fazerem suas fazendas, pois a isso vieram á India; e por aqui foram dando outras razões, escusando-se de irem com elle. Afonso Dalboquerque lhe disse, que pois buscavam inconvenientes pera não servirem ElRey naquella empreza, que se ficassem, porque sua determinação era não levar ninguem contra sua vontade, e que lá dessem em Portugal razão de si a ElRey seu Senhor, porque elle determinava de ir sobre

Goa com a gente que tivesse; e que esperava na Paixão de Nosso Senhor, em que tinha toda sua confiança, que antes de se partirem pera Portugal, lhe viesse nova como elle estava muito descançado dentro nella, e que por infeliz se devia de aver o Cavaleiro Portugues, quando tal sucedesse, não se achar neste feito, e que elle se hia ao outro dia pela menhaã embarcar, e que quem quizesse ser com elle, que o seguisse, e muitos se deixáram ficar, e não quizeram ir. Afonso Dalboquerque se partio, deixando já a carga, que aquelle anno avia de vir pera este Reyno posta em ordem, e chegando a Cananor, achou Lourenço Moreno, que avia dous dias que era chegado com as náos carregadas de mantimentos, e disselhe, que chegando a Baticalá mandára logo Pocaracem a terra falar com os Regedores sobre o concerto, que com elles avia de fazer, e que os achára de todo mudados, e respondêram, que não aviam de fazer nada, sem primeiro saberem do Rey de Narsinga seu Senhor se era disso contente; e vendo que não queriam tomar concrusão, carregára suas náos, e se partíra, e viera ter a Onor, e dera a sua carta a Timoja, o qual

se ficava fazendo prestes, e o Rey de Garçopa com toda sua gente, pera o servirem naquella jornada de Goa, que por isso podia ir quando quizesse. Como Lourenço Moreno deo conta a Afonso Dalboquerque do que passára, mandou-lhe que se fosse logo com as náos a Cochim, e que fizesse partir os Capitães, e que mandasse embarcar tres Alifantes, que lá deixára, pera se levarem a ElRey D. Manuel nas náos, em que tinha ordenado que fossem. Partido Lourenço Moreno, pedio Duarte de Lemos a Afonso Dalboquerque embarcação pera si, e pera seu irmão, pera se irem pera Portugal, pois ElRey assi o avia por seu serviço; e elle não se lembrando das menencorias passadas, deo-lhe tudo o que lhe pedio; e mandou-lhe pagar todos seus ordenados, e de seus criados, e deo-lhe a capitanía mór de sete náos, e todo seu poder sobre aquella Armada, do qual usaria depois de ser fóra da costa da India, e despedio-o que se fosse pera Cochim; e chegando lá, teve muitas differenças com os Officiaes da feitoria, e fez outras cousas, que calo por não aver murmuradores, que digam que sou suspeito. Este Duarte de Lemos, sendo Fidalgo hon-

rado, era o maior homem, que avia em Portugal, e muito errogante, e tinha os dentes dianteiros demaziadamente compridos.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

